





Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





ALUIZIO AZEVEDO

---

# GIRANDOLA DE AMORES

JÁ PUBLICADO COM O TITULO

MYSTERIO DA TIJUCA

LITTERATURA DOS VINTE ANNOS

---

*Paulo bias*

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73

RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

PARIS





DIVISÃO DE IMPRESSÃO  
RUA DE BONDARI N. 4  
S. PAULO





# GIRANDOLA DE AMORES

# DO MESMO AUCTOR

ROMANCES EM NOVA EDIÇÃO

---

O Mulato	1 vol. in-8.
Casa de Pensão	1 vol. in-8°
O Coruja	1 vol. in-8°
O Homem .	1 vol. in-8°
O Cortiço	1 vol. in-8°
A Mortalha de Alzira.	1 vol. in-8°
Philomena Borges.	1 vol. in-8°
Livro de uma sogra	1 vol. in-8°
Uma lagrima de mulher	1 vol. in-8°
Memorias de um condemnado	1 vol. in-8°
Pégadas (contos).	1 vol. in-8°
Memorias de una suegra (traducção em castel- lhano pelo poeta Aurelio Romero).	1 vol. in-8°

---

ALUIZIO AZEVEDO

---

# GIRANDOLA DE AMORES

JÁ PUBLICADO COM O TITULO

MYSTERIO DA TIJUCA

LITTERATURA DOS VINTE ANNOS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73  
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

---

1900



A

AMERICO AZEVEDO

ALUIZIO AZEVEDO



# GIRANDOLA DE AMORES

---

## I

### O RAPTO

Clorinda acabava de pôr o seu véo de noiva e, de costas para o espelho, olhava por sobre o hombro a cauda do vestido.

A velha Januaria pré-gava-lhe com muita solícitude o ultimo alfinete dourado e, como representasse para ella o papel de mãe, répetia-lhe baixinho, com a voz commovida e os oculos embaçados pelas lagrimas, os invariáveis conselhos adequados á situação.

Aos pés de Clorinda, ajoelhada no tapete, uma mucama arranjava-lhe cuidadosamente a barra do vestido, compunha e ordenava os folhos e desfazia e ageitava as pré-gas do setim.

E a noiva, toda enlevada na cerimonia d'aquella roupa, sorria sem saber de que e sentia enrubecerem-se-lhe as faces por uma delicada previsão do seu pudor.

Estava linda assim toda de branco, com o seu longo véo de filó, que lhe envolvia o busto gracioso, deixando todavia perceber o doce relevo da cabeça, engrinaldada de pallidas flôres de laranjeira.

Tinha os olhos azues, muito transparentes, a tez de uma brancura immaculada, os cabellos entre louro e castanho, os dentes adoraveis e a bocca um mimo côr de rosa.

Terminado o vestuario, a mucama sahiu da alcova para saber se o noivo já tinha chegado. E a velhinha, a sós com a pupilla, cruzou as mãos na cintura e ficou a olhar para ella, longamente, com a expressão carinhosa de quem se revê n'um filho.

Ah! a pobre velha Januaria tambem fôra bem bonita e tambem fôra noiva no seu tempo! Aquelle corpinho vergado de existencia e deformado pela velhice, provocára outr'ora desejos desenfreados e accendera em mais de um peito paixões tempestuosas.

Triste viagem é a da vida, que termina sempre por um naufragio; ou da qual ainda ninguem sahiu sem levar a mastreação partida, o pharol apagado, e as vélas estaçalhadas pelos terriveis vendavaes que se encontram no caminho. Um por um, vamos deixando esparsos pelas correntes revoltosas da existencia todos os dotes com que nos amaram, e todos os bens com que iamoss avassalando os corações alheios. E ao cabo da viagem, sem dentes, sem cabellos, sem brilho nos olhos, com a pelle encarquilhada e as pernas tropegas, ficamos a esperar o tumulo, esquecidos e desprezados no mundo, como o casco inutil do navio que naufragou na costa e vae aos poucos despindo as cavernas e mostrando a quilha.

O contraste entre as duas mulheres que estavam na alcova — uma tão fresca e bella, outra tão fraca e decrepita, levavam o espírito áquellas considerações.



As duas quedaram-se a scismar por algum tempo; a velha embevecida a olhar para o passado; a moça a sonhar-se nas felicidades futuras. E como dois viajantes que se encontram no mesmo porto, um a partir, outro a voltar, as duas sorriam; mas o sorriso da que ia era todo de esperanças, enquanto o da outra só transpirava desillusão e cansaço.

— Porque está tão triste, mãesinha? perguntou a moça, tomando as mãos da velha.

— Nem eu sei... respondeu esta, procurando disfarçar o constrangimento. Talvez seja nervoso, mas sinto alguma coisa no coração, alguma coisa que me opprime!

— Não se deixe levar por essas scismas!... Lembre-se de que hoje é o dia do meu casamento...

— É por isso mesmo... E acrescentou, mudando de tom: É verdade! E o noivo, já teria chegado?

A mucama entrou na alcova para dizer que ainda não.

Esta demora ia sendo já commentada na sala de jantar pela madrinha de Clorinda e algumas amigas de D. Juanaria.

— Não fôra bonito da parte do noivo fazer-se esperar d'aquelle modo! Eram já quatro horas da tarde e o casamento estava marcado para as cinco!...

Parou uma carruagem á porta, e quasi todos correram a vêr quem chegava.

— Deve ser elle, considerou a madrinha, armando um sorriso. Mas teve logo de desarmal-o, vendo entrar o commendador Portella, velho amigo da casa.

O commendador entrou apressado, a pedir mil perdões pela demora. — Queria vir antes, mas um negocio de alta importancia exigira a sua presença.

E, segundo o seu costume, poz-se logo a fallar de si, das suas grandes preoccupações commerciaes, do dinheiro que tinha n'aquelle momento arriscado em varias transacções perigosissimas, e, afinal, da prosperidade da sua casa, do bom trato que dava aos seus empregados, do projecto de desenvolvér certas industrias e de crear certos estabelecimentos importantes.

— Bons desejos não me faltam! affirmava, elle a rir immodestamente.

E, como se achasse alli em um meio relativamente acanhado, empertigava ainda mais a cabeça, remettia para a frente a barriga e com o pollegar levantava pretenciosamente a golla condecorada de sua casaca.

— Vae-se fazendo pela vida! vae-se fazendo! repisava elle, sempre com o mesmo riso.

Deram cinco horas, e o noivo nada de apparecer!

— É de mais! exclamou a madrinha, que afinal perdera a paciencia e abrira a fallar abertamente contra aquella demora grosseira e imperdoavel.

Os animos foram-se a pouco e pouco sobresaltando. Havia já no cominendador um risinho velhaco de má fé, e a noiva, sem querer sahir da alcova, sentiu avultar-lhe na garganta um novello estranho que a suffocava.

A madrinha expedira secretamente um portador á casa do noivo. O portador vòltára, declarando que o Sr. Gregorio, havia cousa de uma hora, sahira para a casa da noiva em companhia de um senhor velho e de boa apparencia que o fòra buscar. E declarou mais que na porta da rua estava um cocheiro, que viera da casa do Sr. Gregorio, com a recommendação de esperal-o ahi.

Ninguém mais se animou a dar palavra, á excepção da madrinha, que nunca perdia occasião de fallar mal dos homens.

— Todos elles têm pela mesma cartilha! considerou ella, tregeitando um ar desdenhoso. Bem fiz eu em nunca tomar a serio semelhante gente! Nada! Antes só do que mal acompanhada! Prefiro ficar solteira toda a vida!

— Descance, D. Josephina, que ninguém a contrariará! respondeu um sujeitinho magro e activo, que parecia muito empenhado no bom exito do casamento.

N'isto foram interrompidos pelo padrinho do noivo, o Dr. Roberto, que vinha da igreja, farto, como os outros que lá estavam, de esperar pelos desposados.

— Pois se elle ainda nem appareceu por cá!... exclamou a madrinha, vermelha de çolera.

— Não veio?! Gregorio não appareceu ainda?! disse o doutor muito admirado. Parece incrível!

— Pois é a pura verdade!

— Ter-lhe-ia succedido alguma cousa?! Estará elle doente?!

— Se está doente não sei, gritou a terrivel madrinha; em casa é que lhe affianço que não está, porque agora mesmo mandei lá saber!

— Mas como então se explica tudo isto? Eu ás tres e meia estive com Gregorio, e disse-me elle que ia preparar-se para o casamento.

E o doutor, depois de reflectir um instante, tomou o chapéo e sahiu, com a intenção de procurar o amigo.

D'ahi a pouco, todas as pessoas que esperavam pelos noivos na igreja, invadiram a casa de D. Ja-

nuaria, e começou-se então a tratar francamente do escandalo.

Clorinda desfez-se do véo e da grinalda, pediu á mãe adoptiva que fechasse a porta da alcova, e depois atirou-se-lhe nos braços a chorar desorientadamente.

Entretanto, Gregorio, o causador inconsciente de todo aquelle desgosto, acabava n'essa occasião de ser carregado, sem sentidos, por dois lacaios de libré escura, para uma sala de bella apparencia, na Tijuca.

Acompanhava-o um homem de uns cincoenta annos, alto, magro, todo vestido de negro, barba inteira dividida no queixo, ar distincto e maneiras extremamente delicadas.

Ao chegarem á sala, o homem magro disse aos lacaios que depuzessem Gregorio sobre um divan, e ordenou que um d'elles fosse chamar a condessa.

Appareceu então uma senhora já velha, sumamente sympathica, aspecto fino e bem educado.

— Eil-o! disse o cavalheiro á condessa, apontando para Gregorio, que, irreprehensivelmente vestido de casaca, continuava prostrado no divan. Os lacaios afastaram-se discretamente.

— Ah! exclamou ella, correndo para o desfallecido. Estou agora mais tranquilla!...

E, ajoelhando-se ao lado do divan em que estava o moço, tomou as mãos d'este e ficou a observar-lhe a physionomia.

Gregorio era uma bella figura de vinte e tres annos. Feições puras, bem conformado de corpo; um todo singularmente meigo e bondoso. O somno dava-lhe á physionomia tal suavidade que o fazia parecer ainda mais moço do que era.

A condessa, depois de contemplal-o por algum

tempo, com muita ternura, passou-lhe a mão pelos cabellos e beijou-o na fronte.

— Véja, conde, disse ella ao homem vestido de preto ; como é formoso !

— É o retrato da pobre Cecilia ! respondeu aquelle com um ar pensativo.

E depois de uma pausa :

— Onde o devemos accommodar ?

— Na sala amarella, disse a condessa, erguendo-se. O que me sobressalta um pouco é este somno. Não vá fazer-lhe mal...

— Póde ficar tranquilla, condessa, não lhe succederá mal nenhum. E, se houvesse alguma novidade, bem sabé que o nosso medico é homem de inteira confiança.

Gregorio foi conduzido para a sala amarella e só voltou a si ás dez horas da noite.

Ao acordar, circumscreveu o olhar em torno. Todos os objectos que o cercavam lhe punham nos sentidos, ainda estonteados pelo somno, um estranho sabor de constrangimento e sobressalto.

E sem consciencia do lugar em que estava, percorria demoradamente a vista pelas velhas tapeçarias suspensas da parede, pelos varios quadros, symmetricamente dispostos nos intervallos das portas, e pelos moveis luxuosos, guarnecidos de metal amarello, que pousavam elegantemente sobre a felpa macia do tapete, scintillando á luz aristocratica das vélas. Seus olhos syndicavam de tudo aquillo com a insistencia dos do juiz que interroga as testemunhas de um crime, mas nada correspondia ao inquerito, á excepção de um velho relógio de bronze, que, de um dos angulos do aposento, lhe apontava as horas com

o dedo de ouro e lhe dizia os segundos no seu coaxar monotonico.

— O que? dez horas?! perguntou-lhe Gregorio, impaciente por alguma explicação.

O relógio não respondeu, mas continuou a apontar para o X.

— Dez horas! exclamou o rapaz, levantando-se de um pulo. Só então lhe passára pelo espirito a idéa lucida do seu mallogrado casamento.

E todas as outras idéas, aproveitando a brecha que deixára a primeira, lhe invadiram turbulhentemente o cerebro, como se até ahi estivessem só á espera de que lhes abrissem a porta.

Perturbou-se a principio, mas tratou logo de reconstruir pacientemente tudo o que fizera n'esse dia. Dividiu as horas e deu a cada uma a sua applicação justa; determinou o tempo gasto com o padre, com o cabelleireiro e com as pessoas em companhia de quem esteve; chegou a lembrar-se do assumpto de suas conversas, o que dissera a tal e tal amigo, e recordou-se expressivamente da impressão que lhe assaltava de vez em quando o espirito, sempre que se imaginava no momento feliz de apoderar-se da noiva.

Esta idéa trouxe-lhe o máu estar que nos causa a não realisação de um projecto por muito tempo affagado. E Gregorio, como se duvidasse ainda dos seus proprios raciocinios, procurou fixar bem as horas que precederam de perto o momento em que lhe escapou a razão.

— As tres e meia entrára na casa em que morava nas Laranjeiras, a gritar para o Jacob, seu criado, que lhe dêsse immediatamente o fato da casaca e

lhe apromptasse um banho morno. Às quatro e meia, na occasião de sahir para ir buscar a noiva, Gregorio lembrava-se perfeitamente de que um homem, de modos graves e distinctos, se lhe apresentára em casa, pretextando interessar-se muito pelo futuro de Clorinda, fallando sobre mil cousas concernentes ao casamento, entre muitos protestos de sympathia e de respeito. Esse homem depois insistiu com Gregorio que accitasse um logar na sua carruagem e despediu a que já estava á porta. Gregorio consentiu e tomou logar ao lado d'elle. Recordava-se ainda de que, preocupado com a idéa do seu casamento, não attentára para a direcção tomada pelo carro e que, em certa altura, na occasião de abaixar-se para apanhar o claque que lhe cahira das mãos, o homem mysterioso lhe passára rapidamente um lenço humido no rosto, e Gregorio perdêra os sentidos.

Só até ahi chegavam as suas reminiscencias. Havia por conseguinte em tudo aquillo um plano premeditado e posto em pratica, do qual era elle a victima, covardemente illudida e ludibriada. E Gregorio, por um impulso do orgulho, sentiu um estremecimento de colera.

Estava neste ponto, quando se abriu a porta do quarto, deixando passar um dos lacaios que vimos ás ordens do conde.

— V Ex. ordena alguma cousa? perguntou o famulo, curvandó-se humildemente.

— Ordeno que me expliques o que faço aqui e onde estou!

— Infelizmente não posso...

— Nesse caso abre as portas, e eu irei procurar quem me responda.

— Infelizmente, também não posso franquear-lhe a sahida...

— Visto isso estou preso?!...

— Não sei, não senhor.

— Então que diabo sabes tu?!

— Sei que estou aqui para servir a V Ex.

— Obrigado pela solicitude, mas confesso que preferia, antes de mais nada, uma explicação do que quer dizer tudo isto.

E, depois de dirigir inutilmente mais algumas perguntas ao criado, declarou-lhe que podia retirar-se quando quizesse. E o pobre rapaz tomou a resolução de deixar que as cousas corressem por si.

— Eu não terei certamente de ficar aqui o resto de minha vida, considerava elle; por conseguinte, o melhor é aguardarmos tranquillamente os acontecimentos. O peor era a duvida em que estava a respeito de Clorinda: — Ter-lhe-ia succedido tambem alguma cousa, ou, se nada succedera, que não pensaria ella daquella estranha ausencia de seu noivo?... E os amigos, e os padrinhos do casamento, e os convidados?!...

— Ora, que papel ridiculo me obrigam a fazer! dizia elle, gesticulando sosinho; mas foi a pouco e pouco se habituando á sua estranha situação e, nestas circumstancias, vestiu-se, calçou-se, accendeu um charuto, foi a uma bibliotheca que havia no quarto, tirou um volume de versos e poz-se a lèr, disposto a esperar pelo que dêsse e viesse.

Reparou então que estava cahindo de fraqueza e lembrou-se de que os sobressaltos do casamento não



lhe permittiram jantar. Correu á campainha electrica e tocou.

Appareceu logo o mesmo criado de ha pouco.

— Dá-me o que ceiar, disse-lhe Gregorio e accrescentou comsigo : Ao menos ficarei entretido emquanto estiver comendo.

O criado voltou com uma ceia, caprichosamente preparada, e perguntou que vinho usava Gregorio.

— Deixo isso á tua vontade. Traze o que entenderes.

Terminada a refeição, appareceu de novo o criado, perguntando, em nome do Sr. conde, se Gregorio podia recebê-lo n'aquella occasião.

— Pois não! respondeu o interrogado. Seja quem fôr esse Conde, ardentemente desejo entender-me com elle. Dize-lhe que estou absolutamente á sua disposição.

Pouco depois penetrava o conde no quarto. Gregorio mediu-o de alto a baixo, sem se poder furtar a certa impressão de respeito causada pelo ar do fidalgo.

— Muito boas noites, disse este entrando.

— Obrigado, respondeu o outro, curvando-se com delicadeza; mas, se me permite uma pergunta, tenha a bondade de dizer com quem tenho a honra de fallar...

— Falla com o conde de S. Francisco, irmão da desventurada Cecilia, fallecida ha quinze annos no convento de Santa Clara no Porto.

— Minha mãe?!

— Justamente, Sr. Gregorio de Souto Maior; antes porém de lhe explicar as estranhas occurrencias d'esta tarde, tenho de declarar-lhe que foi para seu interesse que o constrangeram a entrar n'esta casa.

Era preciso evitar a tudo transe o seu casamento com a menina Clorinda...

— Mas, porque, senhor?

— Ouça-me primeiro, e depois compreenderá tudo.

O conde puxou duas cadeiras, e convidou Gregorio a assentar-se defronte d'elle.

— É natural que não lhe seja agradavel ouvir a maior parte do que lhe vou relatar, principiou o velho, dando uma expressão benevola ás suas palavras; como é natural tambem que nunca o fizesse, se a isso não fosse eu forçado agora pelas circunstancias; mas cumpro um dever, e tanto me basta para completa tranquillidade da minha consciencia...

Gregorio fez um gesto de assentimento e ouviu a escandalosa narração do seguinte :

## II

### CONFIDENCIAS

« Tinha eu apenas dez annos de idade, principiou o conde; quando meu pae, cinco annos depois de enviduar, recolheu em casa, nas suas terras do Alto Douro, uma senhora ainda moça, gentil de maneiras, cultivada no trato e no espirito, mas totalmente desamparada de recursos pecuniarios.

« O marido, pois que era casada, havia-se de tal modo incompatibilisado com ella, que a infeliz resolveu abandonal-o e procurar, só por si, com o que sabia de musica, desenho, inglez e francez, os meios de viver modestamente em qualquer provincia de Portugal ou do Brasil.

« Chamava-se Helena.

« Era uma creatura loura, franzina de corpo, feições muito expresivas e olhar intelligente. Parece que ainda estou a vê-la!

« Meu pae, que a principio só lhe confiára a educação primaria dos filhos mais novos, foi, á proporção que se deixava tomar de sympathias pela professora, resignando em suas mãos — primeiro a direcção espiritual de minhas irmãs, depois o governo

da casa, e afinal o governo absoluto do seu proprio coração. Eseravisou-se.

« D'esse captiveiro nasceu uma filha, que se converteu nos ultimos encantos do pobre velho. E a contar de então, meu caro hospede, se Helena já era senhora absoluta de todo o palacio, que não ficaria sendo com o nascimento da filha?... Sua vontade, incisiva e nervosa, conquistou e dominou desde o eonde até ao ultimo dos nossos lacaios.

« As desaveenças e os desgostos entre a familia não se fizeram esperar : minhas duas irmãs, que se tornavam mulheres, foram as primeiras a reagir contra a dietadura que lhes queriam impôr. Uma casou logo, para fugir ao jugo da falsa madrasta ; a outra exigiu que a mettessem em um convento, d'onde só sahii para unir-se ao homem que a tomou por esposa.

« Meu pae não poude sobreviver por muito tempo á ausencia de minhas irmãs e á desorganisação da sua casa, aggravaram-se-lhe os padecimentos de que soffria, e falleceu pouco depois, legando á amante e á filha illegitima uma boa parte dos seus bens.

« Eu, que por esse tempo fazia meus estudos em Coimbra, corri á casa paterna e tratei do inventario de meu pae.

« Helena havia-se afastado já com a filha, que n'essa occasião teria quinze annos, e veiu a casal-a alguns annos depois com um capitão de marinha, conhecido pela aleunha de « Leão Vermelho. »

— Meu pae! exclamou Gregorio.

— Sim, confirmou o conde; o senhor é filho d'esse casal. Sua mãe, porém, foi abandonada na cidade do Porto pelo marido, ficando-lhe apenas do matrimonio, além dos desgostos de uma viuvez for-

çada, um filho de dois annos. O fim d'essa pobre mulher já o senhor conhece naturalmente — foi o convento e a loucura.

— Sim, disse Gregoriô.

— Mas o que talvez não saiba, acrescentou o conde, é que, antes d'isso, teve ella occasião de salvar a vida da pessoa com quem depois me casei.

— Ah!

— Foi a enfermeira incansavel e desvellada da filha de um velho amigo de meu pae, a qual sem duvida teria succumbido sem a dedicação e os sacrificios de Cecilia.

— E o filho, a criança de que o senhor fallou?

— Essa criança, logo que a mãe perdeu a razão, foi reclamada pela familia de minha noiva, e, depois do meu casamento, veio em companhia de minha mulher para o Brazil, onde foi entregue aos cuidados de certa senhora.

— A senhora que me educou, D. Florentina de Aguiar...

— Justamente, respondeu o conde.

— E o capitão, o pae d'essa criança?!

— É de quem vamos tratar agora...

E o conde, tendo-se levantado, bebido alguns goles d'agua e afagado a barba, continuou : « Leão Vermelho, depois de repudiar a mulher, o que a levou ao desespero da loucura, partiu para as Antilhas hespanholas, levando comsigo um marinheiro fiel e brioso, que sempre o acompanhára e tinha por elle uma adoração sem limites. Conheci esse valente marinheiro; chamavam-lhe « Tubarão. » Depois da viagem ás Antilhas, Leão Vermelho metteuse no Rio de Janeiro, e ahi travou relações com uma

Henriqueta, com que pouco mais tarde veiu a casar.

— A casar?! Mas então minha mãe havia já morrido?!...

— Ainda não; e essa é a causa da perseguição que soffreu seu pae no Rio de Janeiro e da sua fuga rapida para Buenos-Aires. Era bigamo. A segunda mulher ficou aqui no Rio com uma filha por nome Clorinda.

— Clorinda!

— A mesma com quem hontem ia o senhor casar...

— Clorinda, visto isso, é minha irmã?!...

— Perfeitamente sua irmã.

— E foi por isso que me conduziram para cá?

— Isso foi uma das razões. A outra vae o senhor conhecer agora :

E o conde, depois de uma pausa, accrescentou : O senhor tem sem saber uma enorme riqueza á sua disposição.

— Como assim?

— A herença de seu pae.

— De meu pae? Mas, perdão, meu pae morreu ha seis annos em Montevideo, e pobre.

— Foi o que elle fez constar, para não ser perseguido, mas a verdade é que se passou a Portugal com o nome supposto de « João Brasileiro » e apenas ha dois mezes falleceu.

— Meu pae ainda vivia?

— Sim, eu e minha mulher, somos aqui os unicos senhores d'esse segredo. Sei de toda a vida de seu pae e acompanhava os seus ultimos passos, porque a condessa muito se interessa por tudo o que diz respeito á fallecida Cecilia, sua mãe. Diga-me, não lhe

consta que Clorinda recebesse uma mezada ?...

— Pois não, confirmou Gregorio; sei que a velha Januaria recebia uma pensão mysteriosa, da qual ella propria dizia não saber a procedencia; como sei egualmente que esse dinheiro era o unico recurso que tinham as duas para viver.

— Esse recurso vae desaparecer com a morte de seu pae.

— Pobre Clorinda! Mas eu, se deixo de ser seu marido, principio a ser seu irmão, e...

— Não se trata disso agora. Eu me encarrego de fazer continuar a mezada. Amanhã mesmo remetterei a primeira.

— Mas...

— Não haja escrupulos! É com o seu dinheiro que vou soccorrel-as... Não lhe disse ha pouco que o senhor tem uma fortuna á sua disposição?! Pois faça o favor de lér isto...

E passou-lhe um jornal portuguez, indicando-lhe um certo ponto marcado a lapis.

— Será possivel?! exclamou o rapaz, lendo as primeiras palavras.

— Leia tudo, disse o conde. E se estiver disposto a aceitar uma proposta, amanhã mesmo partirá comigo para a Europa.

Gregorio leu a noticia da morte de seu pae e a confirmação de que este deixára uma grande somma de bens, que seriam recolhidos pelos poderes competentes, até apparecer um filho, existente no Brasil, segundo declarações exactas.

— E sabe o senhor a quanto montam esses bens? perguntou o conde ao rapaz. Excedem a quatrocentos contos fortes!

— Bem, disse Gregorio; amanhã mesmo principio a preparar-me. Vou a...

— Nada! contrariou o outro; nada d'isso! O senhor parte d'aqui mesmo; eu darei as providencias necessarias para que não venha a faltar coisa nenhuma.

— Mas preciso ao menos despedir-me do logar em que trabalho; reunir os objectos que me possam servir para a viagem e dar a Clorinda uma explicação da minha ausencia...

— É justamente o que não convem de fórma alguma. Estas cousas decidem-se assim :

E o conde calçou o botão da campainha electrica. Veiu o criado.

— Prepara as minhas malas e previne á senhora de que lhe desejo fallar ainda esta noite.

O criado curvou a cabeça e sahiu.

— Mas eu hei de partir assim sem mais nem menos?... observou Gregorio, ao ultimo ponto contrariado.

— É para seu interesse, meu amigo : a perda de um paquete podia acarretar comsigo a da occasião. Lembre-se do velho proverbio indiano : « A fortuna só tem cabellos na frente da cabeça e é calva na nuca ; » Se a não agarrarmos de frente, ella se irá por uma vez e nunca mais a pilharemos. O senhor só sahirá d'aqui para bordo !

— Mas os meus interesses, os meus compromissos, que me esperam lá fóra?...

— Tudo isso não vale a vigesima parte do thesouro que o reclama com urgencia!

— Mas uma cousa não elimina a outra; bem podiamos conciliar as duas e...

— Deixemo-nos de meias medidas, meu caro



senhor; já lhe disse o que tinha a dizer; agora só me resta accrescentar que, nas condições apresentadas, estou prompto a acompanhal-o; n'outras, não! Lembre-se, porém, de que, sem o meu concurso, lhe será muito difficil chegar a qualquer resultado pratico a respeito da herança de seu pae!...

— Mas, Sr. conde, objectou Gregorio; se eu fizer o que V. Exc. me aconselha, fico absolutamente sem recursos: abandono meu emprego, abandono tudo!

— E que falta lhe podem fazer essas cousas? E o conde, depois de uma pausa, disse com a mais resoluta calma: Emfim, senhor, eu sigo amanhã no paquete que parte para a Europa, quer ou não quer acompanhar-me?!

— Bem! respondeu Gregorio, inspirado pelo ar resoluta do conde. Estou ás suas ordens!

— N'este caso, vou apresental-o á minha familia, que irá tambem.

O rapaz concertou rapidamente o laço da gravata, passou a mão pelos cabellos, e, pouco depois, em companhia do conde, era annuciado nos aposentos da condessa.

Ao chegar á porta sentiu logo um doce perfume de paz honesta. Tudo alli era castamente tranquillo; havia na atmosphaera o aroma grave de flôres seccas, esquecidas no fundo de uma velha gaveta de familia. Os moveis, o tapete, os quadros e as cortinas revelavam a mesma sobriedade de gosto, o mesmo recato de sympathias, as mesmas inclinações finas e aristocraticas.

Não se encontravam alli as fantasias baratas do luxo moderno; não havia as fragilidades douradas da falsa opulencia; tudo era bom e sincero. O biscuit

não substitua o marmore, o gesso pintado não tomava o lugar do bronze e o chromo lythographico não fazia as vezes da aquarella e da pintura a oleo. Cada objecto dizia sinceramente a sua especie e a sua qualidade.

Predominava em tudo a mesma singeleza bem educada. Nada de arrebiques, nada de frisos de pinho envernizado, nada de guarnições impertinentes. As boas gravuras inglezas e as magnificas aguas-fortes destacavam-se perfeitamente da nudez austera das paredes. Os moveis de madeira sem lustro tinham cada um a sua utilidade immediata. Não havia os preguiçosos divans que conduzem á volupia e ao *dolce far niente*; não havia as dubias cadeiras que obrigam o corpo a uma posição enervante e sem cerimonia.

Gregorio transpoz a porta d'aquelle sanctuario, inteiramente penetrado pela alma mysteriosa que d'ahi se evaporava, como o perfume religioso de um templo.

A condessa, assentada junto á mesa, lia um grosso volume de capa azul á luz velada de um candieiro de alabastro. Vestia uma roupa inteira e afogada de casimira indiana, e tinha a cabeça resguardada por uma touca de rendas de Valença. Não se lhe via luzir uma joia. Ao lado d'ella, em uma cadeira mais baixa, bordava a filha, toda preocupada com o seu trabalho.

Maria Luiza, é este o nome da menina, teria dezesete annos, não travessos e ruidosos, mas angelicos e tranquillos, como tudo o que a cercava. Á luz do candieiro destacava-se bem a sua cabecinha loura, redonda, encimada pelas tranças, que a envolviam

à moda das velhas estatuas. Sentia-se o azul dos seus olhos por debaixo das palpebras abaixadas sobre o trabalho.

Não houve o menor alvoroço com a entrada de Gregorio. A condessa marcou com uma fita a pagina que lia, e pousou devagar o livro sobre a mesa; depois estendeu a mão para o moço e, com um sorriso muito amavel, offereceu-lhe um logar perto de si, enquanto o conde o apresentava às duas senhoras.

— Minha mulher e minha filha, disse o velho, indicando as duas.

Gregorio cumprimentou-as, possuido de um forte sentimento de respeito, e foi sentar-se ao lado da condessa.

— Até que afinal o temos comnosco, disse ella, descançadamente. E, voltando-se mais para elle, accrescentou, fazendo um ar sério : Fui muito amiga de sua mãe ! Era uma excellente pessoa ; entre outros obsequios, devo-lhe a vida !

— O Sr. conde já teve a bondade de contar-me isso mesmo, sustentou Gregorio um pouco perturbado.

— Sim, volveu a condessa, eu propria lhe havia recommendado que o fizesse.

E depois de dar a entender á filha que se retirasse :

— Não temos tempo a perder. O conde naturalmente já lhe fallou sobre a herença de seu pae, não é verdade ?

— Sim, minha senhora.

— E está disposto a partir ?

— Amanhã mesmo.

— Bem, n'este caso darei d'aqui a pouco as providencias para a viagem ; por enquanto fallemos do senhor...

### III

#### POLICIA E COCEGAS

Justamente no dia do mallogrado casamento de Gregorio, o Dr. Ludgero, então chefe de policia da Côrte, acabava de entrar na casa de sua residencia á rua da Ajuda, quando o ordenança lhe entregou, por mandado do activo delegado Benevides, a parte de um grande crime, que n'essa mesma tarde se havia commettido nos armazens de rapé do popular fabricante Paulo Cordeiro.

Ludgero levantou-se incontinenti da mesa, tomou apressado o chapéo e a bengala, metteu-se no carro e disse ao cocheiro que tocasse para a ladeira da Conceição.

O carro parou á entrada de uma especie de corredor, que conduzia sinistramente a um lugar apertado, sujo e abafado pelo tecto. Era ahi que a policia detinha os cadaveres complicados em qualquer crime. Ainda não existia o Necroterio.

Fazia pessima impressão entrar n'aquella possilga da morte, cujo aspecto repulsivo dizia todos os mysterios da miseria humana. Constava de um pequeno quarto, estreito e humido, com duas mesas de páo.

Havia também, na parede do fundo, uma cruz negra, que abria na sombra os braços, muito triste, como se estivesse em vão á espera do seu crucificado.

Sobre uma das mesas, jazia, glacial e rigido, o corpo ensanguentado de um homem branco. Ao lado, dentro de um caixão de fôrma especial e com as taboas ensebadas pelo habito de carregar os despojos das autopsias, viam-se materias informes, de uma côr estranha e repugnante, d'entre as quaes sobresahiam visceras humanas, gordas e brancas como carne de porco, e um craneo, cerrado ao meio, deixando transbordar a massa compacta dos miolos. Em torno de tudo isto zumbiam moscas.

Veu á porta receber o chefe de policia um homeminho magro e amarello, tão feio e tão morto de physionomia, que lembrava os proprios defuntos que lhe cabia vigiar.

O officio comera-lhe o pavor natural que todo o homem sente á vista da morte, e familiarisára-o com as degradações pavorosas da carne sem vida. Dava-se perfeitamente bem no meio de tudo aquillo : alli comia, alli dormia e alli amava. Quando pilhava algum dinheiro para comprar luz, corria á venda a bebel-o de aguardente, e á noite deixava-se ficar no escuro com os inalteraveis companheiros de casa, que seguro não o incommodariam durante o somno.

O Ludgero disse-lhe alguma cousa; e o guarda, sem nada responder, conduziu-o para defronte da mesa em que estava o cadaver.

Então o chefe de policia armou as suas lunetas de vidro graduado, e ficou a observar o morto por algum tempo.

Era um defunto comprido, magro, com as barbas empastadas de sangue pelo lado inferior. Estava descalço e tinha o corpo nú, ligeiramente esverdeado. O assassino rasgára-lhe a garganta á faca e puxára o golpe até ás regiões dermicas do thorax.

O chefe mandou chamar o escrivão e o medico, procedeu ao corpo de delicto, e, depois de apoderar-se de um farrapo de casimira cinzenta, encontrado na mão direita do morto, metteu-se de novo no carro, e tomou o caminho da secretaria de policia, que n'esse tempo era ainda na rua do Sabão.

Ahi procurou logo o delegado, com quem conversou algum tempo, terminando por entregar-lhe o farrapo de casimira e recomendar-lhe que procedesse ás preliminares do inquerito no local do crime, e dêsse as providencias para as competentes pesquisas.

N'essa occasião acabava de chegar o Caixa da casa Paulo Cordeiro, sobre quem recahia o prejuizo causado pelo roubo que déra logar ao crime. O delegado tomou-o de parte, e os dois ficaram a fallar a meia voz.

O chefe entretanto passára á sala de audiencia, onde, entre outras pessoas, foi introduzida uma senhora ainda moça, de boa apparencia, que dizia querer soltar um escravo seu, preso na vespera.

O chefe ouviu-a com toda a attenção, chamou um empregado e mandou lavrar o alvará de soltura. A senhora levantou-se, agradeceu, mas, na occasião em que transpunha a porta para sahir, foi detida por uma phrase que ouvira destacada da conversa do delegado.

Parou, e protegida por um reposteiro, prestou toda a attenção.

— É o que lhe digo, Sr. delegado, repisava o queixoso. Nada podemos fazer sem primeiro ouvirmos o rapaz.

— Mas onde mora esse Gregorio?

— Mora nas Laranjeiras.

— Em que se occupa?

— É zangão da praça.

— O senhor viu-o hoje?

— Nem hoje, nem hontem.

— E elle então sabia que o senhor recebeu hontem á tarde os vinte contos de réis?

— Foi a unica pessoa, estranha ao negocio, que soube d'isso.

— Bem, disse o delegado; escreva o nome e a morada d'esse rapaz, e deixe tudo mais por minha conta.

A mulher que os escutava, aproveitou o momento em que os dois se afastaram, para sahir do seu esconderijo e descer precipitadamente a escada.

Á rua tomou um carro e seguiu para a casa de Clorinda.

Pelo sobresalto em que ia e pelo ar de dolorosa anciedade espalhado em todo o seu rosto, pallido e sympathico, conhecia-se facilmente que a pobre mulher estava sob a influencia de uma grande commoção.

Antes porém de voltarmos com ella á casa da noiva, que em tão triste situação deixámos no primeiro capitulo, cumpre dizermos alguma cousa a respeito d'este novo personagem.

Imagine o leitor uma mulher cheia de corpo, um tanto baixa, porém esbelta e garrida; dê-lhe um par de olhos castanhos, vivos e graciosos, uma bocca

risonha, um narizinho arrebitado, uns cabellos da côr dos olhos, um pescoço carnudo e bem torneado; e terá o leitor, pouco mais ou menos, a figura sympathica que se dirigia para a casa de Clorinda.

Chamava-se Julia Guterres; fôra actriz por muito tempo e afinal, a instancias do homem com quem casára, teve de abandonar por uma vez o palco.

O marido falleceu cinco annos depois do casamento, deixando á viuva um legado que lhe assegurava o resto da vida.

Julia Guterres reuniu o que possuia, vendeu alguns bens que lhe não convinham, alugou o predio em que morára com o marido, dispoz de alguns escravos, comprou um bello chaletzinho na Tijuca, e metteu-se ahi, com a intenção de envelhecer tranquillamente.

Foi n'essa casa que ella travou relações de amizade com Gregorio. Viram-se os dois á primeira vez por occasião do baptisado da filha de uma amiga. Gregorio teria então vinte annos, gosava de alguma fama de estroina e figurava na vida romantica de uma tal Olympia, a quem o leitor mais tarde virá a conhecer perfeitamente.

Um dia, sentia-se ella aborrecida e nervosa, sem saber o que tinha, nem o que queria; tudo n'essa occasião parecia enfastial-a profundamente. Vestiu-se, mas não teve a coragem de sahir; abriu um livro e não leu uma pagina sequer; accendeu um cigarro e arremessou-o logo pela janella.

N'isto entrou o criado no seu quarto e disse-lhe que o Sr. Gregorio a procurava.

— Não estou em casa! respondeu a senhora, de máo humor.



Mas, quando à criada ia a sahir, accrescentou consigo : — Que idéa!...

E mandou que se abrisse a porta ao rapaz. O chaletzinho da viuva compunha-se de poucas peças. Havia a sala de visitas, uma alcova, a sala de jantar, um gabinete de trabalho e mais dois ou tres pequenitos commodos de utilidade secundaria.

Mas tudo isto estava disposto e mobilado com muito apuro e muita preocupação de gosto. Desde o jardim, á entrada, que se notava logo sentimento artistico na escolha e collocação dos jarros e das estatuas ; sentia-se a mão caprichosa que encaminhára as hastes das trepadeiras para as grades da janella, e confrangera as parasitas a se encaracolarem pittorescamente pelos troncos columnares das palmeiras e pelos seixosos grotescos do repucho.

O aspecto rico das plantas, os canteiros moldurados de grama e desenhando pequeninas ruas de cascalho, diziam muito bem com o chaletzinho alegre, a rir por entre a exuberancia da verdura, e todo elle enfeitado de côres e arabescos, ao sabor particular das chacaras fluminenses ; sabor que resulta naturalmente da physionomia caracteristica das paizagens da Côte.

Quem, com effeito, atravessa as provincias do norte do Brasil e procura comprehender o character quente das suas multiplas paizagens, onde predominam os rios e as planicies, chegando ao Rio de Janeiro não se póde furtar á estranha mas agradavel impressão que produz ao espirito esta bella cidade, com a sua opulencia de palmeiras, a sua variedade pompadouriana de folhagens, a sua pedra original, que apparece por toda a parte, e as suas montanhas,

tristes e silenciosas, que se vão perder no ceu por entre nuvens.

Gregorio penetrou na sala de Julia, tomado já de certo desanimo : elle ha tanto fazia por agradar áquella mulher, e ella sempre a desdenhar dos seus protestos, a chamar-lhe criança e a rir dos seus desgostos, dos seus suspiros, das suas attitudes apaixonadas.

— Meu amigo ! disse-lhe uma vez a viuva ; o senhor perde o seu tempo ! já não vivo de illusões ! passou a época dos sonhos ! hoje, toda a minha felicidade consiste na certeza de que não tenho absolutamente a quem dar satisfação de meus actos !

— Mas quem deseja escravisal-a ? perguntou em resposta Gregorio, procurando pôr uma intenção subtil nas suas palavras. Quem é ?

— Quem é ? interrogou ella, abrindo para o moço apaixonado seus bellos olhos de côr hybrida. Quem ? ! O senhor, meu querido sonso. Ande lá ! Tenho muito medo d'estes innocentes !... parece que não são capazes de quebrar um prato, entretanto...

E fazendo um gesto de graciosa impaciencia : — Homem, menino ! mudemos de conversa ! Fallemos antes de D. Olympia...

Gregorio fez que não ouviu este nome e insistiu em que a viuva acabasse a sua phrase.

— Já nem me lembra o que eu queria dizer...

— É até onde póde chegar o espirito da tyrannia ! Bem ! não a importunarei mais ! Adeus.

— Vae suicidar-se ou vae para a casa de Olympia ? ! perguntou a viuva, com um espanto exaggerado. Se vae suicidar-se, previna, que preciso preparar o sentimento !

— Não me falle d'esse modo! Para que ha de fingir aquillo que não é?! Sei que a senhora tem muito e muito coração! Não se queira fazer indifferente e cynica, quando possui aliás thesouros de amor e de ternura...

— Mão!... replicou ella; o senhor vae por mão terreno...

— Porque?...

— Porque já se tinha despedido e deixa-se ficar.

— N'esse caso...

— Adeus.

— Até quando, ingrata?...

— Até á primeira ausencia da lua.

E a viuva fechou a porta com uma risada.

Depois d'este significativo tiroteio, Gregorio fez ainda duas ou tres tentativas de assedio, mas de todas ellas sahiu derrotado. É por conseguinte de suppôr que elle não contasse já absolutamente com o triumpho, quando a criada lhe foi dizer á porta do chalet que a senhora consentia em ser vista.

Entrou vacillante e um pouco entalado na duvida de mais algum desbaratamento. Julia recebeu-o sem perturbação. Estava prostrada sobre uma ottamana de setim e ahi se deixou ficar, com os olhos meio cerrados de preguiça ou de tedio, as pernas cruzadas indolentemente, e a cabeça esquecida sobre duas almofadas.

— Vim importunal-a mais uma vez...

— Não. Assente-se e converse. Traz-me alguma novidade? Que ha por esse mundo do espirito?

— Trago-lhe um novo poeta, Theophilo Dias, conhece?

— Dé cá.

E a viuva abriu o livro e leu algumas estrophes.  
— Que tal o achia?...

Ella não respondeu e ficou com os olhos cravados no tecto; depois pousou-os de novo sobre o livro e continuou a leitura.

Gregorio foi a pouco e pouco se approximando e tomou-lhe uma das mãos. Ella consentiu ou não deu por isso, muito empenhada na leitura.

Gregorio recolheu a mãosinha que tinha entre as suas e levou-a aos labios com a sofreguidão de um faminto.

Ella continuou a lèr.

Gregorio approximou-se mais e, todo vergado para a frente, chegou os labios á cabeça da viuva e beijou-lhe a polpa macia do pescoço.

— Então?! Que é isso?! Deixe-me! disse ella, erguendo-se melindrada e deixando escapar o livro das mãos.

Gregorio levantou-se tambem, mas prendeu a viuva nos braços. — Não seja assim! Perdôe! disse elle com a voz cheia de supplica. Tenha pena de mim! Repare que soffro déveras por sua causa...

A viuva abaixou a cabeça e ficou a pensar.

Esta transição desconcertou um tanto o pobre namorado. Então?! disse elle afinal; em que pensa?...

— É o diabo... resmungou a bonita viuva, como se fallasse só comsigo. É o diabo!...

— O diabo o que?... perguntou Gregorio com o ar muito infeliz.

— Você tem vinte annos e eu tenho mais de trinta!

— Oh! exclamou elle.

— Oh! não! protestou ella; você no fim de contas

é uma criança e eu sou mais que uma mulher!

— Lá vem a mania de chamar-me criança!...

— Mas se é!

— E quer responsabilisar-me por uma falta de que não sou culpado?!

— Culpada seria eu se não pensasse um pouco!

— Julia!

— Não! Não!

— Meu amor!

— Então?!

— Eu te adoro!

— Tenha juizo!

— Tu me pões louco!

— Mas contenha-se, ou chamo a criada!

— Juliinha!

— Solte-me o braço! Peior! Não faça cocegas!

Mas Gregorio não respeitou a ordem; e Julia, sem poder sustentar o serio, abriu a rir, a rir muito, a torcer-se toda nas mãos do rapaz, e afinal cahiu prostrada na ottomana, sem forças para nada, a chorar de riso, nervosamente, sem poder fallar.

E tudo felizmente acabou em pura galhofa.

## IV

### CORAÇÃO DE MULHER

Entre a scena pittoresca das coegas e a semsaborona e triste scena do frustrado casamento de Gregorio, medeia o periodo dos amores d'este com a sympathica viuva da Tijuca. Foram dois bellos annos, durante os quaes o amor teve tempo para percorrer toda a orbita do seu caprichoso systema planetario, fazendo, já se sabe, as cabriolas que o endemoninhado costuma dar sempre que se apanha em revolução.

Dois annos ! Oh ! n'esse lapso o amor tem tempo para muita cousa ! Com as azas de que dispõe, pôde ir ao zenith da paixão, pairar um pouco no espaço e precipitar-se afinal no pélagos morno da indifferença e do tedio.

Todavia, se isto era applicavel a Gregorio, não o era certamente á outra parte interessada — a viuva. Em questões de amor é com effeito muito difficil encontrar dois partidos eguaes ; em geral, um quer e o outro apenas consente.

E o mais curioso é que a mulher é quasi sempre quem representa a parte mais activa e mais impor-

tante no conflicto. Entre o amor da mulher e o amor do homem ha uma differença capital : o amor do homem tende a diminnir com o tempo ; e o da mulher quanto mais vive , mais avulta e mais espalha e aprofunda as suas raizes pelo coração. É que em geral o homem, á semelhança do fogoso corsel, que dispara na arena com todo o fogo da carreira, gasta logo no principio do tiro a melhor parte da actividade de que dispõe, e começa a minguar de forças ; ao passo que a mulher, partindo vagarosamente, vae a pouco e pouco se animando na lucta, e deixa-se afinal arrebatado pelo ardor e pelo enthusiasmo.

O homem, á proporção que desvenda os mysterios do coração da sua amante, á proporção que lhe vae devassando a alma e penetrando familiarmente por todas as subtilzas e todos os esconderijos do seu character, do seu genio, do seu temperamento e da sua ternura, sente desfallecer-lhe no sangue o primitivo impulso, e só continúa a amar por habito ou por gratidão. Violada a ultima gaveta da alma de uma mulher, o homem cáe prostrado pela indifferença.

Doces e apaixonadas Margaridas ! se quizerdes conservar a adoração de vossos inconsistentes sacerdotes, correi duas voltas á fechadura e guardae bem comvosco as preciosas chaves !

O homem gosta de ser illudido : meia verdade o prende, a verdade inteira o repelle. A mulher, ao contrario, só chega a amar devéras depois de muito conviver, depois de muito se identificar com o homem a quem se deu. E se alguma grande desgraça os torna solidarios, das mesmas dôres e

das mesmas lagrimas; se ella tem occasião de pôr á disposição do amado a meiga substancia da sua abnegação, do seu sacrificio e do seu heroismo, então o que era amor se converte em fanatismo, e a mulher deixa de ser amante para ser escrava submissa.

O homem principia sempre por dar o seu amor e acaba, quando este se esgota, por offerecer a sua amizade. A mulher, não! a mulher começa por estimar, e a sua estima vae se consolidando, vae se encarecendo, até que se transforma em amor veemente, fecundo e duradouro.

Foi isso justamente o que succedeu com a viuva a respeito de Gregorio — partiram do mesmo ponto, ella a passo, elle a galope; mas, quando a primeira se sentia arrebatada pelo ardor da carreira, já o outro jazia prostrado de cansaço, a supplicar, por amor de Deus, que o deixassem em repouso. E d'ahi as consequencias — o ciume, o despeito, a raiva, o desespero, a sêde de vingança.

Mas a mulher, coitada! parece que veio ao mundo predestinada para o sacrificio e para a dedicação. Uma vez presa pelo sentimento, ou pela sensualidade, quanto mais a fazem soffrer, quanto mais a pisam e maltratam, tanto mais ella estremece e adora o objecto do seu amor.

Como certas plantas aromaticas, que mais rescan-dem quanto mais são trituradas, a mulher que ama, se logra uma folga no captivo com que a opprime o seu verdugo, não é para gemer, é para beijar-lhe os pés e repetir-lhe que o adora.

Julia, n'estas condições, soube que Gregorio ia casar. Seu impeto instantaneo foi correr ao primeiro



homem e offerecer-se para ser amada aos olhos do ingrato que assim tão cruelmente a apunhalava. Esqueceu-se de tudo, posição, interesses, tranquillidade, para só pensar n'essa vingança absurda, que lhe parecia tão necessaria á sua colera como o vinho a um ebrio.

• E cega, desvairada, ás tontas, queria deixar bem patente que a traição de Gregorio não a atormentava, e que ella se sentia, como nunca, feliz e indifferente.

— Soffrer?... mas porque!? monologava a infeliz, a rir forçadamente, com a voz estalada na garganta. Acaso não previa eu tudo isto?... não é elle moço, livre e cheio de esperanças? A mim que importa pois seu casamento? amo-o porventura? tenho eu alguma cousa com isso? Que se case quantas vezes quizer! Que faça o que entender!

Mas os soluços rebentavam com explosão, e a mi sera deixava-se cahir sobre o divan, a chorar apaixonadamente, sacudida por um formidavel desespero.

Depois, sem que ella as chamasse, vinham de enfiada as recordações dolorosas do seu amor. Os episodios felizes de outr'ora lhe enchiam agora o coração com uma argamassa de desgostos. Via Gregorio em todas as situações venturosas do outro tempo; sentia-lhe perfeitamente o cheiro dos cabellos, a luz dos olhos e a doçura embriagadora dos seus beijos. E perseguida, aguilhada por estas idéas, queria fugir de si mesma, escapar á propria memoria, esconder-se das reminiscencias que lhe rugiam de dentro; mas todo o seu passado, em alvoroço, se enroscava por ella, a chupal-a para si, como um

enorme polvo. Definitivamente era indispensavel uma vingança! Era preciso inventar um cumplice, um instrumento, uma arma, com que pudese fulminar o infame!

Pobre visionaria! Não calculava que o verdadeiro amor só sabe perdoar e não conhece os segredos do odio e da maldade. Não sabia que o labio que conserva o calor dos beijos que o aqueceram, não se pôde converter rapidamente em lamina fria de vingança. E tanto assim, que foi bastante lhe constar um mez depois desse desespero, o crime de que era suspeito o objecto do seu amor, para esquecer-se dos planos de vingança e só se lembrar de correr a prevenir Gregorio e afastal-o de qualquer perigo.

Foi n'essa resolução que a vimos partir rapidamente da policia para a casa de Clorinda. Sabia a viuva que era n'aquella tarde o casamento; Gregorio estaria lá com certeza... Que lhe importava o desespero de vêr a mulher que a preterira? que importava o espectáculo de uma felicidade que a humilhava e enlouquecia de dôr? que lhe importava tudo isso, comtanto que o seu Gregorio não soffresse cousa alguma, comtanto que elle fosse prevenido a tempo do grave perigo que o ameaçava?

O carro de Julia parou á porta da noiva. A viuva conchegou para o collo as pontas do seu mantelete de seda preta, e subiu resolutamente as escadas da rival.

— A noiva?! perguntou ella á primeira pessoa que encontrou. Não se queria entender com Gregorio, por um natural impulso do resentimento.

A noiva estava no quarto e não podia receber ninguem.

— Mas é também para o interesse d'ella que lhe desejo fallar. Trata-se de Gregorio!

— Como?! Do noivo?!

— Sim.

— Oh! n'esse caso, entre!

E a pessoa gritou logo para os què estavam na sala de jantar: — Temos noticias do noivo!

Julia foi conduzida para a alcova de Clorinda, emquanto os outros curtiãam de fóra a mais impaciente e viva curiosidade. Ao encarar a noiva do amante, sentiu a viuva percorrer-lhe o corpo um vivo estremecimento de odio, mas a idéa do perigo em que estava Gregorio, acalmou-lhe o sangue.

Clorinda, entretanto, a quem disseram que a recém-chegada trazia noticias de seu noivo, precipitou-se ao encontro de Julia, exclamando afflicta:

— Que succedeu a Gregorio?! Diga-me por piedade!

— Como?! Pois já sabe que lhe ia succeder alguma cousa?!...

— Mas o que é?! Diga! diga depressa!

— Elle então não está cá?!...

— Não! Ainda não appareceu!

— Não appareceu?! exclamou a viuva, empallidecendo. Oh! Nada consegui evitar! Foi preso!

— Quem?! interrogou a noiva. Quem? Gregorio?! Gregorio preso! mas porque, senhora?! Explique-se! explique-se, por amor de Deus!

E Clorinda, vendo o abatimento em que cahia a outra, sacudiu-a com força: — Então, senhora?! Que ha?! diga!

Mas a viuva continuava na sua prostração e

repetia como n'um delirio : — Preso ! Nada consegui !

— O' senhora ! explique-se por uma vez ! Não vê o estado em que me acho ? Não vê que tenho olhos cheios d'agua ? não vê como tremo ? não vê como soffro ? !

— E que me importa a mim o seu soffrimento ? ! também eu soffro e já padeci bastante ! Sua magua tem sahida ; a minha não. Se Gregorio voltar, é para os seus braços e não para os meus !... Que vale por conseguinte a sua tristeza de criança, comparada á dôr enorme que neste momento me dilacera o coração ? !

— Eu não a comprehendo ! observou a noiva.

— Nem se pôde comprehender nada d'isto na sua idade, como também na sua idade ainda não se pôde avaliar a força indomavel e fatal de um verdadeiro amor ! Criança ! O amor aos quinze annos é pouco mais que o ultimo folgado da meninice, atraz d'elle não existe um passado, existe quando muito uma boneca !

— Senhora !

— Oh ! Não vim cá para disputar seu noivo ; vim com a intenção de salvá-lo ; nada consegui. Paciencia ! Volto resignada com a vontade de Deus !

Clorinda segurou-a pelo braço.

— Mas, por piedade, explique-me o que ha ! diga-me o que foi feito de Gregorio !

— É accusado de roubo e assassinato ! declarou a viuva, finalmente.

— Ah ! gritou a outra, como se só esperasse por aquella phrase para ter a confirmação de uma terrivel suspeita.

E cahiu de costas.

O quarto encheu-se logo. Todos queriam saber o que havia. D. Januaria correu a apoderar-se da filha, e os mais principiaram a cruzar entre si olhares interrogativos e desconfiados.

Julia, sem dar mostras do que se passava em torno de si, afastou-se distrahidamente e sahio a dizer entre dentes : — Preso e accusado! Preso talvez para sempre!

E, ao entrar no carro que a esperava na porta, abriu a soluçar com desespero.

Recolheu-se á casa, mas não .poude socegar. A duvida sobre o destino de Gregorio trazia-lhe o espirito em doído sobresalto : — Era urgente obter noticias d'elle n'aquella mesma noite, fosse de quem fosse, custasse o que custasse, comtanto que Julia soubesse o que era feito do seu Gregorio !

E n'esta impaciencia percorria toda casa ; ora ia á janella, ora de um quarto para outro. Chamou duas vezes a criada para mandar á policia, mas, receiando complicar ainda mais a situação, resolveu nada fazer. Afinal pediu a capa e o chapéo, e deliberou sahir. Eram já oito horas da noite.

— Lá em baixo talvez conseguisse saber alguma cousa a respeito de Gregorio... calculava a viuva, descendo commovida a escadinha do chalet. Mas ao chegar ao jardim, soltou um grito : pareceu-lhe haver distinguido, encostado ao muro e meio escondido na sombra, o vulto de um homem que a observava attentamente.

— Angela ! bradou ella para dentro da casa. Angela ! traze luz !

E não poude accrescentar mais nada, porque as

pernas lhe tremiam já e a voz se lhe embaraçava na garganta.

A criada, também já possuída de susto, appareceu com uma lanterna.

Julia não se havia enganado. Escondido nas moitas do jardim, estava um homem, que logo se dirigiu humildemente para ella, com o chapéo na mão.

— Ah! interjeicionou a viuva, recuando atterrada.

— Não se assuste, minha senhora, disse o desconhecido, com muita brandura. Eu não faço mal a ninguém... Sou um pobre velho inoffensivo.

E Julia, ainda não de todo calmada, viu-lhe com effeito as longas barbas e os cabellos brancos.

— Mas o que fazia você ahi? perguntou ella com diffcultade. Fiquei sobresaltadà d'este modo!...

— Perdôe, minha senhora, foi sem querer!... respondeu o velho.

— Mas, emfim, que deseja?

— Eu vinha dar um recado de certo moço que foi preso agora á noite...

— Gregorio?! exclamou a viuva, perturbando-se toda. Oh! falle! falle! Diga o que é!

— Mas elle me recommendou que só desse o recado a certa moça, com quem tem relações ha cousa de dois annos...

— Sou eu mesma! Falle!

— A senhora então é a viuva Julia Guterres, a mesma que estava na secretaria de policia hoje á tarde?...

— Sou. Póde dar o seu recado!

Mas o velho, em vez de obedecer, endireitou o

corpo, avançou dois passos, e soprou em um apito que trazia comsigo.

— Que é isto?! perguntou Julia, de novo afflicta.

— A senhora está citada para depôr hoje mesmo na policia o que sabe a respeito de certa pessoa!

E o falso velho dirigiu-se a um soldado, de quatro que acudiram ao seu apito, e ordenou-lhe que acompanhasse aquella senhora á presença do chefe na secretaria de policia.

— Sim, Sr. delegado! respondeu a praça.

— Bom! agora vamos nós á casa da noiva! acrescentou o disfarçado ás praças que restavam, tirando as barbas e a cabelleira.

E seguiram para a casa de Clorinda.

Julia, entretanto, caminhava resignadamente para a policia. Não proferiu durante o caminho uma unica palavra. Aquella situação, se por um lado a constrangia, por outro lhe alegrava o espirito, prometendo pôr a limpo tudo o que havia a respeito de Gregorio.

O chefe recebeu-a em um gabinete onde já esperava por ella; fez-a assentar-se, disse-lhe que podia descansar, e, depois de chamar o escrivão e ordenar que se preparasse, principiou o seguinte interrogatorio:

## V

### DEPOIMENTOS

— Seu nome, minha senhora ? perguntou o chefe de policia á viuva.

— Julia Guterres, respondeu esta, sem titubear.

— Seu estado ?

— Viuva.

— Profissão ?

— Vivo dos meus rendimentos.

— Quaes são elles ?

— Tenho acções, predios e escravos.

— Conhece Gregorio de Souto Maior ?

— Muito.

— Desde quando ?

— Ha dois annos.

— E essa pessoa em que lhe diz respeito ?

— Em tudo !

— Como assim ? Tenha a bondade de explicar-se.

— Eu o amo !

— Perdão, observou o Dr. Ludgero, limpando no lenço as lunetas, que acabava de desarmar do nariz; pergunto se essa pessoa se acha por ventura implicada de qualquer fórma em seus interesses...



— De que especie de interesses falla o senhor?

— Dos interesses pecuniarios.

— Absolutamente, respondeu Julia com um gesto de impaciencia.

— E quaes são os seus interesses em que ella se acha implicada? Sim! Visto ter a senhora, quando lhe fallei dos interesses pecuniarios, lembrado outros, é porque...

— Referia-me aos interesses de meu coração, de minha felicidade!

— Ah!

— Posso dizel-o abertamente, porque sou livre e senhora de minhas acções; peço-lhe todavia que não insista n'esse terreno... Ha certas cousas na existencia de uma mulher, que lhe não poderiam ser arrancadas do coração sem um grande abalo do pudor, ou talvez da dignidade!...

— Compreendo perfeitamente, respondeu o chefe de policia, collocando de novo as lunetas; mas a senhora deve saber que eu, no lugar em que estou, cumpro um dever sagrado! A justiça, minha senhora, tem por obrigação do cargo violar friamente todos os recintos e todos os segredos. Quanto não me custa ouvir ás vezes os pormenores de uma desgraça vergonhosa ou de alguma negra miseria de familia? Mas assim é preciso; eu aqui não sou um homem, sou simplesmente um instrumento da Lei. Tenha pois a bondade de abrir o coração e dizer-me tudo o que sabe a respeito de Gregorio, que me poupará d'essa fórma o sacrificio de tortural-a com o meu interrogatorio.

— Mas o que quer o Sr. que lhe diga?... Do que serve a minha pobre opinião a respeito de uma pes-

soa, a quem acabo de confessar que adoro?... Gregorio, por peor que fosse para os outros, seria sempre para mim o ideal dos homens! O senhor, que naturalmente conhece o coração da mulher, deve comprehender o que ha de sincero e verdadeiro nas minhas palavras. Nós, quando amamos, desejamos por tal modo descobrir boas qualidades e brilhantes dotes no objecto do nosso amor, que, seja elle a mais ruim das creaturas, nos apparece, á luz maravilhosa de nossa dedicação, radiante e bello como o sol!

— Conclue-se do que a senhora acaba de dizer, que, apesar de suppôr Gregorio o melhor dos homens, não sustentará que elle seja incapaz de commetter um crime...

— Não tive semelhante idéa! Considero Gregorio com os defeitos da sua idade e do seu temperamento. Elle seria capaz de commetter qualquer leviandade, qualquer tolice, mas nunca uma infamia!...

— Sabe do que o suspeitam?

— Ouvi vagamente dizer, aqui mesmo, que se tratava de um roubo e de um assassinio.

— E o que mais sabe a esse respeito?...

— É justamente por não saber mais nada, que lhe vou pedir o obsequio de dizer o que ha. Constou-me agora á noite que elle fôra preso, mas tudo isso é tão vago e tão incerto que...

— Conhece este anel?

E o chefe passou a Julia um anel de homem com pedra de cornalina.

— Sim, disse ella a examinal-o; parece-me que o reconheço. É o mesmo ou é muito parecido com um que dei a Gregorio no dia de seus annos.

— Este anel foi encontrado no lugar do crime e corrobora as suspeitas sobre Gregorio.

— Valha-me Deus! exclamou Julia; mas pôde não ser o mesmo!...

— Temos ainda um outro corpo de delicto. Examine bem este farrapo de casimira e queira vêr se se lembra de ter visto algum dia Gregorio vestido com um paletot da côr d'esta fazenda.

A viuva tomou nas mãos o farrapo que lhe passou o chefe, e ficou a examinal-o attentamente.

— Então?... disse a auctoridade, vendo que ella não respondia. Lembra-se?

— Não sei, Sr. doutor; é isto uma circumstancia tão pequena, que foge inteiramente da memoria...

— É d'estas pequeninas circumstancias que se tiram as conclusões lucidas sobre qualquer crime, minha senhora; não podemos desprezar nada. Tenha a bondade de declarar se se recorda de ter visto Gregorio algum dia vestido d'esta fazenda.

— Elle usava frequentemente roupas escuras, mas algumas vezes, muito poucas, a passeio no campo ou de volta de um jantar de amigos, creio que o vi vestido de côr alvadia...

— Maes d'esta côr, precisamente d'esta, não o viu nunca, minha senhora?

— Não me recordo absolutamente, Sr. chefe.

— Elle era prodigo, extravagante?

— Para ser prodigo é preciso ter fortuna, e Gregorio vivia do que ganhava com o trabalho...

— Não sabe se elle gostava de prazeres ruidosos?...

— Não; ao que supponho, não.

— Nunca o viu ebrio?...

— Nunca!

— Recebeu d'elle muitos obsequios?

— De que especie?...

— Obsequios de valor, em presentes, em dadivas de preço...

— Os objectos que conservo d'elle, só têm valor para mim, porque vieram de suas mãos...

— Elle então não despendia muito com a senhora?...

— Não havia necessidade d'isso...

— Em que qualidade frequentava a sua casa?

— Na qualidade de meu amigo, a quem me aprouve franquear toda a minha existencia e todo o meu coração.

— Deseja vê-lo ainda?...

— Com muito gosto!

— Sabe onde elle está?

— Disseram-me hoje que estava preso.

— Sabe que elle tinha um casamento marcado para hoje á tarde?

— Sei, respondeu a viuva, deixando transparecer o desgosto que lhe causava tal pergunta.

— E sabe o resultado d'esse casamento?

— A noiva esperou inutilmente; Gregorio não appareceu.

— E porque elle não appareceu?

— Naturalmente porque o haviam prendido...

— Entretanto, elle não foi preso. Escondeu-se ou fugiu, justamente pouco depois do crime.

— Não se sabe então onde elle está?!

— Não, minha senhora, respondeu friamente o Dr. Ludgero, levantando-se, e accrescentou: — Bem, por ora nada mais temos a perguntar. Póde retirar-se

e esperar que a citem para um novo interrogatorio.

Julia sahiu e a segunda testemunha foi introduzida no gabinete do chefe.

Era o velho Jacob, criado de Gregorio.

— Espere um instante, disse a auctoridade, indo até á porta, por onde vira passar um policia secreta.

— Então?... perguntou a este em voz baixa; descobriu alguém que possa esclarecer o negocio?...

— Sim, Sr. chefe.

— Quem é?

— A Menina do Bandolim, uma mocinha italiana, que, em companhia do irmão, toca bandolim no café de Java.

— Ah! fez o Dr. Ludgero.

Antes de proseguirmos, é necessario, porém, dar dois dedos de explicação a respeito do que ha de commum entre a Menina do Bamdolim e o suspeito Gregorio.

Uma noite, sete horas em ponto, o nosso heróe, vestido como esmero e correcção de quem deseja agradar a olhos exigentes, mettu-se no bonde em caminho da cidade, e só apeiou para tomar o da Tijuca. Escusa dizer que não era o rico panorama do arrabalde o que attrahia o moço áquellas horas. E não menos escusado é declarar que especie de iman o puxava para alli com tanta força.

Em certa altura Gregorio saltou em terra defronte de um chalet, pintadinho de novo e meio apadrinhado do sol pela folhagem de algumas arvores; apadrinhado durante o dia, bem entendido, porque durante a noite o padrinho era um formidavel cão negro, que bradava armas a todo o vulto, suspeito ou não, que passasse pela esquina.

E tanto assim que, mal Gregorio se approximou do portão, já o tal padrinho ladrava a bom ladrar.

— Está quieto, Neptuno! exclamou o moço, fazendo vibrar a campainha.

Veiu logo a criada e Gregorio perguntou :

— Ella está em casa ?

Este modo de saber se a pessoa que vamos a visitar está em casa, prova alguma cousa ; prova, pelo menos, que Gregorio era já tão familiar da criada quanto o era de Neptuno, e por conseguinte que aquella visita poderia ter todos os meritos, menos o da novidade.

— Sahiu, respondeu a criada, abaixando o rosto.

O moço não retorquiu, mas tambem não se foi; ficou a sacudir a perna, apoiado na bengala, assobiando.

A criada, com o rosto mettido entre dois varaes da grade, em que se sustinha com ambas as mãos, esperava que elle resolvesse qualquer cousa.

— Então sahiu, heim?... insistia Gregorio, interrompendo o assobio e bamboleando a perna com mais força.

— É, disse a criada, bocejando.

E os dois ficaram calados por algum tempo; afinal Gregorio mostrou tomar uma resolução e accrescentou :

— Ora vá dizer-lhe que eu bem sei que ella está em casa...

— Minh'ama sahiu! sustentou a criada, a rir-se.

— Homem, faça o que lhe digo!

— Gentes! Ella não está!...

— Você então não quer ir?! Bem...

E Gregorio fez o movimento de quem se afasta, levando uma intenção de vingança.

— Eu vou vêr! exclamou a criada, largando os varaes do portão.

Gregorio voltou logo, como se fosse puxado por todo o corpo.

A criada desapareceu nas sombras duvidosas do jardim e, pouco depois, ouviu-se o som de uma voz de mulher que parecia ralhar dentro do chalet.

Gregorio sorriu sosinho e retomou o fio da musica que assobiava.

Quando havia gasto já uns dois minutos de assobio, abriu-se uma das janellas do chalet e desenhou-se contra a luz da sala a figura sympathica da viuva.

— Já voltou?! disse Gregorio, transpondo o portão e indo postar-se debaixo da janella.

— Você não disse que não voltava mais aqui?! perguntou a outra por sua vez.

E como Gregorio não respondesse : — Tambem, olhe que ninguem o iria buscar!...

— Disso sei eu!... observou o rapaz, armando um gesto de quem medita. E acrescentou depois : Bem tolo seria se acreditasse em amores... de viuvas.

— N'esse caso, porque voltou?...

— Voltei... nem eu sei porque... Antes com effeito não tivesse vindo!...

— Pois ainda está em tempo de voltar por onde veio!...

— Tem razão! respondeu Gregorio. Boa noite!

— Não vê que era capaz!...

— Você duvida?

— Duvidava! respondeu Julia.

Gregorio deu uma volta sobre os calcanhares e

encaminhou-se para o portão, sem dizer palavra.

— Nhonhô! gritou a viuva, quando o rapaz já transpunha a sahida.

— Que é? perguntou elle, voltando-se com affectada indifferença.

— Venha cá...

— Que deseja de mim?

— Entre...

— Para que?

A viuva fez um movimento de hombros e foi abrir a porta da sala.

Gregorio subiu e ella o recebeu com um beijo.

— Não! disse elle; olhe que a senhora ás vezes tem cousas bem exquisitas!

— Presumido!...

— Ainda não me esqueci do que se passou aqui no outro dia...

— Abi vem a tolice!...

— Tolice não! A senhora riu-se para elle!

— Bem caso faço eu agora d'aquelle typo! Um esganiçado!

— Sim! mas a senhora não lhe tirava os olhos de cima!...

— Foi para isso que veio cá?...

— Eu não queria entrar...

— Então para que entrou?!...

— Queria vêr se me encontrava com o tal barão!...

— Com que fim? se faz favor...

— Para pedir-lhe que a tratasse com toda a delicadeza!...

— Não era preciso; o barão é a cortezia personificada!

— Pois case-se com elle!



— Quem sabe, hein?!

E os dois continuaram a alterar meio resentidos, meio alegres, até que Gregorio tomou o chapéo, despediu-se e sahiu, sem fazer pazes completas.

Entre o largo de S. Francisco e o ponto dos bondes de Botafogo, onde tinha elle de tomar o das Laranjeiras, ao passar pelo café de Java, descobriu alguém que o fez parar. Encostou-se á parede da *Notre-Dame* e ficou a olhar muito para um sujeito de idade duvidosa, cabellos e barba exaggeradamente pretos e lustrosos, olhar vivo, gestos cerimoniaes e chapéo alto.

Era o barão.

A um dos cantos do café a Menina do Bandolim dedilhava as cordas do seu instrumento ao lado do irmão, e parecia inteiramente preocupada com a musica.

O barão devorava-a com os olhos, enquanto em outra mesa mais afastada, um rapaz louro, bastante magro, de monoculo, gestos braçaes muito angulosos, fallava a um grupo de quatro ou cinco amigos que o escutavam com interesse; tratava-se de politica revolucionaria.

No fim de meia hora, o barão sahiu do café, e, depois de alguns passos pelo largo de S. Francisco, fallou em particular a um homem que parecia esperar por elle, e seguiu tranquillamente na direcção da rua do Theatro.

Gregorio viu tudo isto e principiou a seguir com a vista o novo personagem.

Todavia, a Menina do Bandolim, que acabava de recolher o instrumento a um sacco de baeta escura, retirava-se por sua vez com o irmão.

Gregorio acompanhou-os a certa distancia.

## VI

### PRIMEIRO ENCONTRO

Emquanto Gregorio acompanha em distancia a Menina do Bandolim, temos que vêr ainda alguma cousa no café d'onde ella sahiu.

Varios sujetos se ergueram logo, e lá se foram retirando vagorosamente; outros se deixaram ficar ainda a beber e a dar á lingua. A mesa do rapaz louro de monoculo não soffrera a menor alteração; continuava o orador a fallar, sempre com loquacidade, e os outros continuavam a ouvil-o com a mesma attenção.

Dois novos consumidores acabavam de entrar, conversando em voz baixa, muito animadamente. Pelo modo que discutiam, adivinhava-se facilmente que o mesmo interesse os prendia a um só assumpto.

Eram ambos de meia idade; um, porém, apparentava ser mais velho e de melhores costumes que o companheiro. Em si nada tinham afinal que pudesse chamar a attenção ao primeiro lance de vista: trajavam vulgarmente roupas baratas e cada qual trazia o seu chapéu de sol, como um symbolo de paz burgueza.

Assentaram-se defronte um do outro, pediram cerveja nacional e proseguiram na conversa com o mesmo cauteloso empenho.

Deu meia noite. Os sujeitos que ainda occuparam as mesinhas do café, foram desapparecendo, até que o dono da casa, dirigindo-se aos dois ultimos, lhes participou que desejava fechar as portas.

Então o que parecia menos velho atirou os olhos para o relógio, fez um signal affirmativo e, sempre a conversar, ganhou com o companheiro a rua.

— É o que lhe digo, segredou-lhe o outro, quando sahiam; pôde contar commigo! Diga ao commendador que estou prompto para o que der e vier...

— Posso então dizer ao commendador Portella que você quer?!...

— Póde.

— Bem, nesse caso, precisamos amanhã mesmo entender-nos com elle. Onde nos devemos encontrar?...

— Onde quizer. Aqui no café por exemplo.

— Está dito. Então até lá.

— Até! respondeu o companheiro, tomando o largo de S. Francisco.

Mas voltou pouco depois, para perguntar ainda alguma cousa ao ouvido do outro.

— Não! respondeu este; o melhor é levar você uma boa navalha! Deixemo-nos de innovações! Cada um com o que aprendeu!

— Bem...

E separaram-se.

Entretanto, a Menina do bandolim seguia pela rua do Theatro, com o passo seguro e apressado de quem não deseja demorar-se pelo caminho. Um

homem, sahindo de uma esquina, pretendeu apoderar-se d'ella; Gregorio porém não lhe dá tempo para isso, collocando-se entre os dois e repellindo o aggressor a bengaladas.

A mocinha soltou um grito, chegou-se para o irmão, e deitou com este a correr em direcção contraria á que levavam.

— Diga ao barão que ainda não foi d'esta vez! gritou Gregorio para o sujeito a quem espancára, e seguiu o rumo que tomára a sua protegida.

Quando se convenceu de que ella estava fóra de perigo, retirou-se para casa.

A menina, com o sobresalto em que ficou na occasião de ser aggreddida, não pode agradecer a generosidade de Gregorio, mas guardou bem na memoria a sua physionomia e desde então principiou a distinguil-o intimamente com certa estima.

Só dois mezes depois do conflicto se tornaram a encontrar. Ella, como n'essa occasião estivesse em meio de uma peça que tocava, limitou-se a cumprimental-o com a cabeça e a sorrir para elle de modo reconhecido; mas, terminada a musica, pousou o bandolim sobre uma cadeira e, depois de receber a esportula das mesas, foi agradecer-lhe de viva voz o obsequio que havia recebido.

— Nunca mais lhe succedeu outra? perguntou-lhe Gregorio.

— Não, senhor. Depois d'aquella vez faço-me acompanhar sempre por mais um parente meu, que me vem buscar aqui.

E ficaram um instante a conversar, quando Gregorio reparou que uma mulher havia parado á porta do café, a olhar investigadoramente para elle. Reco-

nheceu-a logo e correu ao seu encontro. Era a viuva.

— Muito bonito!... disse esta, quando Gregorio conseguiu alcançal-a. Póde voltar para onde estava!...

E como Gregorio ficasse a rir com ar de pouco caso : — O Sr. nem precisava levantar-se para vir ter commigo!... era melhor que ficasse lá mesmo!...

— Deixa-te disso!

— Vou deixar-me é de ligar tanta importancia a quem não o merece!

N'este ponto foram interrompidos por duas senhoras, que pararam para fallar com Julia.

Gregorio despediu-se e seguiu a direcção contraria ao café da Menina do Bandolin. No fim da rua parou, comprou charutos e, á vista de um annuncio de espectáculo, resolveu ir ao theatro.

Ao entrar na platéia teve de afastar-se para dar passagem a uma familia, composta de tres senhoras e um cavalheiro.

— Oh! O Gregorio! exclamou este ao vê-lo, e escancarou os braços expansivamente.

— Roberto! gritou o rapaz, atirando-se-lhe nos braços. Não sabia que tinhas voltado!

— Vim hontem.

— Mas como foste lá pelo norte? Que fizeste? Que me contas de novo?...

— Nada, isto é, casei-me. Olha, aqui tens minha mulher...

E voltando-se para uma das senhoras : — Sinhá-sinha, este é o Gregorio, um menino que deixei quasi do tamanho desta bengala e venho encontrar mais alto do que eu! E accrescentou, cortando uma risada e designando as outras senhoras : — D. Januaria, velha amiga de minha mulher, e sua bella filha

adoptiva, D. Clorinda. — Amanhã has de ir jantar commigo e ficas prevenido de que te não dispense um só domingo!

E o espectáculo passou-se todo em conversa.

Ao levantar-se no dia seguinte, Gregorio notou que sentia no coração um desejo vago, e, n'esta duvida, neste estado vacillante da vontade, passou a manhã inteira e passou tambem todo o jantar, apezar da alegria ruidosa de Roberto.

Só á noite, com a chegada de D. Januarina e da pupilla, é que Gregorio conseguiu descobrir o que tanto desejava elle esse dia — era vêr Clorinda.

Não esperou segundo convite para jantar todos os domingos com o amigo. Duas razões o levavam a isso : a primeira porque aquelle costumava reunir em casa algumas pessoas, entras as quaes D. Januarina e a sua adoravel filha adoptiva ; a segunda razão saberá o leitor d'aqui a pouco. Por emquanto precisamos fallar de outra cousa.

As reuniões do Dr. Roberto eram muito limitadas; pouca gente apparecia além da que acabámos de citar.

A mulher, D. Carolina, não dava muito para etiquetas, se bem que fosse de seu natural amiga de agradar e servir. Gostava, porém, que não a tirassem da sua liberdade e do seu commodo.

Isso mesmo dizia o ar descançado e bondoso da sua figura gorda e lymphatica ; comtudo, era muito raro se lhe surprehender nos labios o menor gesto de contrariedade.

Gregorio, quando a visitou pela primeira vez, passou algumas horas assentado ao seu lado, e sentiu-se durante esse tempo ir pouco a pouco penetrando

do ar morno, indifferentemente satisfeito, que respirava d'ella toda, como a propria temperatura do corpo.

Carolina não se levantára sequer para o receber, mas demorára nas suas mãos algum tempo a do rapaz, e indagára-lhe da saúde com um riso esparrinhado por todo o rosto. Às vezes parecia que ella se deixava ficar assim a sorrir indeterminadamente, por esquecimento ou por preguiça de suspender o sorriso.

Suas feições estavam sempre abertas, como as gavetas de um desmazelado; mas olhava-se para dentro d'ellas, com o desinteresse com que se olha para o interior de gavetas vazias.

Nada a sobresaltava, nada a affligia. Pela manhã, ás dez horas, a criada ia ajudal-a a sahir da cama para o banho morno; servia-lhe depois uma papa de leite e farinha de mandioca, e passava a penteal-a, calçal-a e vestil-a. Durante esse tempo ás duas, senhora e criada, conversavam, devagar, mollemente, assumptos bambos, sem interesse para ninguem e massadoramente virgulados de grandes pausas.

Carolina gostava em extremo que lhe mexessem na cabeça, estimava que a criada demorasse bem o arranjo de seus cabellos, durante o qual se repoltreava ella na cadeira, toscanejando uma voluptuosidade surda e espessa, de gata saciada.

Às vezes adormecia n'essas occasiões e era preciso que a criada a chamasse depois para a almoço.

Comia muito compassadamente, aos bocadinhos, como uma criança gulosa. Era doida por doces e quitutes. Quando passava pelo assucareiro tirava em

geraf um pouco de assucar, com que cobria a lingua. Fazia muita questãõ na escolha dos pratos. Recomendava de vespera, durante o almoço ou o jantar, o que lhe appetecia comer na dia seguinte, e a algumas iguarias mais do seu gosto, como por exemplo a moqueca de peixe, ella só saboreava sem talher, á mão.

O marido por muito tempo procurou reagir contra esses habitos sedentarios, expoz á mulher os inconvenientes de uma existencia sem exercicio, sem preocupação de especie alguma, offereceu-lhe livros, lembrou-lhe a jardinagem, fallou de tudo o que podia honestamente prender o espirito de uma scnhora ou obrigar-a a qualquer esforço physico; mas nada conseguiu; Carolina não se abalára e, quando o marido insistia muito nas suas costumadas censuras, ella respondia com todo o descanço :

— Ora, seu Roberto, deixe cada um com seu genio!...

E Carolina ficou no que era.

Esteve grávida, e a grádivez só lhe parecia antipática, porque a abrigava a sahir um tanto dos seus habitos sedentarios. O filho tomou a resolução de morrer antes do nascimento. E fez bem.

Contrastava vivamente com o typo da dona da casa, uma de suas visitas mais constantes e mais da sua intimidade — D. Josephina de Britto; a mesma que no primeiro capitulo, por occasião do gorado casamento de Gregorio, tão indignada se mostrou, na qualidade de madrinha, com o estranho procedimento do noivo.

D. Josephina era a antithese perfeita da amiga. O que tinha esta de flacida e molleirona, tinha a outra



de activa, impaciente, curiosa e ralhadeira. Nunca ficava socegada num lugar : de manhã á noite vivia a saracotear pela casa, a dar fé de tudo, até que enfiava o vestido, punha a capa e corria ás amigas para boquejar sobre os conhecidos.

Fallava de tudo o de todos sem o menor escrupulo, e desconfiava de toda a especie de homem, passados, presentes e futuros. O longo e rigoroso celibato, a que sempre vivera amarrada e que por muito tempo lhe zurzira os nervos, acabára por tornal-a frenetica e ruim. Josephina tudo perdoava a qualquer pessoa, menos a felicidade do amor, nem admittia que alguém tomasse a serio isso a que ella chamava « Mal de tolos! »

N'esse ponto extremava perfeitamente com a outra, que se comprazia em acompanhar voluptuosamente o progresso de qualquer namoro, e até a auxiliar-o ; o que muito devia aproveitar a Gregorio, como effectivamente teremos occasião de vêr mais para diante.

Mas deixemos tudo isso á margem. para nos occuparmos da segunda razão que levou Gregorio a jantar todos os domingos com o Dr. Roberto.

Essa razão era a circumstaneia especial de haver se retirado para a Europa a familia com quem morava o rapaz.

Tal razão parecerá pouco obvia á primeira vista, porém não é. O leitor, se nunca morou em familia ou se nunca teve que separar-se d'aquella com quem convivera indefinidamente, não poderá avaliar o alcance do que avançamos ; mas, se ao contrario, o leitor é um d'esses muito infelizes, que de um momento para outro se vêm privados das pessoas

com quem habitava, para seguir um destino de desordem e bohemia, o leitor n'esse caso avaliará o peso de nossas considerações e sentirá o valor da oppressão em que ficou o nosso pobre heróe com a partida da familia entre a qual vivia.

É preciso ter experimentado o que isso é, para saber quando custa. Antes da separação não seríamos capazes de imaginar o estado em que ficamos ; então, até se nos affigurava que a cousa não havia de ser objecto de pena e magua. Supponhamos que a vida exterior, com seus theatros, as suas palestras de café, os seus almoços ruidosos e cheios de riso, as suas aventuras picantes, as suas peripecias, as suas alegrias ephemeras, compensariam perfectamente a convivencia habitual e burguezmente amigada d'aquelles com quem moravamos. Illusão ! pura illusão ! A rua, o theatro, as *soirées*, os passeios, a conversa descuidosa dos amigos, não substituem absolutamente o que nos falta em casa. Todo esse conjuncto de impressões, todo esse barulho de goso mais ou menos passageiros, não nos enchem o vacuô insondavel deixado por aquelles, em cujos corações nos podíamos refugiar confiantemente, quando voltavamos desilludidos e cançados de percorrer toda a escala das falsas sensações exteriores.

Abençoados lares ! Quão pouco é necessario para o bom resultado de vosso mister sagrado e consolador ! Uma pequena vivenda humilde e pobre, um pouco de sol, um pouco de ar, o producto de algumas horas de trabalho, tudo isto illuminado de amor e boa vontade — e eis ahi os elementos de uma felicidade completa.

Comparaes os dois destinos. De um lado o desaf-

feição pandego, que vive au *jour le jour*, comprando folego a folego a sua vida inutil e egoista; do outro lado o trabalhador modesto, que moureja durante o dia para prover a subsistencia da mulher que ama e a dos filhinhos que á noite o esperam. Um vae aos theatros, bebe, ri, galanteia as mulheres, mas volta para a cama do hotel em que mora ou da amante que lhe pertence na occasião, com o corpo cançado e gasto e a alma desconfortada e fria. Tudo lhe causa aborrecimento, tudo o enche de tedio — os amigos, os prazeres e o proprio vicio. Accorda sempre de máo humor, não encontra em cousa alguma um lado que o seduza e prenda. Enquanto o outro, o burro de carga, aquelle que durante o dia, em vez de gastar, ganhou; aquelle que devia ao chegar á noite sentir-se cançado e indisposto, esse entra em casa quasi sempre cantarolando e sempre sorrindo; abraça a mulher, beija os filhos, affaga o cão, dá uma vista d'olhos pelo jardim e assenta-se ao lado dos seus para ceiar, feliz, confortado, fortalecido pela dignidade do seu esforço, abençoado por aquelles que vivem da sua actividade e do seu amor, e afinal deita-se a dormir, tranquillamente, com o coração despreoccupado, o sangue fresco e a consciencia lisongeada.

Taes foram as considerações que fez Gregorio, quando se sentio só e desamparado de qualquer affeição domestica.

Que terrivel noite a primeira que elle passou, depois que partiu a familia com quem morava! Tudo lhe parecia triste e insociavel; tudo o encarava com uma physionomia dura e antipathica; os mesmos trastes da casa, d'antes tão familiares e

amigos nas conversas de depois do jantar, se mostravam agora concentrados e macambuzios, como se tivessem alguma razão de quiexa contra elle; parecia que os moradores haviam morrido todos e que andavam seus espiritos a pairar nos ares silenciosamente, como o fumo preso dentro de uma sala.

Foi n'estas circumstancias que viu pela primeira vez Clorinda e que accitou sem discutir o convite para jantar aos domingos em casa do Dr. Roberto.

Gregorio sonhára quanto não seria bom fazer existencia ao lado de uma mulher moça, bonita e carinhosa.

— Definitivamente era preciso casar! pensava elle; aquella vida miseravel de homem solteiro não lhe poderia convir! ganhava o bastante para si e para a mulher; não tinha por conseguinte razões que o forçassem a contrariar as suas aspirações e... diga-se tudo, o seu amor. porque afinal de contas já amava Clorinda e já não podia imaginar a felicidade senão em companhia d'essa creatura adoravel.

A viuva, sem que ninguem lh'o dissesse, comprehendeu e avaliou tudo o que se passava no espirito do seu amante. Como mulher de experiencia, adivinhára, ao primeiro symptoma dos novos amores de Gregorio, a tempestade que se armava, e, ainda como mulher de experiencia, tratou de disfarçar o seu sobresalto e desviar a nuvem carregada de electricidade.

Mas tudo foi debalde: pouco depois Gregorio pediu Clorinda em casamento e as cousas tomaram o caminho que o leitor já conhece.

Mal sabiam, coitados! o que lhes estava reservado ainda!

## VII

### APALPADELAS

Julia, ao sahir da secretaria de policia, levava o coração encharcado de sobresaltos ; as duvidas, os terrores, as saudades do amante, enchiam-na toda de uma grande tristeza hysterica.

Entrou em casa sem dar uma palavra á criada, que a seguia com olhos espantados. Depois, arremçou o chapéu, a capa, e afinal a roupa, e deitou-se de bruços na cama, a soluçar desesperadamente.

A's sete horas da manhã, quando a criada penetrou no seu quarto, para lhe entregar um papel que vinha da policia, achou-a já de pé e vestida em trajos de sahir.

— Que mais teremos?! perguntou ella comsigo, sem disfarçar o aborrecimento.

Era uma nova intimação policial.

— Ainda está ahi o portador d'isto? perguntou á criada, depois de correr os olhos pelo papel que tinha nas mãos.

— Não, senhora ; retirou-se. ~

— Bem. Eu saio depois do almoço. Olha, se na minha ausencia vier procurar-me quem quer que

seja, dize-lhe que tenha a bondade de esperar um pouco. Não me demorei.

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando vibrou fóra a campainha. A criada correu ao portão, e voltou logo, dizendo que um homem de meia idade e bem vestido procurava pela senhora.

— Faze-o entrar para a sala.

E a criada fez entrar o Dr. Roberto.

— Desculpe-me, se tomo a liberdade de incommodal-a, minha senhora, sem ter a honra de conhecê-la, mas desde hontem que ando doido por saber qualquer noticia a respeito de Gregorio; e, já por que me consta que elle não lhe é igualmente indifferente, como porque sei que V. Ex. conversou com a noiva e conversou tambem com a policia, não resisti ao desejo de vir pessoalmente pedir-lhe que me diga com franqueza o que é feito d'esse pobre moço, a quem estimo como se fosse meu filho. Ia ser seu padrinho de casamento e fui por bem dizer o padrinho do seu amor...

— Ah!

— Elle conheceu Clorinda em minha casa, e eu, convencido de que só a familia traz consigo certa estabilidade e certo amor pelo trabalho, procurei o melhor que pude approximal-os um do outro.

— Ah!

— Gregorio, continuou o Dr. Roberto; tem bom character, muito coração, algum talento, mas muito pouco juizo. É dos meus! A vida de solteiro acabaria por inutilisal-o completamente; sonhei aquelle mallogrado casamento como se fosse eu proprio o noivo! Calcule, por conseguinte, minha senhora, como não estarei desapontado, tonto, com o que se passou, e

como não estarei louco por saber que fim levou o nosso pobre Gregorio!

— Elle amava muito a noiva?

— Extraordinariamente.

— Sabe d'isso com toda a certeza?...

— Que interesse o poderia levar a casar senão o amor?...

— E ella correspondia a esse affecto?

— Creio que com o mesmo enthusiasmo. Porque me pergunta isso, minha senhora?

— Naturalmente porque isso me interessa. O senhor foi o unico encaminhador do casamento de Gregorio?

— Pelo menos o mais empenhado para que elle se realisasse.

— E tem ainda esperanças n'essa realisação?

— Terei depois que V. Ex. m'as dér, declarando o que sabe a respeito de Gregorio...

— Eu sei tanto como o senhor.

— Não sabe então nada a esse respeito?!

— Nada?! Pois o senhor não está a par das pesquisas policiaes sobre Gregorio? não sabe que elle é accusado de um crime de morte e de roubo?!

— É impossivel! exclamou o doutor, fazendo um gesto de indignação.

— É a verdade! sustentou Julia com tristeza. Infelizmente, é a pura verdade!

— Mas o que os levam a suppôr semelhante cousa?

— Sei cá! O facto de haver elle desaparecido por occasião do crime, o facto de ter elle sabido que a victima recebera n'esse dia vinte contos em dinheiro, e emfim o facto de ser encontrado no logar do delicto um anel que pertencia ao accusado.

— É inacreditavel!...

— O que mais me admira é não estar o senhor a par de tudo isto!

— Como poderia estar, se ainda não voltei á casa da noiva; tenho gasto o meu tempo a procurar Gregorio por toda a parte. Quando soube que elle desaparecera, corri ás Laranjeiras; o Jacob, porém, não me adiantou a menor idéa...

E os dois conversaram ainda largamente sobre o mesmo assumpto, sem que nenhum d'elles conseguisse achar o fio do enigma.

O Dr. Roberto retirou-se afinal para casa, torturado de incertezas e receioso de uma grande calamidade.

Julia compareceu ao novo inquerito.

— Conhece a Menina do Bandolim? perguntou-lhe o chefe de policia ao cabo do seu interrogatorio.

— Póde ser, mas se a conheço não ligo o nome á pessoa.

— Tenha a bondade de vêr este desenho; elle dá uma idéa perfeita de quem fallamos.

E o chefe passou á viuva um quarto de papel branco, onde havia um esboço á penna.

Julia mal olhou para o papel, exclamou:

— Ah! Já sei! Agora sei quem é.

E, apezar da situação, não poude deixar de rir.

Era uma excellente caricatura da Menina do Bandolim, desenhada a traços largos pelo Raul Pompeia. Esse desenho mais tarde foi reproduzido pelo proprio autor e offerecido á galeria da saudosa *Gazetinha*, d'onde o subtrahiu naturalmente algum policia secreta



— D'onde a conhece? perguntou em seguida o chefe.

— De uma noite, em que por acaso a vi conversando com Gregorio á mesa do café de Java.

— Sabe quaes eram as relações entre ella e o accusado?

— Absolutamente; calculo, porém, que não passariam de um ligeiro namoro sem consequencias. Essa menina é honesta...

— Conhece a letra do accusado?

— Perfeitamente.

— Tenha a bondade de vêr esta carta.

E passando-lhe uma carta que tirou de um maço de papeis : — Parece-lhe escripta por elle?

— Sim, esta letra é de Gregorio ou muito se assemelha á d'elle.

— Faça o favor de lêr, disse o chefe.

Julia leu o seguinte :

« Querida Thereza. » Mas como fizesse logo um ar de duvida, o chefe esclareceu :

— Thereza é o nome da Menina do Bandolim.

— Ah! disse a viuva, e continuou a leitura : « Hontem não me foi possivel vêr-te um só instante : o trabalho prendeu-me até tarde; hoje, porém, creio que terei a ventura de contemplar-te por muito tempo. Se até lá não me houverem já devorado as saudades, aproveitarei a occasião para te communicar que chegou o momento de transformarmos a nossa sorte. Vae realisar-se aquillo, e com isso se realisará tambem o nosso casamento. Ah! quanto sou feliz só com pensar em semelhante cousa...

Adeus, até logo, pensa um pouquinho em mim e tem confiança na minha coragem. — Teu G. »

Seguia-se a data.

— Essa carta foi escripta justamente na vespera do crime, affirmou o chefe.

— Mas eu então nada entendo de tudo isto, porque a vespera do crime era egualmente a vespera do casamento de Gregorio.

— A senhora possui a letra do accusado?

— Sim, senhor, e creio que a tenho aqui mesmo, respondeu a viuva, remexendo na sua bolsa. Ah! cá está um bilhete seu, accrescentou ella, passando uma tira de papel ao chefe de policia.

O bilhete constava apenas disto :

« Nhanhan.

Não posso ir, como prometti, fazer-te companhia domingo ao jantar. Chegou da Europa um velho amigo meu, o Dr. Roberto, e tenho de estar com elle esse dia.

Desculpa e recebe saudades

Do teu. »

Não havia assignatura. O chefe perguntou quem era aquelle Roberto e, depois de sahir a viuva, ordenou que o intimassem para comparecer á sua presença.

Continuava pois o processo, mas a policia principiava a desesperar do nenhum exito dos seus trabalhos de investigação. Os depoimentos seguiam-se quasi sem intermittencia; nada porém de apparecer o auctor do crime! Os corpos de delicto destruiam-se uns aos outros. Fez-se o interrogatorio do velho Jacob, da noiva, dos padrinhos, dos convidados para o casamento, e nada!

Gregorio não apparecia, nem tão pouco apparecia algum indício que servisse de orientação.

Entretanto, Clorinda foi pouco a pouco se habituando á idéa da ausencia do seu noivo e voltando aos habitos primitivos de menina. A viuvez sem luto não é viuvez. Regressavam-lhe em breve os sorrisos ao rosto, como voltam as flôres na primavera.

Passaram o primeiro e o segundo mez, ao terceiro já as cousas pareciam novamente mettidas nos seus eixos. A casa de D. Januaria retomava o ar que possuía antes do mallogrado casamento; veiu de novo o commendador Portella. sempre muito preocupado com a sua pessoa, veiu D. Josephina com o seu máo genio, veiu o Dr. Roberto, acompanhado pela sua inalteravel esposa, e veiu o João Rosa, aquelle sujeitinho magro e activo, que no primeiro capitulo parecia muito empenhado no bom exito do consorcio.

Aos domingos, á noite, reuniam-se elles invariavelmente em casa de D. Januaria, ou em casa do Dr. Roberto.

É em uma d'essas noitadas de palestra, que os vamos encontrar agora todos juntos em casa da boa velha.

São oito horas. O commendador acaba de entrar, de fitinha ao peito, e corre um por um os circumstantes, a cumprimental-os com enormes phrases.

— Oh! A nossa querida Sra. D. Januaria, como tem passado, depois da ultima vez em que tive o prazer de vê-la? pergunta elle á mãe adoptiva de Clorinda, apertando-lhe a mão, todo vergado para frente, a bambolear o corpo.

— Assim, assim... respondeu aquella, dando um suspiro.

— Ah! os tempos não andam bons! não andam! Ainda hontem, conversando em uma soirée do ministro da fazenda, com a viscondessa da Boa Estrella, disse-me ella que ultimamente tem uma pequena febre todas as noites...

E voltando-se para os outros :

— É verdade! Sabem quem está também incomodado? o barão de Mesquita! Terça-feira, quando jantavamos juntos... jantar simples, intimo, sem cerimonia! Ah! Elle é muito meu camarada! tanto como o visconde do Bom Retiro! Mas bem! jantavamos juntos, e o barão de repente leva a mão ao estomago e empallidece. Coitado! Não lhes digo nada! Só hontem conseguiu deixar a cama!

— Sim? perguntou por condescendencia o João Rosa, a quem mais directamente parecia dirigir-se o commendador.

— Pois não! confirmou o gabarola. Mas o que quer o senhor?!... nós todos estamos sobre um grande pantano! Sim! o Rio de Janeiro é um grande pantano! Não acha, doutor?

— Está visto! respondeu Roberto.

— Pois bem, quaes são as medidas empregadas para sanar o mal? Nenhuma! Projectos não faltam, mas quanto á realisação... Encarregasse-me eu de providenciar sobre isso, e viriam os resultados! Havia de arriscar bom dinheiro, havia! Mas juro-lhe que o trabalho appareceria! Oh! nós aqui não temos iniciativa de especie alguma!... Uma vez, em Pariz, quando visitei o Thiers, disse-me elle que o Brasil estava fadado a representar um papel importantissimo nos seculos futuros; eu lhe respondi, batendo-lhe no hombro : « Meu bom Sr. Thiers, não julgue

o Brasil pelos relatorios officiaes e pelas descripções européas. O Brasil... »

Mas foi n'isto interrompido por dois rapazes, que acabavam de entrar na sala.

— Ah! disse D. Januaria, reconhecendo um d'elles; sempre veiu? E acrescentou para os outros : É o Sr. Duque Estrada, filho de uma das familias que me honram com a sua estima.

— É parente do senador?...

— Não, senhor, respondeu o rapaz; não temos parentesco algum.

E chegando-se mais perto da dona da casa, disse-lhe, indicando o companheiro : — Tenho a honra de apresentar-lhe o meu distincto amigo Adelino Fontoura, um bello talento!

— Oh! disse o Fontoura, vergando-se reverentemente, dentro do seu croisé preto.

E, depois de uma troca geral de cumprimentos, os dois recém-chegados foram collocar-se no vão de uma janella.

— Muito se parece este rapaz com o filho de um lord que conheci nos salões da princeza Rattazi, disse o commendador, mostrando o Duque Estrada.

Era este um moço magro, espigado, barba loura partida no queixo; vestia-se á moda, mas com simplicidade, e tinha na physionomia o ar condescendente e attencioso dos homens educados no seio da familia.

O outro era de menor estatura, feições mais varonís, mais reforçado de membros, um pouco aspero de rosto, cabeça grande, achatada no craneo e cabellos pretos muito curtos e lustrosos.

— Aquella é que é a tal menina do celebre casa-

mento?... perguntou Fontoura discretamente ao companheiro, indicando Clorinda, que em um dos angulos da sala conversava animadamente com o João Rosa.

— É, respondeu o outro.

— Encantadora! accrescentou o Adelino. E aquelle exquisitão do Urbano Duarte havia dito, no seu folhetim de domingo, que ella era feia!...

— Ora!... desdenhou o Estrada, que havia chegado o ouvido perto da bocca do amigo; tu bem sabes quem é o Urbano para julgar mulheres! O Augusto Off, por exemplo, juro-te que é de minha opinião.

— Mas então está ella já de namoro com aquelle sujeito?...

— Não sei.

— Pelo menos conversam muito animadamente! O que são as mulheres... disse o Adelino, sacudindo philosophicamente a cabeça! Ainda não ha quatro mezes que ia casar com o tal Gregorio, e já parece hoje resolvida a acceitar outro. Quem é aquelle sujeito, conheces?

— Aquelle que conversa com ella?

— Sim.

— Ah! de vista. É um typo ahi do commercio; creio que empregado em uma casa de café. Parece estimado.

— Acho-o com cara de tolo!

— Dizem que não, que é um sujeito muito fino para negocios.

Clorinda levantou-se e foi para o piano.

— Já me tardava! resmungou Adelino, quando ouviu as primeiras notas da musica.

Na occasião em que os dous companheiros se reti-

raram, um d'elles fez notar ao outro a insistência com que João Rosa olhava para Clorinda.

— Fiem-se em mulheres!... resmungou Adelino.

Clorinda com effeito recebia agora com menos severidade a côrte de João Rosa. Resistira a principio, chegou a repellil-o uma vez com energia, elle porém voltára pacientemente, humilde, a repetir os seus protestos de amor. Ella hesitou; não disse abertamente que não, mas também não disse que sim. Ficaram no — talvez.

D. Januaria é que pouco se mostrou preocupada côm o novo pretendente da pupilla; outra idéa a atormentava : é que ha dois mezes não recebia a mezada, que até ahi lhe chegava ás mãos, e esta circumstancia a vinha collocar presentemente em sérios embaraços.

Mais um mez sem mezada e a miseria abriria as fauces medonhas e patentearia as unhas desapiedosas.

Foi o que veiu a succeder. A suspensão da mezada collocou D. Januaria em formidaveis apuros. A pobre senhora teve logo de encurtar a mão sobre umas tantas despezas e tomar encommendas de engomagem e costura.

Mas isso não bastava; o trabalho da mulher, por mais valioso que seja, é sempre estreito e mal recompensado. Embalde, mãe e pupilla, puxaram heroicamente pela agulha e pelo ferro de engommar; embalde velavam grandes serões á luz de um bico de gaz : nada chegava — os recursos iam minguando de dia para dia, e a casa ia perdendo o ar prospero que até ahi gosára.

Conchegavam-se os horisontes, e as duas mulheres

estrémeciam, sentindo já de perto o tossir impertinente da miseria e o terrível estalar das suas sordidas moletas. Para onde fugiriam ellas do espectro sinistro que se avizinhava a passos funebres? No deserto da sua pobreza não avistavam refugio, nem uma só palmeira amiga, que de longe lhes acenasse, chamando-as á sombra hospitaleira.

E assim, mais e mais se foram ambas retrahindo. Fecharam-se ás visitas que lhes pudessem acarretar o qualquer despeza; privaram-se de tudo que não fosse restrictamente indispensavel. Em breve seria necessario, depois de vendidas as joias, arrancar do fundo da gaveta alguns d'esses objectos de valor, que ás vezes certas velhas conservam como a ultima lembrança de um passado feliz.

Ah! é como se os arrancassemos do fundo do coração! Qual é a mãe, qual é a avósinha, que não guarda, embrulhados em papel de seda, os brincos com que casou ou a medalha em que guardava o retrato do marido ou do filho? Quem não possui um d'esses legados da felicidade, que, por mais insignificante, não represente toda uma existencia extincta?...

Depois de vendido o piano, a mobilia da sala de visitas e o mais que podia dar alguma cousa, D. Januaria, na contingencia de obter dinheiro, resignou-se á separação dos poucos objectos de luxo que conservára do tempo do marido. Abriu a velha gaveta de sua commoda, mas, ao tocar em uma caixinha de madeira pollida, embalsamada pela antiguidade, as mãos principiam-lhe a tremer e as lagrimas saltaram-lhe dos olhos.

Estava ahí um collar de perolas, que o marido lhe atára ao collo na noite do casamento. N'esse tempo



ella era formosa, moça e cheia de esperanças. Como assentavam bem aquellas perolas na sua pelle morena e fresca! mas como desmereciam de brilho e brancura, quando ella sorria e mostrava as outras perolas da bocca! Estas entretanto amarellecera e cahiram, como as folhas no outomno, e aquellas conservavam o mesmo brilho primitivo e a mesma seductora alvura.

Ao vêr esses objectos, testemunhas da sua extincta mocidade e cúmplices discretos da sua longinqua ventura, a pobre senhora transportou-se ao passado e ficou a meditar longamente. Que lhe restava de tudo isso?... Que ficou de tanto amor, de tanta belleza, de tanta juventude?..

— Nada! só ella! Ella que, por bem dizer, já não existia!...

E, tomando nas mãos tremulas os objectos que tirára da caixinha, beijou-os repetidas vezes, a abafar os soluços, para que Clorinda não os ouvisse da sala proxima.

— Mas é sempre certo que te tens de separar d'elles? perguntava-lhe o coração, a gemer. Não reparas, velha desalmada! que esses objectos são a unica cousa que te falla do passado? não reparas que em torno de ti já morreram todos aquelles que viveram no teu tempo, aquelles que te amaram e te viram bella?! Despede-os, vende-os, mas vae-te tambem embora para a tua cova, que nada mais tens de fazer cá no mundo!

Clorinda, que se approximára da mãe, sem ser sentida, encontrou-a a gesticular n'este mudo dialogo, a mexer com os braços e a sacudir a cabeça, desvairadamente, em grande trasbordamento de lagrimas.

— Que é isto, mãesinha?! Que tem a senhora?!

A velha olhou-a com sobresalto, e guardou contra o seio despojado o cofre das suas estremecidas reliquias.

— Mãesinha! Valha-me Deus! Diga o que tem!

A velha não respondeu e continuou a encaral-a com desconfiança.

Havia desaparecido de seu rosto a doce expressão de bondade e ternura, e os olhos della scintillaram com furia.

Clorinda recuou, tomada de um grande terror. O vulto esquelectico da mãe fazia-lhe medo n'aquelle momento. A velha afastou-se, a olhar sempre desconfiadamente para os lados, e foi metter-se no canto mais sombrio da casa, abraçada á caixinha que levava comsigo.

Clorinda não se animou a seguil-a; a idéa de que a velha enlouquecera e fosse capaz de estrangulal-a no mesmo instante, atravessou-lhe o espirito e agitou-lhe o corpo inteiro n'um estremecimento de medo. Quiz chamar por alguém, quiz pedir soccorro, mas nada lhe occorria nesse momento; afinal, ouvindo no interior, da casa, os passos tropeços de Januaria, ganhou o corredor e atirou-se para a rua.

Já não era a mesma rapariga. Principiava a emmagrecer e descorar. O trabalho exaggerado e as noites de fadiga queimaram-lhe os olhos, ainda pouco antes tão transparentes; as faces seccáram com o máo trato; a bocca resfriou com a ausencia do riso, que era a sua alma; e o rosto despiu-se d'aquella frescura virginal, como a flôr sem sol perde o perfume e deixa pender tristemente seu calice emmurchecido.

Ella parou no meio da rua, attonita.

Era a primeira vez que se achava assim, em trajos de casa, ás vistas brutacs dos vizinhos e dos transeuntes.

— Mas o que lhe competia fazer?! Para onde devia ir?! Ah!

Teve uma idéa. Procurar o Dr. Roberto, contar-lhe o que se passára e pedir-lhe soccorro.

Mas o Dr. Roberto morava no Rio Comprido, não sabia ella em que altura, eram mais de seis da tarde, faltava-lhe dinheiro para tomar um carro, e D. Januaria precisava de cuidados immediatos.

E, n'esta conjunctura, aguilhoada pelo pudor e pelo medo, encostou-se á parede da casa, e escondeu o rosto para que não vissem as suas lagrimas.

N'este estado sentiu que alguém lhe tocára no hombro, voltou-se rapidamente, e deu, face a face, com Julia Guterres.

— Ah! disse a pobre menina.

— A senhora não é a noiva do Gregorio? perguntou a outra.

— Sim, sou eu! Não me estranhe vêr aqui! Mãesinha creio que enlouqueceu! Tenho medo. Veja como tremo!

— Como está mudada!... Mas o que tenciona fazer a senhora?

— Não sei! não conheço as ruas, não conheço ninguem! Tenho medo de voltar. Se visse como ella está!...

— Sua mãe?

— Sim; está furiosa! Não sei o que faça!

— Quer ir commigo?

— Não tenho animo de abandonar mãesinha!

— Vamos buscar um medico?

— Pois sim.

E a viuva chamou o primeiro carro que atravessou a rua e metteu-se dentro d'elle com Clorinda.

Mas logo depois de dobrar e esquina, Julia fez parar o carro e gritou para aquelle rapaz louro que vimos conversar em uma roda no café em que tocava a Menina do Bandolim : — Dr. Trovão! Dr. Trovão! tenha a bondade!...

E depois de fallar-lhe em voz baixa, seguiram os tres para a casa de D. Januarina.

Anoitecia.

## VIII

AQUI ANDA COUSA!

Não trocaram uma palavra durante a viagem. Clorinda, a um canto da carruagem, resfolegava dos sobresaltos que soffrêra essa tarde; o Dr. Trovão meditava sobre o que lhe dissera a viuva; e esta, concentrada e triste, perdia-se a contemplar silenciosamente o rosto desfeito e sombroso da outra.

Não era sómente o desejo de fazer bem a Clorinda o que a levára a offerecer-lhe serviços com tanta solícitude; havia n'isso tambem uma parte de interesse proprio — a viuva precisava ouvir fallar de Gregorio.

O leitor, se algum dia se deixou absorver por um amor sem limites, e se, depois de haver resignado no objecto d'essa paixão todos os conductos da felicidade e da paz, se viu constrangido a consentir que elle fugisse e que o deixasse, só, a braços com o desejo, que consome, e a braços com a saudade, que alimenta — deve ter notado que a essa dolorosa ruptura lhe sobreveiu ao coração um desejar constante de vêr e ouvir tudo aquillo que lhe recordasse o ente fugitivo e saudoso.

N'esse estado passamos a descobrir grande interesse n'aquillo que ha pouco nos era alheio e indifferente. Parece que o coração, não podendo possuir inteiro o objecto amado, quer reconstruil-o pelos fragmentos do seu ser espalhados pela natureza. E assim vamos apanhando, aqui e alli, tudo o que lhe diz respeito, tudo o que o recorde, tudo o que revele um signal da sua passagem. As palavras de alguém que o conhece e que teve occasião de lhe fallar, dão-nos um prazer extraordinario. A simples presença de alguma pessoa que nos lembre a mulher amada, faz-nos pulsar com mais força o coração. A cadeira em que ella se assentava quando estavamos juntos, o espelho em que se mirava, endireitando os cabellos antes de partir, tudo isso nos falla do nosso amor e da nossa saudade, tudo isso nos transporta para as épocas felizes em que a possuíamos.

Julia, com respeito a Gregorio, estava justamente n'esse caso. Desde que elle se ausentára, a desditosa viuva principiou a sentir-se attrahida para tudo aquillo que lhe recordava o amante. Gostava de encontrar-se com o Dr. Roberto, procurava relacionar-se com alguns outros amigos de Gregorio.

E nestas circumstancias bem se pôde calcular o interesse proprio que a levou a socorrer Clorinda.

Todavia, estava bem longe de imaginar a verdadeira situação da pobre meniña. Ao vêr de perto a dura miséria que a cercava, sentiu-se devéras commovida.

A casa parecia abandonada; não se ouvia alli o menor rumor. Salas sem trastes, paredes nuas, armarios vazios, cozinha fria; tudo lhe dava o melancolico aspecto de uma velha casa sem dono.

Os tres subiram afinal e foram encontrar a velha Januaria estendida no chão do mesmo quarto em que a deixára a filha adoptiva.

Estava immovel, com a cabeça pendida para o lado esquerdo e com os braços cruzados sobre o peito, apertando contra elle a caixinha das joias. Descobria-se-lhe a vida sómente por um esforço, quasi imperceptível, que fazia o corpo para respirar.

Os tres approximaram-se d'ella, e a velha, ao sentir o medico segurar-lhe um dos pulsos, tentou gritar e apertou mais a caixinha contra o seio.

Clorinda contou as circumstancias que precederam áquella crise.

— Comprehendo! disse o facultativo, não resistiu á provação! Pobre creatura!...

E, depois de examinal-a por algum tempo, declarou que só um tratamento muito serio a podia salvar.

Clorinda não respondeu, e as lagrimas correram-lhe dos olhos.

— E se fossem lá para minha casa?... lembrou a viuva com muito interesse.

— Iriamos incommodal-a, respondeu Clorinda no auge da afflicção.

— Aqui é que ella não se poderá curar, observou o Dr. Trovão, se não vier alguém ao seu auxilio.

— Eu ficarei com ella... disse Clorinda.

— Mas V Ex.<sup>a</sup> não precisa menos de tratamento. Se não tomar cuidado não lhe dou muito tempo para cahir de cama.

— N'esse caso acceito, pelo menos até que mãe-sinha se restabeleça, concordou afinal a menina,

com o ar acanhado de quem se vê na dependencia dos obsequios de um estranho.

— Pois a mudança se fará hoje mesmo, é o doutor irá visital-a com regularidade.

O Trovão receitou, tomou nota do numero da casa da viuva e sahiu, promettendo mandar immediatamente alguém que se encarregasse de transferir para lá a doente e cuidar do mais que fosse necessario.

N'esse mesmo dia D. Januaria e a filha ficaram aboletadas no pittoresco chaletzinho da Tijuca em que morava Julia.

Clorinda communicou o occorrido ao Dr. Roberto e pediu-lhe que apparecesse para vêr a enferma. D. Januaria só no dia seguinte voltou a si, mas ainda côm muita febre e fraqueza de razão. Uma semana depois appareceu o João Rosa; Clorinda o recebeu com frieza. Fallaram vagamente sobre varios assumptos, mas, logo que a conversa se encaminhava para o casamento, ella a desviava como por instincto. João Rosa, porém, não desistia e continuava de pé firme no seu proposito.

Julia, considerando o estado desvantajoso de Clorinda, achava aquella insistencia extraordinaria em um homem que não parecia talhado para os sacrificios e para a dedicação. O ar aventureiro de João Rosa, o seu olhar cubicoso e mobil, a sua bocça apertada e quasi sem labios, o seu todo furão, secco, inquieto, não podiam esconder um coração terno e generoso.

A viuva desconfiou d'elle, foi talvez a primeira que se atreveu a suspeitar das intenções de João Rosa. Até ahi, á excepção do Dr. Roberto, todos os



mais censuravam a rapariga por não aceitar o novo partido que se lhe offercia.

— Mas, que levará este homem a desejar com tanto interesse a mão de Clorinda?... pensava a viuva. Porque ama?... não é possível; aquelle type não ama senão o dinheiro! Será por capricho? Não! porque os entes tacanhos não têm caprichos!...

E Julia, por mais tratos que dêsse ao espirito, não conseguia descobrir cousa alguma.

Uma vez, sem querer, ouviu na propria casa, o seguinte dialogo, travado entre elle e Clorinda :

— Posso então ter ao menos uma esperança? perguntava João Rosa.

— Mudemos de conversa... respondeu ella.

— Não! A senhora hoje vae dar-me uma resposta. Já esperei por muito tempo.

— Pois a resposta é que não. Não o aceito para marido!

— Mas reflecta um pouco, D. Clorinda... Lembre-se da posição falsa em que se achá... Não seria melhor que, em vez de chegarem as cousas a este extremo, tivesse a senhora resolvido casar commigo e assim evitado vir morar aqui n'esta casa por obsequio?... Não lhe parece que eu lhe poderia proporcionar uma existencia mais segura e mais definida?...

— Mas é que eu não quero casar com o senhor!

— E porque? Porque me não ama?!

— Não é só isso. Tenho-lhe amizade, mas não me posso casar com o senhor.

— Mas porque?...

— Porque já estou comprometida. Meu noivo desapareceu, mas, emquanto não me constar a sua morte, só a elle pertenço.

— E se nunca lhe constar semelhante cousa?!

— Paciencia!...

— Pois eu não desanimo! Esperarei! esperarei sempre! retorquiu João Rosa com firmeza.

— É o que digo! considerou a viuva. Anda n'isto qualquer segredo, que obriga aquelle homem a perseguir Clorinda.

E a viuva tinha razão. João Rosa era muito da casa de D. Januaria e fazia o possivel por agradar a Clorinda, quando appareceu Gregorio e com este a sua completa derrota.

Se até ahi a rapariga pouco se lhe mostrava propensa, quanto mais depois da chegada do novo pretendente; virou-lhe as costas por uma vez, voltando-se abertamente para o outro. João Rosa ficou furioso; mas, como não éra homem de desistir ao primeiro obstaculo, tratou de retrahir-se e preparar traiçoeiramente as armas para um combate, sem treguas.

Gregorio mal podia desconfiar de semelhante cousa, e continuava a cultivar a flôr, d'onde esperava colher o fructo saboroso da sua felicidade. Não faltava uma noite á casa da noiva e ahi passava horas da mais doce e tranquillã esperança.

Clorinda agradava-lhe por todos os motivos. Era bonita, sympathica, tinha bom coração e parecia muito intelligente; não seria por conseguinte de esperar que dêsse de si uma dessas mulheres caprichosas, cheias de exigencias, sequiosas de luxo e atrophiadas pela vaidade. Uma vez collocada no lar, daria com certeza um bello modelo de virtudes domesticas e conjugaes.

Afinal pediu-a, e, como D. Januaria guardasse

sobre a procedencia de filha adoptiva o mais rigoroso sigillo, elle por seu lado se absteve de indagações, e guardou para mais tarde qualquer deslindamento. Sabia, entretanto, que a noiva não era filha de D. Januaria e sim de uma senhora de Pernambuco, cujo nome nunca lhe disseram.

Ora, o motivo d'aquellas reservas da velha, já o leitor sabe qual é — nada mais, nada menos, que a bigamia do Leão Vermelho, isto é, do pai de Clorinda e de Gregorio, como bem se viu pelas confidencias que a este fez o conde no seu palacete da Tijuca.

Ficou todavia marcado o casamento, e os noivos pareciam nada mais esperar do que o dia feliz da sua união.

Amavam-se e amavam-se devéras. Mas, João Rosa não dormia: a principio lançára mão de meios pequeninos para afastar Gregorio de Clorinda; escrevia cartas anonymas, mettia em circulação certas notícias escandalosas, que pudessem provocar a desconfiança da parte de D. Januaria e mais tarde da noiva. Mas nada d'isso produziu effeito.

Os dois moços continuavam a amar-se mutuamente, alheios a tudo o que se agitava em torno d'elles; tinham os olhos cravados no disco luminoso da sua felicidade, e o clarão que d'ahi vinha os offuscava tanto que lhes não deixava perceber mais nada.

João Rosa estudou com paciencia o talho da lettra do rival, e com tal geito se houve em falsifical-a, que conseguiu enganar á propria policia e, o que é mais extraordinario, á propria viuva Julia, que de muito se havia já familiarisado com as cartas de Gregoriô.

O leitor deve lembrar-se d'aquella carta amorosa, dirigida phantasticamente por Gregorio á Menina do

Bandolim, e que mais tarde figurou nos autos policiaes. Pois essa carta era producto d'aquella especie.

Gregorio nunca dispensára á Menina do Bandolim mais do que certa sympathia respeitosa, inspirada pelo desejo de perseguir o barão, que a requestava; e talvez um tanto pelo seu espirito romantico, sempre propenso a intervir no que tivesse resaibos de phantasia. A João Rosa não escaparam as poucas vezes que elle se encontrára e conversára com a tal menina, e procurou tirar d'isso algum partido. D'ahi a carta; carta, que nunca chegou ás mãos da pessoa a quem era dirigida, mas que foi machiavelicamente parar em poder do chefe de policia.

Nada d'isso, porém, tem valor algum ao lado do que ainda produziu o espirito perverso e ambicioso de João Rosa.

Antes do apparecimento de Gregorio em casa de D. Januaria, já elle o conhecia de vista no commercio e sabia de seus negocios; de sorte que, começando depois a perseguil-o na sombra, sabia perfeitamente o rumo dos passos do inimigo e fazia com mais segurança as pontarias do seu odio.

Mas, ainda assim, nada conseguiu; Gregorio parecia protegido por mão mysteriosa que o afastava de todos os perigos. N'estas circumstancias viu João Rosa chegar a vespera do casamento e teve impetos de commetter tudo para destruil-o; lembrou-se dos maiores disparates, pensou em assassinar Gregorio, mas faltou-lhe para tanto resolução e coragem.

Na impotencia suprema d'este desespero, o acaso veio protegel-o, permittindo que fosse elle um dos primeiros contempladores da victima assassinada perto dos armazens de rapé de Paulo Cordeiro. João

Rosa sabia perfeitamente que Gregorio estava muito a par do dinheiro, que na vespera entrára para aquella casa, dando logar ao crime; e, como pouco antes havia intencionalmente subtrahido o anel de Gregorio, sem comtudo saber ainda que partido tiraria d'elle, collocou-o ao lado do morto e tratou em conversas de encaminhar as suspeitas para o dono da joia.

E, como isso talvez não chegasse a tempo de transformar as nupcias, enviou logo uma denuncia ao chefe de policia, e correu para a casa da noiva com a idéa de preparar por lá o terreno.

Calcule agora o leitor qual não foi a principio o seu contentamento, quando viu que Gregorio não apparecia, e depois qual não foi a sua surpresa, ao saber que o rapaz não fôra apanhado pela policia e que desapparecera, sem que ninguem soubesse explicar porque e para onde.

Mas qual era o motivo que levava João Rosa a desejar com tanta instancia unir-se a Clorinda?!

O amor não podia ser! como observou ja a viuva: Que seria pois?

Eis o que convem quanto antes pôr ás claras :

João Rosa, de seu natural curioso e bisbilhoteiro, logo que se deu em casa de D. Januaria, ficou mordido de interesse por descobrir d'onde vinha aquella estranha e gorda mezadá, com que ella e a pupilla subsistiam tão decentemente. E desde então não descançou. Era preciso descobrir a fonte d'aquelle mysterio ou elle ficaria devorado pela curiosidade. Mas o peor é que a velha, por mais que fizesse o bisbilhoteiro, nunca deixava escapar uma unica palavra que o encaminhasse no segredo.

João Rosa indagava para todos os lados, espiava de esguelha as gavetas, apanhava sorrateiramente os fragmentos de papeis que cahiam no chão, quando em sua presença D. Januaria abria qualquer carta. Mais nada conseguia. Afinal, depois de muito escogitar, chegou a descobrir o portador da mezada; era um portuguez velhò e gordo, proprietario de um pequeno armazem de seccos e molhados para os confins da rua da Quitanda. Metteu-se de amizade com o homem, e tanto fez, tanto virou, que conseguiu emfim saber que aquelle dinheiro era enviado pelo proprio pae de Clorinda, que vivia em Portugal e passava por morto no Brasil, em virtude de umas tantas cousas que elle narrador ignorava.

E terminou declarando que esse tal sujeito de Portugal era homem de grande fortuna e havia naturalmente de legal-a á unica filha que possuia — Clorinda.

Tanto bastou para accender no onzenario coração de João Rosa a cubiça d'aquella menina. E, quando mais tarde veiu a saber que o Leão Vermelho fallecera em Portugal com o nome de João Brasileiro, deixando um unico herdeiro existente no Brasil, justamente como disse o conde a Gregorio, João Rosa, que ignorava a relação deste com o fallecido, guardou o seu segredo contra D. Januaria e Clorinda, e tratou de, a todo transe, apoderarse da supposta legataria.

## IX

### O COMMENDADOR PELO AVESSO

Tratemos agora de esclarecer os verdadeiros trmites do crime, de que foi injustamente suspeito o pobre Gregorio, e puxemos ás vistas de quem nos lê a figura do seu principal auctor e a d'aquelles que lhe serviram do cumplices.

Deve ainda estar lembrado o leitor de dois typos de meia idade, que dialogavam no café da Menina do Bandolim e, tão empenhados se achavam no assumpto de sua conversa, que só resolveram levantar o vôo, quando lhes foi dizer o dono da casa que desejava fechar as portas. Um d'esses dois typos, justamente o que parecia mais moço, estava ha muitos annos ao serviço do commendador Portella. Chamava-se Pedro Sarmiento e era na sua roda conhecido pelo cognome de *Talha-certo*. Fôra na infancia aprendiz marinheiro, depois servira na guerra do Paraguay, como voluntario do exercito, e, afinal, sem profissão, nem padrinhos, cahira na dependencia do commendador, a quem servia de guarda-costas.

O commendador Portella tinha habitos muito especiaes, muito seus; habitos de viver na intimi-

dade, totalmente oppostos áquellas jactancias que lhe vimos blazonar em casa de D. Januaría.

No privado de sua casa era outro homem. Despiase então das fumaças da rua e dava-se todo ao prazer de estar ás soltas com o criado. Ahi não armava posições, não peneirava a phrase, não lembrava a sua importancia social, nem as suas franquias de homem rico; ao contrario, parecia farejar o que houvesse de mais banal e de mais decotado para lhe servir de palestra com o famulo.

E, uma vez achado o fio do assumpto, espojava-se nelle, voluptuosamente, como se quizesse refocillar das fadigas que lhe impunha o seu artificioso viver social.

Elle, que nas salas, ao ouvir fallar da quebra do banco tal, da fallencia d'este ou d'aquelle negociante, do bom ou máo exito de taes e taes empresas, sacudia sempre os hombros com desdem e dizia entre dentes que tudo isso eram « Bagatellas! Bagatellas! »; ouvia, entretanto, com muito interesse as frioleiras que á noite, ao despil-o para a cama, lhe contava em camaradagem o seu Falha-certo. E, quanto mais frivolo era o assumpto tanto mais elle o esmiuçava, o esmerilhava, interrompendo-o com perguntas curiosas, e fazendo exclamações de surpresa, e obrigando o criado a repetir o facto com mais minudencia e convicção.

Depois atirava-se á cama, e, todo retrahido nos lenções e abraçado aos travesseiros, deixando só de fóra o seu carão afogueado, provocava Falha-certo a novos esclarecimentos, e saboreava as palavras do criado com um gosto pueril de criança mexeriqueira.

O Falha-certo, que lhe já conhecia as manhas,



dava-lhe a lambiscar sómente cousinhas lisonjeiras e, com muita adulação, arranjava sempre meios de incensar o vaidoso. Ora lhe contava o que a seu respeito lobrigára de tal dama; ora referia um factu ridiculo de algum sujeito, que pretendesse competir em fortuna com o Portella; ora, finalmente, tirava elle mesmo do thuribulo e passava a defumar o patrão por conta propria.

E estes pequeninos encomios, obscuros e sem garantia, punham no mal educado coração do commendador um prazer delicioso.

— Então o tal sujeito gostava de me ouvir fallar, hein, Falha-certo?...

— O que?! ficou abysmado! disse que vocemecê fallava e uenem um padre!...

— Deixa-os lá! Ainda não ouviram nada!...

— Não! Mas olhe que vocemecê tem um modo ás vezes de dizer as cousas, que faz a gente ficar mesmo pasmando!

— Achas, Falha-certo?...

— Não sou eu só quem acha, são todos!

— Cousas!

No dia seguinte, Portella envergava a sobrecasaca, mettia-se no chapéo alto de castor, enfiava as luvas, tomava a bengala de castão de ouro e, quando ganhava a rua com o seu passo arrogante, a sua grande figura aprumada e sobranceira, ninguem seria capaz de adivinhar que ia alli a mesma tola creatura, que adormecêra na vespera a babar-se com os gabos de um criado inepto.

Tambem era só o Falha-certo quem desfructava as privanças do commendador e quem lhe devassava taes fraquezas de intimidade; para os mais era Por-

tella o mesmo personagem cioso da sua « alta estimação » e da sua « irrecusavel valia. »

E quem precisasse obter qualquer cousa das mãos delle, nunca a alcançaria senão por intermedio do seu privado. Mas, em compensação, com esse tudo se obtinha, desde uma simples carta de fiança até ao melhor empenho para qualquer ministro.

Foi em uma d'aquellas conversas pueris que o commendador veiu a saber que Pedro Ruivo estava no Rio de Janeiro.

— Pedro Ruivo?! exclamou Portella, saltando da cama e desfazendo o semblante piegas, com que costumava ouvir as confidencias do criado. Pedro Ruivo?! Não estás enganado, Falha-certo?

— Não estou, não senhor. Era elle em pessoa; apenas tinha as barbas mais crescidas e a cabeça mais calva. Quando o vi, reconheci-o logo, por aquelle séstro antigo de sacudir a cabeça para a esquerda...

— Ora esta! rosou o commendador.

— Quando digo que vocemecê me devia ter deixado aviar com uma boa navalhada aquella peste!... Escusava agora de o ter de novo pela prôa, porque o demonio é muito capaz de lembrar-se ainda do passado e...

— Tens razão! interrompeu o Portella, muito preocupado; precisamos desembaraçar-nos de semelhante homem! Só a idéa de que o posso encontrar na rua e soffrer delle qualquer desfeita, faz-me perder a cabeça!... Olha cá!

E chegando-se mais para o criado, passou-lhe o braço no hombro e perguntou-lhe brandamente, quasi com ternura :

— Tu és capaz de desempenhar uma commissãozinha de que te quero encarregar?...

— Sempre fui. Adeante!

— Trata-se de despachar o Ruivo, mas de modo que ninguem venha a suspeitar de ti, e muito menos de mim...

— Já se vê!...

— Mas onde o terás a geito?!

— Isso indaga-se! Sei que elle é empregado nos armazens de rapé Paulo Cordeiro.

— Mas como se arranjará o negocio?... comprehendes que estas cousas não se pôdem fazer no ar...

— Deixe tudo por minha conta!

— Que tencionas fazer?...

— Não se importe com isso! Amanhã mesmo fallo ao Tubarão.

— Máo! Já queres tu metter mais um na historia!... O melhor seria fazeres tudo por ti...

— Mas eu posso lá deixar de fallar ao Tubarão?!... Vocemecê bem sabe que nada fazemos sem combirmos primeiro os dois. Foi o nosso trato! Nada! juramos sobre as Horas Mariannas! Quando elle tem qualquer cousa, diz-me logo, e quando eu tenho, tambem lhe digo! Não! não sou homem de tratar uma cousa e fazer outra! O trato é trato!

— É o diabo! É mais um que fica sabendo da cousa!...

— Quem?! o Tubarão?! Ora, senhor! Então vocemecê não sabe o que está ali! Aquillo é fazenda muito boa! Não! por esse lado não tenha receios! O Tubarão é cousa séria : dalli não sáe um pio quando é preciso guardar segredo!

— Vê lá o que vaes fazer!...

— Deixe tudo por minha conta, já lhe disse! Descance que tudo se fará, com a ajuda de Deus!

O commendador acabou por concordar, e Falhacerto, na seguinte noite, encontrou-se com o companheiro á mesa do café de Java, como já sabemos.

Esse companheiro era o Tubarão, um marinheiro reformado, sujeito corpulento e vigorosissimo, por cujo ar modesto e pacifico ninguem calcularia que estivesse alli o homem de maior força muscular do Rio de Janeiro. Contavam delle muitas façanhas, que deixavam em grande distancia as do Nogueira luctador e de outros famigerados pulsos, dos quaes resam algumas costellas e varios narizes a mais impercivel das *memorias*.

De uma feita, o commendador Ascolle e o Dr. Figueiredo Magalhães, que sentiam pelo Tubarão o interesse que experimentamos por um bello phenomeno, quizeram medir-lhe toda a extensão da força de um dos seus sóccos e para isso puzeram á disposição delle um desses dynamometros, vulgarmente conhecidos pelo nome de « Cabeça do turco ».

O Tubarão negou-se a principio, sorrindo com o seu ar de bondade ingenua, mas, instigado pelos outros, deu um passo atraz, recolheu vagorosamente o braço e depois disparou com este um formidavel murro contra a almofada de marroquim.

Ouviu-se apenas um ranger e estalar de ferros. E a balança cahiu aos pés do Tubarão, em pedaços.

De uma outra vez, querendo Tubarão arrancar um gancho da parede, poz-lhe a mão e puxou; mas o gancho estava bem seguro e fez resistencia. Tubarão firmou um pé contra o muro e empregou

toda a força. Veiu o gancho afinal, mas o Tubarão havia varado a parede com a perna.

Como esses, mil outros factos diziam a riqueza dos seus musculos ; comtudo, não havia homem que menos gostasse de brigar. Soffria ás vezes em silencio as mais grosseiras provocações, aconselhava quasi sempre ao adversario que o deixasse em paz e recorria a todos os meios para evitar o choque ; até que por fim lhe faltava a paciencia e com um murro mandava o provocador passeiar a dez metros de distancia.

As suas relações com o Fallia-certo vinham de certa vez em que Tubarão o encontrou no meio de seis urbanos, a tomar bordoada de todos elles. Metteu-se logo no barulho, escudou com o corpo o que apanhava, e despediu os outros a ponta-pés.

Desde então ficaram amigos. Todavia muito se dissimilavam no character : Falha-certo era máo, tinha máos instinctos, gostava de perseguir, abusava da navalha e vendia-se para qualquer crime ; o outro não : arriscava-se quasi sempre para soccorrer alguem ; resentia-se, é verdade, do méio em que vivia ultimamente e da falta de educação, mas era dedicado e susceptivel de brio.

O companheiro, sabendo que elle nunca abanava as orelhas quando qualquer collega pedia o seu auxilio, contava com esse apoio certo, e tal confiança o tornava mais atrevido e mais impertinente.

— Mas o que quer você de mim?... perguntára Tubarão ao outro, n'aquella noite em que os vimos a conversar no café de Java.

— Quero que você me ajude...

— Em que?...

— Na função do Pedro Ruivo !

— Ah! O Pedro Ruivo está ahí?! Ora até que afinal o vou pilhar ás direitas! Deixa estar que não me escaparás d'esta vez, grande velhaco!

Estas exclamações do Tubarão significavam que entre elle e o Ruivo havia sem duvida contas velhas a ajustar.

— Sim! disse o Falha-certo; mas o patrão quer vêr-se livre d'elle por uma vez!

— Quer que o mates? perguntou o outro.

— É! Fallou-me n'isso. Você sabe que o Ruivo tem em seu poder aquelles documentos do commendador e pôde pregar-lhe alguma peça!...

— Mas tomam-se-lhe os documentos, e não é lá preciso matar o pobre diabo!...

— Como não é preciso?... Você sabe quem é o Ruivo! Homem, quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre!...

— Não é tanto assim. Pôde arránjar-se tudo sem sangue! Eu me encarrego de arrancar-lhe os documentos! Deixe-o commigo!

— Isso não basta! segredou-lhe o Falha-certo. Se lhe estou a dizer que o commendador se quer desfazer d'aquella bisca!...

— Pois então vá você e mais seu patrão para o inferno! Cá por mim não vejo necessidade alguma de matar aquelle pedaço d'asno!

— Ah! Eu cuidei que você ainda era o mesmo para ajudar os companheiros!... N'este caso, porém, fica o dito por não dito! Ora adeus!

— Espere, homem! Eu estou disposto a ajudal-o! você bem sabe que nunca desamparei os amigos! Mas, com os diabos! o que não vejo é necessidade de matar ninguem! Se a gente só precisa dos papeis,

para que lhe ha de tirar tambem a vida?!...

— Para maior segurança! Mas uma vez que você põe difficuldades, já cá não está quem fallou! Não se trata mais d'isto!

— Não! eu vou! Vou para o que der e vier, porém achava melhor não sangrar o sujeito...

E quando os dois sucios se levantaram da mesinha do café, estavam perfeitamente combinados.

Pedro Ruivo costumava sahir ás seis e meia do trabalho, Falha-certo sabia a direcção que elle tomava sempre e iria esperal-o no melhor ponto para um ataque. E estava convencido de que uma vez assassinado o Ruivo, os taes documentos, presumidos em seu poder, perderiam todo o valor, porqué só por elle podiam ser explorados.

Antes, porém, de pormenorisarmos o resultado d'aquelle conchavo, temos que dizer alguma cousa a respeito de Tubarão.

Leão Vermelho, ainda no começo da sua carreira maritima, distinguia, a bordo da corveta em que estava, um grumete de dezeseis annos, vivo, dedicado e forte; quando mais tarde Leão Vermelho ganhou as suas dragonas de 1º tenente e mudou de navio, levou comsigo o rapaz e tomou-o para seu criado.

Nunca mais se separaram, até que o official, cansado de vagar pelo oceano, requereu reforma, arranjou um lugar em terra, na cidade do Porto, e casou pouco tempo depois com uma irmã bastarda do conde de S. Francisco — Cecilia, a fillia da interessante professora Helena, de quem já fallámos.

Para o leitor não é tambem novidade saber que,

do consorcio de Leão Vermelho com a filha de Helena, resultou o nascimento de Gregorio.

Por esse tempo Leão Vermelho era ameaçado de perder o emprego e correu para a capital, com a intenção de collocar-se sob a protecção immediata do ministro da marinha. Nada obteve; e, em um assomo de raiva, arrancou as dragonas e fez presente d'ellas ao monarcha, pedindo que lhe dêssem quanto antes a demissão da armada. N'isto foi logo attendido. E então, desempregado e tendo de provèr á subsistencia da familia, resolveu aventurar-se na marinha mercante e partir para o Brasil.

Antes, porém, era preciso dar um pulo ao Porto, tranquillisar a mulher e abraçar o filho. Não gastou muito tempo com isso, e, já na occasião de partir, a bordo, no segredo do seu beliche, abraçou o seu antigo criado, aquelle que nunca o abandonára, e disse-lhe com os olhos cheios d'agua: « Tubarão! confio-te minha mulher e meu filho; não os percas de vista. Sei que és louco pelo pequeno e isso faz-me partir tranquillo. »

Approximou-se mais d'elle e disse-lhe depois, em segredo, alguma cousa que o fez estremecer ligeiramente.

— Póde ir descansado, capitão! respondeu o ex-grumete, prometto que cumprirei as suas ordens!

— Então toma lá! é o presente que te deixo...

E passou-lhe um embrulho que tirou do bolso.

— Obrigado! disse Tubarão, ao examinar o objecto recebido.

Era uma boa navalha de marinheiro.



## X

### ALGAS

Tubarão deixou a bordo o seu antigo commandante e voltou cabisbaixo e triste para casa. As ultimas palavras que lhe segredára Leão Vermelho, obrigavam-no a cahir em meditações de sabor estranho e amargo.

Não! não é possível!... resmungava elle comsigo. O capitão não tem razão! são desconfianças! não póde deixar de ser!...

Podia lá acreditar que a Sra. D. Cecilia, tão meiga, tão simples, fosse capaz d'isso?!... Não! definitivamente o capitão não tinha a cabeça no lugar quando lhe recommendou que vigiasse a mulher!...

E, d'esta fórma, ia o Tubarão, caminho de casa, a gesticular comsigo no seu monologo.

N'esse tempo teria elle vinte e cito annos. Era então uma bella estampa, destro e rijo, affeitò aos temporaes e ás duras fadigas do oceano. A vida do mar déra-lhe á physionomia esse ar contemplativo e doce que se nota quasi sempre nos marujos, como se lhes accumulasse no semblante o resaibo das velhas saudades da patria e dos amores que ficam em terra.

O marinheiro é fatalmente generoso e bom; ama os seus semelhantes, porque os não conhece; entre elles se antepõe o oceano, onde não chegam intrigas e paixões mesquinhas. E o imponente aspecto do mar fortalece e alarga o coração; a alma forma seus horizontes pelos horizontes que os olhos avisam.

Tudo mar! Tudo céu! Qual é ahí o monumento que nos denuncie o prestigio ephemero de algum monarca, a quem a inconsciencia entregou um sceptro e ergueu um throno? Qual o mausoléo que nos diga a importancia da vaidade de algum nababo submergido n'aquelles inhospitos desertos? Qual é o conquistador que tem lá a sua estatua? qual a religião que tem lá o seu templo? qual o despota que tem lá o seu cadafalso?!

Nada! O velho monstro ante-diluviano não admite prerogativas; eternamente indomavel e altivo não quer que no seu dorso se ergam capitulios e oblações. E é d'essa austera independencia que o mareante fórma o seu character e o seu coração. Forte como o mar, brando como as aguas, elle maneja tão bem os segredos do odio, como regula e dirige os impulsos da dedicação e do sacrificio.

Ninguém ama com tantos desvelos, mas tambem ninguém odeia com tanta impetuosidade.

Para o Tubarão semelhantes leis tinham applicação muito justa. Elle era homem de arriscar a vida pelos seus amigos e de arrancar-a brutalmente áquelles que os trahissem. Então pelo seu ex-commandante, que não seria capaz de fazer?! Leão Vermelho representava para Tubarão um idolo sagrado; a solidariedade nos perigos e nas canceiras do mar

identificára aquellas duas almas, asperas e compassivas ao mesmo tempo.

Depois que os dois abandonaram o navio e se foram refugiar tranquillamente á sombra da familia, o marinheiro sentiu-se possuido de grandes nostalgias: faltavam-lhe as melancolicas séstas que elle outr'ora desfructava á pròa, cantando á guitarra ao lado dos companheiros, enquanto o sol, ao longe, descambava no poente, atufando-se nos limbos afogueados do horizonte.

E o marinheiro em terra, como a ave que arrancam do seu bosque, entristeceu e principiou a depôr a substancia de sua dedicação aos pés da esposa do commandante. Amava-a com um respeito religioso, uma quasi adoração. Vivia preocupado a afastar de em redor d'ella tudo aquillo que de leve a pudesse contrariar.

Durante o tempo em que Cecilia estava para dar á luz Gregorio, só o dedicado marinheiro sabia corresponder ás exigencias e aos caprichos da enferma. Procurava cercal-a de distracções, como se ella fosse uma criancinha doente; cantava-lhe as modas de sua terra, n'aquella toada monotonica dos marujos e, muitas vezes, como estivessem no verão, iam espaiar um pouco para o terraço, e ahi o marinheiro contava as lendas melancolicas do mar, onde figuram louros principes encantados que vão prear sereias nas costas da Normandia. Fallava-lhe das brancas miragens que, em noites de luar, fluctuam pelas aguas, e entre as quaes o navegante apaixonado descobre o vulto estremeado da mulher amada.

Cecilia, com os olhos presos no céo, os labios mal cerrados, e toda ella resentida da profunda ternura

que a gravidez traz consigo, ficava embevecida a ouvir as historias do marujo. Um dia perguntou-lhe se elle nunca tivera tambem o seu amor.

Tubarão não respondeu, coçou á cabeça, e depois limpou com as costas da mão duas lagrimas, que lhe corriam pelas faces tostadas do sol.

— Conte-me antes a sua historia... pediu Cecilia com a voz quebrada; teria prazer em ouvil-a. Vamos! Conte a historia dos seus amores...

— Não, patroasinha! Marinheiro não tem amores... Pobre de nós se nos fica o coração cá em terra, quando temos de embarcar. A's vezes, no dia em que saltamos a um porto estranho, sem conhecer ninguem, sem encontrar um rosto amigo, lá vemos entre a multidão os olhos formosos de alguma mulher que nos captiva — levamos a saudade para bordo; são maguas para toda a viagem!

— Mas você commoveu-se ainda ha pouco, Tubarão, quando lhe fallei nos seus amores...

— Lembrei-me de minha mãe! A pobresinha chorava quando eu parti, e ninguem lhe tirava da cabeça que ella nunca mais me veria...

— E depois?

— Quando voltei á minha aldeia, já ella estava no cemiterio. O vigario mostrou-me a sepultura — era no chão, debaixo de uma grande arvore, perto da capella...

— E o que fez você?...

— Eu ajoelhei-me e rezei as orações que ella me ensinára, quando eu era pequenino. Depois, como o serviça me esperava a bordo, ás pressas colhi as flôres que havia por alli espalhei-as sobre a sepultura;

e voltei para o trabalho. Fui muito triste — era tão boa aquella velhinha!...

A' proporção que corria o tempo, ia Tubarão mais e mais se afeiçoando a Cecilia. Só os homens do mar, essas almas ingenuas e criadas longe da terra e ao correr franco dos ventos, conhecem os mysterios do amor desinteressado e heroico. Para o marujo, a mulher apparece por um prisma muito melhor do que para os outros homens; pois só lhe conhece elle a influencia feminil e doce por intermedio da saudade; a mulher é sempre para o marujo um ente adoravel, que se deve amar de joelhos. Um sorriso de seus labios còr de rosa é o bastante para prostrar o leão valente, que pouco antes affrontava a furia dos vendavaes e a sanhuda còlera dos mares.

Tubarão estava n'estas circumstancias a respeito de Cecilia, quando o capitão, ao partir para o Brasil, lhe segredára aquellas palavras que o fizeram estremecer.

O marinheiro chegou á casa possuido de grande pezar. — Seria possivel que o seu commandante tivesse qualquer razão para dizer aquillo?... Não! não era possivel!

Mas o pobre marujo, disposto a seguir os passos da patrão, como lhe ordenára o amo, tinha mais tarde de soffrer a mais dolorosa das decepções.

Quando Leão Vermelho partiu para o Brasil, seu filhinho Gregorio tinha apenas dois annos. Tubarão, que ouvira da criança os primeiros vagidos, foi por tal fórma lhe tomando carinho, que acabou por fazer d'ella toda a sua preocupação e todo o seu enlevo.

Passava horas esquecidas com o pequenito ao collo ou a brincar com elle, a suspendel-o no ar e a rolar-o

entre as suas grossas mãos. O bebê desfazia-se em risadas com o marinheiro e puxava-lhe as barbas, na sua infantil e graciosa irracionalidade.

Assim, quando o amo chegou a partir, já o pobre homem estava preso áquella gente por uma amizade sem limites, cuja transparencia só as palavras do commandante, segregadas a bordo, vinham taldar pela primeira vez.

Todavia era forçoso obedecer. O marinheiro principiou então a seguir os passos de Cecilia, sem jamais a perder de vista; os menores gestos da senhora, a mais leve alteração do seu humor, tudo o marujo observava com cuidado e reserva.

Um dia achou-a summamente triste e concentrada. A' mesa não dera Cecilia uma palavra, e á noite, depois de passar longas horas fechada no quarto, appareceu com os olhos inchados e vermelhos. O proprio filho n'esse dia não conseguiu distrahi-la; ella, ao contrario, parecia não lhe poder supportar os gritos e as travessuras.

— Vocemecê sente alguma cousa, D. Cecilia?... perguntou-lhe o Tubarão, quando a pilhou de geito.

— Estou nervosa! respondeu ella, affectando despreendimento.

— Hão de ser as saudades do capitão! aventou o o marinheiro, torcendo nas mãos o seu pesado gorro de baêta azul.

Aquella observação perturbára sobremaneira a rapariga e trouxera-lhe ás faces um leve côr de rosa.

— Ha seis mezes que elle se foi... accrescentou Tubarão, com os olhos baixos e o semblante entristecido. Seis mezes? Quasi sete. Ora espere! (E de-

pois de contar pelos dedos). É isso, são seis mezes e dezoito dias...

— Deve ser isso mesmo! disse Cecilia, quasi com impaciencia:

E os dois calaram-se, sem encontrar mais nada para dizer.

— Vocemecê precisa de mim para alguma cousa?...

— Não. Podes recolher-te quando quizeres. Não preciso hoje de companhia.

O marinheiro afastou-se, sacudindo os hombros, e foi para o seu quarto; mas não poudo conciliar o somno: a insolita preocupação da patrôa e as recommendações do commandante tiravam-lhe o socego do espirito — Não! dizia elle de si para si. Não! não é possível! Além d'isso, com quem?... Aqui só apparece o velho capitão Rego e outros tão inoffensivos como este! Ella pouco sáe!... Onde, por conseguinte, poderia apanhar uma relação que auctorisasse aquellas palavras do commandante?... Não! definitivamente o que, ella tem são saudades do marido! Nem podia ser de outro modo! Sete mezes não são sete dias, coitada!

E a fazer d'estes raciocinios, o Tubarão virava-se de um para o outro lado da sua maca de lona, sem conseguir dormir.

Deram onze horas, doze, uma; e nada! O somno não queria chegar. Tubarão levantou-se, ia accender um cigarro, mas, antes de riscar o phosphoro, sentiu rumor de passos no jardim.

— Olé! disse consigo. Ha mais quem não consiga ficar na cama?... Ora, vamos vêr quem é o meu companheiro de insomnia...

E, com muito cuidado, espreitou pela janella de modo que não fosse percebido.

Effectivamente, um vulto negro, que parecia de homem pela estatura, acabava de saltar a grade e se dirigia para um massiço de verdura, justamente por debaixo das janellas de Cecilia.

O marujo sentiu o coração agitar-se-lhe por dentro, como se quizesse saltar-lhe pela bocca. Tremeram-lhe as pernas, faltou-lhe quasi a respiração, e a pelle crispou-se-lhe toda em um calafrio de febre.

O vulto chegára á janella de Cecilia e roçára levemente a ponta da bengala pelas gelosias fechadas.

O marinheiro espiava, com uma anciedade crescente. A semelhança dos naufragos que, sentindo escaparem-lhes os meios de salvamento, vão refugiando a esperança em tudo que lhes acode á phantasia, elle contava ainda poder, no fim de tudo aquillo, justificar a innocencia de sua querida ama.

Mas, ao quarto signal do vulto mysterioso, abriu-se discretamente uma das folhas da janella, e a cabeça encantadora de Cecilia assomou á luz melancolica das estrellas.

Conversaram os dois, mas Tubarão não conseguiu ouvir mais que um confuso sussurrar de vozes, perdido no somnolento rumorejo da noite. Ao fim de meia hora fechou-se de novo a janella e o vulto encaminhou-se cautelosamente para o portão.

O marinheiro havia já collocado á cinta a navalha que lhe déra o commandante. Abriu a porta e, collando-se á parede, ganhou, a passo de gato, o jardim, pelo lado contrario ao que seguira o vulto.

Só o conseguiu avistar já na ruã, ao dobrar de uma esquina. Tubarão correu para elle, mas, antes de al-



cançal-o, sahiram-lhe ao encontro dois homens.

— Que deseja d'aquella pessoa? perguntou-lhe um destes com accento muito hespanhol.

— Quero pôr-lhe a mão!

— Pois entenda-se comnosco!

O marinheiro respondeu d'esta vez com um formidavel arranco de corpo inteiro, que atirou por terra os dois sujeitos. E lançou-se de novo a perseguir o vulto do jardim.

Este, porém, havia aproveitado o conflicto para fugir, e o marinheiro não conseguiu mais apanhal-o.

Entretanto, os dois outros homens seguiam de perto Tubarão, a fallar em voz baixa, e a bater nas pedras da rua com as suas grossas bengalas.

O marinheiro, quando se convenceu de que já não alcançaria o fugitivo, parou, á espera dos dois que vinham atraz.

Estes pararam por sua vez, e suspenderam a conversa. Só se puzeram de novo a caminhar quando o marinheiro caminhou tambem.

— Ora raios! bradou Tubarão, avançando de um pulo sobre elles. Já me vão azedando os figados! e num relance segurou-os a ambos pelo gasnete e atirou-os de cambalhada contra a parede.

Os dois cambalearam por algum tempo, um desabou afinal sobre a calçada e o outro, sacando uma faca, investiu contra o marinheiro.

— Ah! Elle é isso? rosnou este, desviando o corpo. Pois manda de lá a tua faquinha, que te quero dar a resposta!

O outro, porém, em vez de mandar a faca, limitou-se a responder :

— *Hombre! siga su camino, y no me embrome usted!*

— Ainda bem! resmungou Tubarão.

E afastou-se lentamente, com ar de desprezo.

Tambem já era tempo, porque o céu principiava a vestir os prenuncios da aurora.

Tubarão entrou em casa apoucado pelos proprios raciocinios. — É o demo! considerava elle. Se a patrôa dá para tolices, eu cá faço o que me manda a consciencia! se descobrir que ella engana ao meu commandante, côso-a com uma naifada e levo o pequeno ao patrão! Ora, ahi está!

— Mas como diabo podia aquillo acontecer!... reconsiderava elle depois, já estendido na sua estreita cama de lona. Aquella creatura que parecia uma santa!... Ah! peste de mulheres! Fosse lá um homem entender semelhantes demonios!

E quando Tubarão se ergueu no dia seguinte, sem haver dormido, tinha já a sua resolução tomada.

## IX

### PEDRO RUIVO

Cecilia, quando tinha apenas quinze annos e recebia de sua propria mãe a educação relativamente boa, que mais tarde fez d'ella o encanto de algumas salas do Porto, conheceu um rapaz ainda muito novo, bonito, janota, boa mão de redea e herdeiro presumptivo de uma das familias mais ricas d'aquella cidade.

Esse rapaz era Pedro Ruivo. Teria então vinte e cinco annos e gosava já na sua provincia de uma enorme fama de « homem perigoso » para as mulheres de toda a especie.

Cecilia, um mimo de frescura, de graça e de innocencia, não lhe poderia passar despercebida. Pedro fez o possivel por conquistar a sua sympathia; passára-lhe muitas vezes pela porta, picára o cavallo defronte da sua janella, offerecera-se-lhe em todas as occasiões para dansar a valsa e fizera-lhe repetidos protestos de amor. Mas a bella menina sorria de tudo isso e não parecia resolvida a tomar a sério os juramentos do seu ruidoso namorado.

Pedro Ruivo, ferido no amor proprio, sentia-se cada vez mais estimulado pela indifferença de Cecilia,

e, longe de desistir, redobrava de atrevimento e perseverança nos ataques.

Mas qual! O demonio da menina era intransigente. Ria-se com elle, conversava, accitava-o para uma, duas e tres valsas, porém não lhe dava a menor esperança a respeito de amor.

— Não me quer então definitivamente?... perguntou-lhe uma vez Pedro Ruivo.

— Se o quero? para que?... interrogou ella, em vez de responder.

— Ora para que!... exclamou o janota. Para tudo! inclusive para seu marido...

— Marido! O senhor não me parece que sirva para isso...

— Julga-me então assim tão sem prestimo?!...

— Não é isso, mas é que ainda lhe falta o juizo

— Não sei o que a leva a suppôr semelhante coisa!...

— Pois se não sabe, procure alguém que lh'o ensine. Eu confesso que não tenho muita paciência para ensinar!...

— É porque não sahiu á sua mãe!... observou o Ruivo, com intenção.

— Nem a meu pae, respondeu a menina, tornando-se vermelha; meu pae, que era um insignificante picador!...

— Ah!

— Com licença! disse Cecilia, erguendo-se do lugar em que estava; creio que procuram por mim lá dentro.

E Pedro Ruivo ficou só na sala, entalado pela situação. — Oh! exclamou elle consigo. Esta rapariga ha de abaixar a prôa ou não serei eu quem sou!

No dia seguinte pediu a um seminarista seu amigo que lhe arranjasse uns versos de amor e publicou-os na folha mais lida do Porto, com o seguinte titulo : « Aquella por quem morro e que tanto despreza os meus protestos ; a ti, Cecilia de minha alma ! » Assignava « R. P. » A menina leu e comprehendeu a intenção do supposto poeta. D'ahi a quatro dias appareceu outra dóse de lyrismo. Esta agora trazia o seguinte rotulo : « Ainda ! Ainda ! »

E continuou, duas, tres e quatro vezes por mez. Cecilia habituou-se áquella musica, e todos os conhecidos principiaram a tratar dos amores ingratos do Ruivo e do pertinaz retrahimento da filha de Helena.

O namorado teve afinal de sahir do Porto para fazer uma viagem ao Minho, em companhia da familia, e, durante anno e meio que lá esteve, grandes mudanças se tinham de operar no objecto da sua paixão. É que Cecilia se tornára de todo mulher ; a flôr desabrochára. Já não era o mesmo botão de rosa, ~~petulante~~ e empertigado, que parecia sorrir e zombar de tudo ; agora a flôr desabotoára aos raios de estranhas aspirações e deixava-se pender melancolicamente para a haste. Vieram os sobresaltos dos dezenove annos ; os sonhos indefinidos das noites de vigilia e as vagas tristezas dessas horas em que o sol parece ir se deixando morrer de volupia no horizonte.

Cecilia sentia accordar-lhe no corpo uma nova alma, que já se não contentava só com os folguedos da menina e só com as doces affeições dos seus parentes.

Alguma cousa pedia-lhe no coração um affecto mais exclusivo e mais della. Já não podia observar

sem commoção o arrulhar de dois passaros no mesmo ninho. Toda a natureza lhe apresentava agora um novo aspecto de vida e feundidade: as arvores pareciam-lhe mais flacidas e mais affectuosas nos seus requebros ao roçar da brisa; as noites de luar fallavam-lhe agora em linguagem para ella desconhecida até ahi; e o ar, o ééo, as aguas de qualquer regato, tudo sobre que ella pousava os olhos e demorava os sentidos, vaporava de si uma alma sensual e mysteriosa que a envolvia toda como em uma atmospherá de perfumes inebriantes.

Pedro Ruivo voltou ao Porto justamente n'essa época. Cecilia não o recebeu em ar de mofa, como até ahi costumava fazer; e elle, pelo seu lado, não trazia tambem aquelle aspecto banal de estroina relapso.

É que, durante a ausencia, Pedro Ruivo sentira pela primeira vez o dente canino da adversidade. Seu pai, que estava á morte no Minho, chamára-o de parte e fallára-lhe muito seriamente sobre o futuro.

— Se eu morrer, dizia o pobre velho a chorar; vás tu, meu Pedro, ficar pobre e desprecitado no mundo. Tens todos os habitos da prodigalidade, sem possuires nenhum dos agentes da riqueza. Que será de ti, meu filho, se desde já não mudares de rumo e não cuidares de arranjar meios de vida?!

Pedro Ruivo proeurou serenar o pae; prometteu-lhe uma completa regeneração e chegou a fallar em casamento com Cecilia.

— Casar?! interrogou o velho, franzindo a fronte despojada. Sabes lá o que isso é!...

O filho apresentou as suas razões, pintou o caracter

da sua pretendida, e descreveu o modo pelo qual resistira ella a todos os meios de seducção por elle empregados.

O velho conformou-se mais com aquella noticia, quando Pedro lhe disse que a menina era filha bastarda do conde de S. Francisco e teria um soffrivel dote pela morte da mãe.

— Bem, meu filho, disse elle. Já que tanto o desejas, casa-te. Póde ser que esteja ahí a tua regeneração e a tua felicidade!...

E alguns dias depois Pedro Ruivo partia para o logar em que estava Cecilia.

D'esta vez não andaram as cousas como nos primeiros tempos. Pedro Ruivo desprezou as velhas amizades da pandega e deixou-se das extravagancias que d'antes scandalisavam o Porto; deixou-se de correrias e de namoros arriscados, para se entregar exclusivamente ao amor de Cecilia.

E ella, no fim de contas, já o amava; Pedro Ruivo surprehendera-lhe a alma, justamente quando esta, á semelhança das flores, abria ao amor os seus delicados pistillos; n'essa occasião em que o coração da mulher está em branco e prompto a receber para toda a vida a grande impressão que o fecundará para sempre. Outras virão depois, mas a primeira ha de predominar até á morte.

Cecilia palpitou nos primeiros arroubos de mulher sob a impressão de Pedro Ruivo, entregando-lhe o segredo dos seus sonhos e o ideal de seus desejos. Elle povoou todo o seu espirito com a insubstituivel vantagem do primeiro que o occupava. Apoderou-se d'ella, uniu-a ao seu destino, antes mesmo de unil-a ao seu corpo.

As cousas n'este ponto, pediu-a em casamento e D. Helena concedeu-a de muito boa vontade, indo por bem dizer ao encontro do pedido, como se com este já contasse.

Havia nos planos da professora uma subtil intenção de conveniencia. O futuro genro, como já tivemos occasião de declarar, passava por homem rico e presupposto de herdar todos os bens de seu pae ; Cecilia faria neste caso uma boa aquisição, porque não tinha dote e só com a morte de Helena receberia alguma cousa, se recebesse.

Pedro Ruivo, por sua vez, desde que percebeu a miseria que lhe estava imminente, via em Cecilia uma taboa de salvação. Havia por conseguinte, de parte a parte, a intenção de se illudirem. E o receio que tinha cada qual de entrar em claras explicações a respeito dos proprios bens, a ambos tolhia de indagar sobre os do outro.

D'esta fôrma caminhavam imperturbavelmente as circumstancias para a segura realisação do consorcio. Helena desfazia-se em obsequios e franquezas com o noivo, que suppunha destinado a trazer, para sua filha, um futuro opulento e, para ella propria, a segurança e o descanso da velhice. Por outro lado, o rapaz não perdia occasião de cercar de obsequios e desvelos áquelles a quem julgava dever a salvação e a felicidade.

Nunca houve talvez no mundo tanta harmonia e tanta gentileza entre um noivo e a familia da respectiva noiva. Era bastante que algum delles revelasse qualquer desejo, para todos os outros se precipitarem a satisfazel-o. Ora, cabia a Pedro esta ventura com respeito á rapariga, ora, cabia a Helena com respeito



ao futuro genro. E n'este circulo de galanteios viviam os tres em perenne dedicação um pelos outros.

D'entre elles, só a encantadora Cecilia andava de boa fé. Essa não procurava armar ao effeito para ninguem e deixava-se simplesmente arrastar pelos impulsos do proprio coração; tudo o que fazia era perfeitamente por seu gosto, sem constrangimento e sem calculo.

Pedro Ruivo julgava ter encontrado a porta do céo. — Não é que sou um demonio devéras feliz?... considerava elle sosinho; tive dinheiro, esbanjeio-o e, quando podia soffrer as consequencias d'isso, eis que me apparece este anjo, um verdadeiro anjo salvador, a resgatar-me do castigo de meus vicios e da minha prodigalidade! Oh! definitivamente sou um homem feliz!... Queixe-se quem quizer da existencia, que eu cá por mim continuarei a achal-a encantadora!

E quando Pedro Ruivo, depois de conversar calorosamente com a noiva, se recolhia ao seu quarto de rapaz solteiro, accendia o charuto, atirava as pernas para sobre a mesa e ficava, ou a revêr-se nas correrias escandalosas do passado, ou a sonhar-se na tranquillidade endinheirada do seu futuro conjugal.

Mas... (aqui temos um *mas*, para auctorisar aquelle proverbio que sustenta não haver gosto completo n'esta vida) uma intempestiva noticia do Minho veiu perturbar os sonhos felizes do Ruivo. Seu pae não deitaria mais que alguns dias e era necessario que o filho fosse lá para despedir-se d'elle.

Ora, com a fortuna! bradou o Ruivo ao receber a noticia. Lá se vae tudo quanto Martha fiou! Se o velho commette a imprudencia de morrer agora, fico completamente desmoralizado ás vistas da familia de

minha noiva e arrisco-me a perder o jogo, pois que logo se espalhará a verdade concernente ao estado de meus haveres !

Nada ! considerou elle, receioso de perder o dote da noiva, é preciso quanto antes providenciar de modo a que a morte de meu pae não me destrúa os projectos !

E, enquanto o velho agonisava no Minho, talvez demorando a morte para vêr e abençoar o filho pela ultima vez, este meditava junto de Cecilia novos planos de especulação, os quaes foram, com effeito, realisados.

Estavam na primavera. Ruivo combinára com a noiva um passeio ao campo. Iria tambem D. Helena e mais um casal, muito amigo da casa — o Lobato e a mulher. Cecilia recebeu o convite com grande alvoroço, tanto gostava ella de passear de vez em quando ao ar livre, sob o tremulo murmurejar das folhas.

Partiram todos ás quatro horas da madrugada. Ruivo fizera vir de vespera um grande carro, apropriado para os conduzir á quinta de um seu parente, que n'essa occasião estava a banhos na Figueira da Foz.

A excursão foi muito alegre, havia em todos o bom humor peculiar ás matinas. O dia apresentava-se cheio de luz e temperado por um doce calor voluptuoso. Os cinco companheiros não se calaram um instante. Tudo era pretexto para fazer riso.

Cecilia parecia desfructar o melhor momento de sua vida ; toda risonha, nas suas rendas de linho e no seu claro vestido de fustão, estava como nunca encantadora de frescura e singeleza. O chapéu de palha

de Italia dava-lhe á cabeça, esperta e redonda, uma expressão particular de travessura ingenua. Parecia uma pensionista que voltava do collegio a passar férias com a familia. Sentia-se feliz e disposta a descobrir encantos em tudo o que a cercava. Durante a viagem quasi que não teve uma só occasião de esconder os bellos dentes brancos.

— Como tens hoje tão boa côr!... observava D. Helena, a revêr-se com orgulho na formosura da filha.

E em continuação de uma conversa, que pouco antes sustentava com a senhora do Lobato, disse com referência à filha : — Ultimamente está mais animada...

— Acho-a até mais gordinha... observou a outra.

— É, confirmou a professora; ella agora come com mais appetite.

— Pudéra! disse o Lobato, fazendo um ar cheio de intenção. Está noiva!...

Cecilia abaixou os olhos, sorrindo, mas ergueu-os logo para ir com elles ao encontro dos de Pedro, que n'essa occasião acabava de tocar com o pé a ponta do pésinho da menina.

— É a melhor época do amor! considerou o Lobato philosophicamente, deixando escapar o gesto para cima da mulher.

— Má lingua! respondeu esta a rir-se. E continuou na sua conversa com Helena, que lhe ficava de frente.

Pedro Ruivo é que parecia preocupado exclusivamente com a noiva.

— Não sei o que tanto têm os namorados para

dizer um, ao outro!... observou o Lobato, em voz baixa, á mãe de Cecilia.

— Homem! respondeu-lhe a mulher, deixe lá os outros! Quem sabe se você no seu tempo não fez a mesma cousa?...

O Lobato protestou em ar de galhofa. Helena expendeu algumas considerações a respeito de namoros, e os noivos continuaram a conversar; muito unidos, muito seguros da sua felicidade.

— Quando é o dia? perguntou Lobato a Helena.

— No principio do mez que vem, respondeu Pedro, interrompendo a sua conversa com Cecilia.

-- Ah! então é sempre d'aqui a uma semana?...

— Infallivelmente.

— Está tudo prompto, accrescentou a professora, com ar de satisfação. D'aqui a oito dias sou sogra...

— E em breve talvez avó! prophetizou o Lobato, rindo.

Cecilia abaixou de novo os olhos, corou, enquanto o Ruivo lhe apertava uma das mãos, como para dar copia da sua impaciencia.

E d'esta fórma continuou o passeio, até que chegaram afinal á quinta. Era um casarão velho e sem cuidados de arte, mas em compensação cercado de bellas arvores frondosas e de enormes taboleiros de verdura, que alegravam o ar com o cheiro fresco das hortaliças.

Pedro foi o primeiro a saltar e offerecer a mão ás senhoras. Estava elegante; vestia um fato alvadio, de casimira cambraia, tinha polainas, um grande laço na gravata de linho e o chapéo de palha um pouco derreado sobre a orelha esquerda á Marialva. Ia muito bem esse trajar com a sua physionomia alou-

rada e com os seus olhos vivos e enfeitados pelas lunetas de côr. Destacava-se-lhe bem da pelle branca do rosto o bigode retorcido e bem alinhado, e de todo elle rescendia um bom ar de asseio e trato.

Fez-se logo o almoço ao ar livre, debaixo de uma arvore, e á sobremesa acudiram os brindes á felicidade dos noivos e a tudo aquillo que é de costume brindar n'essas occasiões. Depois, o Lobato estendeu-se sobre a relva, tirou um jornal do bolso das calças e poz-se a toscanejar sobre o artigo de fundo; enquanto Helena, de camaradagem com a mulher d'elle se entretinha a adeantar um trabalho de agulha que levava dentro da sua cesta.

Os namorados, sempre juntos, ficaram a conversar.

O sol estava já um tanto alto. Fazia calor. As arvores, agora, pareciam convidar á gente para se ir deitar á tepidez aprazivel das suas sombras. Reinava um grande silencio pela quinta; só se ouviam os rumores confusos do campo e a voz longinqua de algum pastor, tangendo além o seu rebanho pelas montanhas.

Helena estendera-se mais na cadeira de balanço em que se havia assentado, deixou cahir esquecida sobre os joelhos a costura, e foi pouco a pouco adormecendo no gozo placido da digestão do almoço. A mulher do Lobato, mal a viu fechar os olhos, levantou-se e foi ter com o marido, que, ás voltas com o seu jornal, estava prestes a fazer o mesmo que Helena; assentou-se ao lado d'elle, tomou-lhe no collo a cabeça e começou a acariciar-lhe os cabellos. O Lobato aninhou-se melhor no regaço da mulher, e adormeceu de todo.

Cecilia, entretanto, passeiava do lado opposto pelo braço do noivo. Pedro Ruivo fallava-lhe do seu amor e dizia a impaciencia que o devorava n'aquelles ultimos longos dias.

Ella sorria, olhando para o chão, e deixava que o rapaz lhe apertasse apaixonadamente o braço carnudo e bem feito.

— Se soubesses quanto soffro!... disse elle, approximando o rosto do de Cecilia. É um tormento! Hei de vêr chegar o instante de minha felicidade e ainda me parecerá um sonho!...

— Falta tão pouco!... murmurou ella, com um sorriso adoravel.

— Oh! faltam seculos! exclamou elle, beijando-lhe a mão. Faltam seculos!

E, arrastados pelo prazer de estar juntos, iam andando por debaixo das arvores, esquecidos de tudo e só cuidados do seu amor.

A certa altura Cecilia quiz voltar, mas Pedro pediu-lhe que não, com um olhar humido de ternura. — Ainda não voltemos... É tão bom estarmos assim unidos, a conversar sósinhos! Tão poucas occasiões temos tido para as nossas confidencias...

— Sim, mas é que pódem reparar. Voltemos! Não é bonito ficarmos aqui!...

— Espera! disse o moço, segurando Cecilia pela cintura; espera um instante...

E puxou-a para si : — Não te vás! Ouve!

Ella fugia com o rosto, toda vergada para traz, nos braços do noivo, e supplicara: — Não! Não insista! Podemos ser vistos! Deixe-se d'isso!...

Mas elle não attendeu, perseguindo-lhe o rosto com os labios estendidos.

— Não! repetia ella. Não! não insista! Oh! Eu fico zangada!

— Mas, meu bem, tu não deves ser assim commigo! Nós somos quasi casados!...

— Mas ainda não somos!

— Tens medo de qualquer cousa?...

— Tenho medo de tudo!

— Ora!... resmungou Pedro Ruivo.

E ficou muito serio.

— Estás zangado?... perguntou ella com meiguice.

— Não sei. É melhor não fallarmos n'isso!

E continuaram a andar para deante de braço dado.

Não trocaram uma palavra.

— Estás zangado commigo?... perguntou Cecilia novamente, vergando o rosto para encarar o rapaz.

Elle respondeu dando-lhe um beijo em cheio nos olhos.

Ella récuou com um grito, mas Pedro Ruivo empolgou-lhe de novo a cintura e puxou Cecilia para um banco de pedra que havia proximo.

Quando tornaram para casa, Helena notou a filha um tanto sobresaltada.

— Aconteceu-te alguma cousa? perguntou-lhe. Parece que te assustaste.

Cecilia negou. — Era do calor naturalmente. E logo que se achou sosinha, cobrio o rosto com as mãos e desatou a soluçar nervosamente.

Comtudo o resto do dia correu em paz, e á tarde arrumaram-se as cestas e puzeram-se todos de novo a caminho para a cidade.

Pedro Ruivo encontrou em casa uma carta tarjada de preto : era a noticia da morte de seu pai. Pouce

se impressionou, esperava já por isso mesmo, e, como estivesse muito fatigado do passeio do dia, adiou para depois os transportes do seu amor filial; deitou-se, e dahi a instantes dormia profundamente.

Causou no Porto e no Minho grande espanto a toda a gente o saber que o pae de Pedro Ruivo, em vez de deixar ao filho uma boa fortuna, apenas lhe deixára algumas dividas. D. Helena não o queria acreditar, e só se capacitou da verdade, quando a ouviu narrada entre lagrimas pelo proprio orphão.

— Com que o Sr ficou inteiramente pobre?! exclamou ella, com um ar que nunca até então lhe vira o futuro genro.

— É verdade! respondeu este, sacudindo muito triste a cabeça; infelizmente, é verdade!...

— Ora essa!... resmungou a professora, pallida de raiva. Ha cousas n'este mundo!...

— É a sorte, D. Helena... accrescentou o Ruivo, limpando os olhos.

— E agora?! interrogou ella.

— Resta a resignação! Eu por mim saberei conformar-me com o destino!

— Mas é que nem todos pensam como o senhor! Ha de permittir-me observar-lhe que era do seu dever de cavalheiro prevenir-nos em tempo da desgraça que o ameaçava. Ora essa!

— Mas se eu não sabia de cousa alguma, D. Helena...

— É impossivel, senhor!

— Mas se lhe digo que é a verdade, minha senhora?!  
— Diga o que quizer... eu não acredito!



— Pois não acredite, exclamou Pedro Ruivo, perdendo a paciência. Ora pillulas!

— Faltar-me ao respeito! bradou Helena, possuida de colera... Ainda bem que o senhor mostrou as unhas antes do casamento. Olha do que escapámos!

— Sim! agora tenho eu todos os defeitos, mas quando me suppunham rico, era « um Santo Antãozinho onde te pœrei! » Pois se não me quizer dar a mão de Cecilia, não dê! Só lhe affianço é que não serei eu só a perder com isso!...

— Hein?! Que quer dizer na sua?!...

— Não posso dar explicações, minha senhora! Sua filha é quem está mais no caso de esclarecer o assumpto...

— Minha filha?! Mas o Sr. graceja, com certeza!

— Pôde ser! V. Exc. fallará com Cecilia. E já agora declaro que não me casarei sem ser eu o requestado! Até logo. Quando precisarem de mim, que me chamem; antes d'isso não voltarei!

E Pedro Ruivo afastou-se, no firme proposito de não voltar sem ser chamado. Aquelle desespero de Helena com a noticia de sua pobreza estava previsto ha muito tempo.

— Olha se não trato com actividade do negocio!... Achava-me a estas horas posto á margem! disse elle comsigo, quando se viu na intimidade do seu quartinho de rapaz solteiro.

Entretanto, ao que Helena ouvira de Pedro Ruivo, sobreveiu-lhe uma grande febre; aquellas ameaças lhe perturbavam o espirito. A viuva procurou inteirar-se do que havia e, com facilidade, chegou a um resultado. Cecilia estava deshonrada.

A desesperada mãe não pôde resistir ao golpe, e

cahiu fulminada por uma terrivel congestão cerebral. Nada lhe valheu, nem a dedicação de Cecilia, nem os soccorros medicos. Expirou no dia seguinte, ás duas horas da tarde.

Foi então que Pedro Ruivo se apresentou de novo á orphã, offerecendo-lhe, com um gesto heroico, a sua mão de esposo. Cecilia recebeu-o entre soluços. — Elle era a ultima felicidade que lhe restava!

— Pelo menos farei o possivel por merecel-a, Cecilia! Amo-a ardentemente, e todo meu sonho dourado é possuirl-a como esposa!

— Casaremos quanto antes, disse ella; será um casamento de luto, mas assim é necessario! Só elle me poderá salvar!

No dia seguinte, porém, Pedro Ruivo chegou ao conhecimento de que Helena apenas legára á filha uma pequena nesga de terra herdada de seu pae no Alto Douro.

— Raios me partam! exclamou o Ruivo, quando recebeu esta noticia.

E preparou logo as malas, fugindo no mesmo dia para Lisboa, com a intenção de passar ao Brasil.

Cecilia, opprimida de desgostos, de remorsos e de soffrimentos, foi recolhida á casa d'aquelle velho amigo de seu avô, de quem falla o começo d'este romance. Ahi teve ella occasião de servir de enfermeira á filha do seu bemfeitor, como dissera o conde de S. Francisco a Gregorio, quando este se achava detido no palacete da Tijuca.

Mas a desgraçada não podia ficar tranquilla: o fructo do crime de Pedro Ruivo teria que patentear-se, mais cedo ou mais tarde, aos olhos de todos, e por conseguinte só na morte ella encontraria refugio!

## XII

### A VICTIMA DE PEDRO RUIVO

O velho conde de S. Francisco, o pae putativo de Cecilia, na occasião em que se sentiu ir resvalando para a sepultura, estava desacompanhado de sua familia legitima e completamente desprovido das consolações e dos confortos de qualquer affecto. A ausencia das filhas e a desorganisação da sua casa, d'antes tão methodica e bem dirigida, haviam-lhe emborcado no coração esse amargor, espesso e lugubre, que nos dá, aos ultimos dias da existencia, um estranho ante-gosto da morte e nos conduz a sonhar com uma outra vida feita de paz e de esquecimento.

Felizes os que plantam previdentemente na mocidade os colmos com que mais tarde terão de cobrir seus derradeiros dias, e á sombra affectuosa dos quaes lhes será permittido abrigar o coração contra os ventos frios da velhice e contra os primeiros sobresaltos da morte. Desgraçados dos que descem d'este mundo sem calor de beijos, que lhes aqueçam as mãos irregeladas, e sem ter um peito amigo que lhes recolha o ultimo gemido e a ultima palavra!

O conde de S. Francisco foi um desses desgraçados. Helena era mãe, mas não era esposa. Só estas sabem ligar heroicamente o seu destino ao destino do pae de seus filhos; só estas sabem resistir ás grandes tempestades do lar e ás extremas provações do amor. Para morrer abraçado ao navio é preciso ser legitimo commandante; é preciso que a dignidade do cargo e a responsabilidade moral da posição o prendam ao seu posto de honra. O falso capitão não está na altura d'esses sacrificios e d'essas abnegações.

Foi justamente o que succedeu com Helena. Quando rebentaram as primeiras desavenças no seio da familia do amante, ella puxou a filha para si e afastou-se, deixando que o apaixonado velho tragasse, no segredo do seu desespero, as dôres lancinantes da soledade.

Vieram logo os padecimentos do corpo, a aggravação das enfermidades adormecidas até ahi; e o conde cahiu prostrado no leito em que tinha de expirar. O filho em Coimbra; as filhas, uma casada e longe com o marido; a outra recolhida ao convento; só lhe restavam famulos e enfermeiros de aluguel.

Lembrou-se então de escrever a um seu velho amigo, que n'outro tempo fizera com elle a campanha contra os francezes. Era um veterano reformado com a patente de coronel, e que ha seis annos descansava em terras que possuia no Porto.

Foi um espalhafato a sua chegada ao castello do conde. Os dois velhos precipitaram-se nos braços um do outro e começaram a chorar como duas crianças. O conde não 'podia pronunciar palavra; as lagrimas corriam-lhe em borbotão pelas barbas brancas. E, todo

tremulo, a soluçar humilhado pela nimiedade daquella commoção, sentiu faltarem-lhe as derradeiras forças e cahiu agonizante.

O coronel, estonteado pela situação, maldizendo a idéa de apresentar-se tão de surpresa, procurava consolar o amigo. Pedia-lhe que socegasse um instante e jurava não abandonal-o tão cedo.

— Sim! sim, meu velho camarada, preciso de alguém que me ajude a morrer na fé em que me criei! Não te roubarei muito tempo! És o unico que ainda vive dos nossos bellos tempos da mocidade! Bem dizia eu cá commigo que não faltarias á entrevista da minha morte! Obrigado! obrigado, meu bom amigo!

Mas o coronel pouco tempo teve que ficar ao lado do seu velho camarada : o conde morreu quatro dias depois de chegar elle ao castello. Assistiram-lhe os sacramentos; o moribundo, após ás palavras do confessor, parecia confortado e disposto a deixar o mundo em paz.

Antes porém de morrer, conversou largamente com o amigo a respeito dos seus que deixava : — Meus filhos legitimos, disse elle; estão abrigados por natureza, têm o que herdar e não lhes faltará logar na sociedade. Mas eu tenho uma filha natural, uma filha que adoro e que, apesar da ingratição com que ella e a mãe me deixaram n'este isolamento, não me sáe da memoria um só instante. Tu já sabes de quem fallo! Pois bem; pensa um pouco em Cecilia; a infeliz póde algum dia vir a precisar dos teus socorros. Guarda bem esta minha recommendação! bem sei porque t'a faço... Deixo-lhe alguma cousa, mas receio que a mãe não queira que isso aproveite

á filha. Por conseguinte, meu velho amigo, segue-a com a tua experiencia; é este o unico serviço que te imploro para depois da minha morte!

— Descança, respondeu o coronel; prometto, sob palavra, fazer o que me recommendas!

— Bem! posso então fechar os olhos em paz. Cecilia era o meu ultimo cuidado.

— Não te afflijas! Eu velarei pelo seu destino.

— Obrigado! muito obrigado!

E o conde morreu no dia seguinte, repetindo ao coronel as suas recommendações.

Foi d'esta fórma que, por occasião da morte de Helena e da miseravel fuga de Pedro Ruivo, Cecilia recebeu em casa a visita do velho coronel.

A figura austera e encanecida do veterano, a calma resolução do seu porte marcial, e a singela energia das suas palavras, inspiraram á orphã immediata confiança. Ella, porém, não se podia furtar a certa estranheza que lhe causava semelhante visita, principalmente depois de saber que o velho ia resolvido a leval-a para a campanha de sua familia. O coronel comprehendeu a surpresa da menina e accrescentou:

— Cumpro um dever sagrado, minha filha; seu pae recommendou-me que a não desamparasse quando a visse carecedora de algum auxilio. Creio que chegou a occasião: está orphã e sem arrimo... Cumpre-me amparal-a; serei seu pae de hoje em diante!

Cecilia accitou commovida a generosa mão que se lhe estendia; mas a idéa dolorosa do seu estado perturbava-lhe o espirito e a fazia receiar qualquer consequencia má de tudo aquillo. Entretanto, que remedio tinha ella senão accetar de olhos fechados

aquelle recurso ou voltar então á primitiva idéa do suicidio?...

Mas é tão difficil morrer, pelas proprias mãos, naquella idade!... é tão difficil abandonar a vida, quando ainda temos o coração cheio de illusões!... Se accettesse, porém, como supportar a exhibição da sua falta?... como patentear o corpo de delicto, que mais tarde lhe avultaria nas entranhas? como consegueria justificar-se de tamanha criminalidade?! — Se ao menos pudessem avaliar, julgava a infeliz comsigo, quanto nós, as mulheres, somos escravas do coração; quanto a natureza nos fez passivas e credulas! se pudessem avaliar o modo pelo qual succumbimos á primeira falta; se soubessem como acreditamos no homem que nos assalta o coração pela primeira vez! Mas não! ninguém crimirará o seductor e todos amaldiçoarão a victima! ninguém se lembrará de que a minha culpa vem da minha innocencia, da minha propria virgindade e da singela espontaneidade do meu amor! Todos escarnecerão de mim, todos rirão da minha desgraça, só porque não fui tão friamente calculada, tão previdentemente reflectida, que soubesse empregar as astucias e artimanhas necessarias para equilibrar o amor do meu noivo, de modo que este me não fugisse por uma vez desesperançado, nem tão pouco me abandonasse por haver conseguido já o que desejava. E porque não tive o talento de ser hypocrita, de fazer negaças e de tirar partido da minha mocidade e da minha belleza, hei de passar por uma creatura ruim, por uma mulher de máus instinctos, por um ente desprezível e perverso, a quem a sociedade fecha as suas portas!

Mas se assim é, continuava ella a considerar; por que singular capricho creou a natureza o amor com toda a sua cegueira, com toda a sua boa fé e com todos os seus irremediaveis perigos?... Se tinhamos de fazer calar todas as vozes interiores, para que então inventaram na natureza outras tantas vozes que ás nossas correspondem, e que nos ensinam a descobrir no peccado o objecto dos nossos primeiros sonhos de mulher?...

E Cecilia revoltava-se de antemão contra a injustiça que presentia á sua espera. Na propria consciencia e no proprio coração nada a accusava; ella não sentia appetites de vingança contra ninguém. Se tinha algum desejo, era de perdoar o homem a quem se barateou tão ingenuamente e pedir-lhe que não amaldiçoasse o filho.

Resolveu seguir immediatamente para a casa do coronel.

Morava este retirado da cidade, em um bella e simples vivenda compestre, na companhia de uma irmã, tão velha como elle, e de uma filha, que era o encanto de seus olhos já amortecidos e o sol da sua longa viuvez.

Chamava-se a moça Margarida. Um sonho de vinte e dois annos : olhos azues, de uma grande doçura ingenua, cabellos louros, quasi sempre ennastrados em uma trança solitaria que lhe cahia singelamente ao comprido das costas.

Contradizia um tanto do seu sorrir triste, de mulher, o doce ar de menina enferma, que obrigava o velho soldado a constantes sobresaltos pela saúde da filha. Receiava que ella não tivesse forças para viver; Margarida fôra sempre propensa ás molestias pulmo-



nares; em pequenina os medicos a desenganaram, e, desde então, sua vida era tratada como objecto delicadissimo que se póde quebrar com o menor abalo. E seria isso o que sem duvida teria succedido se, com a viuvez do coronel, não se apresentasse a irmã deste, disposta a servir de mãe a Margarida.

O coronel enviuvára quando a filha tinha apenas cinco annos, e desde então nunca mais D. Germana, sua irmã, os desamparou. Póde-se, por conseguinte, calcular o estado em que ficou o coronel, sabendo, ao chegar á casa, que Germana estava perigosamente enferma, e que Margarida não lhe abandonava a cabeceira e passava em claro noites consecutivas.

Mas não tinha de ficar ahi a sua amargura. Dias depois morria a mãe adoptiva de Margarida, e esta por sua vez cahia sériamente prostrada pela molestia. Foi então que, de volta dos estudos, appareceu em casa do coronel o conde de S. Francisco. Ia agradecer os ultimos obsequios prestados pelo veterano a seu paç. Levava de companheiro um capitão de marinha ainda bastante moço, com quem travára relações no mar e de quem se tornára muito amigo.

O conde offereceu á irmã bastarda os seus serviços e apresentou-lhe o official de marinha com as palavras mais lisonjeiras que encontrou para este. Esse official de marinha era Leão Vermelho.

Tencionavam os dois amigos, uma vez desempenhados da obrigação delicada que os levára alli, voltar immediatamente, cada um para o seu destino. Mais assim não succedeu. Os desvelos de Cecilia á cabeceira de Margarida, o modo carinhoso, a abnegação, o amor com que ella disputava a amiga ás

garras da morte, foram laços que os seduziram e prenderam.

Cecilia com effeito havia, desde logo, tomado muito interesse pela enferma. Uma certa afinidade de temperamentos, e como que uma estranha necessidade de padecer pelos outros, a jungiam á cabeça de Margarida. Suas dôres escondidas, talvez já o seu arrependimento de ter sido tão credula e tão fraca, pediam-lhe aquelles trabalhos penosos, como o remorso pede ao criminoso a dura expiação dos seus delictos.

A victima de Pedro Ruivo comprazia-se naquella dedicação; achava prazer, conforto, no martyrio a que se impuzera por um reclamo da sua consciencia. E d'essa fôrma não abandonava um só instante a camara da enferma, prompta sempre a correr ao seu mais leve gemido e a sustental-a nos braços horas esquecidas, sempre risonha, sempre meiga, sempre consoladora.

Quando a doente, um mez depois, principiou a convalescer, adorava a sua enfermeira. O conde de S. Francisco e o seu amigo da marinha foram encontral-as n'essa situação. Margarida acabava de erguer-se pelo braço de Cecilia.

Principiou então uma nova época para todos elles. Os dois rapazes se tinham apaixonado pelas duas bellas amigas. O conde pretendia á filha do coronel e o official á outra.

Mas Cecilia ignorava tudo isso. Uma tarde Margarida tomou-lhe as mãos e disse-lhe que tinha um pedido a fazer-lhe.

— Só um?... perguntou aquella, beijando-a na face.

— Só, porém tão sério, que vale por muitos...

— Que é?

— É o pedido de tua mão...

— De minha mão? exclamou Cecilia, empallidecendo.

— Sim, e tu já sabes para quem, disfarçada!...

— Para o Leão Vermelho!...

— Justamente; para esse rapaz, que tanto estima teu irmão, quanto te adora...

Cecilia não respondeu e deixou-se possuir de um fundo embaraço. A outra insistiu, dizendo-lhe, entre affagos, as vantagens que poderiam vir d'esse casamento.

Começou então para a filha de Helena uma grande lucta interior. Seu character leal e generoso revoltava-se contra a mentira e a falsidade; mas o perigo imminente da sua falsa posição, a vergonha que a esperava, o sobresalto em que ella vivia, acabaram por lhe suffocar os bons impulsos.

Entretanto Leão Vermelho tinha de partir e precisava de uma resposta definitiva.

— É muito cedo! interveiu o coronel, lembrando que Cecilia apenas o conhecia havia poucos dias.

— Estas cousas, ou se resolvem assim ou se não resolvem nunca, respondeu o official. Tenho muito em breve que partir para uma viagem longa, talvez a ultima que faça, e desejo saber se vou feliz e casado, ou se vou triste e consumido pelas saudades que d'aqui levo!

Cecilia concordou finalmente. D'ahi a dois dias se casava ella com Leão Vermelho e seguiam juntos.

A sua ausencia causou enorme tristeza em casa do coronel, mas o conde procurava suavisal-a

do melhor modo possível, o que em grande parte conseguiu.

O medico aconselhára a Margarida uma viagem a bons climas antes do casamento. Partiram os tres, os noivos e o coronel, dentro de quinze dias. Atravessaram a Hespanha, passaram-se depois a Nice, foram a Napoles e á Sicilia. De volta a Portugal recolheram-se ao antigo Castello da familia do conde; reuniram-se então os parentes d'este e celebrou-se afinal o casamento com muita pompa e com muita alegria.

Entretanto, Leão Vermelho voltava ao Porto com a mulher, que já se achava em adeantado estado de gravidez.

O commandante, como vimos, tratou então de obter a sua reforma, e com ella um logar que lhe deixasse gozar em terra firme o descanso e a felicidade do lar domestico.

Conseguiu, emfim, realisar esse desejo, mas por outro lado principiou a soffrer na sua vida intima com Cecilia. A mulher parecia-lhe estranhamente reservada; dir-se-hia dissimular algum segredo que a fazia soffrer constantemente. Embalde, porém, o commandante a espreitou por muito tempo; em balde procurára apanhar-lhe um gesto, uma palavra, qualquer cousa, que lhe indicasse a ponta do mysterio. Nada! Um dia, afinal, surpreendeu-a a fazer, com muito empenho, uma carta e, na occasião em que, pé ante pé, foi espiar o que ella escrevia, Cecilia soltou um grito, cobriu o papel com ambas as mãos e empallideceu.

— Deixe-me vêr essa carta! disse Leão Vermelho seccamente.

Cecilia respondeu que tinha vergonha de mostral-a ; era uma futilidade, uma tolice!...

— Não faz mal! quero vêr!

— Não... objectou a mulher, procurando compôr um gesto de meiguice e de sangue frio.

— Peior! exclamou o commandante, encolerizando-se. Dê-me isso por bem, se não quizer dar á força!

— Pois ahi a tens!

E Cecilia sacudiu os hombros, resignadamente.

Leão Vermelho leu a carta com visiveis signaes de colera na physionomia. Os olhos parecia crescerem-lhe debaixo das sóbrancelhas crespas e negras, e os labios contrahiam-se-lhe, mostrando cada vez mais os dentes fuliginosos de tabaco.

— A quem era isto dirigido?! perguntou elle, cerrando as palpebras e atravessando a mulher com um olhar frio e penetrante.

— Para que o queres tu saber?! Não vês, pelo que está escripto, a digna posição que tomava eu para quem me dirigia?...

— Nada tenho a ver com isso! Quero saber para quem era esta carta!

— Mas que lucras tu em saber a quem era ella dirigida?!

— Máo! responde á minha pergunta e guarda as considerações para depois!...

— Pois então declaro que te não digo cousa alguma!

Leão Vermelho segurou Cecilia pelo braço e repetiu a sua pergunta, mais ainda assim nenhuma resposta obteve.

— Bem! disse elle; saberei por outro lado!

Todavia a carta, longe de depôr contra a mulher, dizia o seguinte :

« Caro Senhor.

« Se, como diz, é cavalheiro, peço-lhe que não insista na sua perseguição ; se é meu amigo, como também o diz, poupe-me a inquietação a que me obrigam os seus mal entendidos protestos de amor. Lembre-se de que sou casada e procuro todos os dias esquecer-me do passado, d'esse passado que me acobrunha, não pelo remorso, mas pelo desgosto e pela afflicção. Já soffri em demasia por sua causa, pague-me agora de tudo isso, deixando-me em paz ; não queira augmentar os motivos de queixa que tenho contra o Sr. Se suppõe que algum laço ainda nos une, está completamente illudido, porque meu... »

Leão Vermelho guardou a carta consigo, e principiou desde então a desconfiar de Cecilia. Foi por esse tempo que lhe appareceram as ameaças de perder o emprego e que elle se viu obrigado a seguir para Lisboa, a ir entender-se com o ministro da marinha.

Sabe já o leitor qual foi o resultado da sua viagem e da má vontade do governo portuguez. Leão Vermelho demittiu-se e, depois de ir ter com a mulher e o filho, resolveu dar vélas para o Brasil em um navio mercante. Sabe também que elle, na occasião de seguir, já no beliche, fez ao seu fiel servo recommendações especiaes a respeito de Cecilia e lhe entregou uma boa navalha de marujo.

O marinheiro, como vimos depois, ficou devéras impressionado pelas palavras do commandante. Não lhe sahiam ellas da cabeça ; parecia-lhe estar ainda a ouvir Leão Vermelho dizer-lhe com a voz engrossada pela commoção : « Não te descuides, meu

amigo! o horizonte anda turvo; cheira-me que tere-mos borrasca! Olho na bussola e mão no leme! Se desconfiares da senhora, communica-me qualquer signal, e, se descobrires cousa séria, já sabes, não precisas esperar por mim... dá-lhe duas naifadas e manda-a de presente aos melros! »

Tubarão não queria ligar muita importancia ás suspeitas do commandante, mas a scena do jardim, aquella entrevista fóra d'horas com um vulto mais que suspeito, vieram justificar no animo do bom marinheiro a recommendação de Leão Vermelho.

Quem o havia de acreditar?... dizia elle consigo. Uma pessoa tão seria e tão meiga, que era mesmo a imagem de Nossa Senhora do Socorro!... — Ah! mas, tanto ella como aquelle maldito papa-figos, que tenham paciencia; se os pilho, trabalha a faca!

E nunca mais se descuidou, a respeito da patrãoa, nas suas observações e na sua espionagem.

Entretanto Cecilia não era absolutamente culpada do que presenciára Tubarão: Pedro Ruivo sahira do Porto com o intento de seguir para o Brasil, como dissemos, mas, chegado a Lisboa, recolheu-se á casa de uma familia que fóra muito da amizade de seu pae, e ahi se deixou ficar ao saber que Cecilia afinal havia casado, e que elle por conseguinte não seria perseguido. De volta ao Porto, dois annos depois daquelles acontecimentos, Pedro Ruivo, certa manhã em que passeiava pelo Jardim das Virtudes, encontrou Cecilia acompanhada de uma bella criancinha loura.

Ella não o viu; elle porém reconheceu-a logo e começou de segui-la á distancia.

Cecilia, depois de fazer o seu passeio, recolheu-se

à casa, e Pedro Ruivo ficou sabendo ao certo onde residia a sua noiva de outro tempo.

— E não é que o demonio da rapariga está ainda mais bonita do que era?!... considerou elle ao voltar pelo mesmo caminho. E, possuido de estranhas commoções, principiou desde então a sentir-se pender para Cecilia, por esse estímulo traiçoeiro que aos homens communs faz desejar as cousas prohibidas. Ella nunca lhe pareceu tão desejavel, tão bella, tão digna de ser gosada. D'antes a extrema innocencia, a franca confissão do seu amor sem calculos e sem artificios, a candura de suas palavras quasi infantis, faziam de Cecilia um thesouro tão facil de alcançar, que Pedro Ruivo nunca se lembrára de calcular-lhe o valor.

Procurou um pretexto para poder aproximar-se della. Mas a cousa não seria assim tão facil, pensou elle. Cecilia devia guardar fundo resentimento da sua desgraça; não era natural que a presença de Pedro Ruivo lhe fosse muito agradavel. Foi então que o miseravel se lembrou do filho. — Ora esta! exclamou, abrindo os braços com enthusiasmo; tenho o melhor conductor que se póde desejar e não me lembrava d'isso!... Nem ha de ser preciso grande esforço; ella será talvez até a mais interessada em me tornar a vêr!

E, certo de que o filho era um instrumento seguro para os seus projectos, escreveu uma extensa carta a Cecilia, na qual procurava pintar o arrependimento que o pungia n'essa occasião, as saudades que o arrebatavam para ella, e o desejo apaixonado de vêr e beijar o seu querido filhinho. « Contento-me com pouco! dizia elle; desejo apenas, uma ou outra vez, contemplar o innocente fructo dos nossos amores



infelizes. Sei que deve haver no seu coração, Cecilia, muito resaiço de desgosto ; mas, se soubesse quanto tenho soffrido por amor d'isso, perdoava-me tudo ! Oh ! soffri muito ! os remorsos não me desampararam um só instante o coração. Chorei muita lagrima ! amarguei muito soluço ! Entretanto era preciso resignar-me ao destino sombrio, que eu mesmo preparára para mim. Fui culpado ! fui muito culpado, mas o arrependimento foi maior que a culpa. Não lhe peço que me ame ; não lhe peço até que me perdôe, comtanto que, se ainda existe no seu coração alguma cousa d'aquella ternura compassiva de outr'ora ; se se não apagaram de todo aquelles piedosos sentimentos, que faziam da senhora uma santa e que depois fizeram de mim um martyr pelo remorso de não a ter adorado como devia e de não a ter merecido em castigo da minha maldade e da minha cegueira ; se ainda existe no seu coração algum residuo d'essas virtudes — permita, por quem é, permita, pelo amor que tem naturalmente ao lindo ser que lhe sahiu das entranhas, que eu abraçe meu pobre filhinho ! Estou convencido de que as lagrimas de um pae desgraçado não terão em resposta a indiferença e o desprezo... Oh ! só agora acredito na colera divina ! »

Seguiam-se ainda algumas considerações sobre a fatalidade, sobre o destino e outros pretextos de que se costumam servir os seductores malandros, terminando a carta por um formidavel « Adeus, » com ponto de admiração e reticencias.

Pedro Ruivo contava seguro o effeito daquelle chorrilho de falsidades. — Em lendo isto, calculava elle, as lagrimas saltam-lhe dos olhos, e Cecilia abre-

me logo os braços. - E, se assim não fosse, para que diabo servia então matar-se a gente a aprender um bocado de rhetorica?...

Mas enganou-se : Cecilia leu a carta sem a menor commoção e não deu resposta.

Depois de cinco dias encontraram-se de novo na rua. Desta vez o Ruivo não esperou que ella o lobrigasse, foi ao seu encontro ; mas soffreu nova decepção, porque tinha como certo o sobresalto e o espanto de Cecilia, quando esta aliás lhe fallou sem se perturbar absolutamente.

— Que frieza!... disse comsigo o velhaco, morrido no seu amor proprio.

E vaidosamente procurou descobrir n'aquella propria indifferença um certo cunho de affectação, que traduzia o medo feito por elle a Cecilia.

— Não quiz então responder á minha carta?...

— Não, senhor.

— E porque?...

— Porque assim o entendi.

— Não consente então que eu de vez em quando abrace esta criança?...

— Não, e porque?

— Porque?! Ora essa! porque é meu filho!

— O senhor está gracejando com certeza!...

— Cecilia! nega então que eu seja pae de seu filho?!

— Com licença.

E a senhora afastou-se muito tranquillamente.

Pedro Ruivo ficou devéras pasmado com aquella indifferença. — Além de tudo, pensou elle, gesticulando sosinho; tem a finoria o cynismo de negar

que sou eu o pae do pequeno!... Ora esta! Confesso que não a suppunha tão matreira!...

E depois de cogitar um plano de ataque, bateu com a mão na testa, e exclamou : — Ah! Tenho uma idéa!

### XIII

#### AS MÃES DE GREGORIO

O plano de Pedro Ruivo era atemorizar Cecilia, ameaçar-a com o escandalo, obrigar-a a ceder pelo medo.

Aquelle homem, que despezára a occasião em que a bella rapariga lhe franqueára a alma, impregnada de todos os perfumes da innocencia e do amor, sentia-se agora estimulado brutalmente por um árdego desejo de possuil-a. A mesma physionomia, os mesmos olhos, a mesma bocca, o mesmo cabello; tudo que d'antes lhe parecia nella vulgar e sem interesse, agora resurgia defronte do seu desejo por um prisma novo de seducção. A resistencia de Cecilia, o nenhum caso que ella mostrou pela approximação de Pedro Ruivo, a sua desdenhosa indifferença, tão sincera e legitima quanto fôra o primitivo arrebatamento do seu amor, cahiram sobre o coração do perjuro, espremendo-lhe de dentro todas as fezes da maldade.

« Se não consentires em fallar commigo, escreveu elle, depois de outras tentativas; farei publico o segredo de nosso filho; contarei a historia do nosso

amor e attrahirei sobre tua cabeça a colera de teu marido. Amo-te, já o sabes perfeitamente; não é meu filho o que me arrasta para ti, és tu propria! Se me quizeres attender, terás em mim um escravo submisso; se o não quizeres, podes então contar com um inimigo implacavel. Escolhe! Amanhã á noite estarei debaixo de tua janella; se me não appareceres, juro-te que farei o que disse. Não tens pretexto de recusa: teu marido está em caminho para o Brasil; previno-te de que qualquer cilada contra mim urdida, recahirá sobre ti, que és a mais compromissivel n'esta empreza. »

Essa ameaçadora carta produziu o effeito ha tanto ambicionado pelo Ruivo: Cecilia teve medo; teve medo e foi á entrevista, como já sabe o leitor.

— Que deseja o senhor de mim? perguntou ella com a voz tremula, ao apparecer entre as folhas da janella mal aberta.

— Desejo dizer-te o que sinto por ti; o que soffro; contar-te os meus tormentos e pedir-te que me ames, que te compadeças do meu desespero e da minha dôr!

— Era só isso o que desejava?...

— Não me trates com essa frieza, Cecilia; lembra-te da nossa passada ventura; lembra-te dos nossos primitivos amores!

Cecilia não respondeu.

— Não me dás então uma palavra?! insistiu Pedro Ruivo ao fim de uma pausa.

— Que lhe hei de dizer? Nada tenho absolutamente para lhe communicar... O senhor ameaçou-me de perturbar a paz de minha casa, de envergonhar-me aos olhos da sociedade, de tornar conhecida a

única falta que commetti, de incompatibilisar-me enfim com meu marido, se eu não consentisse em lhe fallar. Pois bem : eu tive medo de suas ameaças e cá estou. Se com isto não se dá por satisfeito, faça então o obsequio de dizer o que ainda quer de mim; mas tenha a bondade de apressar-se, porque este ar frio da noite pôde causar-me mal...

— Bem! visto isso, preferes que eu publique o nosso segredo, não é verdade?! Queres que amanhã todos saibam que sou o pae de teu filho?! Pois eu te farei o vontade!

— Valha-me Deus! disse Cecilia, devéras impacientada. Como posso preferir semelhante cousa, se cá estou; se consenti, bem a contragosto, em fallar-lhe a estas horas e nestas circumstancias?!

— Isso não basta! Tu bem sabes que o verdadeiro amor não se contenta com tão pouco! Minha ameaça continúa de pé, se me não deixares approximarem de ti!...

— N'esse caso, respondeu Cecilia, com um gesto de resignação; o remedio que tenho é abaixar a cabeça e sujeitar-me á sua vingança. O senhor dirá o que quizer, fará o que bem entender! Pela minha parte, lancei mão do que estava dignamente ao meu alcance para evitar uma calamidade; nada consegui, paciencia! Não me posso queixar de ninguem!

— Não! deves queixar-te de ti mesma, porque com uma palavra tua, com um sorriso, eu cahiria a teus pés, escravo e submisso.

— Se ainda tem alguma esperanza a esse respeito, pôde perdela. Eu não me desviarei dos meus deveres.

— Cecilia, reflecte um instante!

— É justamente porque muito reflecti sobre isso, que me sinto agora tão segura na minha resolução.

— És cruel!

— Não, sou razoavel ; nada lucraria em esconder uma falta com outra maior. Em vez de uma teria duas! Pois o senhor que me não perdôa a unica culpa que commetti em minha vida, e essa porque fui credula e innocente, quanto mais se possuísse o segredo de uma outra, perpetrada agora, quando já conheço os homens e tenho alguma experiencia das cousas!...

— Sim, disse Pedro Ruivo, dominado pelas palavras de Cecilia ; mas é que as duas faltas se destruiriam mutuamente, e eu passaria do papel de accusador ao de cumplice, tendo, por consequente, tanto empenho quanto tens tu em esconder o nosso mysterio...

— Não! prefiro a sua raiva, a sua guerra, a toda e qualquer cumplicidade entre nós dois!

— Não me amas então?

— De certo que não!

— N'esse caso entrega-me meu filho!

— Não tenho em meu poder nada que lhe pertença!

— Cecilia, é perigoso zombar dessa fórma com a minha colera!

— Faça o que entender!

E Cecilia retirou-se, fechando a janella.

— Escuta! disse ainda Pedro Ruivo, mas não recebeu resposta alguma. O jardim havia cahido de novo no triste silencio da noite; só se ouvia o confuso sussurrar de algumas arvores que se espreguiçavam na sombra.

Como sabe o leitor, Tubarão presenciou aquella scena, sem comtudo ouvir o sentido da conversa dos suppostos namorados; e perseguiu Pedro Ruivo tendo de bater-se com os dois sujeitos que a elle guardavam as costas.

No dia seguinte o marinheiro levantou-se da cama, sem ter dormido, e sahiu de casa antes que os mais accordassem. Sentia-se muito acabrunhado: a decepção que lhe causaram as scenas da vespera empolgavam-lhe o coração com uma formidavel mão de ferro.

— Não ha que hesitar! pensava o pobre homem na sua brutal comprehensão do dever. O remedio que tenho é despachal-a e levar o pequeno ao commandante!

Mal porém assentava nesta deliberação, logo lhe assistia um profundo desgosto de não poder justificar de qualquer modo o procedimento de Cecilia e convencer-se afinal da sua innocencia.

N'este estado de hesitação, entrou em uma hospedaria para almoçar, certo de que, durante o almoço, se decidiria por qualquer partido. Tubarão, como todo o homem do mar, não tinha o habito de raciocinar andando pela rua. Só podia concentrar as suas idéas em pleno isolamento, ou assentado no fundo de alguma taverna, com os cotovellos fincados á mesa e a cabeça segura por ambas as mãos. Às vezes era-lhe até necessario fechar os olhos como se só quizesse olhar para dentro do cerebro, sem desperdiçar nenhuma particula da sua attenção com os objectos externos.

Foi o que elle fez. Metteu-se ao fundo de uma casa de pasto e pediu de comer.



— Verdade... verdade... principiou no seu raciocinio; eu ainda não sei bem do que se trata... Quem sabe lá se a mulher do commandante já precisa ser castigada ou precisa ser simplesmente aconselhada?... Sim, porque no fim de contas, ella apenas conversou com o tal pelintra e não o recebeu em casa. Ora, se eu fôr logo ás do cabo, posso talvez ser precipitado; o melhor então é espreitar mais algum tempo, porque se houver qualquer cousa, eu então saberei o que faça!...

N'este ponto, Tubarão ouviu perto de si uma voz que lhe chamou logo a attenção. Era, nada menos, que a voz de um dos sujeitos a quem elle esbordoára na vespera.

— Olá! disse consigo o marinheiro, procurando occultar-se o melhor possivel ás vistas do que fallava. Não pensei encontral-o tão depressa! Ouçamos o que canta este melro...

Era com effeito um dos homens de Pedro Ruivo, que acabava de entrar em companhia de um sucio, e ficára assentado de costas para o marinheiro.

Traziam a conversa principiada de fóra, e versava esta justamente sobre os acontecimentos da vespera.

— Mas emfim? perguntou o que ainda não era conhecido do Tubarão. Que quer você de mim?...

— Quero que venha commigo; eu já não me fio n'aquelle hespanhol! É um chorincas! Se não fóra elle, affianço que o sujeito não me sahia tão fresco da brincadeira!...

— Mas então vocês não lhe fizeram nada?!...

-- Pois se lhe estou a dizer que o hespanhol era o unico que estava armado e, em vez de sangrar logo

o tratante, poz-se a remanchar e deixou-o ir como veiu!...

— Ora, isso contado não se accredita! Eu não o deixaria sahir, sem provar o feitio cá da menina! disse o outro com presumpção, a bater sobre a algibeira em que guardava a sua faca.

E perguntou, depois de uma pausa :

— Para quando então precisam vocês de mim?!...

— Para depois d'amanhã.

— Bem. Nós nos podemos reunir aqui mesmo ou em casa de Pedro Ruivo.

— Pedro Ruivo?... disse comsigo o Tubarão. Ora espere!...

E ficou a pensar. Lembrava-se perfeitamente de ter já ouvido muitas vezes o nome de Pedro Ruivo, quando alguns conhecidos da familia de Cecilia falavam a respeito d'esta, com referencia ao passado.

— É o tal sujeito que esteve para casar com ella... concluiu o marinheiro, depois de muito puxar pela memoria. Pretenderá perseguil-a ainda? Máos raios o partam, se são essas as suas intenções, porque lhe torço o pescoço enquanto o demo esfrega um olho!

E só se retirou quando os dois da outra mesa haviam já sahido.

Ao chegar á casa foi logo se encaminhando para a sala de jantar, onde Cecilia costumava trabalhar áquellas horas. E com effeito ella lá estava, assentada á uma mesinha de costura, aparentemente toda preocupada com o serviço que tinha em mão. O marinheiro parou á porta, sem ser sentido pela patrãoa. — Quem póde lá acreditar que aquillo seja uma peccadora!... disse elle comsigo, a contemplar

a casta figura da rapariga. Ella nunca lhe parecerá tão senhora de si, tão tranquilla. Tinha a physionomia fresca e louçã como quem vive sem pesos na consciencia.

O filhinho brincava a seus pés, entre um montão de alegres destroços ; bonecos decepados, um pedaço de uma espada de páo. um tambor invalido e uma cornetinha já sem feitio.

— A patrão dá licença ? disse da porta o criado com a sua voz rude de marujo.

— Ah ! é você, Tubarão ? Entre. Como está ?

— Eu, graças á Virgem, não vou com máo vento ! E vocemecê ?

— Bem, obrigada, respondeu Cecilia, estalando um suspiro.

E como Tubarão ficasse calado : — Você sahiu hoje muito cedo...

— É verdade, resmungou o marujo, coçando a cabeça, sem encontrar um modo de principiar o que desejava dizer. É verdade...

— Que tem você hoje, Tubarão ? Estou o estranhando...

— São cá cousas. Eu não preguei olho esta noite !...

— Heim ?! perguntou Cecilia com sobresalto.

— É ! respondeu o outro ; passeia-a em claro e de pé !...

— De pé ?! No seu quarto naturalmente ?...

— Sim ; á minha janella...

— Á sua janella, mas...

— Das onze às tres da madrugada...

— Ah ! fez Cecilia, sem levantar os olhos.

E os dois ficaram mudos, de frente um do outro.

Ella principiou a coser eom mais empénho, porém a agulha tremia-lhe nos dedos.

— Vou escrever ao patrão!... disse afinal o marinheiro.

— Vae escrever? exclamou a senhora, erguendo-se e deixando cahir no chão a costura. Mas que tem você para dizer ao capitão?! FALLE com franqueza!

— Eu vi tudo! explicou seccamente o marinheiro.

— E porque então não veiu ao meu soccorro?! Se soubesse o serviço que me teria prestado!

— Como?! O serviço?... vocemecê então não estava por seu gosto a aturar aquelle sujeito de hontem?!...

— Oh! Deus sabe porque o aturei!

— E porque foi?...

— Infelizmente não lhe posso dizer nada, mas juro-lhe que sou incapaz de faltar aos meus deveres de esposa!

— E consente que um homem penetre fóra d'horas em sua casa, patrão?... Ah! Isso não se faz!

— Em minha casa, não!

— Mas no seu jardim!...

— Oh! não me crimine por amor de Deus! Juro-lhe que não sou culpada!

— Sim! eu acredito. mas...

— As apparencias accusam-me; bem sei! repito-lhe porém que sou incapaz de enganar meu marido!

— Que quer dizer então a visita d'aquelle homem?... Deseulpe vocemecê, mas eu tenho de dar contas ao commandante! Não! lá o que me está em confiança ha de ser vigiado! Se aquelle sujeito é um velhaeo, eu o afasto com dois murros; se elle

aqui veio auctorisado pela dona da casa, então é com ella que me tenho de haver!

— Que quer dizer você?

— Quero dizer que eu aqui represento a pessoa do meu patrão! Se elle é atraído, tenha vocemecê paciencia, mas eu o vingarei!

— Uma ameaça?! Mas...

— Não tem mais, nem menos! É pôr em pratos limpos o que ha! Cartas na mesa! Ou então faço justiça a meu modo!

— Meu Deus! exclamou Cecilia, segurando a cabeça. Que humilhação! que vergonha! E, vendo que o marinheiro parecia firme nas suas ameaças, procurou abrandal-o com ternura. Mas, Tubarão, reflecta, lembre-se de que ha cousas, segredos, que se não pôdem contar assim tão facilmente!...

— Uma mulher honesta não tem segredos para seu marido!

— E se fôr um segredo que venha do tempo em que eu ainda não era casada?... Acaso me poderão agora responsabilisar por elle?...

— Conforme!... respondeu Tubarão, inalteravel. Em todo o caso não admitto que se engane ao meu commandante! Se vocemecê não me quer dizer o que ha, Pedro Ruivo ha de dizel-o á força!

— Ah! exclamou Cecilia, empallidecendo. Estou perdida! Sabe tudo! murmurou ella.

— Que ha entre Pedro Ruivo e vocemecê, D. Cecilia?!

— Oh! se sabe tudo, não me obrigue a corar em sua presença! Poupe-me essa vergonha!

O pequenito levantára-se attrahido por aquella scena e olhava espantado para Tubarão.

— Eu não sei cousa alguma! respondeu este. Falle Vocemecê!

— Ó meu Deus! Mas que quer que lhe diga?!...

— Quero que me falle com franqueza ou eu communico o que sei ao commandante. Se vocemecê fôr innocente, não lhe farei mal algum... póde ficar descansada...

— E jura-me, Tubarão, que, se eu lhe provar a minha innocencia, poderei contar com o seu auxilio para fugir á perseguição de Pedro Ruivo?...

— Palavra de marinheiro!

— N'essa caso vou contar-lhe tudo.

E Cecilia narrou francamente os factos de sua vida, já sabidos pelo leitor; Tubarão ouviu-os com interesse e, terminada a narração, corriam-lhe as lagrimas dos olhos.

— Com mil raics! exclamou elle afinal; ha muito homem ruim por este mundo!

E, tendo reflectido um instante, perguntou se Gregorio não era então filho do commandante.

— Não! respondeu Cecilia; não é.

— Raios me partam! que não sei o que faça! A senhora devia ter declarado isso logo, no momento de casar!...

— Faltou-me a coragem, meu amigo...

— Agora, ou hei de mentir ao patrão, ou tenho de accusal-a; o que devéras me faz pena, porque no fim de contas, o culpado é aquelle maroto! Ah! elle é que devia receber uma boa lição!... E ha de recebel-a ou não sou eu quem sou!

Cecilia, quando o Tubarão se despediu, recolheu-se ao quarto muito acabrunhada. À noite apparece-

ram-lhe febres, e no dia seguinte não se pôde levantar da cama.

Entretanto, o marinheiro embalde procurou encontrar-se com Pedro Ruivo. Este nem só faltára á entrevista de que fallaram os dois homens da taverna, como não apparecia em parte alguma; só no fim de quinze dias constou que elle já não estava no Porto.

— O velhaco parece que adivinhou! disse comsigo o Tubarão, e adiou para mais tarde o que reservava para o Ruivo. Mas não pôde ficar tranquillo; Cecilia continuava doente, desde o terrivel dia em que o rude marinheiro lhe arrancou a confissão da sua falta. Fui um bruto! considerava elle; devia ter feito a cousa de outro modo! Fui logo ás do cabo!

E, para penitenciar-se, desfazia-se em desvelos com a enferma. A molestia, porém, não cedia, e o medico de Cecilia principiava a desanimar.

Assim correram dois mezes e meio. até que a chegada inesperada do commandante veio transformar completamente a situação. Leão Vermelho trazia comsigo uma carta anonyma em que lhe pateavam as culpas da mulher. Pedro Ruivo cumprira a sua promessa: Cecilia estava denunciada. O commandante, que vivia já sobre-desconfiado com a primeira carta surprehendida nas mãos da esposa, acabou por se julgar trahido e ultrajado, principalmente á vista dos sobresaltos da accusada, quando ouviu fallar do crime de que era suspeita, e á vista dos embaraços de Tubarão, quando o amo o interpellou sobre o que se passára com Cecilia na sua ausencia.

— És um canalha! bradou-lhe Leão Vermelho,

quando percebeu que Tubarão não lhe contava tudo o que sabia.

— Serei, com mil raios! mas não abro a bocca para dizer uma palavra!

— És então o cúmplice d'aquella miseravel?!

— Não! sou o cão, que lhe guarda a porta! Ninguém entrará alli para lhe fazer o menor mal!

Ouviu-se então uma gargalhada estranha. E o vulto de Cecilia, pallido e transformado, assomou á porta do seu quarto.

Parecia vir da sepultura.

Leão Vermelho recuou assustado, e Tubarão olhou com grande espanto para a figura esqualida, que acabava de surgir no esvasamenta da porta.

Cecilia parecia um espectro : a magreza extrema seccára-lhe as côres provocadoras do rosto; seus olhos bailavam nas cavadas orbitas, sinistros na travessa inconsciencia da loucura; os cabellos cahiam-lhe desgrenhadamente pelo rosto e pelas costas, dando-lhe a expressão phantastica de uma furia de Goya; o peito, despojado pela molestia, apparecia na sua profunda pallidez por entre os rasgões da camisa, e os braços esqueléticos moviam-se vagorosamente, quasi sem forças para supportar o proprio peso.

Os dois homens sentiram-se atterrados á vista d'aquella apparição inesperada. O pequenito, ao encarar com o medonho espectro da mãe, abriu a chorar de medo e a segurar-se nas pernas do marujo.

Cecilia, entretanto, continuava a rir estranhamente e a fazer para os dois momices inintelligiveis. O marinheiro cobriu o rosto com as mãos e abafou os soluços; só se lhe via arfar o largo peito, debaixo



das grossas barbas rociadas pelo pranto. O cõmmante passeiava os olhos de um para o outro, como se lhes perguntasse a ambos o que haviam feito da sua felicidade. Depois apoiou-se à parede e caminhou tropegamente para o quarto ; o pequenito quiz acompanhá-lo, mas elle o desviou com a mãõ, sem voltar o rosto.

Cecilia apontou para o filho e soltou uma nova risada. Então o marinheiro tomou ao collo a criança e começou a ameigal-a, como fazia d'antes nos tempos mais felizes ; Gregorio só se consolou de todo com a promessa de que o marujo lhe contaria a historia da sereia que furtava os meninos endiabrados. Mas o pobre homem tinha de interromper de vez em quando a sua narrativa, porque um aspero novello lhe tolhia a voz na garganta.

— Você está chorando?... perguntou o pequeno, muito admirado.

— É que tenho pena dos meninos que a sereêia carrega...

— Coitadinhos ! disse aquelle interessado na historia, e pediu ao marujo que lhe cantasse certa modinha de que elle gostava muito.

— Não ! hoje não se canta !

Mas o pequeno insistiu, chorou ; e o marinheiro afinal, para não ser ouvido pela patrõa, carregou com elle para o terraço e principiou a cantar a mesma lóa com que procurava antigamente distrahir Cecilia. A voz rude e grossa tremia-lhe na garganta. O pequenito, assentado nas pernas do marujo, olhava para este embebido naquella toada monotona, com que tantas vezes adormecera.

Quando Tubarão acabou, soluçando, a ultima

estrophe da cantiga, deu com a louca, que alli fôra attrahida por uma vaga reminiscencia das suas tardes de verão. Essa não chorava.

Veiu o medico mais tarde e declarou que a doente precisava sahir d'aquella casa. Tubarão não sabia o que fazer; pôrou fallar ao amo; este, com um formidavel grito, exigiu que o deixassem em paz, depois tornou a fechar a porta do quarto e não appareceu a mais ninguem n'esse dia.

Em taes apuros, sahiu de casa o marinheiro para providenciar sobre o queurgia, quando, ao dobrar uma esquina, deu cara a cara com Margarida, que passeiava pelo braço do marido.

— É o Tubarão! exclamou o conde, quando o marinheiro se approximou d'elle.

— Creio que sim! porque eu mesmo já não sei a quantas ando!

— Você já não mora em companhia de Cecilia? perguntou Margarida.

— Pois é por causa d'ella mesmo, coitada! que ando n'esta dobadoura...

E o marinheiro em poucas palavras contou o que havia.

— Conde, depressa! gritou a boa senhora; corramos a soccorrer a pobre Cecilia!

O conde deu-lhe o braço e seguiram todos para a casa de Leão Vermelho.

Margarida havia chegado na vespera ao Porto, e tinha de partir d'ahi a tres dias. O medico aconselhára ao marido que a fizesse viajar, e o conde, que adorava a mulher, tremia só com a idéa de que lhe voltassem a ella os antigos padecimentos. Mas d'esta vez era necessario um clima mais quente, e, como

Margarida não se dava bem com os ares do sul da Italia, ficára resolvido seguirem para o Brasil.

O conde chamou um carro que passava na occasião, e d'ahi a pouco eram conduzidos pelo marujo ao lado da louca. Cecilia não os reconheceu, ou pelo menos não mostrou o menor interesse em tornar a vê-los. Leão Vermelho atirou-se nos braços do amigo, e então desabafou em lagrimas o desgosto que se lhe havia accumulado no coração. — Sou um desgraçado! disse elle, com a cabeça no peito do conde; imaginei que o casamento me traria a paz da velhice e a consolação para as injustiças que recebi de toda a parte, quando aliás só me serviu elle para acarretar noyos dissabores e para me amargurar de todo o resto da existencia!

O conde interrogou por varios modos o commandante, mas este não lhe quiz dar explicações. Ficou decidido que Cecilia entraria para uma casa de alienados e passaria, quando melhorasse, para o convento de Santa Clara; quanto a Gregorio, a condessa o reclamou para si e encarregou-se de educal-o.

D'ahi a tres dias seguiam o conde, a esposa e o pequenito para o Brasil; Leão Vermelho, acompanhado do seu fiel marinheiro, tomava passagem para as Antilhas hespanholas, onde tencionava especular no commercio, e a pobre louca recolhia-se ao hospital.

Gregorio demorou-se tres annos em poder da condessa, e durante esse tempo recebeu a mais desvelada educação que se podia proporcionar a um filho querido. Margarida tomou-lhe verdadeiro carinho e só consentiu em separar-se d'elle, quando deu á luz a unica filha que teve, Maria Luiza, aquella bella

menina loura, que no começo desta narrativa costurava á luz do candieiro de alabastro no palacete da Tijuca.

Gregorio passou então para o collegio do barão de Totœpheus, onde cursou os seus primeiros estudos. A condessa, mal convalesceu do parto, voltou com o marido a Portugal, deixando tomadas todas as providencias necessarias para que no Brasil nada faltasse ao filho adoptivo, e sendo ao lado deste substituida por uma sua amiga, D. Florentina de Aguiar.

E agora, que Gregorio está aboletado perfeitamente no collegio, com o seu bello enxoval de roupas brancas, os seus livros novos, a sua cama de ferro, a sua mesinha de cedro e a sua pequenina estante de madeira pintada, deixemos que elle se desenvolva e vá preparando para entrar mais tarde nas scenas que o esperam; por emquanto, vamos acompanhar o Leão Vermelho, cuja vida transcendente tem de explicar muito dos episodios occorridos nos passados capitulos e muitos dos episodios ainda não conhecidos do leitor.

## XIV

### OS PAES DE GREGORIO

Leão Vermelho pouco tempo se demorou pelas Antilhas; percorreu Cuba e Porto Seguro; foi feliz no commercio de tabaco, e tentou alargal-o, entregando-se a novas especulações.

Os desgostos de familia, a ausencia de carinhos, a falta absoluta de alguém a quem se dedicasse elle de coração, deram-lhe ao character esse espirito ganancioso que se nota principalmente nos judeus desmanados ou nos padres catholicos, aos quaes as leis canonicas prohibem constituir o lar, a dedicação íntima e o amor.

Mas o pae official de Gregorio tinha innegavel queda para fazer familia. E a prova disso vae vêr o leitor.

Díssemos que elle se lembrára de ampliar as suas especulações, e accrescentámos agora que Leão Vermelho não poderia encontrar melhor época para pôr em pratica semelhante resolução. A guerra do Paraguay estava no seu apogeu; os commissarios de todos os matizes enriqueciam da noite para o dia; chegar ao Paraguay com um carregamento de vi-

veres e objectos de uso vulgar, era haver como certo o valor d'esses objectos dobrado vinte vezes a peso de ouro.

Leão Vermelho fez um grande carregamento com todo o dinheiro que ganhára nas Antilhas, e resolveu seguir para o Rio da Prata.

Teve porém de demorar-se no Rio de Janeiro mais tempo do que supponha, porque fôra acommettido pela febre amarella. Morava para as bandas de Catumbý, n'uma casa de pensão, dirigida por uma viuva ainda moça. Foi esta quem se encarregou de o tratar, e com tanto empenho se dedicou a tão displicente tarefa, que o capitão, ao convalescer da febre, havia adoecido de uma outra enfermidade, cujos linitivos só a propria enfermeira lh'os podia ministrar.

E ministrou-os. Não a medir suvinamente as doses, como fazem os medicos, mas a franqueal-as liberalmente, como se quizesse utilizar as suas drogas, que se iam desvirtuando sem aproveitar a ninguém. De sorte que Leão Vermelho, ao partir para o Rio da Prata, já levava saudades da Córte e já se sentia consolado quasi das suas primeiras adversidades conjugaes.

Os resentimentos desapareceram afinal, mas as saudades foram avultando de tal fórma, que o commissario acabou por acreditar que já lhe não era possivel dispensar a consoladora companhia da viuva. Isso mesmo deixava elle provado no calor das suas cartas e no interesse que punha nas palavras, sempre que fallava em voltar para a casa de pensão da Sra. D. Henriqueta dos Santos. Esta, pelo seu lado, não podia deixar de ter na memoria o querido

hospede, porque Leão Vermelho se fazia representar na sua ausencia por um phenomeno physiologico muito conhecido, que ia roubando á viuva uma grande parte da elegancia, e dando á sua cintura uma certa dilatação suspeita e respeitavel ao mesmo tempo.

Quando, um anno depois, o commissario voltou ao Rio de Janeiro, em vez de ser recebido simplesmente pelos dous bellos braços carnudos de D. Henriqueta, foi tambem recebido por mais outros dous, não tão provocadores, porém talvez mais bellos e com certeza mais adoraveis — eram os bracinhos de uma filha.

O leitor não precisará fazer um grande esforço de intelligencia para adivinhar que essa criança é Clorinda, a formosa creatura que havia de mais tarde cahir nas graças do nosso Gregorio.

Leão Vermelho contiuiuava a prosperar; as especulações do Paraguay enchiam-lhe fartamente as algibeiras. D. Henriqueta desfez a casa de pensão, e d'ella conservou sómente uma velha amiga de muitos annos — D. Januaria; cumprindo deste modo, não só um dever de gratidão para com essa pobre senhora que fôra por longo tempo o seu braço direito, como tambem evitando assim ficar só com a filhinha, durante as repetidas viagens do capitão.

O commissario comprou uma confortavel casinha no Campo de Sant'Anna, preparou-a com o desvello dos homens dados á familia, e dispoz-se a encontrar, n'esse modesto refugio, a paz e a felicidade que não conseguiu gosar nos braços da esposa legitima.

Clorinda foi baptisada muito modestamente; convidou-se para padrinho um rapaz da vizinhança, que

já em algum tempo fôra pensionista de Henriqueta — o Portella; bello moço do commercio, pacifico e apparentando bons costumes. - Diziam d'elle cousas muito lisonjeiras, e entre os da mesma classe passava por espirito claro e vantajosamente cultivado.

Foi d'esse modesto padrinho que brotou aquelle pretencioso commendador, com quem travámos conhecimento desde o primeiro capitulo. Trazia já consigo certa pontinha de empafia; já n'aquelle tempo, se bem que os meios lhe não permitissem ainda ablaquear grande figura, gostava elle de empinar o nariz e de omittir opinião sobre assumptos de sua ignorancia. Para madrinha convidou-se quem era de esperar — D. Januaria. A boa senhora morria de amores pela filhinha da amiga; ficou satisfeita com a escolha. E tudo correu muito bem.

Leão Vermelho, ainda não saciado, voltou ao campo de suas especulações e, ao que parece, não com menor fortuna do que da primeira vez, porque ao voltar agora tratou de desenvolver a sua casa; cercou-se de opulencia, abriu as salas e procurou estender as suas relações com a' melhor sociedade.

O diabo era o facto de' não ser casado ou, por outra, de ser já casado e não poder, assim, justificar as suas relações com Henriqueta e apresental-a limpamente nos salões que em torno d'elle se abriam. Entretanto ninguem no Brasil parecia estar ao facto do seu casamento em Portugal, e elle proprio ia jurar que Cecilia havia já morrido no tal convento a que afinal se recolhera, pois nunca mais lhe constou a menor novidade a respeito da pobre louca.

Sob esta impressão recebeu a noticia de que acabava de morrer em Minas Geraes um tio materno de



Henriqueta, do qual nem a propria sobrinha se lembrava. Nada menos que uma herança de cem contos de réis ! Este facto o decidiu a contrahir casamento com a herdeira e partir depois em companhia d'ella para o logar onde tinha de receber o legado ; mas a fortuna, que até ahi não o desamparára, entendeu d'esta vez virar-lhe as costas. O tio de Henriqueta deixára alguns parentes afastados ; esses parentes cubiçaram tambem o dinheiro do defunto e trataram de guerrear a pretensão da sobrinha. Leão Vermelho foi perseguido ; os inimigos, no furor de prejudical-o, descobriram a sua bigamia, levaram o escandalo para a imprensa e mais tarde para os tribunaes. O commissario, afflicto com semelhante perseguição, deixára a provincia e, sendo acozado egualmente no Rio de Janeiro, fugira para Buenos-Aires, ficando a mulher, a filha e D. Januaria na Côrte.

Definitivamente a estrella do pobre Leão Vermelho principiava de novo a assombrar-se, porque pouco depois da sua partida, Henriqueta fallecia de um terrivel aborto.

Comtudo as perseguições continuaram, e Leão Vermelho resolveu voltar á patria e reclamar depois a filha. Constou então que elle havia morrido e os inimigos para sempre se apaziguaram. Clorinda ficára em companhia da madrinha, D. Januaria, que desde então principiou a servir-lhe de mãe. Foi n'essas condições que a encontrámos já mulher no primeiro capitulo, a vestir-se para o mallogrado casamento de Gregorio. O pae fazia chegar mysteriosamente ás mãos de Januaria uma mezada, que chegava perfeitamente para ella e Clorinda. O leitor

sabe já qual o effeito da suspensão d'essa mezada com a morte real do commissario. Mas o que ainda não dissemos, e o leitor talvez não desdenhe saber, é o que foi feito de Tubarão, e quaes as circumstancias que o collocaram mais tarde ao lado de Talha-certo, envolvendo-o no crime da casa Paulo Cordeiro. É o que vamos vêr :

O marinheiro acompanhou o amo ao Paraguay e, por ordem d'elle, ahi ficou para o secundar nos seus negocios ; depois, com a segunda viagem de Leão Vermelho, terminaram as especulações deste, e o marujo conseguiu encartar-se a bordo de um navio brasileiro. Só voltou á Côrte com o fim da guerra e passou então a trabalhar como calafate no arsenal de marinha. Nesse estado é que o encontrámos no café da Menina do Bandolim.

Sabe agora o leitor a verdadeira causa do espanto, e talvez da alegria, de Tubarão ao ouvir dizer pelo Falha-certo que Pedro Ruivo estava no Rio de Janeiro. O marinheiro nunca perdoára o mal que o tratante fizera a Cecilia e aguardava ainda, com o mesmo empenho, um seguro momento de vingar a sua querida ex-ama. Cumpre tambem esclarecer um outro ponto : quaes as relações que existem entre o commendador Portella e o tal Ruivo ; relações essas que implicam com uns certos documentos desfavoraveis ao commendador e que se supunham em poder do Ruivo.

Vamos a isso, mesmo porque é tempo de accentuarmos melhor este typo, cujo desenho foi até agora apenas esboçado por alguns factos de sua vida.

Ruivo era uma d'essas figuras indefinidas e duvi-

dosas, das quaes é muito difficil determinar, só pelas apparencias physicas, o character, as intenções e a idade. A expressão de sua physionomia variava conforme a situação; nadavam-lhe ás vezes os olhos em um mar de ternura, ás vezes scintillavam de esper-teza e ganancia, e ás vezes amorteciam indifferentes é distrahidos. E todo o rosto acompanhava essa gymnastica dos olhos, fazendo-se, ora compassivo, ora carrancudo, ora imbecil. A tez, tão facilmente apparecia corada e lustrosa, como se tornava pallida e baça. Os labios mexiam-se de mil modos e davam á bocca todas as expressões da dôr, da alegria, da maldade e do heroismo; só um traço se conservava fiel aos seus labios—era um certo arquear do canto da bocca, como se nota em geral nos velhos comicos, habituados ao falso riso.

Pedro Ruivo talvez tivesse dado de si um bom actor. Ninguem como ella governava tão despoticamente a physionomia, e ninguem sabia conduzir as inflexões da voz com tanta arte e com tanta felicidade. Quando queria enganar alguem, arrancava da garganta maviosos queixumes doloridos, ou então gritos indignados, agudas exclamações de colera, de amor e de pasmo.

Tudo isto sem o menor esforço, sem o menor estudo. Conhecia por natureza todos os segredos da sciencia de agradar, de abrir os corações e ir penetrando familiarmente por elles, como quem dispõe do que é seu.

Entretanto não tinha amigos e era incapaz de fazer o menor serviço desinteressado, fosse elle o mais simples deste mundo. Quando se mostrava indignado defronte de alguma injustiça ou de qualquer

perversidade, ninguem acreditaria que alli estivesse o mais cynico dos homens; da mesma fórma, quando tinha de desaggravar o supposto brio de qualquer offensa, ninguem, pelo seu aspecto resolutivo e digno, seria capaz de perceber o poltrão que se escondia debaixo d'elle.

Com semelhantes dotes conseguiu sobreviver ao destroço dos seus bens e conseguiu inspirar sympathy a muita gente. Logo que empobreceu, principiou a tirar partido do jogo; não jogava sem trapacear. Uma noite, justamente no tempo em que perseguia a mulher de Leão Vermelho, foi pilhado em ladroeira, e teve que fugir do Porto. Assim se explica a sua desappareição, quando o marinheiro pretendia lançar-lhe as unhas.

Pedro Ruivo conseguiu passar ao Rio de Janeiro. O Brasil sorria-lhe de longe, como um vasto campo onde podia elle exercer livremente a sua arriscada industria. Começou logo a correr as províncias, já engajado em uma companhia dramatica, como secretario; já á sombra de algum amigo remediado de fortuna: já como *fac totum* de alguma estrella de brilho suspeito.

E assim se escoaram quinze annos; appareceram-lhe as rugas e os cabellos brancos. O libertino comprehendeu então que havia esbanjado todos os bens com que viera ao mundo, e cahiu em um grande desanimo. Sentia-se cansado de não haver feito cousa alguma; a idéa da sua maldade e da sua influencia perversa sobre aquelles com quem convivera, encheu-lhe o coração de um profundo desgosto envergonhado. Pensou no suicidio. A morte appareceu-lhe como apparece a idéa da deserção ao máo soldado;

queria fugir da vida, porque esta se convertera para elle em uma mochila difficil de supportar. Mas não teve animo de morrer; não teve coragem de separar-se por uma vez d'aquella materia vil, que lhe reclamava dia a dia o necessario para alimentar-a. Que inferno! considerava elle nos seus momentos terribes. Que inferno! ter eu de sustentar esta besta!

Era o egoismo na sua suprema expressão. E a existencia tornára-se-lhe assim um verdadeiro tormento. Vivia mal cuidado, mal nutrido, ás vezes sem casa, sempre sem esperanças e sem alegrias. A felicidade dos outros o torturava de modo cruel; não podia vêr ninguem desfructar a vida satisfeito.

A mulher, esse ente imperfeito e adoravel, que d'antes o levava a commetter tamanhos desatinos, convertera-se agora, para elle, no mais feio objecto de desprezo; quanto mais bella fosse, quanto mais terna, mais digna de ser amada, tanto mais Pedro Ruivo a execrava. Agora, a um beijo prefereria um par de botas e, de bom grado, trocaria todos os sorrisos feminis do mundo por uma miseravel nota de cinco mil réis. A fome, o máo trato, os vicios d'elle e os do seu sangue, transformaram-lhe completamente o corpo. Já nada existia d'aquelle typo asseiado e sympathico que vimos no Porto passeiar de braço dado a Cecilia no domingo da excursão á quinta. Seus olhos tinham perdido o brilho sensual dos outros tempos, e deixavam-se agora engolir somolentemente pelas palpebras bambas e amortecidas; o nariz, de fino e bem feito que fôra, transformára-se em um torpe objecto, informe, gorduroso e vermelho; a bocca perdera dentes e descahira pelo habito do cachimbo; o velho abuso do alcool princi-

piava também a reclamar os seus direitos e sacudia-lhe já com *delirium tremens* os membros narcotizados pela aguardente.

Todo elle era inchação, tosse, rheumatismo e mãos humores. Já não podia beber um trago sem ficar logo embriagado e tremulo. E, sem roupa, sem dinheiro, sem vontade de viver, escrophuloso e porco, arrastava-se pelas tavernas, dormia pelas calçadas, bebia nos chafarizes e pedinchava pelas casas de pasto.

N'este estado, dormitava uma tarde nos bancos do Passeio Publico, quando ouviu perto de si a conversa de dois typos, que fallavam animadamente. Um era o commendador Portella; o outro o leitor reconhecerá depois.

— Mas onde estão os papeis?... perguntou o Portella, chegando a bocca ao ouvido do companheiro.

— Estão ainda no hotel do Caboclo, dentro da minha mala. Posso ir buscal-os hoje mesmo e entregal-os ao senhor, comtanto que, no acto da entrega, o amigo...

— Caia com o continho de réis!... Está dito, pôde ficar descansado! Leve-me os papeis e terá o dinheiro!

— Bem, vou então buscar a mala, prometeu o sujeito ao commendador; e levo-lhe depois os documentos.

— Ou então, olhe! o melhor é seguirmos juntos; vamos lá para casa, e mandamos buscar a mala por uma pessoa de confiança. Lá no hotel saberão entregal-a?

— Isso é o menos. Não tenho outra malinha de

ferro em meu quarto, mas é que certos objectos não devemos confiar de ninguém...

— Bom! bom! voltou o commendador; escusa de desconfiar com a gente! Já cá não está quem fallou. Vá você mesmo buscar a sua mala...

E os dois, depois da conversarem ainda por algum tempo, sahiram vagarosamente do Passeio Publico.

Mas, Pedro Ruivo, que ouvira toda a conversa, havia já disparado com direcção ao hotel do Caboclo.

## XV

### AVENIDA ESTRELLA

Pedro Ruivo, chegado que foi ao hotel, tratou logo de saber reservadamente como se chamava o hospede, que elle vira a conversar no Passeio Publico com o commendador Portella.

— João Rosa, disseram-lhe. O embusteiro dirigiu-se então ao gerente da casa e explicou-lhe que a pessoa d'aquelle nome mandava que lhe entregassem alli uma pequena caixa de ferro, que estava no seu quarto.

— Vá você mesmo buscal-a, respondeu o gerente. É aquelle o quarto.

E mostrou uma porta ao fundo de um corredor sombrio e mal arejado.

— A chave! reclamou Pedro Ruivo.

— A chave? pois você não a traz? O hospede d'esse quarto nunca a deixa no hotel...

Pedro Ruivo deu aos diabos a sua mã estrella. Queixou-se de João Rosa, do gerente, de si proprio, e afinal desceu muito desapontado as escadas e collocou-se á porta do hotel, para vêr se mariscava alguma



cousa. Ora bolas! dizia elle comsigo; quando um diabo dá para caipora é isto que se vê!...

E reconhecendo João Rosa em um sujeito que acabava de entrar, apartou-se, receioso de que descobrissem a sua tentativa de ha pouco. Todavia ninguem no hotel notou sequer a rapida entrada e a immediata sahida daquelle. Fôra simplesmente buscar o cofre ao seu quarto. Pedro Ruivo estava assentado ao canto, quando o viu passar todo atarefado a sobraçar o precioso cofre.

— Alli vae o meu thesouro! resmungou o gatuno e, ferido por uma idéa subita, levantou-se rapidamente, tirou o chapéu e disse ao Rosa com uma doce voz de bom homem:

— O' patrõesinho! dê esse carretinho a ganhar á gente! V. S. vae ahi a molestar-se...

João Rosa hesitou a principio, mas julgando bem do peso do cofre pela má impressão que principiava a sentir no braço, perguntou ao carregador quanto queria para leval-o até á rua Direita e, depois de ajustar, passou-o para as mãos do Ruivo.

Quem visse o modo simples pelo qual este recebeu aquelle objecto; o ar modesto com que elle, de pé, esperava humildemente que o outro abrisse caminho, não seria capaz de suspeitar nem de leve das suas intenções.

O Rosa seguiu adeante, Ruivo acompanhou-o a pequena distancia; mal porém tinham feito uns quarenta passos, já o ultimo se havia enfiado pela porta de um café, que ficava na esquina, e sahido pela porta da outra rua, emquanto Rosa mais adeante o procurava com a vista.

Pedro Ruivo ganhou a primeira viela da Cidade

Nova, metteu-se no primeiro bonde que passou, e seguiu para o Rio Comprido. Só parou defronte da antiga estalagem da Avenida Estrella. Elle ahi não conhecia ninguem, mas o aspecto do logar pareceu-lhe magnifico para um segredo. Entrou.

A Avenida Estrella é uma velha chacara situada ao sopé de umas montanhas que ficam á esquerda de quem sobe o Rio Comprido. Ha na entrada um grande portão de ferro, talhado entre um extenso gradeamento, onde de espaço a espaço avultam columnas de pedra e cal, quadradas e encimadas por uma especie de tullipa aberta para o céu. Algumas d'essas columnas despiram já a camisa de estuque e mostram a côr da pedra e a côr do barro; em outras se nota a ausencia do capitel e das cimalthas.

Mas quem entra na Avenida Estrella esquece-se de tudo isso, arrebatado pela exuberante vegetação que o cerca. De todos os lados a mesma pujança e a mesma opulencia da natureza! Os montes afogam-se em um oceano de verdura; as arvores amontoam-se desde longe, accumuladas umas sobre outras, formando matizes admiraveis e planos que se vão amortecendo, á proporção que se afastam de nossos olhos, até se confundirem com a violeta das longinquas serras, lá no extremo do horizonte, por entre os vapores do céu.

Principia a chacara por um renque de palmeiras, que parecem brotar dos massiços cercilhados da murta e das compactas moitas de margaridas. Esses massiços formam pequenas ruas, que se entranham pela chacara e vão dar aos taboleiros de hortaliça e ás vallas de agrião. Depois é que surge a velha escadaria de pedra rajada, e afinal o casarão antigo, mys-

terioso e triste como um mediaval castello abandonado.

Pedro Ruivo enveredou por uma d'aquellas ruas e caminhou á tóa por entre a verdura. Quando se julgou em logar seguro, pousou no chão o cofre e principiou a contemplal-o, assentado ao seu lado. — Que estaria alli dentro?... papeis sem duvida! mas papeis que valiam pelo menos um conto de réis para o commendador Portella!...

E Pedro Ruivo, sem conseguir domar a phantasia, principiou a facer soberbos castellos de fortuna, entre os quaes se sonhava nadando em muito dinheiro. — Era impossivel que alli só estivessem os taes documentos que sobresaltavam o commendador! Com certeza havia muito mais! O cofre não era tão pequeno!... O peor porém é que Ruivo não o conseguia abrir: as quatro faces lisas d'aquella estranha caixa não apresentavam o menor signal de fechadura, não davam o menor indicio por onde devia ser ella aberta; eram quatro laminas de aço, formando um perfeito parallelepipedo. Havia alli com certeza algum segredo subtil, alguma mola, com o qual o gatuno não atinava. E o Ruivo, possuido inteiramente pela sua preza, olhava-a por todos os lados e experimentava-lhe todos os cantos, sem conseguir descobrir cousa alguma.

A noite formou-se de todo. Uma bella noite luminosa, cheia de estrellas. Pedro Ruivo continuava a tatear o cofre, quando de repente sentiu fugir-lhe de baixo dos dedos a extremidade do angulo de umas das laminas.

— Ah! exclamou elle sem poder conter a alegria. Estava tudo descoberto! Tudo, até o proprio Ruivo.

porque o seu grito chamára a attenção do estalajadeiro, Papá Falconnet, que n'aquella occasião passava pela chácara a refazer-se com o fresco da noite.

Papá Falconnet era um alegre velho francez de setenta e tantos annos, porém ainda muito senhor de todas as suas faculdades physicas e intellectuaes. Homem de pouca estatura, grosso de hombros, pulsos rijos, cabeça perfeitamente coberta de cabellos grisalhos, curtos e crespos, bigode e barba á Cavaignac, olhos vivos, pescoço reforçado e dentes ainda vigorosos. Tinha certa vaidade do seu vigor. « Pois olhem que não foi porque não aproveitasse eu bem a minha mocidade ! » exclamava elle a quem lhe elogiava os seus bellos setenta e dous annos. E afiançava sempre que, antes de engolir os trinta e tantos que tinha do Rio de Janeiro, já havia gramado vinte em Pariz, dez na Belgica e outros dez em Bordeaux ; e que durante todo esse periodo, só duas cousas conhecera que verdadeiramente o deixaram assombrado : — Era Napolão Bonaparte e a portentosa natureza do Brasil.

Falconnet, nascendo com o seculo palpitára na sua mocidade sob a impressão dos dramas napoleonicos e nunca mais pudera fugir á romantica influencia d'esse tempo. Ainda agora, quando alguém lhe fallava de Austerlitz, de Marengo, Ratisbonne ou de outra qualquer victoria do feliz capitão, os olhos enchiam-se-lhe de enthusiasmo ; erguia a cabeça e, com um braço no ar, principiava elle a cantar a Marselheza.

Os hospedes tratavam-no todos com liberdade amiga ; batiam-lhe no hombro e perguntavam-lhe : « Como iam os seus amores » Falconnet ria,

fingia zangar-se, ralhava, mas d'ahi a pouco se mettia de troça com os rapazes e não se lembrava mais de que tinha o triplo da idade de cada um d'elles.

Pois foi esse homem de setenta e tantos annos quem descobriu Pedro Ruivo escondido por entre as arvores da alameda.

— Que faz você ahi?! perguntou elle, approximando-se.

— Estou a descansar, patrão... disse o gatuno, procurando esconder o cofre.

— Pois venha descansar cá para dentro, aconselhou o velho, approximando-se mais, disfarçadamente.

E quando o Ruivo ia abrir carreira por entre o matto, já o francez ganhára de um salto a distancia que os separava e o empolgava pelos braços. Não foi preciso sustel-o durante muito tempo, porque appareceu logo o hortelão, que estava perto, e pouco depois os hospedes, a cujos ouvidos chegaram os gritos do hoteleiro.

Mas, na occasião em que conduziam Pedro Ruivo para a casa, deu este um arranco das mãos que n'essa occasião o seguravam, e ganhou o matto, pelo lado das montanhas.

— Não o deixemos fugir! gritou um dos rapazes que o perseguiam. Anglada! Augusto! Affonso! Por aqui! Cerquem o gatuno!

E os rapazes precipitaram-se no encalço de Pedro Ruivo.

Se o leitor, em vez de lèr simplesmente o que vae escripto, ouvisse tambem o metal da voz que gritou, ficaria sabendo que alli estava Gregorio.

Pedro Ruivo continuou a subir de carreira o mon-

te. Mas o cofre difficultava-lhe a fuga; as pernas principiavam-lhe a tremer, o cansaço tomava-lhe a respiração, e elle, já sem forças, ia render-se, quando descobriu a gruta.

As pessoas que conhecem a Avenida Estrella sabem a que gruta nos referimos, e, se o leitor a não conhece, ficará fazendo d'ella idéa completa pela descripção que mais adiante lhe daremos.

Pedro Ruivo occultou o cofre alli, em um canto sombrio. Era tempo, porque cahiu logo prostrado. A idéa, porém, de que a sua presença n'esse logar podia conduzir a attenção para o objecto que elle acabava de esconder, obrigou-o a afastar-se, com difficuldade, até chegar a um ponto, onde se assentou á espera dos perseguidores.

Gregorio, que ia á frente dos outros rapazes, ao vêr a calma do perseguido e o ar triste de miseria e fraqueza espalhado por todo elle, não poude conter uma desagradavel impressão de vergonha. — Pois era para perseguir aquelle desgraçado, que se fazia tanto alarme?!...

— Não se fie muito!... sentenciou o Anglada, a procurar as suas lunetas que lhe haviam escapado no furor da carreira. O Augusto e o Affonso tomaram a deliberação de encarar o episodio pelo lado ridiculo e abriram a rir ao mesmo tempo.

Entretanto Gregorio se aproximára do gatuno e o examinava com muito interesse. Aquella figura triste e repugnante enchia-o de estranha compaixão. Sem saber porque, sentia-se attrahido para aquelle destroço de homem, que lhe parecia representar alli tudo o que ha de doloroso e resignado na miseria humana.

— Com effeito ! considerava elle ; quanto não haverá de extraordinario na vida d'este homem !... que obscuras circumstancias não o teriam arremeçado a tal extremo ?... que não lhe teria succedido para chegar a todo este aviltamento ?... Será simplesmente um gatuno ?... será um grande libertino ou será uma pobre victima de mil infortunios ? !...

E Gregorio, ou fosse por impulso do seu temperamento, ou fosse por qualquer outro motivo, sentiu-se summamente interessado pelo miseravel a quem ha pouco perseguia ; tanto que, depois do seu longo exame, lhe perguntou amigavelmente o que viera fazer alli.

Pedro Ruivo sacudiu os hombros.

— Em que se occupa o senhor ? Onde mora ? interrogou Gregorio.

— Eu não me occupo e não moro, respondeu o vagabundo.

— E então como vive ? insistiu o rapaz.

— Não vivo, respondeu o outro, com um accento de profunda tristeza.

— E porque não procura trabalhar ?... Porque se não occupa em qualquer serviço ?...

— Porque me falta a coragem para tanto... Eu sou um desgraçado. Estou completamente perdido !

— Entretanto não me parece um homem inteiramente sem habilitações...

— Ah ! isso são modos de vêr... Todo homem tem habilitações, desde que a tal se disponha. Eu podia dar um bom saltimbanco, mas o maldito rheumatismo não me deixa senhor de minhas pernas...

— Porque então não se arranja ahi em qualquer

cousa? Hoje no Rio de Janeiro é muito facil ganhar a vida...

— Espero tirar um premio na loteria...

— Não tem parentes?...

— Tenho.

— Ah!

— Mas estão mortos...

— Pergunto-lhe se tem algum vivo.

— Tambem tenho d'isso. Tenho um filho...

— Ah! Tem um filho? E o que é feito d'elle?

— Não sei...

— E o que mais que tem além d'esse filho?

— Uma fome devoradora. Ha trinta e tantas horas que não como...

— Pois venha para cá. Vou dar-lhe o que comer.

— Obrigado, disse Pedro Ruivo, levantando-se, disposto a acompanhar Gregorio.

E d'ahi a pouco entravam os dois no hotel, seguidos dos outros rapazes, que já lá haviam chegado.

O typo miseravel de Pedro Ruivo causou nos hospedes uma terrivel impressão; desafinava desastradamente do aspecto socegado e burguezmente farto da casa do Papá Falconnet.

Vieram logo todos os hospedes para a sala em que estava Pedro Ruivo.

O velho havia já referido os pormenores do seu encontro na chacara, e, como de costume, exaggerára um pouco as circumstancias do facto. Principiou-se a cochichar sobre o recém-chegado e ninguem parecia disposto a perdoar a exquiritice de Gregorio, recolhendo á casa um vagabundo, desprezivel por todos os motivos.



Todavia Gregorio ordenou que dessem de comer a Pedro Ruivo e voltou á sala para a palestra.

N'essa occasião acabava de chegar o padre Almeida. Era um homem forte, sanguineo, com uma ruidosa voz de baixo profundo. Não gostava de hypocrisias, contava, no estrondo de formidaveis gargalhadas, as escapulas que fazia, e não tinha pelos maçons, pelos positivistas e pelos atheos a menor sombra de prevenção ou de odio.

Á noite, nas palestras em casa do Papá-Falconet, o demonio do padre não ficava calado um só instante, sem jamais esgottar o seu repertorio de anedotas e pilherias. Miravam estas quasi sempre o jovial estalajadeiro ou a sua não menos jovial consorte, que as ouvia tranquillamente, com um pequeno riso de mofa, saracoteando as suas vigorosas ilhargas na preocupação dos arranjos da casa.

Além de Gregorio foi o padre Almeida o unico hospede que attentára mais fixamente para Pedro Ruivo. Enquanto este na cosinha devorava o que lhe deram para ceiar, o padre o observava a certa distancia.

Terminada a refeição, o vagabundo procurou o seu bemfeitor para lhe agradecer o obsequio e pedir licença para se ir embora.

— Este homem commetteu hoje um crime, disse o padre em tom secco, com a sua voz de estrondo. Pedro Ruivo estremeceu e olhou energicamente para elle. A physionomia do gatuno havia mudado de expressão.

— Juro-o! sustentou o padre.

— E o que o leva a avançar semelhante cousa?!

perguntou o Ruivo, erguendo dramaticamente a cabeça e cruzando os braços.

— Sua propria cara, respondeu o intorrogado, sem lhe tirar os olhos de cima.

— Foi então para isto que me conduziram aqui?! Antes m'ò tivessem dito, porque não accetaria a esmola.

— Este homem roubou! accrescentou o padre. E o fructo do seu roubo está escondido na gruta! -

— Ah! bradou o gatuno, saltando para a porta, enquanto os circumstantes repetiam estupefactos as ultimas palavras do padre.

Não sabiam que este, logo ao entrar em casa, pedira ao Papá Falconnet informações sobre os factos concernentes ao homem suspeito que acabava de ser introduzido no hotel, e por elles tirára a lucida consequencia que tanto assombrava Pedro Ruivo.

O embusteiro, ao vêr-se denunciado, fugiu sem dar tempo a que o agarrasesem, e precipitou-se pelos fundos da casa em direcção á gruta.

— Prendam-no! gritou o padre, avançando. Mas foram baldados todos os esforços, porque Pedro Ruivo ganhára a chacara o logo desaparecera nas sombras da floresta que principiava alli mesmo a pequena distancia.

Gregorio recolheu-se ao quarto, envergonhado de ter protegido um intrujão d'aquella ordem. Elle alli no hotel sempre fôra muito estimado de todos, se bem que para alguns passasse, debaixo do ponto de vista social, por um simples visionario. Gregorio, como todo o rapaz intelligente, na idade que o nosso heróe contava n'essa occasião, tinha as suas convicções republicanas e enthusiasmava-se loucamente

por tudo aquillo que dissesse respeito á liberdade. Não podia pactuar com a idéa do servilismo e da escravidão ; comtudo sabia governar perfeitamente o seu temperamento e passava por moço socegado e comedido. Morava havia dois annos na Avenida e, durante esse tempo, ninguem tivera mal que dizer do seu procedimento. Nunca o viram exceder-se nas libações do jantar, nem o viram apoquentar com sorrisos intencionados e com olhares pretenciosos as raras mulheres que por lá appareciam ; e até, se dermos credito ao proprio dono da casa, Gregorio levava o seu puritanismo ao ponto de nunca haver (por acaso, bem entendido) dado algum encontrão na criada, que aliás era uma moçoila das ilhas, corada como um pecego maduro e rija como um pecego verde.

E cremos que as cousas continuariam eternamente n'esse pé, se o mesmo acaso, que nunca o quiz fazer abalroar com a rapariga côr de pecego, não se lembrasse de arrastar até á socegada Avenida Estrella, um formoso lyrio côr de neve, doce e melancolico como um suspiro de amor.

Mas não precipitemos os acontecimentos ; ainda nos falta dizer o que foi feito do nosso heroe, depois que o deixámos perfeitamente aboletado no collegio do barão de Totœpheus.

Gregorio chegou aos quinze annos de idade com muito boa disposição de corpo e menos máo aproveitamento intellectual. Os cuidados immediatos de D. Florentina e os desvellos, não menos valiosos, que de longe lhe enviava a condessa, foram-lhe de grande valimento. Mas até ahi nunca recebera elle de quem quer que fosse uma explicação lucida a

respeito dos seus antecedentes, nem a respeito das pessoas a quem devia a sua educação. Ia quasi sempre passar os domingos em companhia de D. Florentina de Aguiar; sabia que não era seu filho, mas ignorava completamente que especie de relações havia entre ella e elle, e quaes as razões que a faziam tão solícita a seu respeito.

As cousas neste ponto, cahiu gravemente enferma D. Florentina, e Gregorio, ao visital-a, recebeu noticia de que ia sahir do collegio e passar a praticar na alfandega, como caixeiro de um despachante geral parente d'aquella senhora.

— Chegaste á idade em que tens de principiar por ti mesmo a ganhar a vida, disse D. Florentina. Eu me sinto ir acabando muito apressadamente, e só desejo vêr-te amparado antes que me fechem os olhos; de hoje em deante, meu filho, não deves contar no mundo com mais ninguem além de ti. Já não precisas do auxilio da pessoa que até agora provia a tua subsistencia; por conseguinte, meu rapaz, faze por ter juizo e por ser homem. Não queiras nunca barulhentas glorias; não te queiras fazer salienta e notável, antès procura a doce paz de uma obscura felicidade. E isto, só a boa mediocridade nos pôde proporcionar de um modo verdadeiramente seguro e constante. É possível que ainda venhas algum dia a conhecer teu pae ou tua mãe, pede-lhes que te abençoem, e tu, perdôa-lhes alguma falta que elles por ventura hajam commettido a teu respeito.

Gregorio pediu, embalde, ainda mais alguns esclarecimentos da sua procedencia, e desde então principiou a sentir uma vaga tristeza, produzida pela falta de alguma cousa que elle não conseguia deter-

minar bem o que fosse. Era um desejar indeciso e duvidoso, do qual não conhecia a origem; uma especie de saudade, sem motivo e por isso mesmo mais dolorosa. Sentia estranhas nostalgias de um mundo desconhecido, que seu coração sonhava e antevia por entre outras mentiras.

E foi n'este melancolico pungir de maguas indefinidas, que elle assistiu á morte de sua mãe adoptiva. Sobreveiu-lhe uma enorme crise nervosa, chorou extraordinariamente; chorou com a soffreguidão de quem precisa desabafar tristezas accumuladas no peito ha muito tempo, e até chegára a gosar certo prazer voluptuoso com lhe correrem aquellas lagrimas dos olhos. Entretanto, alguma cousa lhe dizia de dentro que toda essa dôr e todo esse pranto não eram formados só pelo muito amor que elle tivesse a D. Florentina. Elle a estremeceira muito, não havia duvida, mas podia perfeitamente se conformar com a idéa da sua morte. O que o fazia soffrer tanto, o que o punha nervoso e triste daquelle modo, era outra causa — era a falta prematura da sua verdadeira mãe.

Foi com o espirito enfermado por estas apprehensões que Gregorio, uma tarde, em que estava assentado debaixo dos bambús da Avenida Estrella, viu subir vagarosamente a velha escadaria de pedra rajada que conduzia á casa do Papá Falconnet, uma senhora ainda moça, extremamente pallida e cheia de languidas tristezas.

La pelo braço de um velho, maior de sessenta annos, que parecia preocupado exclusivamente com ella. O velho desfazia-se em sollicitudes e carinhos; a moça sorria ás vezes para elle, apenas por condescender.

Era uma mulher de trinta annos talvez; esbelta,

não muito magra, physionomia insinuante; olhos voluptuosos, humidos, de um brilho singular, cabellos negros, brilhantes e volumosos, dentes claros, bocca bem talhada, mas ligeiramente constrangida por um desdenhoso gesto de indiferença. Ao vê-la de ralance, toda envolvida no seu longo paletot de casimira alvacenta, sem joias no pescoço e nas orelhas, com o rosto nublado na penumbra do seu largo chapéu de palha, com o seu triste caminhar de convalescente, o seu descahir de cabeça, as suas mãos côr de neve, como que esquecidas e sem movimento, sentia-se a gente attrahir para ella por uma placida sympathia compassiva. A expressão resignada de seus olhos, aliás talhados para os segredos da ternura, o melancolico sorrir dos seus labios, que entretanto pareciam feitos sómente para executar a musica ideal dos beijos, o seu ar abatido e fraco, a sua respiração quebrada, a sua voz supplicante e humilde; tudo o que respirava d'ella penetrava os sentidos com a voluptuosa impressão que nos produzem os perfumes da egreja, os sons plangentes do órgão, e os mysticos arroubos religiosos.

A tarde ia já descahindo no crepusculo. O sol havia mergulhado na fimbria vulcanica do horizonte, mas toda a natureza ainda palpitava sob a sensação dos seus ultimos beijos fecundos e ardentes. As aves recolhiam-se ao mysterio dos seus ninhos, e do fundo sombrio dos arvoredos exhalava-se o estridular monotono das cigarras, sobresahindo d'entre os primeiros rumores da noite como um interminavel gemido solto no espaço.

É essa a hora das profundas concentrações, dos extasis voluptuosos. Tudo parece que tem uma sau-

dade a carpir; de cada moita de roseiras, de cada grupo de bambús, partem ternos suspiros e queixumes dolorosos. A natureza como que chora a partida do seu feroso amante, que desapareceu nas dobras luminosas do occidente. Tudo é viuvez! tudo é saudade!

É n'essa hora, transitoria e dubia, que nos é dado surprehender a natureza nos segredos do seu amor; é entre o ultimo sorriso do sol e a primeira lagrima da noite, que podemos penetrar no fundo do coração de nossa mãe commum! Ella como que o abre para chorar á vontade, e sente-se então o orvalho do seu pranto, e ouvem-se os seus gemidos abafados.

Gregorio deixava-se arrebatado por estes devaneios, quando contemplou o vulto melancolico, que subia lentamente a escadaria de pedra pelo braço do velho; e desde então aquella triste figura de mulher não lhe sahiu mais da memoria.

## XVI

### OLYMPIA

Uma semana depois, Gregorio havia já travado relações com os dois novos hospedes e possuia alguns esclarecimentos a respeito delles, se bem que o velho, isto é, o commendador Ferreira, por indole natural se mostrasse com todos muito reservado.

A senhora que o acompanhava era sua filha; chamava-se Olympia e vivia, havia quatro annos, separada do marido, aquelle mesmo sujeito, caixa da casa Paulo Cordeiro, que vimos queixar-se na secretaria de policia, ao delegado Benevides, do roubo que acabava de soffrer o referido estabelecimento. Foi esse sujeito quem chamou sobre Gregorio a attenção das auctoridades policiaes.

Olympia era um espiritosinho muito caprichoso. Educada sentimentalmente, nunca chegára a comprehender a vida positiva que lhe offerencia o marido e nunca se identificára com os interesses deste e com o seu character pratico. D'ahi nasceu a separação. Mas o pae, a quem não faltavam recursos e que seria capaz de tudo sacrificar por amor da filha, não hesitou



em recebê-la nos braços e fazer d'ella toda a preocupação e todo o encanto da sua velhice.

O peor porém é que, depois da separação, Olympia principiou a padecer extraordinariamente dos nervos. Dentro de seis mezes logo se lhe operou grande mudança em todo o corpo; ficou muito mais magra, mais pallida e mais apprehensiva; e afinal cahiu em tal abatimento, que o velho teve serios receios de perdê-la. Ella já não ria, já não gostava como d'antes de conversar com as amigas, já não pulava de contentamento quando lhe traziam o camarote do lyrico ou algum novo romance do Alencar, e nem mais pensava em dansas e modas. Seu piano adormeceu abandonado a um canto do salão, e ninguém mais lhe ouviu uma daquellas romanças de que a sua bella voz tirava tanto partido.

As amigas de má lingua, quando souberam do seu rompimento com o marido, bradaram logo que tal facto era de esperar, e prophetisaram que Olympia principiaria, depois d'isso, a cultivar abertamente a sua paixão pelo luxo e pela opulencia. Pois sahiu tudo ao contrario; desde a desunião do casal, o vulto encantador da festejada senhora desertou, por uma vez, dos salões do Cassino e dos grupos aristocraticos das suas relações. Ninguém mais aprendeu com ella a pôr ou tirar uma capa, a trazer um novo chapéo, a escolher uma flôr, a combinar duas côres n'um vestido ou a servir uma chavena de chá.

— Estará apaixonada pelo marido?... perguntava-se á bocca pequena. E esta pergunta provocava as mais desencontradas respostas. Uns admittiam perfeitamente tal exquisitice, considerando o genio caprichoso de Olympia; outros negavam, lembrando

o typo vulgar e pecco do marido; alguns fallavam de uma paixão romantica, que teria justamente sido a causa do divorcio; outros affirmavam que a impostora só desejava armar ao effeito e chamar sobre si a attenção de todos. E assim se inventaram mil romances, predominando sempre a singular hypothese de que Olympia estivesse devéras apaixonada pelo esposo. Mas desnortearam logo, quando souberam, por fonte limpa, que este acabava de propôr á mulher uma boa reconciliação e que tal proposta fôra promptamente regeitada. A verdade é que ella não mais appareceu em nenhuma festa, e nunca mais mandou illuminar a sala nas quintas-feiras, que era o seu dia de recepção. E como se ainda não bastasse tudo isso e receiasse que as antigas amizades a fossem importunar no seu isolamento, exigiu do pae que a tirasse de Botafogo para um logar modesto e sem vizinhos.

O commendador Ferreira recuou assombrado.

— O que, minha filha?! perguntou elle muito commovido. Que caprichos são esses? pois já não chega a reclusão em que vives?... Tu, tão moça, tão bella, tão querida da sociedade, queres enterrar-te em um logar obscuro, ignorado... Para que e porque?! Não tens vergonhas que te impeçam de apparecer publicamente!... não tens desgostos que te privem de gozar!...

E o velho, depois de passeiar muito agitado, accrestentou: — Não! isso lá, tem paciencia, não se ha de fazer! Ir para um logarzinho modesto!... que idéa!... Antes entrar logo para um convento!

— Quem sabe mesmo se não seria melhor!... disse Olympia, com os olhos cravados no ar.

— Melhor o que, minha filha?... Não quero que te mortifiques d'essa fórma! falla-me antes com franqueza; abre esse coração a teu pae; dize-me o que soffres! se te falta alguma cousa, confessa-me tudo! Sabes quanto te amo; sabes que tu és toda a minha vida, toda a minha felicidade! Não vês que estou commovido?... não vês que tu me matas com essa tua magua fechada e egoista?...

E o pobre velho não poudo continuar, porque a commoção lhe cortára com effeito a voz. E, com medo de provocar á filha alguma crise nervosa, procurou mostrar-se tranquillo e principiou a affagar-lhe brandamente os cabellos; mas Olympia, sacudiu com frenezi a cabeça, e atirou-se nos braços do pae, com uma explosão de soluços.

— Então, minha filha, que é isto?... Vamos! não te afflijas d'este modo!

Ella, porém, nada respondia e continuava a soluçar hystericamente.

Terminada a crise, Olympia cahiu n'um grande abatimento. Embalde procurava o pae distrahil-a, fallandolhe de tudo o que lhe vinha á phantasia; ella continuava na sua postura indifferente, a estalar suspiros na garganta e a menear tristemente a cabeça de um para outro lado.

Á noite, por chamado do velho, viéra o Dr. Roberto, a quem o leitor já conhece; Olympia sobresaltou-se com esta visita. — Ora! para que chamar medico?!... disse ella, visivelmente contrariada, quando o pae a foi prevenir de que o doutor a esperava na sala.

E accrescentou, sem sahir do logar em que se achava :

— Eu não estou doente! Eu não preciso absolutamente de medico!

— Bem, considerou o commendador, procurando abranda-la; não recebas o medico, mas isso não impede que falles ao Dr. Roberto. Sabes que elle é amigo velho da casa. Não seria bonito que...

— Ora, senhores! eu não estou para visitas!...

— Mas, minha filha, isto é uma questão de delicadeza!...

— Ahi está porque desejo esconder-me em qualquer modesto retiro... É para não ser apoquentada constantemente por semelhantes importunos!... Sempre a delicadeza! sempre a cortezia! sempre as exigencias sociaes! Mas que diabo tenho eu com tudo isso?! Acaso peço á sociedade mais alguma cousa além de que me deixe em paz e não me aborreça?!

E depois de assentar-se á uma mesinha e apoiar a cabeça na mão esquerda, principiou a bater nervosamente com o pé no tapete.

— É muito boa! exclamou ella afinal, com a cara fechada. Não procuro ninguem! não cultivo amizade de especie alguma! porque então não me deixam ficar em paz?!

E voltando-se para o pae, disse resolutamente: — Não appareço ao Dr. Roberto! Para o medico, estou de perfeita saude e não preciso d'elle; para o amigo da casa estou doente e não posso recebê-lo!

— Mas, minha filha, disse o commendador, beijando-a na cabeça; tu te precisas tratar... Não te quero vêr assim frenetica e aborrecida. Vamos, vem vêr o Dr. Roberto...

— Tem muito gosto n'isso? perguntou ella, passando o braço na cintura do pae.

— Se tenho, meu amor...

— Bom; então faça-o entrar...

O medico declarou que Olympia precisava de um bom regimen; que estava muito anemica e muito debilitada. Fallou da alimentação, lembrou os calcarios, os ferruginosos, recommendou os banhos de mar, os passeios ao ar livre e as distrações do espirito.

— Exercicio! bastante exercicio! dizia elle; e de vez em quanto um pouco de musica, não da italiana, da allemã, da boa musica allemã! Mas o que elle entendia mais conveniente era uma viagem á Europa. Olympia precisava tomar interesse por qualquer coisa. Ella estava muito mais enferma do que suppunha e tinha os nervos em petição de miseria!

E, quando ficou só com o velho, disse-lhe em voz baixa: — Não é bom contrariar-a!... n'aquillo que o Sr. lhe puder fazer a vontade, faça! Se ella tiver algumas phantasias, alguns caprichosinhos, procure satisfazel-os! A contrariedade podia vir a prejudicar extraordinariamente e talvez occasionar um desarranjo cerebral.

— Minha filha então está muito mal, doutor?! Falle com franqueza! disse o commendador em sobresalto, aparando com os olhos as palavras que cahiam da bocca do facultativo.

— Hum, hum!... resmungou este, a bambalear a cabeça.

E depois de fitar por algum tempo as taboas do tecto, disse batendo com a biqueira do guarda-chuva na ponta da botina: — Esta senhora precisava fazer as pazes com o marido! Isso é que seria o verdadeiro remedio...

— Acha, então, Dr. ?...

— Indispensavel!... disse o medico, dilatando a palavra e os olhos.

— E é justamente o que ella não quer! balbuciou o pae de Olympia, com um ar triste. Ainda hontem fallaram-lhe n'isso e ella teve um accesso nervoso...

— Sim, mas talvez venha a resolver-se!...

— Qual! tornou o velho; conheço aquelle geniosinho : quando lhe dá a cabeça para um lado, não ha quem a tire d'ahi... Sahiu n'isso tal qual à mãe... Teimosas como só ellas!

— Em todo o caso, accrescentou o medico, despedindo-se do commendador, ella não perdia nada em fazer uma viagem... E, já ao sahir, ainda repetiu da escada : Não se esqueça! Distracções, exercicios, boa alimentação e banhos de mar!

O velho voltou para o lado da filha, com a cabeça baixa e as mãos nas algibeiras do seu rodaque. — Sabes? disse logo que chegou perto d'ella; vamos á Europa...

— Heim?! perguntou a rapariga, arregaçando os labios e franzindo o bello narizinho.

— Sim... respondeu o pae; o Dr. Roberto acha que devemos fazer uma viagem...

— Ahi está porque eu não queria visitas de medico! exclamou ella. Eu não saio do Rio de Janeiro. Logo vi que havia de apparecer alguma contrariedade!!

— Bem, minha filha, não fallemos mais n'isso! Elle, coitado! se recommenda uma viagem, é porque acha naturalmente que isso te aproveitaria. Ora! tambem estás agora com umas exquisitices que...

— Que se não pódem aturar! Não é isso o que o senhor quer dizer, meu pae?!

— Não senhora, não é isso! nem admitto que estejas agora aqui a imaginar tolices. Não queres fazer a viagem, pois não a faremos!... E o mesmo succederá com os banhos, com os passeios e com as distracções!...

No dia seguinte o commendador fallou em tres mezes de Petropolis. Estava ahí o verão e não havia necessidade de supportar o calor da Côrte.

— Não quero ir, respondeu laconicamente a filha. E não se fallou mais n'isso.

Foram depois lembrados outros passeios, mas Olympia recusou-os egualmente.

— Para onde então queres ir? perguntou o velho, lembrando-se da recommendação que lhe fizera o medico de a não contrariar.

— Não sei, disse ella, sacudindo os hombros. Podemos passeiar todos os dias de manhã aqui mesmo pela Côrte. Iremos hoje a um arrabalde, amanhã a outro... Quanto aos taes banhos, não! deixemo-nos de banhos de mar!

No dia seguinte o commendador tratou de adquirir sege e alimarias proprios para os passeios campestres. Sahiriam cedo de casa e, quando estivessem em pleno campo, entrariam a andar de pé por entre a vegetação. Olympia não podia supportar o bonde e tomára medo de montar a cavallo desde que abriu a soffrer dos nervos.

Uma vez passeiavam pelo Rio Comprido. O carro ficára com o cocheiro á espera no caminho da Tijuca. Olympia, pelo braço do pae, caminhava vagarosamente, entretida a olhar para os objectos que a cercavam. Em certa altura parou, impressionada por

um canto monotonico, que lhe chegava aos ouvidos de modo estranho.

— Que é isto?... perguntou ao commendador.

— Devem ser os trabalhadores de alguma pedreira por aqui perto. É assim que elles cantam quando brocam a pedra, para lhe introduzir a polvora e lancar fogo depois.

— Ah! disse Olympia muito interessada. E onde é a pedreira?...

— Não sei, mas é naturalmente para este lado. É d'aqui que vem o canto. E o velho apontou para a sua direita.

— Vamos lá! propoz Olympia.

O pae não se animou a contrariar-a e os dois continuaram a caminhar na direcção do canto dos trabalhadores.

Depois de andarem por algum tempo, acharam-se com effeito á fralda de uma grande pedreira, que fica situada aos fundos da Avenida Estrella.

Olympia parou dominada pelo espectáculo grandioso que tinha defronte dos olhos. A montanha, com o seu ventre já muito retalhado, surgia da terra, como um gigante de pedra, e arrojava-se imponente para o céu. Via-se o amago branco e azulado da rocha reverberar aos primeiros raios do sol. Em baixo amontoavam-se as enormes avalanches de granito, ruidas e arrojadas impetuosamente pela explosão da polvora. De todos os lados, ouviam-se a trabalhar o picão e o macete; e além, sobre o calvo pincaro da montanha, quatro homens cantavam agarrados a um immenso furão de ferro com que penosamente abriam uma nova mina.

Todas as vezes que suspendiam a pesada barra de



ferro, repetiam o seu côro monotono e triste, que, ouvido de longe, parecia uma supplica religiosa.

Foram esses os sons que impressionaram Olympia. E, com effeito, havia algum encanto melancolico n'aquella cançada cantilhana dos trabalhadores.

— Vamos lá! disse ella ao pae.

— Onde, minha filha?... perguntou o velho assustado.

— Lá em cima, onde aquelles homens estão abrindo a pedra. Eu quero ir vêr aquillo...

— Estás sonhando!... respondeu o commendador; não sou tão louco que consinta em semelhante imprudencia! Esta pedreira é muito alta; tu sentirias vertigens e serias capaz de perder os sentidos!...

— Não faz mal; eu quero ir!

— Não! deixa-te d'isso!

— Ora, meu pae, não, me contrarie por amor de Deus!

E Olympia soltou-se-lhe do braço e foi perguntar ao trabalhador que ficava mais perto por onde se subia para a pedreira. Depois de informada, encaminhou-se para o lugar indicado.

— Espera ahi! gritou o pobre velho, tentando alcançal-a. Espera, Olympia! eu te acompanho, minha filha!

E correu para ella.

Olympia havia já galgado o primeiro lance da pedreira.

A subida foi penosa. O caminho era estreito, irregular e seixoso, ás vezes o pé não encontrava resistencia, porque o cascalho rolava sob elle. Olympia, sem querer dar parte de fraca, segurava-se arquejante ao braço do commendador, mas este mesmo sabe Deus

com que esforços conseguia não perder o equilibrio!

Pararam tres vezes para descansar, á ultima nenhum dos dois podia articular palavra; o suor corria-lhes da frente e as pernas tremiam-lhes convulsivamente. Mas Olympia não desistiu do seu proposito; queria a todo o transe chegar ao alto da montanha. Felizmente, o caminho em cima era plano até conduzir ao pequeno comoro onde trabalhavam cantando os quatro homens.

Olympia chegou ahí exausta completamente de forças; sacudia-lhe o corpo inteiro um arrepio, feito ao mesmo tempo de medo e de gosto; experimentava ella certa sensualidade em defrontar o abysmo que se precipitava debaixo de seus pés. Precisava descansar, mas não tinha animo de desviar por um segundo a vista do bello panorama que se descortinava em torno. E, presa ao espaço pelos olhos, sentia-se arrebatada n'um extasis delicioso, como se estivesse despreendida da terra e pairasse voluptuosamente nos ares.

Assim se quedou por alguns instantes, emquanto o pae ao seu lado descansava, sentado sobre uma pedra.

Depois, Olympia começou a empallidecer gradualmente; foi pouco a pouco fechando os olhos, e teria cahido de costas, se a não amparassem os homens que alli perto trabalhavam.

— Eu já previa isto mesmo, considerou o pae, ainda não restabelecido do cansaço. Lembrar-se de subir a estas alturas!... E agora a volta?...

— Póde vocemecê ficar tranquillo, disse um dos britadores; eu me encarrego de descer esta senhora, sem que lhe aconteça a ella a menor lastima.

— Ainda bem! respondeu o velho.

O trabalhador, que acabava de offerecer-se para levar Olympia, era um moço de uns vinte e cinco annos. Forte, bello de vigor. Estava nú da cintura para cima, e a riqueza dos seus musculos patenteava-se ao sol com um arrojado de estatua. Os cabellos, empastados de suor, cahiam-lhe em desalinho sobre a fronte tostada.

— Vamos! disse-lhe o commendador; não convem demorar-nos aqui... Veja se a póde trazer carregada!

O rapaz passou um dos braços na cintura de Olympia e com o outro a suspendeu pelas curvas dos joelhos, chamando-lhe todo o corpo contra o seu largo peito nú. Ella, na inconsciencia da syncope, deixou pender a cabeça sobre o hombro d'elle e continuou adormecida.

E os dois seguiram pela irregularidade ingreme do caminho. Era preciso muito cuidado para não rolarem juntos. A's vezes, em um solavanco mais forte, o rosto gelado de Olympia ia de encontro á face esfogueada do trabalhador.

Ella afinal soltou um gemido e abriu vagarosamente os olhos. Não perguntou onde estava, não indagou quem a conduzia, apenas esticou nervosamente os membros n'um estremecimento preguiçoso, para de novo se estreitar ao peito do rapaz, cingindo-lhe os braços em volta do pescoço. E tornou a cahir no seu entorpecimento; ficou com os olhos a meio cerrados, as narinas soffregas, os seios offegantes e os labios mollemente separados por um espasmo voluptuoso. Sentia-se muito bem no aconchego tépido d'aquelle corpo de homem, penetrada pelo calor lascivo e vivificante do collo masculino que

a sustinha. O contacto d'aquella vigorosa carnação, creada ao ar livre e enriquecida pelo trabalho, sacudia-lhe os sentidos e accordava-lhe em sobresalto o sangue entorpecido pela ociosidade.

A descida tornava-se cada vez mais penosa. O moço fazia milagres de equilibrio para lhe não faltar o pé. Olympia parecia escorregar-lhe dos braços; elle a puxou mais para o hombro e a cingiu mais estreitamente contra o peito. Ella suspirava de leve, como em um sonho de amor, sentindo no rosto a respiração quente e accelerada do cavouqueiro, e nas carnes macias da garganta o roçar das suas barbas asperas e mal tratadas.

Quando chegaram em baixo, já o Papá Falconnet, que assistira ao episodio dos fundos do seu hotel, os esperava com duas cadeiras.

O velho assentou-se logo em uma d'ellas; emquanto na outra o trabalhador depunha Olympia.

Foi então que ella abriu de todo os olhos.

— Ah! exclamou, cobrindo o rosto com as mãos, sem poder encarar para o rapaz que a trouxera ao collo. Fazia-lhe mal agora olhar para aquelle homem de corpo nú, que defronte d'ella limpava com os dedos o suor da testa. As faces tingiram-se-lhe de prompto rubor e uma afflicção terrivel apoderou-se-lhe da garganta. Olympia chamou com um gesto o pae para junto de si e entre gritos começou a estrebuxar nervosamente.

Foi uma crise fortissima. Ella nunca havia soffrido igual.

O Papá Falconnet apresentou logo um frasquinho de saes e deu providencias para que se recolhesse a enferma á casa d'elle, sem que fosse necessario dar

a volta pela rua. Abriu-se de improviso uma passagem na cerca do fundo da avenida, e Olympia, carregada na cadeira, era d'ahi a pouco conduzida a um aposento preparado ás pressas.

A crise cessou pouco depois, mas Olympia sentiu febre, dôres de cabeça e vontade de vomitar. Mandou-se chamar o medico que ficava mais proximo, e dentro de tres horas a enferma voltava no seu carro para Botafogo.

No dia seguinte, ainda o pae de Olympia não tinha perdoado a si mesmo a sua condescendencia da vespera em consentir na maldita ascensão á pedreira, e já a filha lhe surgia no quarto, intimando-o para voltarem incontinenti ao Rio Comprido.

— O que?!... exclamou o velho, muito espantado; pois ainda não ficaste satisfeita de Rio Comprido?... Queres fazer outra visita á pedreira?!...

— Não, disse ella de melhor humor que nos outros dias; quero apenas passar algum tempo naquella casa onde me recolheram.

— Na Avenida Éstrella?! Ora, minha filha!

— É verdade, respondeu ella; é o unico logar que agora me convém...

— Mas, Olympia, que idéa éessa tão extravagante?! Pois então tu queres ir metter-te alli, minha filha?... Ora não penses em semelhante cousa!

Mas, como a caprichosa se mostrasse inabalavel na sua resolução, o velho cedeu afinal, e na tarde desse mesmo dia entravam os dois na Avenida Estrella, como vimos pelo fecho do capitulo passado.

## XVII

### A PEDREIRA

O commendador Manuel Furtado Ribeiro, só por muito amor pela filha, e só por muito respeito ás recommendações do Dr. Roberto, é que podia consentir n'aquella mudança para a Avenida Estrella. O bom velho, que havia feito excellente peculio no alto commercio donde se achava agora retirado, tinha as suas basofias e gostava de apparecer e luzir; folgava em vêr scintillar ao gaz das suas salas as commendas de alguns ministros e as calvas de alguns senadores; lisonjeava-se muito com a amizade do Bom Retiro, com a intimidade do Octaviano Rosa e de outros graúdos do tempo que sempre o distinguiram. Era conservador ás direitas; tinha muito respeito e muita veneração pelo seu Imperador, e nos dias de grande gala mandava illuminar o frontespicio da casa. Não poderia por conseguinte consentir de cara alegre n'aquelle novo capricho da filha.

— Metter-se na Avenida Estrella!... dizia elle comsigo, furioso por não poder destruir semelhante idéa. Onde se viram caprichos de tal ordem?!...

Já por occasião do casamento de Olympia, o com-

commendador soffrera um grande choque no seu amor proprio : sonhára para a filha um partido muito mais brilhante e muito mais honroso do que o caixa do Paulo Cordeiro ; tanto assim que, na primeira desavença do casal, disse francamente, que o genro afinal não passava de um « Caixa de rapé. »

O marido de Olympia nunca perdôou ao sogro semelhante qualificação e, se até ahí não morria de amores por elle, de então em deante quasi que o não podia supportar. Verdade é que esse casamento nunca se teria realisado, se não fosse já n'esse tempo andar o velho perseguido pela necessidade de casar a filha.

O facto porém é que o commendador Ferreira se mudou com Olympia para a Avenida Estrella.

O pobre homem, quando entrou na antiga chacara, bem mostrava pelo rosto o sacrificio que ia a fazer ; só aquella caprichosa seria capaz de constrangel-o a tanto ! Foi com o coração opprimido e com o semblante fechado que elle transpoz a sala do hotel. As velhas paredes, os moveis decrepitos, o tremulo soalho, a melancolica apparencia de tudo aquillo, lhe enchiam o coração de uma tristeza dura, de um máo estar grosseiro e doloroso. Tudo aquillo lhe fallava em desconforto, em falta de recursos, em digestões mal feitas e em noites mal dormidas.

O commendador, como todo o homem que logrou posição á custa dos proprios esforços, ligava extraordinaria importancia ás suas commodidades. Queria a sua boa cama, o seu bom prato, o seu banho facil e prompto e a sua liberdade plena em certas occasiões. Não comprehendia a existencia sem *robe de chambre*, sem chinellas, sem a bella preguiçosa depois da refeição, o palito ao canto da bocca e os olhos

amortecidos pela digestão tranquilla do jantar. Além d'isso, (para que negar?) gostava que lhe admirassem a casa; que lhe fallassem das plantas, dos ganços que elle tinha no tanque do jardim; que lhe elogiassem a mobilia das salas; que lhe perguntassem qual era o posto de seu pae, cujo retrato lá estava no salão, fardado, dentro da custosa moldura còr de ouro. Todos estes nonadas lhe davam muito gozo e lhe faziam amar a vida.

— Mas o medico lhe recommendára que não contrariasse a enferma!... que diabo havia elle de fazer?... E que não seria capaz de sacrificar por aquella filha?... Elle a estremecia tanto!... De todas as suas affeições, Olympia era tudo o que lhe restava. À proporção que ellas se foram extinguindo, a rapariga ia herdando de cada uma a dose de ternura que lhe dava o commendador; de sorte que, ao desaparecer a ultima, Olympia ficou senhora do coração inteiro de seu pae. Ella, só, representava todos aquelles a quem o bom homem amára durante a sua longa vida.

O commendador fôra casado duas vezes. A primeira mulher, justamente a que elle mais estimára, ou, talvez, a unica que elle amou, dera-lhe ainda um outro filho, que nasceu pouco depois de Olympia; a segunda mimoseou-o com duas raparigas gêmeas. Mas tudo isso morreu; tudo isso desertou — aquelle aos treze annos e estas duas antes dos cinco. Só Olympia resistiu e se conservou fiel ao infeliz patriarcha. Não admira, pois, que elle a amasse com tanto extremo. E esse bello amor de pae, fazia com que a gente não dêsse grande attenção a algum ridiculosinho, que por ventura turvasse o typo sympathico do commendador.

Quanto lhe não seria penoso por conseguinte habi-



tar a Avenida Estrella, para que o pobre velho ainda se não tivesse habituado a semelhante idéa e ainda se não mostrasse de todo resignado. Definitivamente era enorme o sacrificio! A filha nunca lhe tinha exigido até ahí tão grande provação.

E o commendador, pensando assim, deixava-se entristecer. O Papá Falconnet, entretanto, mal o pillou desacompanhado da filha, correu ao seu encontro e principiou a fallar-lhe minuciosamente da casa:

— V Ex. aqui ficará melhor do que em parte alguma!... affirmava este convicto. Não me fica bem dizel-o, mas juro-lhe que escolho do melhor para servir meus hospedes!

E, desfazendo-se em cortezias, obrigava o commendador a acompanhá-lo. — Tenha a bondade! dizia elle; tenha a bondade de passar um instante á nossa sala de bilhar. É o que se vê! Asseio, simplicidade e commodo completo! Agora temos alli a sala de jantar! Faça o favor de ir entrando... Aqui janta-se defronte das arvores! É como se fosse em plena floresta!... Ouvem-se da mesa cantar os passarinhos. Veja, sr. commendador, tenha um pouco mais de paciencia e olhe V Ex. para isto: é a nossa cozinha... Pouco luxø, mas limpeza por toda a parte. Agora vou móstrar-lhe os banheiros!...

— Não! dispense-me, respondeu o commendador com delicadeza. Estou muito fatigado e preciso de recolher-me.

E, antes que Papá Falconnet o detivesse, já elle se tinha afastado para ir visitar a filha.

Os hospedes, que foram entrando pouco a pouco á proporção que anoitecia, olhavam com certa surpresa para o commendador e faziam entre si pergun-

tas a seu respeito. Olympia mostrou-se no dia seguinte, e dispensou que lhe servissem o almoço no quarto.

Era um domingo, a mesa encheu-se de hospedes, que só n'esse dia comiam no hotel. O commendador assentou-se contrariado ao pé da filha, depois de cumprimentar os outros commensaes. Gregorio estava entre estes e não tirava os olhos de Olympia.

Esta impunha, sem saber, uma inusitada cerimonia. Fez-se constrangimento; ninguem se queria servir sem passar o prato ao vizinho. A figura nutrida do commendador destacava-se, amplamente, d'entre dois rapazes magrinhos que pareciam irmãos. O Falconnet occupava a cabeceira e fallava, em tom reservado, sobre a excellencia do almoço. Não me fica bem dizel-o! repetia elle, mas incontestavelmente estes camarões estão soberbos!

E voltando-se para Olympia: — V. Ex. não quer repetir, minha senhora?

Olympia respondeu que não com o garfo.

M<sup>me</sup>. Falconnet distribuia pratos aos seus hospedes. A conversa em breve começou a estalar de varios pontos da mesa, a principio apenas murmurada, depois em tom mais alto, e afinal livremente solta. Os assumptos chocavam-se no ar. De um lado discutia-se a respeito da guerra franco-prussiana, que ainda n'essa occasião tinha cheiro de novidade; fallava-se de outro a respeito da ultima estação da febre amarella; os dous rapazinhos parecidos disputavam uma questão sobre um tal Matheus, um delles affirmava que o Matheus era filho da Bahia, e o outro sustentava que era fluminense. Às vezes fallavam pela frente do commendador e estendiam-se sobre o

prato, quasi a tocar nariz contra nariz; às vezes derreavam a cadeira para traz e gesticulavam agitando os braços pelas costas do seu vizinho commum do centro. O commendador, entalado entre os dois, ora se chegava para a frente, ora se empinava para traz, sem querer interromper com o seu volumoso corpo as vistas dos contendores.

Dava-se com o commendador n'essa occasião um phenomeno muito vulgar. Elle alli, entre aquella gente singela e pouco escrupulosa na pratica das etiquetas, se sentia, mais do que nunca, disposto a conservar a sua austera attitude de homem fino; o contraste estabelecido entre elle e os companheiros de mesa instigava-o a sustentar com muito empenho um grande ar diplomatico que nem sempre era o seu. Em outros logares, onde aliás qualquer sem cerimonia não seria perdoada, o bom commendador nunca se mostrava tão fiel aos rigores da cortezia e parecia até disposto a abrir mão contra alguns d'elles.

Todavia Gregorio não tirava os olhos de Olympia. Sua imaginação cabriolava doida em torno da formosa creatura, procurando puxar-lhe pelos olhos, pelo riso ou pelo perfume dos cabellos, o fio de algum segredo, o segredo de alguma paixão, que a tivesse posto assim tão preocupada e tão triste, e lhe tivesse dado aquelle ar melancolico de rôla sem companheiro.

Depois do almoço appareceu o Dr. Roberto. O commendador carregou com este para o quarto e desabafou então com elle as suas penas.

— Fez bem! respondeu-lhe o medico á sua primeira pergunta; fez bem em não contrariar-a. Descance que não levarão aqui muito tempo... Ella se aborrecerá em poucos dias!...

E, depois que o commendador lhe tornára a fallar da scena da pedreira, interrogou : — Ella estava em jejum ?...

— Não. Havia tomado leite antes de sahir de casa.

— Mas a crise só veiu á volta ?

— Só ; continuando, porém, com uma tal vehemencia, que fiquei devéras assustado... Nunca eu a vira assim tão mal, doutor...

— Ella teve antes disso alguma contrariedade ?

— Não...

— Viu alguma cousa que a assustasse ?... encontrou-se com qualquer objecto que a sobresaltasse ?

— Não. Nada d'isso. Teve apenas uma vertigem quando estava lá em cima da pedreira ; o moço carregou com ella e...

— Que moço ?!... interrompeu o medico.

— Um trabalhador que se offereceu para a pôr cá em baixo.

— E trouxe-a ?

— Perfeitamente.

— Ella estava sem sentidos ?

— Não dava accordo de si.

— E o rapaz... que idade terá elle ?...

— Uns vinte e cinco annos.

— Era homem forte ?...

— Fortissimo.

— Ah !

E, depois que o medico recebeu mais algumas informações do outro, bateu com o guarda-chuva no chão e disse entre dentes : — Comprehendo ! comprehendendo, coitada!...

E, como o velho quizesse saber o que elle resmungava, Roberto respondeu, affagando a barba : —

O melhor, meu caro commendador, é arranjar-lhe as pazes com o marido! Isso é que era!

Tanto para o velho Ferreira, como para a filha, se fez então uma vida muito especial. Olympia accordava cedo, tres hōras antes do que era seu costume em Botafogo, banhava-se n'agua fria, enfiava um paletot de casimira e sahia a passeiar pelo braço do pae. Voltava á hora de almoço, depois do qual lia o seu romance, ou tentava alguma musica em um velho piano adormecido ás moscas na sala do bilhar. A's vezes dormia, de outras, vezes costurava ou não fazia cousa alguma, até que o Papá Falconet vibrava afinal a campainha chamando para a mesa. Depois do jantar sahia de novo a passeio ou ficava entretida a olhar para os trabalhos da pedreira no fundo da chacara.

Era bem singular o que sentia Olympia á vista dos trabalhadores da pedreira. Seu espirito, finalmente educado entre carinhos de familia e amimado pelos costumes de uma vida feliz, contrariava-se sobremaneira com a ausencia do meio superior em que se desenvolvera; mas o corpo, ao contrario, forcejava por saltar fōra desses arraiaes e precipitar-se aventurosamente nos dominios do desconhecido.

Uma vez, olhava para os trabalhadores da pedreira, quando viu approximar-se d'elles uma rapariga. Era ainda moça, forte e rica de quadris. Levava uma cesta no braço e parecia alegremente empenhada pelo serviço que fazia. Um dos trabalhadores, ao vê-la, soltou uma estrondosa exclamação de prazer e correu ao seu encontro.

A mocetona depoz a cesta no chão e estendeu-lhe a cara. Elle a beijou em cheio na bocca e abraçou-lhe

a cintura. Depois seguiram juntos para o lado dos companheiros; sentaram-se todos em volta de uma pedra, despejaram a cesta e principiaram a comer alegremente, ao sol.

Esta scena produziu na filha do commendador uma impressão penosa e ao mesmo tempo agradavel. Fizera-lhe mal aos nervos o espectaculo d'aquella ternura grosseira e sincera, mas sentira appetite de participar do almoço d'aquella pobre gente. Ella, com quem já não iam os imaginosos acepipes da mesa de seu pae, desejou comer do bocado dos trabalhadores, beber do seu vinho ordinario e palestrar com elles, em torno d'aquella mesa de pedra, informe e tosca, mas tão alta e tão alevantada, que Olympia não podia chegar até lá sem perder os sentidos.

E tão empenhada ficou a vêr aquelle espectaculo, que a não conseguiram tirar d'ahi senão quando os trabalhadores, depois de beberem pela mesma garrafa, deram o almoço por findo e despediram a rapariga.

Só então Olympia reparou que, á pequena distancia della, estava Gregorio, assentado debaixo de uma arvore, com uma pasta sobre as pernas cruzadas, na attitude de quem copiava a pedreira. A hysterica ficou logo tomada d'uma grande curiosidade por aquelle desenho, e foi pouco a pouco se approximando do rapaz. Elle a sentia chegar perfeitamente, mas fingia não dar por isso e affectava grande preocupação com o seu trabalho; ella afinal estacou discretamente por detraz do desenhista e ficou a observar-lhe o debuxo por cima do hombro. Gregorio proseguiu no seu desenho, como se continuasse inteiramente só; todavia a presença de Olympia lhe

perturbava de leve o espirito e lhe punha no coração um doce enleio amoroso. Elle se penetrava della sem a vêr, aspirando-lhe o perfume sensual do corpo e o halito suave da respiração opprimida.

E ella, presa pelo interesse do desenho, ia cada vez mais se approximando de Gregorio, sem notar que já lhe tocava com o rosto na cabeça. O rapaz voltou-se finalmente e cumprimentou-a com toda a delicadeza.

— Ah! disse a senhora, em ar de quem pede desculpa. Perdão! não desejava interromper o seu trabalho...

— Oh! respondeu elle, procurando disfarçar a commoção; nem vale a pena fallarmos a respeito d'isso...: este pobre desenho não merece tanto!...

E fez um gesto de querer inutilisal-o.

— Não! disse Olympia, defendendo o album em que trabalhava Gregorio; não estrague! Faça-me antes presente d'elle...

— Oh! coitado! não merece semelhante honra!...

— Mas eu quero! disse a caprichosa, com o seu habitual modo de impôr. Preciso d'este desenho!

— Está ás ordens de V. Exc., balbuciou o moço, desprendendo a folha. É accrescentou em tom mais baixo: — É inspirado pelo almoço dos trabalhadores da pedreira...

— O senhor então gosta de contemplar a natureza?... perguntou ella, com os olhos muito abertos sobre Gregorio.

— Ainda não consegui perder essa mania, respondeu elle, desculpando-se.

— Mania?! Não sei porque! só as almas grosseiras e vulgares não se commovem defronte de cer-

tos espectaculos da natureza! Quanto a mim, se me não permittissem contemplar o céo, as arvores, o mar, o sol e as montanhas, creio que desistiria da vida! Que vale este mundo sem o que elle tem de bello?... Supprimam a musica, as flôres, os sonhos e o amor, e verão o que restará depois!... Nada! uns destroços de vida estúpida e sem graça!...

— Oh! V. Exc. tem um coração de poeta!...

— Poeta?! Esta palavra para mim não tem a significação que em geral lhe emprestam. Todo o homem é poeta emquanto não atrophia a sua alma com as paixões brutaes. Poeta! Mas o que é não ser poeta?!... Como se póde admittir um coração insensível ao que ha de divino espalhado por toda a natureza?... Como é possível conceber a idéa de que alguém passe n'esta existencia, sem notar o que ella tem de ideal?!...

— Mas a realidade de nossa vida é tão dura e prosaica!... objectou Gregorio.

— Que realidade? As que eu conheço são todas encantadoras! A vida, quanto mais difficil, quanto mais trabalhosa, quanto mais aspera, tanto mais me fascina! Eu seria incapaz de amar verdadeiramente um homem feliz! Eu amo a todos os desgraçados!

— Quem me dera ser o mais desgraçado dos homens!... balbuciou Gregorio, com os olhos perdidos pelo espaço.

— Para que?... interrogou Olympia, quasi sem mexer com os labios.

— Para merecer o amor de um coração como o seu! para esquecer-me de tudo, pensando n'esse amor ideal, independente, sem leis e sem senhor! para poder um dia adormecer embalado por um dos



seus sorrisos e despertar cantando, esquecido deste miseravel mundo em que vegeto!

— O senhor tem idéas de louco!

— Talvez. Mas a respeito da loucura, digo o que V. Exc. me disse a respeito da poesia : Quem não será louco?! Que é não ser louco?! Que é esquecer as leis das conveniencias e calcar debaixo das suas azas tudo aquillo de que os homens vulgares fizeram o seu ideal e a sua ambição?! Que é isso senão loucura?!...

— O Sr. delira! disse Olympia.

— Sim! confirmou Gregorio; Que é o amor senão um delirio?...

N'isto, foram interrompidos pelo commendador. Os dois moços calaram-se de subito. O velho observou o desenho, cumprimentou o autor, fallou de amigos seus que desenhavam também com muito gosto, e prophetisou lisonjeiramente que Gregorio seria um segundo Motta.

Só na seguinte semana, um acontecimento, verdadeiramente imprevisto para todos, collocou aquelles dois, com as suas philosophias, em situação muito mais delicada e séria.

Foi um passeio á gruta.

## XVIII

### A GRUTA

A gruta! Mas saberá o leitor por ventura o que é a gruta a que nos referimos? Acaso já viajou o leitor pelos difficeis montes do Rio Comprido, para saber onde fica esse bello thesouro de pedra, que jaz occulto por entre a luxuriante vegetação d'aquelle arrabalde? Se ainda não gosou tal espectaculo, como é muito natural, tenha a bondade de seguir os passos de Gregorio, porque este, de braço dado á scismadora Olympia, vae emprehender essa bella excursão.

Estamos em dezembro. O duvidoso relogio do papá Falconnet balbuciou ha pouco duas horas da tarde. É domingo, e, apezar da estação, o sol não constringe a quem deseja passeiar. Ha um doce recolhimento na floresta, que nasce aos fundos da Avenida Estrella; dir-se-hia que está para anoitecer, tão nuviosa vae a atmospherá. As aves saltam cantando na espessura da folhagem e a luz do céu filtra-se por entre as nuvens, derramando-se suavemente pela terra.

Faz gosto sahir de casa; metter uma flôr na gola do paletot de brim, tomar um guarda-sol de linho,

derrubar o chapéo de palha sobre os olhos, e enveredar por entre os tortuosos caminhos do campo.

É bom levar comsigo uma forte bengala ou um pedaço de bambú, porque o terreno é muito accidentado e sujeito a cobras. Às vezes quasi que se torna impraticavel a viagem : encontram-se angulos de pedra núa, que surgem por entre a verdura como os cotovellos de um mendigo por entre mangas rôtas.

Em taes casos o remedio é subir de gatinhas e passar depois a ponta do bambú ao companheiro para lhe poupar aquelle incommodo. Outras vezes são os espinhos que se apresentam para obstar a passagem ; entra então a gente, deixando-se arranhar a vontade pelos espinhos, e grita para tráz aos companheiros que se acautelem.

Se estes por ventura são pessôas de expediente, afastam com a bengala os galhos espinhosos, e passam adeante ; se o não são, melhor será que voltem para casa e se deixem de passeios á gruta, porque depois dos espinhos apparecem cipós da grossura de todos os dedos, e os quaes se nos enredam pelas pernas, pelo tronco e pelo pescoço, só nos deixando continuar o passeio depois de os havermos cortado com um facão.

Foi n'estas circumstancias que se achou Olympia no tal domingo a que nos refer imos.

À mesa do almoço, em conversa, se fallára da gruta.

— Que gruta?... perguntou ella, já mordida de curiosidade. O Papá Falconnet tratou logo de explicar o que vinha a ser a gruta, encarecendo-lhe o valor, conforme era de seu costume sempre que se referia a qualquer objecto relacionado com a Avenida Estrella.

— Vou visital-a, disse a filha do commendador, com um gesto resolutivo.

— Mão! resmungou o pae, sem animo de a contrariar. E accrescentou em voz alta: — Faço idéa do que não será a tal gruta!...

— Em todo o caso tenho vontade de ir vê-la, e irei! respondeu Olympia.

— Não sei se V Ex. fará bem... observou o padre Almeida, que até ahí parecia não haver prestado attenção á conversa. Aquelles caminhos são perigosos...

E, como Olympia o interrogasse com um gesto, elle accrescentou: — É que V Ex. póde perder-se...

— Não deve ser tanto assim, replicou ella.

— Todavia, é bom não se fiar muito, minha senhora!olveu o padre, pondo intenção nas suas palavras.

— Não tenho medo! disse Olympia, sacudindo os hombros. E resolveu que depois do almoço faria uma excursão á gruta. Gregorio offereceu-se logo para acompanhal-a.

— Aceito com muito prazer, respondeu ella, agradecendo-lhe o offerecimento.

Outras pessoas adheriram em seguida á idéa, e ficou decidido o passeio.

— Queira Deus que te não succeda alguma cousa!... observou o pae de Olympia, assim que a pilhou só. Tu andas fraquinha, minha filha; não debes abusar muito!...

— Ora! redarguiu ella, sacudindo os hombros; não hei de morrer de velhice!... Além de que, o medico me aconselhou fazer exercicio!...

— Mas não indo á tal gruta, que, ouvi dizer, é muito longe d'aqui e quasi inaccessible!

— Não deve ser tanto assim!...

E ás duas horas puzeram-se todos a caminho. O commendador não resistiu ao desejo de acompanhar a filha; mas, depois de subir uns duzentos passos, já não podia ir adiante e debalde procurava convencel-a de que devia voltar com elle. Olympia, apesar de muito cansada, declarou que o pae queria um absurdo, e continuou a excursão.

O commendador ainda tentou proseguir na viagem, mas toda a sua boa vontade foi inutil. Assentou-se por terra com outros companheiros que haviam desistido egualmente, e pouco depois voltava com estes para casa.

Só tres não desistiram — Olympia, Gregorio e o Augusto.

Este ultimo ia á frente rompendo a marcha, o que aliás pouco lhe custava, graças á destreza de que dispunha e ao seu vivo instincto de fragueiro. As vezes o caminho se fechava de todo ou tomava uma direcção despercebida á primeira vista, Augusto suspendia-se então por um cipó, ou singrava por entre o matto, gritando pouco depois aos companheiros: « Tomem á esquerda! Cá está o caminho! Cuidado com os espinhos á direita! » Outras vezes era a ladeira que se fazia mais ingreme, e Augusto tinha de improvisar um corrimão para que os outros dois a pudessem galgar.

E, só depois de muito mattejar, foi que os tres chegaram a um ponto mais elevado da montanha, planalto que se debruçava pittorescamente sobre um valle profundo e sombrio.

— É alli em baixo a gruta! exclamou Augusto, apontando para a varzea. É preciso agora descobrirmos a descida. Ah! eil-a! Por aqui! por aqui! Cuidado no sentar o pé; porque esta pedra escorrega muito!

Gregorio dava a mão a Olympia, para ajudal-a a descer. Ella quasi não fallava por toda a viagem, mas sentia um grande encanto em tudo aquillo. Nunca fizera um passeio tão penoso e tão agradável; nunca houvera visto de perto os rebentões das mattas, formando os mais caprichosos arabescos; nunca se penetrára d'esse ar embalsamado dos campos, que nos alegra o sangue e nos faz amar a natureza; nunca ouvira os sons eolios da floresta, que nos despertam na alma as notas adormecidas da infancia; nunca bebera a luz do sol depois de filtrada por uma abobada de verdura, e nunca ouvira tão perto o concerto amoroso dos passaros e o crepitar harmonioso das folhas seccas estalando ao sol.

Ao chegaram ao fundo sombroso do valle, Olympia não pode conter a commoção. Era um lugar ameno, mysterioso, cheio de encantos. De lá não se via a terra nem se via o céu; tudo era verdura. O chão desaparecia, alastrado pelas trapoerabas, que recamavam a grama com as suas mimosas flôresinhas azues. Das arvores só se viam as grandes copas avelludadas, porque os troncos nasciam obliquamente dos montes que sitiavam o valle; algumas se equilibravam de cima, presas pelos pés, como enormes ramalhetes voltados para a terra. As infinitas trepadeiras, as caprichosas parasitas vingavam e serpenteavam por todos os lados, como se quizessem ennastrar interiormente aquelle ninho ideal de

verdura pelo modo por que fazem os passaros seus ninhos.

Por todos lados rebentavam flôres, por todos lados se penduravam cipós, entrelaçados de avenca, e se agitavam as palmas estelladas dos coqueiros, forçando para romper por entre as largas palhetas dos anhorões e as linguas espinhosas da babosa.

A luz do sol só penetrava n'aquelle doce interior de verdura depois de peneirada pela folhagem, pallida e amortecida como a claridade melancolica de um crepusculo.

Os tres excursionistas estacaram sem dar palavra, inteiramente dominados pelo religioso aspecto d'aquelle rustico sanctuario pantheista. Tudo alli respirava uma grande paz, que ia, pouco a pouco, voltando nossos olhos para Deus, chamando nossos joelhos para a terra e nos abrindo o coração aos extasis da prece.

Depois de mais alguns instantes de mystica contemplação, os tres seguiram para a gruta.

Entrava-se nella por uma abertura natural, indicada pela propria folhagem, que n'esse ponto se tornava mais sombria. Mal porém transposta essa passagem, afastando com ambas as mãos os rispidos galhos que a defendiam, achava-se a gente n'um logar inteiramente contrario ao que se acabava de deixar. Era uma estreita galeria em pedregal escuro e humido, feita de penhascos accumulados uns sobre os outros, formando medonhas cavernas, onde apenas de espaço a espaço escorria algum tremulo fio de luz.

Os negros pedregulhos, como sustidos por uma força estranha, empinavam-se muitos metros fôra da sua base, serpenteando por entre elles um corredor

irregular e trevoso. Augusto seguiu por ahí e os outros dois o acompanharam. A' proporção que avançavam, ia o ar se tornando mais frio e o silencio mais intenso. De todos os rumores de fóra só chegava lá dentro um vozear confuso, que esfusiava de rocha em rocha. Olympia parecia encantada pelo passeio e apertava no seu o braço de Gregorio.

Depois de andarem um quarto de hora, deram a um logar mais amplo e descoberto. Via-se então o céu por entre o rendilhado da floresta, que lá em cima crescia zombando dos rochedos. Algumas arvores se debruçavam no abysmo e estendiam pela aridez da pedra seus retorcidos braços de gigante.

Mais alguns passos e começaram a ouvir o murmurio de uma pequena cascata que corria lá em baixo. Era preciso agora segurar-se a gente com mais cuidado, porque o limo difficultava o caminho transformado em ladeira. A pedra apparecia rachada em varios pontos, cujas fendas só se podiam galgar com um salto.

Olympia principiava a cançar de novo; as fendas reproduziam-se mais amiudadamente. Vão agora rareando as pedras; vão avultando as fisgas d'agua. Terminou afinal a descida; já se não está sobre uma rocha, passeia-se n'um lago, guarnecido de ilhotas negras, que surgem aqui e alli, como para facilitar a viagem.

É este o ponto mais bonito da gruta. A vegetação surge de cima com mais abundancia; os despenhadeiros são enfeitados com as trepadeiras e parasitas, que sóbem e descem por elles, n'uma variedade riquissima de flôres. A' agua corre placidamente de baixo de nossos pés; ouvem-se cantar os passaros e sen-



tem-se os sopros embalsamados da floresta. De um lado principia de novo o campo, vê-se a terra e ouve-se o marulhar das folhas; do outro se agrupam penhascos, por entre os quaes já não é possível transitar sem risco de vida.

Gregorio deu á mão a Olympia, fel-a subir a uma das pedras que se erguiam defronte d'elles e mostrou-lhe a cascata. A rocha era fendida em toda a sua extensão, formando magnifico effeito com os pedregulhos que se entremettiam por ella.

Augusto galgou uma das arestas do rochedo, disse aos companheiros que o esperassem um instante, enquanto ia elle observar se havia sahida pelo outro lado da gruta. Olympia e Gregorio oppuzeram-se; achavam muito arriscada semelhante tentativa : a rocha era lisa de todo e escorregadia. Mas antes que os dois tivessem tempo de despersuadil-o disso, já o temerario havia attingido uma das pedras que ficavam entaladas na fenda, e procurava, equilibrando-se, alcançar uma outra adiante. Afinal conseguiu e desapareceu pelo lado contrario do penedo.

Os companheiros ficaram sobresaltados. Gregorio fez Olympia assentar-se; procurou distrahil-a conversando e offereceu-lhe uns cajús, que n'essa occasião acabava de colher. Mas Augusto não reaparecia e a senhora tornava-se cada vez mais inquieta.

Afinal ouviu-se-lhe a voz, chamando pelos outros. A voz sahia justamente da parte mais baixa da rocha, no logar em que principiava a enorme fenda.

— Onde estás tu ? perguntou-lhe Gregorio, approximando-se o mais que poudo do logar d'onde vinham os gritos de Augusto.

— Estou aqui em baixo! Só ha uma fenda, por onde nem um gato póde passar!

— E porque não voltas por onde foste?!

— Impossivel! Vim deixando-me escorregar e não consigo subir! Já tentei varias vezes!

— E agora?!

— Agora é seguirem vocès por ahi, que eu os vou encontrar mais adeante!

— Mas eu não conheço estes caminhos!...

— Não ha que errar, disse Augusto, procurando metter a cabeça na fenda da rocha; tomas esse caminho, onde estão as palmeiras, e vaes sempre seguindo á esquerda, até chegares á pedreira. Vão. Eu não posso ficar aqui por mais tempo, tenho agua até aos joelhos! É verdade! não esqueças de levar o sacco que trazia eu a tiracollo e que tirei para passar a rocha. Até logo!

— Até logo, repetiu Gregorio.

— Sempre á esquerda! ainda recommendou outro.

Olympia não deu uma palavra durante o dialogo dos dois rapazes, mas deixou pela physonomia bem patente o seu sobresalto.

— Nós o encontraremos alli mais adeante... disse Gregorio, dando-lhe o braço. Vamos.

E puzeram-se a andar silenciosamente. O caminho por onde voltavam era encantador, mas muito agreste. Olympia por duas vezes queixou-se de que os espinhos lhe feriam o rosto. Gregorio contentou-se em lembrar-lhe a coragem com que ella emprehendera o passeio.

— É que tenho medo de nos perdermos aqui!... respondeu a senhora, com um principio de máo

humor. Além disso já estou fatigada e sinto sede!

— Tome um pouco de vinho, e se quizer podemos descansar um instante.

— Não! não! prefiro ir adiante; estou impaciente por chegar ao tal ponto em que nos encontraremos com o Augusto.

— Mas que mudança tão rapida foi essa?... ainda ha pouco estava de tão bom humor, e agora...

— Parece-lhe que não devo estar afflicta?...

— Não sei porque...

— Imagine que não damos com o caminho e nos desencontramos do Augusto!

— Havíamos de achar sahida!...

E, assim conversando, encontram-se defronte de tres picadas. Gregorio hesitou qual devia escolher entre as duas que ficavam á esquerda.

— Que lhe dizia eu!... observou Olympia, cruzando os braços.

— Deve ser esta. Não se mortifique... É por aqui com certeza!

E seguiram. Mas pouco depois tiveram novo **embaraço** : todos os caminhos deparados tomavam para a direita.

— Com certeza já estamos perdidos! observou Olympia.

— É melhor seguirmos por aqui, disse Gregorio. Esta picada vae com certeza dar ao ponto de que nos fallou Augusto.

A viagem, entretanto, ia cada vez se tornando mais difficil. Reproduziam-se os obstaculos. Olympia observou que antes tivessem voltado pelo mesmo caminho. E continuaram a andar. De repente, porém, acharam-se defronte de matto virgem; era pre-

ciso voltar atraz, mas na volta já não encontraram o logar por onde haviam ido; tomaram o primeiro caminho que appareceu, e desde então se puzeram a andar á tóa, ora para a esquerda, ora para a direita. Gregorio gritou varias vezes, na esperança de ser ouvido por Augusto ou por qualquer outra pessôa; nada veiu em seu auxilio. A floresta continuava a sussurrar indifferentemente.

Assim se escoaram duas horas talvez. Olympia afinal declarou que não podia dar mais um passo sem ter descansado. Gregorio conduziu-a para debaixo de uma arvore e fel-a repousar. Depois abriu o sacco de Augusto, tirou uma garrafa de vinho, encheu um copo e passou-o á companheira.

— Temos aqui tambem o que comer, disse elle, apresentando uma empada, queijo e fructas.

Olympia acceitou sem responder. Gregorio foi buscar duas palmas largas de pindoba, estendeu-as de frente da rapariga e assentou-se ao lado della.

Começaram a comer silenciosamente. Olympia parecia muito preocupada; percebia-se todavia que a difficuldade de achar o caminho não era a causa principal do seu máo humor, e Gregorio sentia-se constrangido por aquella situação a ponto de não encontrar o que dizer.

Nunca a influencia amorosa, que aquella estranha mulher exercia sobre elle, o perturbára tanto, e nunca elle se achou tão tímido como n'aquella occasião.

Depois da merenda, Gregorio convidou Olympia a proseguir na jornada.

— Estou tão abatida!... disse ella, erguendo custosamente as palpebras e estendendo os braços ao moço, para que a levantasse.

— Sente-se indiposta?... perguntou este com solicitude, segurando-lhe a mão.

— Não, disse ella suspirando e tentando pôr-se de pé. Mas Gregorio teve que amparal-a, porque a hysterica fechou os olhos e, empallidecendo, cambaleou.

— Que sente, minha senhora?... interrogou elle, empolgando-lhe a cintura.

Olympia não respondeu e deixou-se cahir no collo do rapaz. Vieram logo os soluços e os suspiros estalados na garganta.

Gregorio, na candura dos seus dezoito annos e na predisposição lyrica do seu pobre espirito, não podia apreciar o alcance d'aquella crise : todos os factos da vida real e todos os phenomenos humanos tinham para elle uma explicação romantica. Mal educado pela metaphysica do collegio em que se desenvolveu, e dominado pela corrente sentimentalista da sua época, repugnava-lhe a verdade fria, e tudo aos seus olhos se prestigiava de um seductor character de idealismo poetico.

Para elle, Olympia, com os seus asperos arrebatamentos e com as suas miseras ternuras de rôla enferma, não podia deixar de ser um mytho irresistivel e adoravel. Gregorio a amava, mas não a comprehendia; aspirava-lhe o doce perfume atravez do véo nebuloso que a envolvia, acceitando-a na sua cega adoração, como o crente religioso áceita um dogma.

Que estranhas commoções não se apoderaram d'elle emquanto sustinha no hombro a formosa cabeça de Olympia; emquanto lhe via de perto a fresca brancura do pescoço, e lhe sorvia os perfumes do cabello, e lhe bebia o psalmodear do pranto?...

Ella parecia ir serenando á proporção que lhe fu-

giam as lagrimas e os soluços. Gregorio, cheio de hesitação e receioso de affligil-a, mal ousava passar-lhe a mão à flôr dos seus cabellos.

— Veja se consegue tranquilisar-se um pouco... aconselhava elle com a voz tremula, todo possuido de uma deliciosa agonia.

E, como se tivesse nos braços uma criança nervosa, batia-lhe carinhosamente nas costas e dizia-lhe todas as meiguices do seu amor ingenuo.

Olympia, sem responder, continuava, não ainda a soluçar, mas a embalar-se num fluxo e refluxo de suspiros, que lhe faziam arfar o corpo inteiro, como a resaca ao navio depois que a tempestade passou.

— Eu talvez a esteja constrangendo... arriscou Gregorio, procurando delicadamente desvial-a dos seus braços.

— Não! respondeu ella, puxando-se para elle e chegando o rosto para os labios do rapaz. Mas logo o repelliu, como se arredasse da sua carne palpitante um cadaver já frio.

Entretanto a tarde principiava a encher a natureza de sombras. As aves despediam-se do sol com os seus ultimos gorgeios, e as arvores se retrahiam no mysterioso recolhimento do crepusculo.

## XIX

### O ACROBATA

Só ás sete e meia conseguiram alcançar a casa. Todos os esperavam com anciedade. Augusto havia chegado muito antes, mas ao saber que os dois companheiros não tinham apparecido, e receioso de que estivessem perdidos no campo, voltou á procura delles e trouxe-os consigo. Olympia, com grande espanto geral, longe de chegar aborrecida e contrariada, entrou em casa muito satisfeita, atirou-se rindo aos braços do pae, e ordenou gracejando ao hoteleiro que lhe servisse o jantar.

Vinha tão expansiva e folgazã que a todos causou verdadeira surpresa. O sol emprestára-lhe ás faces um vivo côr de rosa, que lhe enfeitava o rosto com muita graça; os seus olhos jamais luziram com tanta vida, e ella toda nunca parecera tão bem disposta e tão sã.

O commendador, que havia passado o dia em sobresaltos com a demora da filha, era de todos o mais encantado por aquella metamorphose. Olympia apparecia-lhe agora como nos bons tempos, quando governava com o espirito todo a sociedade em que se

achasse. — O Dr. tinha razão! dizia o velho comsigo; os exercicios são de evidente effeito! Hei de fazel-a, uma vez por outra, visitar a gruta! Se as melhoras continuarem d'este modo, em breve tenho minha filha perfeitamente curada!

E o commendador chorava de alegria.

O jantar foi de uma animação sém exemplo na Avenida Estrella; os mesmos hospedes que haviam comido já, voltaram á mesa attrahidos pelas gargalhadas explodidas em torno da descripção que Olympia fazia do seu passeio. Gregorio, entretanto, não parecia o mesmo: estava abatido e concentrado. Por duas vezes seus olhos cruzaram-se no ar com os da caprichosa senhora, e elle por duas vezes os abaixára, dominado pelo mais estranho acanhamento.

— Pois eu pensei que chegasses aqui sem uma hora de vida! observou o pae, embebido a olhar para a filha, enquanto lhe servia a sobremesa.

— Nunca me senti tão bem disposta! respondeu ella, a estender o copo ao Falconnet para que lhe dêsse vinho. Sento-me tão bem que estou resolvida a ir hoje a qualquer theatro!

— Que dizes?! exclamou o commendador, arreando a cadeira, com um salto.

— Que espanto! observou a rir a filha.

— Se te lembra cada loucura!

— Oh! Pois não é o senhor mesmo que me tem pedido todos os dias para ir aos theatros, aos bailes e aos passeios?...

— Sim, mas não depois de um dia como este!...

— Pois em outra qualquer occasião não me lembraria semelliante cousa. Se recusei das outras vezes



e aceito agora, é porque só agora tenho vontade de ir...

— Mas é que talvez venha a fazer-te mal!...

— Isso mesmo me dizia o senhor antes do passeio á gruta.

— Não desejo contrariar-te, mas...

— Vae sempre me contrariando, não é verdade?

— É que já são oito horas; tu deves naturalmente estar muito fatigada e...

— Ora, valha-me a paciencia! Sinto-me, ao contrario, perfeitamente disposta.

E Olympia, ameigando o pae, ordenou-lhe que se fosse vestir.

O commendador obedeceu, a dar de hombros. Papá Falconnet trouxe para a mesa os jornaes do dia e discutiu-se qual seria o espectáculo preferivel. Olympia, sem se pronunciar por nenhum, recolheu-se ao quarto com a criada, enquanto ia chamar-se um carro, e ás dez horas partia com o pae para a cidade.

Em caminho decidiram-se pelo theatro S. Luiz, onde trabalhava essa noite o Furtado Coelho, mas, no momento de comprar os bilhetes, Olympia tomára outra resolução — queria ir ao Chiarini.

E o carro voltou para a Guarda Velha.

Funcionava o segundo actô, quando ella entrou no circo pelo braço do pae. Havia uma grande enchente; o entusiasmo explodia por toda a parte e de todos os lados gritavam: « Scott! A' scena o Scott! » Dois sujêitos de libré azul com alamares dourados conduziam para o interior do theatro um cavallo que acabava de servir. Muitos espectadores estavam de pé. Das galerias trovejava um barulho infernal: batiam com as bengalas, com os pés; grita-

vam, gesticulavam. E por entre aquella descarga continua e atroadora, só um nome sobresahia, exclamado por mil vozes : — Scott ! — Scott !

Olympia sentiu-se aturdida no meio d'aquelle pandemonio. De repente, um grito unisono partiu da multidão ; estalaram de novo as palmas, choveram os chapéos, agitaram-se os lenços, arremessaram-se os leques, os ramilhetes e as bengalas.

Scott havia reaparecido.

— Bravo ! gritavam. Bravo !

E os applausos estoiraram com mais intensidade.

— Bravo, Scott ! Bravo, Scott !

O acrobata, que entrára de carreira, parou em meio do circo, aprumou o corpo, sacudiu a caballeireira, e, voltando-se para todos os lados, atirava beijos e agradecia sorrindo, entre uma tempestade de applausos.

Era um bello americano, rijo, athletico, agil e robusto ao mesmo tempo. Olympia, do lugar em que estava, via-lhe perfeitamente o azul dos olhos, a linha pura do perfil e a scintillação dos dentes.

Elle, depois de agradecer, estalou graciosamente os dedos e despediu-se, a dar cambalhotas no ar.

Rebentou de novo a tempestade das palmas, e as boccas dispararam uma sonora descarga de bravos.

Olympia, entretanto, com a cabeça pendida para frente, o olhar fito, a bocca mal serrada, cahia na sua habitual tristeza e parecia a tudo indifferente.

Quando se retirava do theatro com o pae. um menino á sahida apregoava, a dez tostões, photographias de Scott.

Ella comprou uma.

No dia seguinte, levantou-se muito arde e de máo

humor. Sua primeira phrase, quando se encontrou com o pae, foi para lhe dizer que não ficava nem mais um dia na Avenida Estrella.

— Fizeram-te alguma cousa? perguntou o extremo velho, esquecendo-se por um instante do prazer que lhe dava aquella resolução.

O commendador estava, como se costuma dizer, pelos cabellos, para deixar a casa do Papá Falconnet. Olympia respondeu que não, com um gesto de cabeça, e accrescentou depois muito aborrecida: — Estou farta de tudo isto! Preciso sahir d'aqui quanto antes!

— Como quizeres, minha filha!

E ficou resolvido que partiriam naquelle mesmo dia. A's duas horas da tarde appareceu o Dr. Roberto; o commendador tomou-o de parte e relatou-lhe minuciosamente as caprichosas mudanças de humor que a filha experimentára desde a vespera.

O medico ficou pensativo depois de o ouvir.

— A que horas voltou ella do tal passeio? perguntou afinal.

— A's sete e meia da noite.

— Jantou logo que veio?...

— Logo, e com uma boa disposição que ha muito tempo não tinha. Depois quiz ir ao theatro, cousa de que ella não podia ouvir fallar...

— A que theatro foram?

— Ao circo, ao Chiarini.

— Ah! resmungou o medico. Talvez ficasse nervosa á vista dos equilibrios arriscados...

— Não sei... disse o pae; o facto é que ella estava hontem muito bem disposta e hoje, ao contrario, está impertinente como nunca!

E, depois de se conservarem ambos calados por algum tempo, o commendador accrescentou:

— Agora entendeu que não pôde supportar mais esta casa e quer mudar-se hoje mesmo.

— E o commendador está resolvido a fazer a mudança?

— Pois não! já está tudo prompto. Partiremos d'aqui a pouco.

Olympia appareceu já em trajos de sahir. O Dr. Roberto foi pressurosamente ao seu encontro e perguntou-lhe pela saúde.

— Assim... respondeu ella sacudindo, os hombros. Estou muito aborrecida.

— Tem tido dores de cabeça?...

— Um pouco, mas hontem passei muito melhor.

— Porque não dá de vez em quando um passeio como o de hontem? Elles lhe são de grande utilidade!...

— Talvez não seja tanto assim...

— Voltou muito fatigada?

— Muito menos do que suppunha. Quando cheguei á gruta, sim, estava tão prostrada, que me parecia impossivel conseguir voltar á casa.

— Veiu depois a reacção?

— É verdade, e fiquei então muito bem disposta.

— Foi em companhia de muita gente?

— A principio, respondeu Olympia, impacientando-se com as perguntas insistentes do medico; depois ficámos tres, apenas.

E, como se quizesse fugir d'aquella conversa, saltou logo para outros assumptos muito diversos, e afinal pediu licença e afastou-se quasi com arremesso.

O medico a viu ir, pensativo. — É exquisito! disse elle comsigo, e passou a prestar attenção ao Papá Falconnet, que ao seu lado lhe fazia rasgados cumprimentos em francez. O hoteleiro precisava que o doutor fizesse uma visita a um de seus locatarios que amanhecera doente.

Fratava-se de Gregorio. O medico foi conduzido ao quarto d'este. Entrou quasi ás apalpadelas, porque vinha da grande claridade de fóra. Só ao fim de algum tempo começou a distinguir o que tinha defronte dos olhos. O Papá Falconnet o acompanhava, sempre a desfazer-se em cortezias e palavras agradaveis.

— Abra um pouco aquella janella, recommendou-lhe o medico.

Falconnet correu a cumprir a ordem.

Gregorio estava assentado na cama, com os travesseiros entalados nas costas. Tinha o ar muito abatido e preocupado.

— Quem é? perguntou elle, ao sentir os passos do medico.

— É o doutor, respondeu Falconnet, entrando. Veiu vêr D. Olympia e aproveitou a occasião para fazer-lhe uma visita.

— Que tem ella? interrogou o rapaz.

— Está, como sempre, soffrendo dos nervos, explicou Roberto.

— Mas não tem alguma novidade?...

— Não, disse o medico, sacudindo os hombros.

E, assentando-se á cabeceira do doente, indagou do que este soffria.

— Indisposição de corpo, respondeu Gregorio,

Nem valia a pena o incommodo de vir cá. Afinal não estou doente...

O Falconnet havia se aproximado e explicava que aquillo devia ser da soalheira apanhada na vesperã

— Ah! o Sr. foi ao tal passeio da gruta? perguntou-lhe o medico.

— É verdade, respondeu o enfermo.

O Falconnet principiou então a narrar o que a respeito do passeio ouvira na vespera contado por Olympia.

— A ella entretanto fez bem!... considerou Roberto tomando o pulso de Gregorio. E depois de examinal-o, receitou e prometeu voltar.

Olympia retirou-se com o pae n'esse dia, como estava combinado. Não se despediu de Gregorio, mas o commendador foi á procura deste para agradecer o incommodo que tomára o rapaz na vespera com a filha.

Gregorio ficou muito surprehendido com a noticia da partida de Olympia. Não o podia acreditar! Pois ella ia assim, sem mais nem menos, sem lhe dar uma palavra, como se nada tivesse havido entre elles dois?...

Entretanto o commendador lhe offerecera a casa, e Gregorio pensava com prazer em aproveitar esse obsequio. No dia seguinte, sem ter aliás experimentado melhora, levantou-se da cama, vestiu-se e sahio. Na occasião em que ganhava a rua deu com o Dr. Roberto, que o ia visitar.

— Pois o senhor já de pé? perguntou-lhe este com um gesto de censura.

— Estou perfeitamente bom, respondeu o outro.

— Não me parece... Ainda hontem tinha febre...

— Não era cousa de monta... O passeio ha de fazer-me bem. Vou visitar o commendador.

— Ah! n'esse caso vamos juntos; eu tencionava tambem ir para lá quando d'aqui salissemos.

E os dois começaram a descer a rua do Rio Comprido. O Dr. Roberto ia preocupado: a singular molestia de Gregorio e aquella pressa do rapaz em visitar, ainda doente, o commendador; as melhoras ephimeras de Olympia, a circumstancia de haver Gregorio tomado parte no passeio á gruta; tudo isso dava tratos á imaginação do medico. — Ah, rapazes, rapazes, dizia elle consigo. E oh mulheres! mulheres!

Em casa do commendador foram surpreendidos por uma novidade: Olympia não queria ficar em Botafogo e exigia agora que o pae a levasse para a Tijuca.

Estavam tratando da nova mudança quando os dois entraram. Olympia recebeu Gregorio com muita frieza, mal lhe deu as pontas dos dedos e não lhe dirigiu palavra durante o tempo em que estiveram juntos. Parecia que nunca houvera absolutamente nada entre elles. Gregorio ficou enfiado; no seu raciocinio aquelle procedimento significava nada menos que cynismo. Olympia apparecia-lhe agora ao espirito como uma mulher vulgar, friamente dissimulada e capaz de todas as hypocrisias. Mas se ella o tratava d'esse modo, o commendador, pelo contrario, procurava cercal-o de obsequios e cortezias.

— Appareça-nos sempre, dizia o bom velho. O senhor dá-nos muito prazer com a sua visita.

Gregorio chegou á casa possuido de um aborrecimento extraordinario; tudo o enfastiava, tudo o

constrangia. Já não podia supportar as palestras do Papá Falconnet, quando este disparava no seu entusiasmo a fallar de Bonaparte; já não encontrava prazer nos jogos de exercicio com os outros rapazes da Avenida. Tudo o contristava, tudo o enchia de tédio, porque tudo lhe recordava a ausencia de Olympia.

O velho divan da sala de jantar, onde ella ás vezes se quedava esquecida com um livro abandonado no regaço, as flôres que ella preferia para as suas jarras, a escada por onde ella subira no momento em que Gregorio a viu pela primeira vez; tudo o atormentava, tudo o mergulhava n'uma nostalgia insupportavel e sem fundo. Quanto mais se convenciam de que ella o desprezava; quanto mais se compenetrava de que ella o não queria; mais assanhado o desejo lhe trincava o coração e lhe chibateava os sentidos.

O Dr. Roberto foi o unico que comprehendeu tudo isso.

N'estas condições Gregorio resolveu abandonar a Avenida Estrella. A preocupação do seu amor infeliz absorvia-lhe a melhor parte da actividade; já não estudava, pouco trabalhava, sentia-se ir enfraquecendo e acovardando todos os dias. O desgosto seccára-lhe a coragem com que até ahí commettia qualquer empreza e que lhe assegurava o bom exito antes de dar o primeiro passo. Estava mais magro, mais descorado e mais tímido.

O Dr. Roberto principiou então a interessar-se por elle. Gregorio peiorava, só um bom tratamento o salvaria; o pobre moço tinha os pulmões fracos e predispostos para a tísica, porque, participando moralmente do character generoso e do genio docil de



Cecilia, herdára, pelo lado paterno, as consequencias morbidas da vida libertina de Pedro Ruivo.

O medico, quando o viu em risco de vida, carregou com elle para casa e transformou-o no objecto dos seus cuidados. É que Roberto ainda não tinha família e precisava dedicar a alguém essa porção de ternura e generosidade que traz comsigo todo o coração bem construido, prompto a franqueal-a ao primeiro que se apresente disposto a conquistal-a. Em pouco tempo os ligava a mais inquebrantavel amizade.

E, de resto, não era difficil amar Gregorio : elle dispunha em alto gráo d'essa irresistivel sympathia, que é como o perfume das almas candidas e que em geral se manifesta pelo sentimento da justiça. Não tinha os encantos brilhantes do homem de talento ; não possuia a capitosa seducção de um espirito original e creador, mas captivava com a doçura da sua voz, com a simplicidade dos seus costumes e com a meiga ingenuidade do seu coração. Elle não deslumbrava, mas seduzia.

No fim de algum tempo o Dr. Roberto tinha por elle a affeição que se pôde ter por um filho adoptivo. O commendador Ferreira, a quem Gregorio frequentava com mais assiduidade depois que se restabeleceu, fôra tambem pouco a pouco se penetrando do mesmo sentimento pelo rapaz e acabou por não poder dispensar a companhia d'elle.

Só faltava Olympia, mas a respeito desta não devemos adeantar idéa, sem primeiro voltarmos ao ponto em que a deixamos á sahida do espectaculo. Todavia, para fazer justiça a Gregorio, convém declarar que este, ao saber com certeza da posição da sua bem amada, e logo que reconheceu a affeição com que o

commendador o acolhia, se sentiu envergonhado e tratou de retrahir os impulsos que o impelliam para Olympia. Foi peor. É muito perigoso contrariar uma mulher nas circumstancias d'aquella. Mas deixemos por enquanto tudo isso de parte e vamos colher a caprichosa filha do commendador na occasião em que ella entra no carro que a esperava á porta do circo Chiarini.

O pae havia já por duas vezes lhe dirigido a palavra, perguntando-lhe o que a fazia preocupada e triste. Olympia respondera sacudindo os hombros, e durante o caminho não articulou palavra.

Mal, porém, chegou ao seu quarto atirou-se sobre o divan e abriu a chorar com desespero.

A nova casa que elles foram habitar na Tijuca era um pequeno e elegante chalet pintado de azul, com guarnições de marmore branco. Havia no jardim um bello reengue de palmeiras, que ia desde o portão de ferro até á varanda da sala de visitas.

Olympia quasi nunca se mostrava agora, comprazia-se em ficar no quarto, entretida com algum romance ou a bordar á luz da janella. Sahia ás vezes á noite com o pae, para ir ao circo Chiarini, mas isso mesmo já principiava a enfal-a. Gregorio ia aos domingos jantar com elles; a senhora o tratava com frieza, e muitas vezes nem vinha á sala. O Dr. Roberto teve que fazer uma viagem ao norte e partira, deixando a roda do commendador mais reduzida e mais fria. Olympia peorava.

Uma vez estavam no circo, ella, o commendador e Gregorio. Olympia não dava uma palavra; tinha os olhos presos em Scott. O acrobata fazia nessa occasião o seu melhor e mais arriscado trabalho.

Era a sorte dos vôos. Tomava um trapezio, deixava-se arrebatado por elle, depois soltava as mãos, dava uma cambalhota no ar e ia agarrar-se afinal a um outro trapezio que o esperava do lado opposto.

A cada um destes saltos seguia-se uma explosão de palmas.

Scott havia já por duas vezes feito o seu vôo arriscado, faltava-lhe só ultimo e o mais difficil. Consistia este no mesmo que os primeiros, com a differença de que o acrobata, em vez de se arrojardes frente, tinha de atirar-se de costas e voltar-se no espaço para alcançar o trapezio fronteiro.

Scott assomára no trampolim armado além das torrinhas, ao pé do tecto. Havia um grande silencio commovido nos espectadores, os corações batiam com sobresalto. Todos os olhos estavam cravados na esbelta figura do acrobata, que, lá do alto, nas suas roupas justas de meia, parecia uma bella estatua de marmore. Destacava-se-lhe bem o peito largo e abaúlado, via-se-lhe a riqueza dos braços e a nervosa musculatura das coixas.

Scott tomou o trapezio com uma das mãos, enquanto limpava com a outra o suor da testa; depois collocou o lenço á cinta, esfregou pèz nas palmas das mãos e agarrou-se ao braço do trapezio. Ouvia-se a respiração offegante do publico. Scott sacudiu o corpo, esperimentou o trapezio e deixou-se arrebatado por este, de costas. Em meio do circulo desprendeuse, gritou: « Hop! », deu uma volta no ar, e lançou-se de braços estendidos para o outro trapezio. Mas o vôo fôra mal calculado e o acrobata não encontrou onde agarrar-se.

Um terrivel bramido echoou por todo o theatro. Viu-se a bella e mascula figura de Scott, solta no

espaço, virar para baixo a cabeça e cahir estatelada no chão, com as pernas abertas. O recinto do circo encheu-se logo. Nos camarotes mulheres desmaiavam em gritos; algumas pessoas fugiam do theatro, espavoridas como se houvesse um incendio; outras jaziam pallidas, a bocca aberta e a voz gelada na garganta. Ninguem mais se entendia; davam-se encontrões. Nas torrinhas passavam uns por cima dos outros para poder vêr se distinguiam o acrobata. Este, entretanto, sem accôrdo e quasi sem vida, agonisava por terra, a vomitar sangue.

Olympia, sem saber como, estonteada, tremula da cabeça aos pés, achou-se ao lado d'elle. Ajoelhou-se no chão, tomou a cabeça do acrobata e posou-a no regaço.

Scott estremeceu, esticou os membros, torceu a cabeça para traz, revirou os olhos, contrahiu a bocca e deu o ultimo suspiro.

Olympia soltou um grito, cahiu de costas e começou a estrebuxar.

## XX

### D. THEREZINHA

Olympia só accordou de si em casa, ao lado do pae.

Acompanhára-os desde o circo um medico ainda moço, que se achava no theatro por occasião do desastre. Era o Dr. Dermeval da Fonseca.

Dos tres parecia ser este o unico que conservava o sangue frio na alcova a que recolheram a desfallecida. O commendador nada mais fazia do que ir de um para outro lado, sem nunca acertar com os objectos que lhe pedia o assistente. Expediram-se receitas para a botica, vieram os remedios, e ás onze horas a enferma voltava a si. Abriu os olhos, olhou espantada por algum tempo para o pae e para o Dr. Dermeval; depois, reconstruindo as idéas, lembrou-se do facto que a fizera desmaiar, soltou um novo grito e recahiu em convulsões. O Dermeval e o commendador apoderaram-se d'ella. Olympia queria morder os pulsos e gritava, agatanhando-se.

Gregorio, na sala proxima, passeiava muito agitado, impaciente por descobrir um meio de ser util áquella situação. Mas não tinha animo de approximar-se do quarto de Olympia; receiava com isso

commetter erro maior. Ao mesmo tempo o seu amor proprio se sentia acariciado pelo desastre do acrobata : Gregorio sentira ciumes desde a primeira vez que observára o modo apaixonado pelo qual Olympia acompanhava com a physionomia as difficeis e graciosas evoluções do gentil funambulo.

Não é que elle contasse ou ambicionasse merecer algum dia o amor da caprichosa senhora ; não, porque estava no firme proposito de nunca deixar transparecer o menor vislumbre dos seus desejos, ainda que para isso fosse necessario afogal-os em sangue. Mas o coração tambem vive d'esse dubio querer e não querer ; d'esse vago desejar, que nasce e avulta em nossos sentidos, sem o menor concurso do raciocinio. Gregorio era sem duvida um espirito summamente romantico e sempre voltado para o ideal, mas era latino e tinha dezoito annos ; não podia, por conseguinte, furtar-se ás tendencias naturaes do meio em que nascera e á fatal idiosincrasia de sua raça ; educára o seu character e o seu gosto artistico pelos velhos moldes lyricos, cuja influencia lhe chegava ao espirito por intermedio de alguns livros, ás vezes mal escolhidos, e de alguns jornaes quasi sempre pouco escrupulosos. Lamartine foi um dos primeiros que se apoderaram d'elle, que lhe fascinaram a alma com a sua seductora tristeza apaixonada ; depois Musset, Gautier e Victor Hugo terminaram a obra. Gregorio não resistiu ao desejo de sentir com elles. — Era tão agradavel chorar na sua idade ! É tão bom soffrer quando soffremos por gosto !...

Olympia, depois da morte de Scott, ficou muito peor ; o pae já não contava com ella e deixava-se mergulhar em fundo e surdo desespero.

O Dr. Dermeval não poupava esforços para salvá-la. Fizeram-se varias conferencias medicas; a opinião predominante era que Olympia, se escapasse da morte, viria a soffrer para sempre das faculdades mentaes. Só o Dermeval discordava.

E principiou este, mais do que nunca, a interessar-se por ella. Ia visitá-la todos os dias, procurava distrahil-a, contava-lhe historias espirituosas, offerecia-lhe de vez em quando um livro e fallava-lhe de theatros e bailes. Olympia, com effeito, ao fim de pouco tempo, experimentava melhoras, e d'ahi a dois mezes passeiava no jardim pelo braço do pae.

Depois da molestia ficára muito amiga de Gregorio, tratava-o agora com extrema condescendencia, quasi com amor. Uma vez appareceu elle mais cedo que de costume (acabava-se de tirar a mesa e o commendador fazia a sésta no gabinete). Olympia, ao vêr entrar aquelle, soltou logo uma exclamação de prazer e correu ao seu encontro com os braços abertos.

— Oh! disse ella; o senhor foi hoje verdadeiramente amavel...

E abraçou-o.

O rapaz ficou perplexo com semelhante recepção, e nada mais conseguiu do que gaguejar algumas palavras de agradecimento. Em seguida, assentaram-se os dois no mesmo divan e puzeram-se a conversar. Olympia mostrava-se áquella tarde de uma estranha expansão, e Gregorio, ao contrario, parecia como nunca retrahido e contrafeito.

Fallaram vagamente sobre todos os assumptos de que se podiam lembrar para encher a conversa. Ella offereceu-lhe café, e foi pessoalmente buscar uma garrafa de licor; pediu-lhe depois que lhe desenhasse

alguma cousa no album. Gregorio obedeceu; mal, porém, tinha principiado o desenho e já a caprichosa lhe arrancava o lapis dos dedos e lhe pediu para fazer-lhe antes um pouco de leitura. Gregorio foi á bibliotheca, tomou os *Primeiros cantos* de Gonçalves Dias e principiou a recitar o episodio do Pirata.

— Não! disse Olympia, pousando-lhe a mão na bocca. Leia-me outra coisa... faz-me mal esse poeta!... Não gosto de lhe ouvir os versos senão quando preciso chorar...

Gregorio lembrou Casimiro de Abreu, offereceu Castro Alves, intercedeu por Fagundes Varella. Ella, porém, não accitou nenhum d'elles.

— Olhe! cá está o Machado de Assis! Quer?...

Olympia respondeu que não, sorrindo com faceirice e agitando o indicador da mão direita.

— O Luiz Guimarães?...

— Não...

— Ah! Cá está o Muniz Barreto!

— Não! não!

— Quer antes um poeta francez?... prefere ouvir um trecho de prosa?...

— Não! Já não quero nada disso. Dê-me aquelle album que alli está...

Gregorio foi buscar sobre o piano o album indicado.

— Agora sente-se aqui. Aqui justamente, n'este banquinho. Bem; vejamos juntos estes desenhos.

Gregorio ficára muito encostado ao divan em que estava Olympia. Esta abriu o album sobre os joelhos e passou a primeira folha.

— Sabe quem fez isto? perguntou sorrindo.

Gregorio inclinou-se mais para vêr.



— Fui eu, explicou Olympia. Não está bem feito?...

— Está muito bonito, disse o rapaz, prestando pouca atenção ao desenho.

— E este?... Que tal acha? continuou ella, voltando a folha.

— É, respondeu Gregorio, quasi sem olhar para a pagina.

— Olhe para cá! reprehendeu Olympia, segurando-lhe a cabeça e obrigando-o a olhar para o album.

Gregorio riu-se.

— Chegue-se mais! accrescentou ella ainda em ar de reprehensão. Parece-me tolo!...

— A senhora está hoje muito amavel!...

— Faça-se engraçado! Pensa que não sou capaz de puxar-lhe as orelhas!...

E terminou esta phrase, segurando amorosamente a cabeça do rapaz e puxando-a para junto dos labios.

Gregorio retirou a cabeça de suas mãos e ergueu-se.

— Não! não! balbuciava elle a desprender-se-lhe dos braços.

— Você é um idiota! exclamou Olympia, repellido-o com raiva. E afastou-se da sala muito apressada.

N'essa occasião acabava o commendador a sua sêsta no gabinete e preparava-se para apresentar-se, como sempre, de collarinho limpo, barba feita e cabello bem escovado.

Elle não era homem capaz de apparecer mal a ninguem. A filha nunca o vira em mangas de camisa. Apurava-se muito na roupa; tratava cuidadosamente dos dentes, que os tinha magnificos; e trazia fre-

quentemente, na algibeira do seu collete de seda, preta, um canivetinho com que ás vezes se entre-tinha a brunir as unhas.

Jacob era o seu braço direito. Era o Jacob quem lhe fazia a barba, quem o vestia, quem lhe cuidava dos sapatos, quem lhe mettia os botões na camisa. Ninguém mais fazia isso a gosto do commendador.

Ainda em vida da mãe de Olympia, já o desvellado domestico invadia todas essas attribuições e gosava do valimento do amo. Foi elle até, entre os intimos do commendador, quem tomou parte mais activa no segundo casamento deste. O commendador consultára a opinião do criado.

Jacob achava a noiva um pouco moça de mais para o amo. O commendador já não estava criança!...

O pae de Olympia oppunha então a circumstancia de que tinha filhos, de que precisava de uma senhora que lhe tomasse conta da casa e dirigisse a educação das crianças.

— Ora, replicava o velho criado; a Sinhasinha não está tão pequena que precise de madrasta!... (Esta sinhasinha, a que se referia o bom Jacob, era Olympia). É o nhonhô, accrescentava elle, sáe do collegio apenas duas vezes por mez...

Mas, apezar de tudo, o commendador contrahiu novo matrimonio, do qual lhe resultaram aquellas duas mallogradas gemcas de que já tratámos. Não foi feliz nas segundas nupcias : o criado tinha razão quasi inteira. Ao casar, o commendador não estava totalmente vellho, mas caminhava muito de perto para isso. A velhice ás vezes é uma janella que se abre de repente, e por onde fogem no mesmo instante os ultimos raios da mocidade.

A segunda mulher do commendador orçava então pelos vinte annos e era rapariga muito bem constituída de corpo. Sem ser bonita, ostentava esse encanto inestimavel da saúde e da força, que tem para o homem as mesmas qualidades attractivas que a brilhante chlorophylla das flôres, segundo Darwin, tem para os insectos volateis.

Pelos seus olhos vivos e travessos, pelo moreno quente das suas faces coradas e viçosas, pelos seus labios carnudos e vermelhos, pelo vigor da sua larga respiração e pela seductora frescura dos seus dentes, a segunda mulher do commendador estava a pedir um marido mais esperto e mais senhor de si; de sorte que, por occasião de escancarar-se a janella de que ha pouco fallámos, se escaparam logo, de envolta com os ultimos raios da mocidade do infeliz marido, as estopinhas da fidelidade conjugal, cujos votos a esposa do commendador principiava a romper com toda a força dos seus ricos vinte annos.

Uma janella aberta e que se não pôde fechar, é um perigo constante para a casa a que pertence, principalmente se n'esta houver uma flôr, porque os insectos andam soltos lá por fóra.

O primeiro insecto que entrou pela janella foi o Portella, aquelle morigerado e bello moço do commercio, convidado por Henriqueta e Leão Vermelho para servir de padrinho de baptismo á nossa Clorinda, e o qual, mais tarde, vimos transformado em commendador, a conversar em companhia do Adelino Fontoura e do Duque-Estrada em casa da afilhada.

Portella estava por esse tempo no vigor dos annos; teria quando muito vinte e cinco, porque

justamente na mesma época baptisára elle a filha natural de Leão Vermelho.

Vejamos agora quaes foram as circumstancias que o approximaram da mulher do commendador Ferreira, porque ellas se ligam ás futuras scenas desta narrativa.

O pae de Olympia ainda então se achava no commercio activo, de sociedade com um tal João Figueiredo, tão commendador como elle, porém muito menos fino e menos traquejado nas salas. O nosso Portella era caixeiro da casa. N'esse tempo, como deve saber o leitor, os empregados do commercio não gosavam em geral de certas regalias, que só mais tarde lhes foram conferidas pelos patrões. O bigode, a gravata, o fraque, por exemplo, eram fructo prohibido para os caixeiros.

Entrar em um café, fumar um charuto, saber dansar uma quadrilha franceza, tudo isto, para os infelizes moços, eram verdadeiros crimes de lesa moralidade commercial. Mas o commendador Ferreira não se deixava levar por tão mesquinhos preconceitos e dava aos seus empregados plena liberdade de deixar crescer o bigode, vestir um fraque, penetrar nos raros cafés d'essa época e fumar os charutos que quizessem.

O Figueiredo oppunha-se amargamente contra semelhantes liberalidades do socio. — Você me quer estragar os rapazes!... dizia elle, penetrado de um grande desgosto. Pois você não vê, seu Ferreira, como tudo por ahí anda já tão desmoralizado!... Não vê como hoje só ha pelintras?! Não vê que hoje em dia os rapazes, em vez de aproveitarem o domingo para ir á missa, querem ir fumar charutos ao Passeio

Publico e metter-se á tarde na patifaria do theatro?!...

E o Figueiredo, possuido cada vez mais da sua indignação, revoltava-se contra o socio; mas o commendador Ferreira não se deixava catechisar e continuava a dar folga aos rapazes.

É porém seguro que, entre os caixeiros da casa, sô um se aproveitava verdadeiramente d'essas regalias, e esse era o Portella. Aos domingos, em vez de ir para o canto da rua, como faziam seus companheiros, assentar-se a um banco de páo a vêr quem passava, o pretencioso caixeiro ataviava-se com roupas de casimira franceza, mettia um charuto entre os dentes, e punha-se de passeio pelas ruas. Esta especialidade dava-lhe aos olhos das moças suas conhecidas certa distincção sympathica : Portella era citado por ellas como a flôr dos rapazes do commercio.

E o facto é que ficava um rapagão, quando envergava o fraque de panno fino, vestia um par de calças novas, armava o seu chapéo alto e ganhava a rua, rangendo as botinas e picando a calçada com a biqueira da bengala. Dos empregados do nosso commendador foi elle o unico que compareceu ao casamento do patrão. O Figueiredo teve uma vertigem quando o viu chegar de carro e de casaca.

— Ora com effeito!... resmungou o caturra, a sacudir a cabeça. E afastou-se para não disparatar alli mesmo com o socio.

Portella dirigiu-se mais de uma vez á noiva, felicitou-a, disse-lhe palavras muito bonitas e pediu-lhe que lhe reservasse um dos seus alfinetes dourados. A mesa ergueu-se com desembaraço para brindar o

patrão, e seu discurso foi muito bem recebido. Desde esse dia o commendador o convidou para jantar aos domingos, e Portella não faltou a nenhum d'elles. Às vezes havia dansa, e elle dansava; se havia jogos de prenda, brincava; e, se havia meninas solteiras, namorava.

D. Therezinha, como tratava elle a mulher do patrão, não lhe votava entretanto mais do que uma pequena estima, mais generosa que outra cousa, e, perfeitamente comprehendida no circulo dos seus deveres conjugaes.

Por essa época já ella estava gravida das duas gêmeas a que nos referimos. O tempo passou; nasceram as meninas, e Portella sempre a frequentar a casa do commendador, cada vez mais considerado e mais querido.

Quando a peste, que n'essa época assolava o Rio de Janeiro, entrou em casa do bom negociante e lhe arrebatou dos braços os adoraveis fructos do seu segundo matrimonio, o pobre homem recebeu o golpe em cheio no coração e cahiu desanimado e sem forças. Portella foi o unico que teve o segredo de distrahir-o da desgraça, chamando-o de novo á vida.

Foi então que uma forte rajada dos ventos da velhice se atirou de subito contra a tal janella e abriu-a de par em par. O commendador envelheceu da noite para o dia.

A transição da virilidade para a decrepitude é tão sobresaltada como a passagem da meninice para a puberdade. O desgraçado sentiu faltar-lhe a coragem para tudo; não queria festas, não queria distrações; o proprio trabalho já não tinha para elle

nenhum dos attractivos de outr'ora. E, enquanto os factos assim se succediam, o Portella empregava todos os esforços para alcançar a mão de Olympia, cujos encantos principiavam a vestir as galas da mulher, resplandecendo dentro da aureola de seus quinze annos. Distincta, rica, intelligente e formosa, a filha do commendador representava, para o caixeiro, o melhor partido que este poderia ambicionar.

O commendador estava por tudo; só faltava que a menina se resolvesse. Ella recusou. O pae tentou ainda defender a pretensão do amigo; Olympia voltou-lhe as costas.

Foi por esse tempo que o commendador, sentindo-se esgottado e precisando descansar, resolveu sair do commercio activo. João Figueiredo, logo que liquidou as contas do socio e ficou só, declarou ao Portella que não o supportaria nem mais uma semana em sua casa. — Até alli era preciso respeitar a vontade do commendador Ferreira; agora não havia razão para atural-o!

O commendador, sabendo do facto, ficou furioso e chamou o rapaz para sua companhia.

— Havemos de arranjar-o, prometeu elle; mas enquanto não apparecer emprego, ficará ao meu serviço. O senhor terá um ordenado, casa e comida.

Portella mudou-se logo para a casa do commendador. De muito pouco serviço dispunha este para lhe dar a fazer; não passava todo elle das contas de suas propriedades alugadas e uma ou outra carta commercial exigida pelas pendencias com a Praça. Comprehende-se, por consequente, que o rapaz tinha folga e grande folga.

Trabalhava no proprio escriptorio do patrão, ao lado da bibliotheca, perto da sala de jantar, onde Therezinha costurava. Às vezes o Portella punha de lado a penna, fechava a sua costaneira e ia dar dois dedos de palestra á patrôa. Ella o tratava com muita deferencia.

Um dia, seriam duas horas da tarde e o commên-dador não estava em casa, Therezinha parecia entre-tida de todo com a sua machina de costura, e Olympiã passeava na rua do Ouvidor com as amigas.

Fazia muito calor; Outubro nunca estivera tão insupportavel e tão cheio de moscas.

O ar morno e pesado produzia quebrantos no corpo e convidava á gente a estender-se no chão, sobre a esteira, e deixar-se ficar de olhos fechados em plena preguiça. Quasi que se não podia respirar. As cortinas da janella tinham uma immobilidade de pedra.

O commendador morava já em Botafogo, na mesma casa donde mais tarde o arrancou Olympiã para dar com elle na Avenida Estrella e depois no modesto chaletsinho da Tijuca. Via-se da sala de jantar a bahia defronte reverberar aos raios do sol; o Pão de Assucar, completamentê nú de nuvens, se reflectia por inteiro no ardente espelho das aguas, e o céu, descoberto e brilhante, parecia feito de porcellana azul.

Therezinha largára o trabalho para resfolegar e refrescava as faces com a palma de sua mão gorda e macia. Portella appareceu á porta do gabinete e fez uma exclamação sobre o calor, despregando com os dedos abertos o seu rico cabello, preto e anelado, que o suor grudava ao casco da cabeça.



— É! respondeu ella; está horrivel!

— Não se póde trabalhar, considerou Portella, soprando affrontado. E foi assentar-se perto de Thereza.

— Então, como passou desde hontem dos seus incommodos nervosos? perguntou a mulher do commendador, referindo-se a uma conversa da vespera.

— Ah! ainda se lembra disso?...

— O senhor queixou-se tanto!...

— Qual! Eram manhas; o meu mal é outro. Não sei se mais difficil ou mais facil de curar!... E, depois de fazer um gesto de convicção, accrescentou: Nasci para ser casado; não me serve a vida de solteiro...

— Não caia n'essa asneira!... aconselhou Therezinha, fazendo-se muito séria.

— Mas asneira, porque?...

— Ora! É uma dessilusão! Eu preferia estar ainda hoje solteira e vivendo como d'antes em casa de minha madraستا...

— Todavia a senhora não tem razão de queixa...

Therezinha respondeu dando um grande suspiro.

— Não vive então satisfeita?... perguntou elle, pondo na voz uma extrema doçura.

— Ai, ai! Mudemos antes de conversa...

E passou abruptamente a fallar sobre uma bella tartaruga do Amazonas, que o commendador, dias antes, recebêra de presente. — Era um bicho exquisito, muito grande, fazia afflicção olhar para elle! Uma verdadeira raridade!

Portella mostrou desejo de vêr o animal, e os dois desceram á chacara.

Levaram algum tempo á borda do tanque, ao lado

um do outro, acompanhando os movimentos preguiçosos do amphibio. Portella declarou que de cara o achava parecido com o João Figueiredo, e esta rancorosa comparação fez rir á senhora.

— Alli sempre cra melhor de estar que lá em cima, considerou depois o rapaz.

— É mais fresco, disse Therezinha, dirigindo-se para uma rua de bambús que costeava a casa e ia dar afinal a um agrupamento de arvores no fundo da chacara. Portella acompanhou-a, offerecendo-lhe o braço. Ella acceitou, e puzeram-se ambos a passeiar muito vagarosamente por entre a rumorosa sombra da alameda.

Ouviam-se estalar as folhas seccas debaixo de seus pés. Therezinha não dava uma palavra, toda segura ao braço do rapaz caminhava vergada para elle, como se prestasse attenção a uma conversa de muito interesse. A certa altura pararam; ella parecia fatigada, a julgar pela difficuldade com que respirava. Os dois olhares se encontraram, mas ao mesmo tempo se fugiram, porque cada um comprehendeu de relance o que se passava no pensamento do outro.

E tornaram a caminhar, sempre em silencio, mas d'esta vez Portella tinha entre as suas uma das mãos de Therezinha. Chegados ao fundo da chacara, sentaram-se juntos debaixo de uma mangucira, sobre um banco que ahi havia. A senhora, de olhos baixos, fitava com insistencia um ponto no chão, e suspirava de vez em quando, como se um pensamento doloroso a torturasse.

Portella chegou-se mais para ella, passou-lhe meigamente um braço sobre o hombro e perguntou-lhe

com muito carinho o que a fazia assim tão triste.

Não era nada!... segredos de sua pobre vida!... Cousas que não poderiam interessar a ninguem...

E Therezinha continuava de olhos immoveis, quasi a chorar.

— Não! insistia o rapaz com a voz cada vez mais doce; a ~~senhora~~ ~~soffre~~ ~~qualquer~~ ~~cousa~~. Não me diz o que é, porque não lhe mereço confiança, mas soffre...

E affagava-lhe os cabellos e o pescoço. Therezinhia sentia-lhe o tremor nervoso da mão e percebia-lhe a commoção da voz.

— Não é feliz com o commendador?... perguntou Portella em voz baixa, chegando a bocca ao ouvido della.

— Foi uma asneira este casamento! respondeu Thereza. Eu passo uma vida de viuva. *Elle*, por bem dizer, não é meu marido. Entretanto, juro-lhe que desejava ser a esposa mais fiel e dedicada d'este mundo!...

E começou a chorar muito afflicta. É mesmo desgraça de cada um! accrescentou soluçando.

— Não se affliga d'essa fórmula! disse o rapaz, puxando a cabeça de Therezinha para o seu hombro. Tenha um pouco de resignação!...

— Mas não acha que devo passar uma vida estúpida e aborrecida?! Ando nervosa, sem appetite, tenho vertigens! tenho cousas de que nunca soffri até agora! Além d'isso, *Elle*, porque já aborreceu os divertimentos, entende que os mais também não se devem divertir! Eu não vou a um baile, não vou a um theatro, não appareço a ninguem... Que diabo! eu tenho apenas vinte e seis annos!

Portella dava-lhe toda a razão, e pedia-lhe que não se mortificasse.

— E você ainda pensa em casar... continuou ella, já em outro tom, não caia nessa! É uma asneira! É um engano! Se quizer acceitar o meu conselho, fique solteiro toda a vida! Ah! se eu fosse homem!...

E Therezinha suspirou de novo, e sacudiu a cabeça com um gesto cheio de intenções.

— Se fosse homem não se casaria? perguntou elle.

— Eu?! exclamou a rapariga, apertando os olhos; nunca!

— E a velhice depois, o abandono, as molestias?...

— Ora! eu sei que não chegaria á velhice!... Além de que ha muito quem cuide da gente, sem ser preciso casar.

— Mas tambem a vida assim, sem termos uma companheira constante ao nosso lado...

E, passando o braço na cintura de Therezinha, concluiu : — não póde ser grande cousa!

Ella continuou a queixar-se, fallou amargamente da sua vida; disse que n'aquella casa representava o papel de um « dois de páus »; a verdadeira senhora era Olympia!

— Já tenho medo de dar qualquer ordem aos criados, accrescentou com um gesto desabrido; porque posso ser desmoralizada mais uma vez. Isto é vida!? Como senhora não tenho força moral, como mulher não tenho marido! não tenho nada!

E as recriminações recrudesciam, acompanhadas de soluços. Portella, todas as vezes que lhe puxava

a cabeça para junto da delle, sentia-lhe o nariz frio e os labios tremulos.

Quando o commendador voltou, d'ahi a uma hora, encontrou-os já dentro de casa; Therezinha a costurar na sala de jantar, e Portella a fazer escripturação mercantil no gabinete.

Desde esse dia, a mulher do commendador principiou a melhorar dos nervos; em breve não se queixava mais das taes vertigens, comia com appetite, dormia muito bem e cantarolava durante a costura. Só quatro mezes depois que o Portella se hospedára em casa do commendador, conseguiu este arranjal-o em uma empreza commercial que se acabava de crear. Tal facto veiu alterar um pouco a vida do caixeiro e encheo-o de enormes saudades pelas horas sobresaltadas e felizes que conseguia passar ao lado da amante. O amor de Thereza constituiria-se para elle em habito, em necessidade, sem todavia perder o encanto dos primeiros tempos, graças ás circumstancias que o difficultavam e que faziam d'elle um objecto prohibido.

No dia em que se lhe cortassem as difficuldades e lhe suprimissem o perfume do mysterio, Portella haveria de aborrecer-se e de enfastiar-se da amante, eomo succede fatalmente em todos os casos identicos.

Mas, nem elle, nem ella, se lembraram de fazer semelhante reflexão, pois, se a fizessem, não commetteriam a leviandade de praticar o que vamos expôr no capitulo seguinte.

## XXI

### À BEIRA DO PRECIPICIO

O commendador principiava a sarar das suas mortificações; voltava pouco a pouco aos seus antigos habitos; ia-se finalmente restituindo ao amor pela vida e aos gosos tranquillos que lhe permittiam os annos.

A dura morte das suas duas adoradas filhinhas annuviára-lhe o semblante, azedára-lhe o genio, mas não lográra quebrar-lhe a linha.

Nas crises do seu mais fundo desgosto jamais desmanchára o penteado ou amarrotára os punhos. Chorou sempre engravatado e limpo; as lagrimas correram-lhe livremente pelo rosto escanhoado; e os suspiros sahiram-lhe da bocca impregnados de cheiroso dentifricio. Por triste e maguado não esqueceu elle nenhum dos requisitos do cavalheirismo com ás pessoas que lhe foram dar pezames; e, no meio da sua grande oppressão, encontrou galanterias subteis para offerecer ás damas que o acompanharam naquelle inconsolavel transe.

Não perdeu o prumo, o que elle perdeu foi o apego

da esposa, porque entre os dois conjuges se havia intromettido a pujante figura do Portella.

Metter no coração de qualquer familia um homem, que não seja parente immediato e por conseguinte solidario natural da sua dignidade e da sua honra, equivale quasi sempre a metter um poraquê n'um tanque de outros peixes. O choque produzido pelo electrico intruso é o bastante para destruir os companheiros de casa.

Therezinha descobriu no Portella todas as regadoras qualidades physicas que não encontrou no marido. Até ahi fazia ella um juizo bem triste do amor; julgava-se desilludida a esse respeito. « Sempre suppunha que fosse outra cousa! » confidenciára a uma amiga poucos dias depois do casamento. O amante, porém, logo lhe invertera radicalmente tão falso ponto de vista, apresentando-lhe o amor pelo brilhante prisma da mocidade, da força e do arrebatamento da paixão. Therezinha ficou surpreendida, ficou maravilhada.

— Quanto havia sido injusta! dizia depois consigo, toda palpitante de felicidade.

E, desde então, tudo se transformou em torno dos seus sentidos: o mundo exterior apresentava-lhe agora encantos inesperados; tudo lhe sorria, tudo a namorava, tudo lhe fallava com uma voz affectuosa e doce. Os seus gostos e as suas aptidões intellectuaes foram accordando, como ao toque da varinha encantada de uma fada. Achava prazer na leitura, nos divertimentos, no trabalho, na preocupação dos arranjos da casa, e até, o que é mais extraordinario, principiava a experimentar pelo marido certa sympathia respeitosa e compassiva. O commendador, até

então, era perfeitamente insupportavel a Thereza; ella não o podia ver com a sua calva escondida nos longos fios de cabello emplastico, com o seu inalteravel ar de diplomata aposentado, e com o seu olhar entorpecido atravez dos oculos. Antes de raiar a aurora do seu amor com o caixeiro, ella por mais de uma vez tivera impetos de esbordoar o marido, quando o via de costas, meio vergado sobre a mesa de trabalho, com o pescoço embainhado no enorme e teso collarinho. O cheiro da agua de Colonha fazia-lhe engulhos, porque esse era o perfume predilecto do commendador.

Entretanto, á proporção que Portella lhe despertava os sentidos entorpecidos e lhe accordava nas veias o latente calor do sangue, Thereza ia se conformando com o marido e a elle se prendendo por uma especie de amizade filial.

Dormiam em quartos separados. Pela manhã, Thereza saltava da cama, fazia a *toilette* cantarolando, enfiava uma flôr no cabello e ia logo cumprimentar o marido, que a essas horas, já prompto e preparado, tomava o seu chá preto no gabinete de trabalho.

Ella o beijava na face, perguntava, com pieguices de criança, como o seu « Paesinho » havia passado a noite e, depois de fazer-lhe uma festinha no queixo escanhoadado, afastava-se, muito sacudida e escorreita, para a chacara, onde suas plantas a esperavam.

O commendador notava com satisfação as mudanças que a mulher ultimamente apresentava. Nunca a vira tão meiga, tão satisfeita e tão carinhosa com elle; já não o tratava seccamente como d'antes, agora, ao contrario, tinha sempre uma palavra affectuosa, um



riso agradável para recebê-lo e já não lhe chamava mais « Seu Ferreira, » como antigamente; agora ella só o tratava por « Seu velho, » por « Seu paesinho, » por « Seu nhonhôzinho. »

Mas, uma noite, o commendador, aproximando-se da mulher, ficou muito surpreso de a encontrar esquiua.

— Não! dizia Thereza, com um gesto entre meigo e reprehensivo; não!... Deixe-se disso!...

«Parecia que o commendador lhe propunha alguma coisa illicita. O facto afigurava-se a Thereza como uma especie de incesto. Queixou-se de que estava indisposta, fingiu muito somno, e, como o marido insistisse, levantou-se zangada e deixou escapar uma phrase grosseira. O commendador ficou pasmado.

No dia seguinte houve frieza entre o casal; e a graça é que Therezinha era justamente dos dois a que se mostrava mais resentida. O desventurado marido contou discretamente o facto ao Jacob.

— Hum! hum! resmungou o criado com um profundo ar de desconfiança. E aconselhou ao amo que abrisse os olhos com a mulher.

Por esse tempo deixara o Portella a casa do commendador. Thereza, muito sentida com a mudança, não pôde esconder totalmente o seu desgosto; mas o rapaz appareceria de vez em quando e havia de passar os domingos em sua companhia.

Elle com effeito cumpriu a promessa; porém as suas visitas, longe de acalmarem a mulher do dono da casa, traziam-na em constante martyrio. Não havia meio de ficarem a sós; ora Olympia, ora o commendador, ora o Jacob, não os deixavam um momento em liberdade. Portella era de uma discre-

ção e de uma prudencia desesperadoras; estava sempre receioso que lhe sorprendessem alguma palavra ou algum gesto compromettedor;

A mesa Therezinha tocava-lhe nos pés e nas pernas, e elle se retrahia todo, a olhar para os lados. Se ella se demorava um pouco a apertar-lhe a mão, quando Portella chegava ou se despedia, elle lhe oppunha um olhar severo e não lhe dava mais palavra.

E Thereza soffria muito com taes contrariedades. Aquelle amor era toda a sua preocupação, o seu bem, a cousa boa de sua vida; era aquelle amor o que lhe dava a alegria, o appetite, o somno; privarem-na d'elle seria privar-a da saude e por bem dizer da existencia. Levassem-lhe tudo, com a breca! — posição social, regalias de dinheiro, joias, casa, o que quizessem; comtanto que lhe deixassem aquelle amor! Sem elle do que lhe poderia servir o resto?!

E, quanto mais lhe obstavam o curso dos desejos, quanto mais lhe cortavam a ella os meios de se approximar do amante, mais este lhe enchia o coração e lhe tomava o espirito. A corrente ameaçava transformar-se em pororoca; o amor, se insistissem em represal-o, podia de subito converter-se em paixão louca e desenfreada.

Um mez depois de sahir da casa do commendador, Portella recebeu o seguinte bilhete:

« Meu Luiz

Arranja, por amor de Deus, uma casa, um lugar, qualquer parte, onde nos possamos encontrar. Não posso mais! Marca uma hora e eu lá estarei sem falta. Tua T. »

Portella sentiu um grande prazer ao receber estas palavras, mas ao mesmo tempo teve medo.

— Não fossem vir a saber!... considerava elle. Era o diabo!

Durante toda a noite não pensou n'outra cousa. Seu desejo, estimulado pela falta dos carinhos da amante, encarecia-lhe as saudades e fazia avultarem na sua memoria os encantos de Thereza. Não podia socegar : o corpo pedia-lhe aquelle amor com uma exigencia irracional ; desejava amar como o faminto deseja comer.

No dia seguinte, quando foi á casa da mulher do commendador, levava prompta a resposta em um pedacinho de papel, receioso de não ter occasião de fallar com ella.

Arranjára de ante-mão um commodo no campo de Sant'Anna. O logar n'esse tempo prestava-se maravilhosamente para as empresas d'esse genero.

A entrevista seria ás onze e meia da manhã : Portella apresentára-se ás dez, muito afflicto.

Nunca se sentira tão sobresaltado : desde a vespera que o coração lhe pulsava agoniadamente ; não pudera comer, nem pudera dormir. Doía-lhe levemente a cabeça e amargava-lhe na bocca o gosto do fumo de que elle, n'aquellas ultimas horas, abusára. Não tinham decorrido dez minutos, quando se ouviram duas pancadinhas na porta da saleta.

Portella correu a abrir.

Ainda não era Thereza ; era o homem encarregado de limpar a casa.

Luiz Portella atirou-lhe um olhar interrogativo.

— Vinha varrer o quarto, explicou aquelle, um pouco perturbado por não conhecer o novo locatario.

— Deixe isso para outra ocasião, aconselhou este. E, quando o outro ia a sahir, accrescentou entregando-lhe uma nota de dois mil réis : Traga-me uma garrafa de cerveja e guarde o resto.

O homem voltou com a garrafa, abriu-a, enchêu um copo de cerveja e retirou-se. Portella fechou de novo a porta, depois de ter recommendado que precisava ficar só.

Mas não podia socegar um instante : ia da alcova á janella, da janella á sala ; abria um livro sobre a mesa, não conseguia lèr duas linhas ; sentava-se para se levantar logo ao menor rumor que sentia na escada.

E Thereza nada de apparecer. Portella tornava-se cada vez mais inquieto e mais sobresaltado. Estava indisposto ; os goles de cerveja cahiam-lhe no estomago como pedradas.

Os minutos arrastavam-se lentamente. Elle accendia cigarros consecutivos, e passava de vez em quando pelo espelho, olhando a sua figura um pouco desfeita pela irregularidade d'aquelle dia.

Deram as doze, Portella perdeu a paciencia. — Ora ! exclamou elle, gesticulando comsigo. Isto não se faz ! Ha duas horas que estou aqui a olhar para as moscas ! Mas suspendeu as suas considerações, porque sentiu parar na rua uma carruagem e ouviu, logo em seguida, passos agitados subirem a escada.

O rapaz deu uma carreira para a porta ; abriu-a ; e disse apressadamente para quem acabava de chegar :

— Aqui ! É aqui !

Thereza vinha vestida de preto ; um véo cobria-lhe o rosto, e toda ella tremia de commoção. Ao entrar, descobriu logo a cabeça ; estava muito pallida e as-

sustada. Portella recebeu-a nos braços e levou-a para o sofá. Ella não podia dar uma palavra.

— Descança, descança um pouco, dizia elle, a desaffrontal-a do chapéo e da capa.

— Ah! suspirou a mulher do commendador, como quem descarrega a consciencia de um grande peso e, sem dar uma palavra, pendurou-se ao pescoço do rapaz e ficou a olhar para elle, com a voluptuosidade de quem bebe com muita sede. Depois principiou a conversar; disse que estivera arriscada a não poder vir ter alli: todos pareciam acertados em contrariar-a. Narrou pormenores, contou as pequeninas circumstancias que precederam á sua sahida de casa.

Portella ouvia tudo isso com muito interesse, mas o seu sobresalto, longe de diminuir com a chegada de Thereza, avultava cada vez mais.

— Felizmente, accrescentou ella, tenho uma amiga intima, uma rapariga de muita confiança, que foí minha companheira de collegio e a quem revelei todo o nosso segredo...

— O que?! interrompeu Portella contrariado. Pois metteste mais alguem n'este negocio?!...

— Ah! É que tu não conheces a Chiquinha... d'aquella não temos que receiar cousa alguma... Não! lá por esse lado estou segura!

— Sim, sim, volveu o rapaz, cada vez mais preoccupado; mas é que as cousas podem mudar de um dia para outro! Quem nos diz a nós que a tua Chiquinha ha de ser sempre a mesma discreta?...

Thereza censurou aquelles receios do amante. — Ó homem, disse ella, você tambem tem medo de tudo! Safa! nem eu que sou mulher! Ah! se eu fosse homem!...

— Mas bem, disse elle ; como afinal conseguiste vir ?

— A Chiquinha foi buscar-me á casa para darmos um passeio. Eu estou passando o dia com ella.

— Sim, mas isso é um expediente de que se não deve abusar. No fim de pouco tempo desconfiariam...

— Não tenho medo por esse lado. Além disso, eu não podia deixar de estar hoje contigo ! Se soubesses como tenho passado !... Ah ! - é uma cousa horrivel ! Era impossivel resistir por mais tempo ! Ando estonteada, louquinha !

E, tomando a cabeça de Luiz Portella, disse-lhe com os labios encostados aos d'elle : — Tu me enfeitiçaste ! Tu és a minha perdição !

— E o commendador ?... perguntou Portella, sem corresponder áquellas caricias ; não desconfia ainda de cousa alguma ?...

Thereza respondeu com um gesto muito expressivo. E accrescentou depois, com o ar mais serio :

— Coitado ! nem lhe passa semelhante cousa pela idéa !

Portella fez ainda varias perguntas sobre o Jacob, sobre Olympia, sobre as pessôas que appareciam em casa do commendador. Thereza respondia por prazer. Aquelle assumpto frio e cheio de prudencias a irritava.

— Deixa lá isso ! reprehendeu ella. Ainda não me dêste um beijo !...

Portella apressou-se a cumprir essa ordem, mas a rapariga notou que o impulso não era natural. O amante parecia fóra de si.

— Estás insupportavel, exclamou resentida.

Portella confessou que se achava sobresaltado. — Não sei o que tenho, disse elle! É a primeira vez que me acho neste estado. Sinto tremores pelo corpo. Olha como tenho as mãos frias!

— Eu também estou assim! respondeu ella, abraçando-se ao rapaz. Mas não podia deixar de vir! Affigurava-se-me que morreria se não estivesse hoje contigo... Ah! tu não calculas o que isto é! Que noites! Que dias! Tudo me enjoava, tudo me fazia nervosa! Não podia supportar ninguém! Se soubesses como eu ficava, quando te via perto de mim sem te poder fallar! Oh! Luiz! um verdadeiro supplicio!

E interrompeu-se, reparando que o rapaz, em vez de lhe prestar attenção, parecia preocupado com outra cousa. — Mas que diabo tens tu hoje?! Estás distraído! Quasi que não olhas para mim!

Portella respondeu puxando-a para os joelhos e cobrindo-a de caricias. N'aquella occasião fazia elle essas cousas por condescendencia, por honra da firma. E Thereza comprehendeu tudo perfeitamente.

— Já não gostas de mim! queixou-se ella, tornando-se egualmente pensativa.

— Que idéa a tua! respondeu o outro, procurando fazer-se apaixonado. Nunca te amei tanto! Nem sei mesmo onde isto irá parar!...

— Mas então porque estás assim tão exquisito?!...

— Sei cá, disse elle, mas não me sinto bem...

D'ahi a duas horas Thereza entrava de novo no carro e seguia para a casa da tal amiga.

Ia furiosa. Portella n'aquella entrevista não levára, absolutamente, nenhuma vantagem ao commendador.

— Já me não ama! repisava comsigo a leviana no seu desapontamento. Já me não ama!

E as lagrimas saltaram-lhe dos olhos.

Ao contrario do que succedera com o marido, a frieza incidental de Portella, em vez de a fazer aborrecel-o, puxava-a cada vez mais para elle com todos os liames do desejo e do ciume.

Depois d'aquella entrevista, Thereza de novo peiorou de genio, tornou-se frenetica e nervosa; voltou a tratar o marido por « Seu Ferreira, » e a não poder supportar Olympia, nem o Jacob. As suas plantas na horta foram abandonadas; afinal já não cantarolava á costura e estava sempre a pedir que a não importunassem.

Portella, como todo homem futil, ficára egualmente muito preocupado com o mallogro da entrevista, e tratou de realisar uma nova, só com a vaidosa intenção de destruir o máo effeito da primeira. Depois seguiram-se outras, e outras; até que o rapaz alugou em Catumby uma casinha adequada aos seus amores e principiou a receber a amante, regularmente, duas vezes por semana. No fim de dois mezes já se riam elles dos seus primeiros sobresaltos.

Thereza tornára-se um pouco descuidada com a vizinhança. Já não tinham entre si a menor cerimonia; tratavam-se já como velhos amigos, á vontade, conscios de que qualquer um faria falta ao outro, por uma questão de habito. Já não havia entre elles phrases apaixonadas, havia agora as pilherias da intimidade velhaca e pagodista.

Thereza possuia uma chave do latibulo, entrava sem sobresaltos, mudava de roupa, porque ella já



tinha roupa em casa do Portella, e depois esperava que chegasse o amante.

Um dia appareceu fóra das horas em que costumava, e disse resolutamente que não estava disposta a voltar para o lado do marido.

Portella fez um grande ar de surpresa.

— É o que te digo! sustentou ella; não volto!

— Mas filha, pensa um pouco antes de fazer semelhante asneira! Tu sabes que nem tudo n'este mundo são rosas!...

— Ora! respondeu ella, sacudindo os hombros. Estou farta de ouvir conselhos!

— Mas é que eu...

— Não podes ter mulher, não é isso?... Ora escuta lá e depois me darás a resposta...

— Então já tens um programma?! perguntou Portella, a sorrir.

— Um programma? Sim, e tenho tambem cousa ainda melhor! tenho um dote, disse ella; um dote em acções, que me fez meu marido por occasião de casarmos...

— E d'ahi?... perguntou o rapaz.

— D'ahi é que deixamos o Rio de Janeiro; mettemo-nos em qualquer provincia ou onde melhor te pareça, e tu te estabelececes com o meu dote, o que será facil, pois, com o talento que possues para o commercio...

— Isso é asneira!

— Asneira; porque?!

— Porque, desde que abandonares o commendaador, nenhum direito terás ao dote que elle te fez.

— Diz a Chiquinha que não.

— A Chiquinha não entende d'isto!

— Eu então não tenho direito a cousa alguma?!

— Sei cá; só um advogado o poderia dizer...

— O que me parece é que tu não tens vontade de ficar commigo...

— Não sejas tola! Se não tivesse já o teria declarado ha mais tempo.

E, depois de guardarem ambos um silencio de alguns segundos, Portella dissè vagamente: — Se o commendador se lembrasse de morrer agora!... Isso é que seria obra!...

Thereza olhou para o rapaz com um ar cheio de interrogações.

— É! justificou elle; se o commendador morresse, as cousas correriam naturalmente... Eu casava-me contigo, estabelecia-me, e iriamos viver juntos, independentes e felizes...

E accrescentou, depois de uma pausa: — Imagina que amanhã teu marido amanhece indisposto. Vem o medico e declara que a molestia não é de cuidado « Achaques da velhice! » Recommenda regularidade na vida, abstinencia de uns tantos prazeres e receita qualquer calmante. O commendador principia a tomar o remedio, mas, de dia para dia, se vae sentindo peor. Afinal, uma bella manhã, quando ninguem espera por isso, encontra-se o homem morto... O medico passa o seu attestado; tu te cobres de luto, recebes as visitas de pesames das amigas, choras naturalmente em presença de algumas d'ellas, e, um anno depois, os nossos amigos lêm com prazer a noticia do nosso casamento... Uma vez casados, iriamos morar ahi em qualquer arrabalde, escolheriamos um chaletsinho proprio para a lua de mel... Eu trataria de te fazer esquecer a perda de teu commenda-

dor, e tu serias minha, minha, sem sobresaltos, nem receios ridiculos, pertencendo-me a todas as horas e a todos os momentos!

E Portella, depois de beijar e abraçar a amante, continuou como se fallasse em um sonho :

— Parece que já me vejo dentro dessa felicidade, voltando á tarde aos teus braços, cansado do trabalho, comido pela fadiga, mas com o coração satisfeito por encontrar-te em casa, alegre, viva, contente com o nosso amor! Parece que presinto as nossas noites de casados : calmas, doces, descansadas!

Thereza suspirou.

— Devia ser delicioso!... continuou Portella. Uma existencia completa entre nós dois!... A mesa bem provida; a casa bem illuminada; o amor bem confortado!...

— Cala-te! disse Thereza.

— Além disso, os passcios, os bailes, as noitadas de palestra com os amigos, em volta á mesa do chá. Depois a nossa independencia, o nosso bem estar, a nossa felicidade!...

Thereza ficou pensativa.

— Não achas que tudo isso seria muito melhor?... perguntou-lhe o rapaz, beijando-lhe os braços carnuados.

— Se acho!...

— Pois olha que está tudo em tuas mãos! segredou elle.

— Heim?! Como?! Estás gracejando!

— Não! Para tudo isso era bastante que o commendador morresse.

Thereza estremeceu e abaixou os olhos, receiosa de comprehender o pensamento do amante.

— Vês este frasquinho ? perguntou Portella, tirando um frasco de uma gaveta. Tem cincoenta gottas. Dando-se uma d'ellas por dia ao commendador, no fim de um mez elle morreria, sem que ninguem soubesse qual o motivo...

— Veneno !

— Sim, mas muito lento !... É um veneno quasi innocente...

— Não tenho animo de fazer isso ! balbuciou The reza, perturbada em extremo.

— Nem eu te aconselho que o faças ; apenas disse que, se nos tivéssemos de desembaraçar d'elle, devíamos preferir este expediente a outro qualquer...

— Elle me ama tanto !...

— Pois então, filha, deixa-te ficar como estás. Ora essa !

— Mas eu não o posso supportar !

— Não o supportes !

— Mas não posso mais viver sem o teu amor !

— Então não sei o que te faça !

— Antes, fugissemos ! Ficariamos, bem sei, em uma posição muito mais falsa, mas teríamos ao menos a consciencia tranquilla...

— Pois isso é que não estou disposto a fazer ! Lá fugir, ser talvez perseguido, vir a soffrer qualquer affronta, ter, quem sabe ? de comparecer a tribunaes, não é commigo ! Gosto muito de ti, não ha duvida ! tu és a unica mulher pela qual seria eu capaz de fazer uma infamia ; mas arranjar as cousas de modo que, afinal de contas, viesse a ficar privado tanto de ti como da minha liberdade, isso é o que não faço ! porque, vamos e venhamos ! continuando o commendador a existir, que diabo de felicidade pôde ser

a nossa?!... vivermos para ahí odiados, escondidos, sem poder gosar cousa alguma?! Ora seria isso um inferno para qualquer um de nós! Ao passo que, não existindo o commendador, fico eu herdeiro de todos os seus direitos. Tu n'esse caso, não serás minha amante, serás minha esposa; eu te poderei levar para toda a parte, apresentar-te dignamente em todas as rodas, e, o que é melhor. viver socegado, sem ter de evitar conversas a teu respeito, sem ter de quem receiar e de quem fugir!...

— Mas é abominavel matar uma creatura! considerou Thereza, offegente.

— Ora, filha! abominavel é um velho daquelles lembrar-se de casar contigo! Que diabo! quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle! Pois aquelle homem não devia logo comprehender que tu não te poderias contentar com elle?... Para que então casou?! Se algum de vocês dois tem razão, és tu, minha tola, porque tu foste a lesada, foste a victima! Casando-te, levaste um capital de mocidade, de frescura e de amor; tinhas direito a exigir de teu noivo uma parte correspondente! Se o matares, não farás com isso mais do que cortar a grilheta que te amarraram aos pés! Eras inexperiente, não tinhas sequer idéa do que fosse a vida, a felicidade conjugal; teu corpo de virgem nada exigia, porque nada conhecia. Entretanto, um homem, decrepito e inutil, ambicionou amarrar o teu destino ao d'elle; pediu-te á tua familia; elle era rico: deram-te ou, melhor, venderam-te. Mas tu, um bello dia, accordaste, mulher; tiveste então as tuas aspirações, os teus desejos; o amor reclamou os seus direitos! Bem; o que te competia dicidir em semelhante caso?! — Das

duas uma: ou abraçares o papel de victima e resignar-te a aturar o trambolho a que te prenderam; ou então reagires, entregando-te francamente ao homem que escolhesses. Tu escolheste um; fui eu! Agora está dado o passo; voltar atraz seria loucura, e para proseguir, só ha um meio — é dar cabo do commendador!

— Mas isso é um crime horrivel! respondeu Thereza, segurando a cabeça com ambas as mãos.

— Crime horrivel, torno-te a dizer, foi o teu casamento com aquelle velho! Isso é que é um crime horrivel, porque é a morte sem a morte, é a morte sem a insensibilidade e sem o esquecimento!

— Em todo o caso, considerou a rapariga, desaffrontando o peito com um enorme suspiro; se elle se casou commigo, é porque me amava e porque suppunha fazer-me feliz!...

— Criança! exclamou o outro com um gesto de compaixão. « Porque te amava! » Grande furia, na verdade! Comprehando que houvesse nesse amor alguma porção de generosidade e abnegação, se fosses uma mulher feia e difficil de supportar; mas tu, moça, encantadora e cheia de attractivos; tu que tens essés olhos, esses dentes e essas carnes, não podes, nem debes receber como um obsequio o amor que por ventura te consagrem. Não! porque esse amor nada mais é que uma manifestação do egoismo! O commendador casou-se contigo, não para te prestar um serviço, mas sim para prestar um serviço a elle proprio. Amou-te por amor d'elle e não por amor de ti! Não ha por conseguinte no acto de teu marido a menor idéa de sacrificio e de abnegação. Mas, dada a hypothese que elle não se limitasse a

dar-te unicamente o nome de esposa e te dêsse tambem todos os regalos que se possam imaginar na vida, ainda assim não haveria nas suas acções a menor intenção altruista, porque, se elle fizesse tudo isso, era simplesmente porque sentiria muito prazer em te agradar e estaria, por conseguinte, tratando de deliciar o seu proprio gosto!

— Acredito!...olveu Thereza meio convencida ; mas é que...

— Em todo caso, filha, uma cousa unica tenho a dizer-te e é que, no pé em que estamos, eu, só me casando comtigo, tomarei conta de ti ; de outro modo, não! Não quero, porque sei que iria crear futuras difficuldades. Vae para casa, pensa bem no que me ouviste, e depois então decidiremos!...

— É que já não me amas! disse Thereza, limpando os olhos.

— O sênhores! não te amo! Mas eu estou justamente disposto a casar comtigo, e dizes que não te amo?! Ora deixa-te de tolices!

Thereza retirou-se para casa muito abatida e contrariada. O amante collocára a questão em um pé devêras espinhoso para ella ; mas emfim, era preciso tomar uma deliberação. No dia seguinte estaria tudo decidido.

Os desgraçados, porém, não sabiam que Jacob havia seguido a mulher do patrão n'esta ultima entrevista e, occulto, ouvira tudo o que os dois disseram.

Vejamos agora como chegou elle a fazer semelhante cousa, e quaes foram as tempestuosas consequencias do seu acto.

## XXII

### TEMPESTADE SOLTA

Jacob, desde o momento em que desconfiára que Thereza enganava o marido, nunca mais a perdeu de vista. Os passeios ao campo de Sant'Anna e depois á nova casa de Portella em Catumby não lhe passaram despercebidos; uma occasião acompanhou de perto a mulher do amo e ficou inteirado do lugar aonde ella ia. Saber ao certo do objecto d'essas visitas clandestinas era toda a sua preocupação; de sorte que, na ultima, em que vimos Portella fallar tão cynicamente a respeito da vantagem de matar o commendador, o fiel Jacob se havia precisamente introduzido, pela primeira vez, em casa do seductor, e escutára o conluio entre os dois amantes.

Jacob, chegando á casa, sem mais rodeios contou tudo ao patrão.

— Heim?! É impossivel! exclamou o commendador.

— Pois se lhe estou a dizer, meu rico amo!... Vocemecê estaria de passagem tomada para o outro mundo, se a fortuna não me puzesse a par dos projectos d'aquelle malvado. Elle quer dar cabo de voce-



mece, para ao depois tomar conta da Sra. D. Therezinha...

O commendador passeiou agitado no quarto por alguns segundos, e tornou logo a interrogar o criado. Jacob explicou-lhe tudo.

— Bem! disse o pae de Olympia. Obrigado. Eu tratarei de defender a minha vida!

Thereza n'esse dia appareceu ao marido muito mais expansiva e risonha. Todavia, um espirito observador teria notado que a sua alegria era fingida e que toda aquella expansão encobria algum projecto traiçoeiro.

O commendador, ás horas do chá, queixou-se de que estava indisposto e recolheu-se ao quarto. Thereza não lhe abandonou a cabeceira da cama, senão quando o doente declarou que precisava ficar só.

No dia seguinte, na occasião em que a esposa lhe foi dar os costumados bons dias, elle a encarou de modo estranho e disse-lhe, com uma resolução que Thereza lhe não conhecia :

— Veja alli o papel e a penna!

— Quer escrever?... perguntou a manhosa, fingindo grande solícitude. Não vá isso lhe fazer mal!...

— Não sou eu quem tem de escrever; é a senhora! Vamos! faça o que lhe digo!

A porta do quarto estava previamente fechada. Thereza foi buscar o que o marido lhe ordenára.

— Bem, disse o velho, estendendo-se no leito; agora escreva o que lhe vou dictar.

— Para que?! perguntou Thereza, empallidecendo.

— Mais tarde o saberá... Alguem duvida que

a senhora seja uma esposa virtuosa a eu desejo provar o contrario. É um capricho da velhice ou talvez uma phantasia da enfermidade.

— Estou ás suas ordens, balbuciou a mulher com a voz tremula.

— N'esse caso faça o favor de escrever : « Meu caro Luiz. »

Thereza sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo; quiz oppôr qualquer razão á ordem do marido, mas não encontrou uma palavra.

— Escreveu ? perguntou elle.

— Está escripto, respondeu ella; mas confesso-lhe que não comprehendo o que tudo isto quer dizer...

— Nem é necessario, affirmou o commendador tranquillamente. E continuou a dictar : « Estou por tudo o que desejas... »

Thereza hesitou.

— Então?!... reclamou o marido. A senhora escreve ou não escreve?!

— Mas o senhor exige de mim um sacrificio superior ás minhas forças ; eu não sei a quem isto será dirigido!...

— A senhora sabe perfeitamente... Continue!

— Não! disse ella; não posso continuar! O senhor com certeza delira sob a influencia da febre!

— É possivel... disse o velho sorindo ironicamente. Póde ser que tudo isto não passe de delirio... em todo o caso, a senhora ha de escrever o que lhe estou dictando ou me obrigará a tomar resolução mais seria!

— Mas para que exige o senhor que eu escreva semelhante cousa?!

— Já lhe disse que mais tarde o saberá! Por **quanto** basta que me obedeça!

E o commendador, possuido de inesperada energia, levantou-se de um salto da cama e, segurando a mulher por um dos pulsos, exclamou arremessando-a contra a mesa:

— Escreva, ou eu a mato aqui mesmo!

— Soccorro! gritou Thereza.

— Póde gritar á vontade, bramiu elle. A unica pessoa que está em casa é o Jacob, e esse não se importará com os seus gritos!

— N'esse caso é melhor que o senhor me dê logo cabo da existencia, em vez de obrigar-me a soffrer d'esta forma!

— N'essa não caio eu! exclamou o marido. Hei de **amarral-os** um ao outro, e tanto me bastará para minha vingança! No dia em que qualquer responsabilidade os unir, estarei mais que vingado, porque vocês dois, miseraveis, hão de odiar-se em breve! e cada um se encarregará então de punir o companheiro de crime!

— Não o comprehendo! disse a mulher, affectando grande surpresa.

— Não seja hypocrita! gritou o velho procurando reaver o seu sangue frio. Já sei de tudo. Elle espera uma resposta sua para remetter o veneno com que a senhora me tinha de assassinar!

— Valha-me Deus! exclamou Thereza. Isso é uma terrivel calumnia!

— Pois se é calumnia, escreva; que n'esse caso a sua carta lhe servirá de defesa...

— Mas como hei de eu escrever uma cousa que não sinto?!?

— Não me interrogue, porque não estou disposto a dar-lhe explicações. A senhora, ou escreve o que lhe vou dictar, ou não sahirá viva d'este quarto!

— O senhor não pôde dispôr assim de minha vida!

— E poderia a senhora, por acaso, dispôr de minha honra como dispoz?!

— Eu não o deshonrei!

— Veremos agora. Escreva!

— Pois escrevo! O senhor ficará convencido de que sou innocente.

O commendador dictou então : « Estou por tudo o que me propuzeste. Manda o frasquinho e... »

— Não faço semelhante cousa, exclamou Thereza, arremessando a penna e levantando-se com impeto.

— Pois farei eu... disse o commendador, tomando o logar que a mulher acabava de deixar. E gritou para fóra : O Jacob!

O criado bateu á porta.

— Abre a entra, respondeu e amo.

Ouviu-se ranger a fechadura, e em seguida surgiu no aposento o respeitavel vulto do velho famulo.

— Tens de arranjar um portador para este bilhete, ordenou-lhe o commendador. Já sabes do que se trata. Recommenda que esperem pela resposta e entrega-m'a logo que chegar.

E voltando-se para a mulher, accrescentou : -- A senhora não sahirá d'aqui emquanto não vier a decisão!

Thereza atirou-se aos pés do marido, a soluçar.

— Perdôa! exclamou ella, abraçando-lhe os joelhos; perdôa! Eu não sei o que digo! eu não sei o que faço! Juro-te entretanto que não sou tão culpada

como pareço! Desejava ser honesta; desejava ser o modelo das esposas; todo meu sonho era cumprir á risca os meus deveres! mas a natureza me arrebatava para os crimes de que me accusas; tudo me impellia para o mal, tudo me puxava para o adulterio! Ah! tu não sabes de certo o que é ter a minha idade, o meu temperamente, o meu sangue! Tu não sabes o que é a mulher! o que é a natureza! o que são estes nervos, esta carne, e tudo isto que grita dentro de nós, como boccas com fome! Já agora fallo-te com toda a franqueza: — Eu nunca tive a idéa de faltarte ao respeito; estimava-te, como se fosses meu pae; desejava o teu bem estar, a tua felicidade, a tua alegria, como se deseja a ventura do melhor amigo; mas eu precisava de amor, não do amor frio e adormecido que me proporcionavas, mas de um amor ardente, fecundo, apaixonado, de alguém que tivesse a minha idade. Sei que fiz mal em succumbir aos reclusos d'esta miseravel materia; mas que queres tu?! não fui eu quem me fez e quem decretou as leis que haviam de reger os meus sentidos! Succumbi, mas não sou a responsavel pela minha queda! Se quizeres, mata-me; faze o que entenderes, de mim — eu te não amaldiçoarei; mas, por amor de Deus! poupa aquelle moço, que elle nenhuma culpa tem do que succedeu. Fui eu quem o arrastou, quem o seduziu! Elle não seria capaz de commetter essa infamia, porque é homem e não está como nós outras, miseras mulheres, seguro pelas carnes e pelos cabellos ás unhas do peccado!

— Tu o adoras, desgraçada! exclamou o commendador, ferido no coração.

— Sim! respondeu Thereza, pondo-se de pé e

olhando friamente para o marido. Eu o adoro! Se me tivessem casado com um moço, é natural que me não lembrasse de ter um amante; mas tu és um velho, tu és um destroço; a ti poderia dedicar minha alma, mas meu corpo, esse teria de pertencer fatalmente a alguém que o escravizasse, a alguém que lhe pudesse domar os impetos!

E Thereza, ao terminar estas palavras, cahiu arquejante sobre uma cadeira, a resfolgar alliviada, como se acabasse de despejar um grande peso da consciencia.

O marido, immovel ao lado d'ella, não lhe tirava de cima o seu frio olhar de colera ciumenta.

— Já nada existe de commun entre nós... disse afinal a desgraçada, passando a mão pelo rosto. Foi até melhor que nos entendessemos por uma vez! Eu, confesso, não podia supportar o senhor por mais tempo... Pesava-me enganar-o; não sirvo para a traição e para o embuste: sou capaz de uma loucura, mas repugna-me praticar uma covardia...

— Porque então se casou commigo!?... perguntou o commendador com a voz tremula. Para que consentiu, se me não podia supportar, que ligassem o meu triste destino ao seu? Se me não amava, ou se não sentia a coragem de conservar-se fiel aos votos do matrimonio, porque o não declarou com franqueza antes de arriscar meu nome e minha honra? Para que me illudiu?! Oh! a senhora é perversa! Um pouco de bondade a teria levado a proceder de outro modo; se o marido, se o homem, não lhe merecia amor e dedicação, o pobre velho devia ao menos inspirar-lhe dó ou piedade! Que lhe custava esperar um pouco que eu fechasse os olhos?... Não tenho

tanto a viver... e a senhora depois poderia fartar á vontade todos os seus instinctos desordenados. Mas não! preferiu amargar-me o resto da vida, preferiu cobrir-me a velhice de vergonha e desgostos; não consentiu que eu pudesse retirar-me para a sepultura sem ir amortalhado nos farrapos da minha pobre dignidade, que a senhora estaçalhou nos seus momentos desenfreados de luxuria!

— Oh! exclamou Thereza, cobrindo o rosto com as mãos. É demais!

— Tarde, bem tarde lhe assiste o pudor, minha senhora! continuou o velho, fazendo um gesto de desprezo. Não acredito que minhas palavras, por muito duras e grosseiras, possam encontrar éco em coração tão corrompido!

— Mas para que me ha-de o senhor insultar d'esta maneira? perguntou Thereza, erguendo-se de novo. Se me casei com o senhor, se consenti em ligar-me ao seu destino, não foi, repito, porque o quizesse enganar; foi porque não conhecia absolutamente os segredos do meu destino de mulher. Podia eu, porventura, prevêr o que me esperava? sabia eu por acaso o que é amar ou aborrecer um homem?... Uma creatura nas circumstancias em que me casei nada entende dessas cousas: Aceita o primeiro marido que atiram sobre ella, como accitaria qualquer outro! « Porque o illudi? » perguntou o senhor; e eu, porventura, não fui tambem illudida?...

— Illudida?! interrogou o commendador, escancarando os olhos.

— De certo! respondeu a adúltera. O senhor, durante o tempo em que me procurou agradar, não denunciou nenhum dos seus defeitos, nenhum dos

seus achaques, nenhum dos seus lados antipathicos; fez, ao contrario, todo o possivel para os encobrir com artificio e grande habilidade. Escondeu-me as suas miserias de velho, disfarçou a sua decrepitude e affectou enthusiasmo pelas cousas do espirito;olveu-se moço, terno, apaixonado, estudou phrases seductoras, recitou versos, fallou de prazeres ideaes, fingiu abnegação, heroismo, coragem, enfeitou-se emfim de poesia; e, entretanto, uma vez apoderado de mim, uma vez que me julgou segura para todo o resto de sua vida, atirou com os disfarces pela janella e poz á minha disposição um resto de homem, egoista, fraco, cheio de asthma, rabugento e inutil!

— Senhora!

— É essa a verdade! Illudir! illudir! Illudida fui eu, porque eu era justamente a mais ingenua, a mais candida e passiva, a mais facil de enganar! Acredito que o senhor fosse egualmente illudido, mas foi por si proprio, porque se acreditou capaz de inspirar amor a uma mulher da idade que eu tinha então!

— Não foi isso o que me cegou, disse o commendador. Todo o meu erro foi suppôl-a virtuosa.

-- Ora, meu caro senhor, a virtude é sempre uma cousa muito relativa; é sempre uma consequencia e nunca um principio. Toda a mulher é virtuosa, desde que ella tenha a quem dedicar essa virtude; é uma questão de gratidão, de reciprocidade e ás vezes de interesse proprio. Mas por onde fez o senhor para merecer minha virtude?... Porque era meu marido? Mas que especie de marido era o senhor?! Admitto que me lançasse em rosto aceitar o amor de um estranho, se eu tivesse á minha disposição o amor que o senhor me dedicasse. Mas ondê está elle? por



onde m'o revelou? Trazendo-me para esta casa e dando-me o que comer?! Isso não basta!

— Bellas theorias! não ha duvida!... disse o commendador, sacudindo a cabeça.

— São pelos menos verdadeiras! respondeu The-reza, já cansada de fallar. E, depois de tomar folego, accrescentou :

— E ainda vem o senhor dizer, no seu phraseado cheio de affectação, que eu devia ao menos ter dó ou piedade do pobre velho, já que o homem, o marido, não me havia merecido amor! Mas valha-me Deus! Eu não me casei para ter dó de quem quer que fosse!... Eu não me propuz ser uma irmã de caridade; eu apenas me propuz dar amor em troca de amor; ceder o meu valimento de mulher em troca da competencia de um homem! « Devia ao menos ter dó do pobre velho! » E o velho teve porventura dó de mim?! Não sabia elle que, o ligar-se a uma rapariga forte, perfeita, em plena saude e em pleno vigor do sangue, equivalia a encarcerar-a n'um convento, entregue aos sobresaltos da sua mocidade e ao jugo inquisitorial dos seus desejos?! Se entre nós houve um máo, sem piedade e sem dó, foi o senhor, porque, jungida como me achei ao seu destino triste e desconsolado, tinha eu fatalmente, ou de me conformar com o circulo de ferro que o senhor traçou em volta dos meus sentidos, ou tinha de romper com elle e cahir no desprezo da sociedade, sem nunca mais poder arrancar de mim o terrivel estigma do adulterio!

E é isto naturalmente o que me está reservado... accrescentou ella, depois de uma pausa, enquanto o commendador meditava; com a differença de que o senhor continuará a frequentar as suas relações,

jogará o seu voltarete, ouvirá o seu bocado de musica em casa dos amigos, terá a sua chavena de chá, como d'antes, e continuará a ser respeitado, ouvido e galanteado pela sociedade; ao passo que eu, desde que transponha aquella porta, terei de renunciar a tudo isso e de conformar-me com a obscuridade e com o abandono do meu novo estado. Qualquer um se julgará, desde então, com direito de me lançar em rosto a falta pela qual aliás não sou responsavel, e todos me apontarão ás filhas e ás esposas como um monstro venenoso e traiçoeiro que é preciso evitar com o maior desvello! Para o senhor : toda a indulgencia, toda a compaixão, todas as sympathias da victima; para mim : todo o desprezo, todo o odio, toda a indignação e toda a repugnancia! Oh! Esta theoria sim, esta theoria é que o senhor acha sem duvida razoavel!...

— E então o seu amante?! Esqueceu-se de que deve contar com elle?! Pois esse grande amor, que os impelliu um para o outro até ao crime, não é quanto basta para encher a vida de ambos?!...

E o commendador sorriu sarcasticamente.

— O senhor faz-me perder a paciencia! respondeu Thereza com tedio. A que vem agora semelhante pergunta?! Está bem claro que o amor é indispensavel para a vida da mulher e que sem elle não encontramos encanto em cousa alguma; mas a nossa vida compõe-se de duas partes — a privada e a exterior; nascem ambas á porta de nossa casa, uma, porém, se estende para dentro e a outra para fóra. A primeira, com effeito, baseia a sua felicidade essencialmente no amor, mas a segunda precisa de outros alicerces; sem as considerações sociaes, sem a estima

de umas tantas pessoas, sem o concurso de umas tantas cousas, não poderá esta ultima existir e nem terá razão de ser. Não se confundem as duas, é verdade, mas auxiliam-se mutuamente. Uma é o complemento da outra. Se a vida exterior nos fatiga, a privada nos retempera; e vice-versa. De sorte que, por maior felicidade intima de que possamos gozar, esta nunca produzirá o seu verdadeiro effeito, se não a pudermos contrastar de vez em quando com as regalias do meio exterior; da mesma fórma se converterá este em puro martyrio e aborrecimento se, ao sahir d'elle, não encontrarmos em casa o consolo tepido de um amor legitimo e duradouro.

E Thereza, recuperando inteiramente o sangue frio, accrescentou ainda, como se conversasse com um estranho : — Vê o senhor, por conseguinte, pelos meus raciocinios e por esta calma, que, antes de succumbir, calculei bem o alcance da minha quêda. Sabia eu de antemão tudo o que ia perder e tudo o que tinha de affrontar; e, tão grande reconheci meu sacrificio, que desdenhei compadecer-me de mais ninguem que não fosse eu propria. Incontestavelmente, meu caro, quem mais perde e quem mais soffre em tudo isto, não é de certo o senhor... o senhor continuará a ser : « O Sr. commendador Ferreira » e eu irei ser « Uma mulher de reputação suspeita... »

— Queixe-se de si propria, disse o commendador.

— Não! não é de mim que me tenho de queixar; é do senhor, que nunca devia ter sido meu marido; é de meus paes, que consentiram n'este casamento immoral e disparatado; é da sociedade, que não sabe fazer justiça a ninguem; e é, finalmente, das leis

que não nos facultam o direito de desfazer-nos licitamente de um marido, quando este nos sáe errado e se torna incompativel comnosco !

O commendador ia replicar, mas foram ambos interrompidos pelo velho Jacob, que voltava com o resultado da sua delicada commissão contra o Portella.

## XXIII

### PORTELLA EM APUROS

Portella sahia do escriptorio para almoçar, quando lhe entregaram a carta, principiada por Thereza e terminada pelo commendador. Sorriu ao recebê-la; já contava com aquillo. — Thereza estava segura, havia de sacrificar tudo por amor d'elle.

E, na sua presumpção de homem sagaz, sentia-se lisonjeado pelo bom exito d'aquelles planos. Foi com um riso victorioso que elle abriu a carta e leu o seguinte :

« Meu caro Luiz,

Estou por tudo o que desejas. Manda o frasquinho pelo portador e escreve-me como hei de ao certo ministrar as doses a meu marido. Hoje mesmo podemos principiar a obra.

Tua, Thereza. »

— Venha commigo, disse Luiz ao portador da carta, logo que terminou a leitura e, sem mais pensar no almoço, tomou a direcção da casinha em que morava.

La muito agitado com as palavras da amante.

— Agora sim! considerava elle pelo caminho; tudo se vae transformar em torno da minha vontade! O commendador d'aqui a dous mezes já não existirá... Algum tempo depois estarei amarrado á viuva e entrando na fortuna do defunto!

E o velhaco, sacudido por estas idéas, sonhava-se já em todas as regalias do dinheiro. Via-se rico, cercado de adulações, no meio da opulencia de um bom pälacete; imaginava a côr da libré dos seus lacaios, o feitio do seu coupé, a estampa dos seus cavallos. Sentia-se já estendido nos custosos divans de damasco, a olhar para os quadros e para os ricos espelhos do seu salão. Via-se em viagem para a Europa; imaginava-se em Pariz, a passeiar nos boulevards o seu vigoroso typo meridional.

E Portella, sem parar na rua, sentia despejar-se-lhe no coração uma abundante cornucopia de deslumbramentos e de prazeres de todos os generos, cujos vapores lhe subiam á cabeça como uma vaga suffocadora, tomando-lhe a respiração e produzindo-lhe um principio de vertigem. Carruagens, dansarinas, bailes, espectaculos, cavallos, baixelas de prata, diamantes, crachás, banquetes, brindes, todo o bric-à-brac da sua ambição e da sua phantasia, lhe dansava confusamente dentro do cerebro. Em torno do seu delirio passavam as sombras dos transeuntes. Tudo lhe parecia pequeno, miseravel, ao lado dos seus futuros esplendores. Olhava com desdem para os vultos que se cruzavam pela rua, e a sua phisionomia armava já insensivelmente o ar superior dos ricos fartos e aborrecidos.

Ao entrar em casa, acompanhado pelo portador da carta, atirou-se a uma cadeira.

— Espera um pouco, disse ao outro, procurando acalmar-se; e foi á alcova, encheu um calice de cognac e bebeu. Depois assentou-se á secretaria e escreveu o seguinte :

« Therezinha,

Ahi vai o frasco. Uma gotta por dia é o bastante. No caso que chamem o medico, procura evitar que elle veja e analyse qualquer liquido já preparado por ti.

Animo! Lembra-te da felicidade que nos espera.

Teu Luiz. »

— Prompto! exclamou, fechando a carta. E passou-a, juntamente com o frasco, ao sujeito que estava á espera, entregando-se elle de novo aos seus sonhos de ambição, logo que o portador sahiu.

Apezar da grande sobreexcitação em que se achava, uma idéa fria atravessou-lhe o espirito. Era a leviana facilidade com que entregára áquelle homem desconhecido o veneno e a resposta á carta de Thereza.

— Ora! não haverá novidade! disse, levantando-se, disposto a ir almoçar.

Mal porém tinha chegado á porta, quando foi surpreendido pelo barulho de passos apressados no corredor.

— Oh! exclamou Portella, vendo Thereza entrar esbaforida e atirar-se sobre a primeira cadeira. Tu aqui?! Que significa isto?!

Ella não podia responder logo; vinha offegante. O caixeiro empallideceu.

— Tudo perdido! disse afinal a desgraçada entre dois arquejos.

— Hein?! Como?! perguntou o miseravel, sem poder ordenar suas idéas. Perdido?! Explica-te?

— Meu marido sabe de tudo!

— E a tua carta então?

— Foi escripta por elle...

— E a minha resposta?!

— Não sei...

— Jesus! exclamou Portella, segurando a cabeça com ambas as mãos.

— Eu disparatei com elle! accrescentou Thereza, respirando com difficuldade. O Jacob, escondido aqui, ouvira toda a nossa conversa áquella tarde em que combinámos dar cabo da peste! Meu marido quiz obrigar-me a escrever-te uma carta e eu não consenti...

— Mas porque não me preveniste, creatura?!

— Não pude. Elle prendeu-me no quarto. Só agora consegui sahir, arrombando uma porta. Não volto mais alli, nem á ponta de espada!

— Ora çsta!... exclamou o rapaz, atirando-se no sophá e escondendo a cabeça nas palmas das mãos.

Ouvia-se Thereza resfolegar de tão cansada que estava.

— E agora?!... disse afinal Portella, descobrindo o rosto.

— Agora é que estou resolvida a sujeitar-me a tudo... Fico contigo! respondeu a mulher do commendador.

— É impossivel, filha! sentenciou o perverso, erguendo-se e pondo-se a passeiar em todo o comprimento da sala.



— Hein?! interrogou ella, fazendo-se livida.

— Eu te preveni! Só casado podia tomar conta de ti!...

Thereza ergueu-se; deu dois passos para a frente. — Tu és um canalha! gritou com a voz arrastada, e deixou-se cair sem sentidos.

Portella correu a suspendel-a do chão. A infeliz havia batido com a cabeça contra um movel, fazendo uma pequena brecha no craneo, donde escorria sangue.

— Com todos os diabos! praguejou o caixeiro, sentindo-se entalar cada vez mais pela situação. E eu que nunca me vi n'estes apuros!.. Ó seu Antonio! seu Antonio! principiou elle a gritar.

Antonio era um sujeito da vizinhança, que se encarregava de fazer-lhe a limpeza da casa. Ninguem respondeu.

— Isto não é para pôr um homem doido?! exclamou Portella, no auge da perplexidade.

Rebentaram então duas palmas na porta.

— Quem é?! perguntou elle.

— Da parte da justiça! bradou de fóra uma voz. Portella estremeceu.

— Abra!

— Já vae! respondeu o caixeiro, arrastando Thereza para a alcova.

O sangue, que escorria da cabeça d'esta, desenhava no chão arabescos vermelhos.

— Abra! insistiu a voz, fazendo-se desta vez acompanhar por duas fortes pancadas na porta. Portella abriu finalmente, e deu cara a cara com um homem magro e alto, vestido de negro até ao pescoço.

— O senhor é Luiz Portella? perguntou o recém-chegado.

— Como?...

O homem fez um gesto de impaciencia e repetiu a pergunta.

— Que deseja d'elle? indagou o caixeiro, sem conseguir disfarçar a sua perturbação.

— Venho intimal-o a comparecer em presença do chefe de policia.

— Para que?...

— Saberá depois.

— Eu agora não posso ir! Estou muito occupado...

O official de justiça afastou-se um pouco da porta, fez signal para fóra, e appareceu então o commendador, acompanhado de duas praças.

— É este o homem? perguntou aquelle ao commendador.

— Justamente, disse o velho, que havia entrado na sala e olhava attentamente para as manchas de sangue no soallo.

— Guardem esse homem á vista! ordenou o official aos dois soldados, franqueando-lhes a entrada. Um destes foi defender as janellas, e o outro se conservou de vigia á porta da sala.

— N'aquelle quarto está alguém, que acaba talvez de ser ferido n'este instante! disse o commendador, apontando para a alcova. Este sangue ainda não coagulou. E dizendo isto investiu para o quarto onde Portella escondèra a amante.

— O senhor não póde entrar aqui! oppoz o dono da casa, atravessando-se na porta da alcova.

— Alli dentro está talvez o corpo do delicto de algum novo crime!

— Vejamos! disse o homem da justiça. Creio que não será preciso empregar a força, accrescentou elle, desviando Portella.

— Pois entrem, respondeu este; mas peço-lhes que me deixem ao menos explicar a razão por que esta senhora se acha aqui n'este estado.

— Descance que terá occasião opportuna de explicar tudo. A mim não compete syndicar de semelhante cousa.

E dizendo isto, o official de justiça principiou a tomar notas.

O commendador havia parado perto da cama em que estava Thereza, e olhava para a desfallecida com um frio olhar de odio.

— Conhece esta senhora? perguntou-lhe aquelle.

— É minha mulher, respondeu seccamente o commendador.

— Ah!... disse o outro, mostrando certa solitudine. Que tem ella?...

— Perdeu os sentidos e quebrou a cabeça, explicou Portella. É preciso soccorrê-la. Os senhores não me deram tempo para isso...

— Bem, disse o marido, isso é lá com o senhor; eu nada mais tenho que vêr com essa mulher.

— Sr. commendador, supplicou-lhe Portella em voz baixa; peço-lhe que não proceda contra mim, antes de ouvir-me...

— Eu nada tenho a lhe ouvir, senhor! Sei, pelos documentos em meu poder, que alguém tentou dar-me cabo da vida; não faço mais do que a defender e entregar os criminosos á justiça.

— Mas eu não quero fugir á punição da lei, explicou o rapaz, com um aspecto infeliz; desejo apenas

que o senhor não me fique julgando um monstro; desejo apenas explicar-lhe as circumstancias que me collocaram na actual situação...

— E que se adeantava com isso?...

— Adeantava-se muita cousa, para mim e para o Sr. commendador. Ao menos ficaria bem patente que eu lhe não tenho odio e que lamento em extremo, lhe haver causado tamanho desgosto...

— Mas afinal o que quer o senhor de mim?!

— Quero que me ouça a sós por alguns instantes. Tenha a bondade de afastar esses homens.

O commendador ordenou aos soldados que se retirassem para o corredor. Portella cerrou a porta do quarto em que estava Thereza, e chegando-se para junto do velho, disse-lhe com a voz alterada e tremula :

— Minha vida está em suas mãos? O senhor vae decidir da minha sorte!

E áccrescentou, tirando um revólver da gaveta da secretária : — Estou resolvido a matar-me aqui mesmo, em sua presença, se o senhor não me conceder o seu perdão...

O commendador sacudiu os hombros, com a mais profunda indifferença.

— Do que me pôde servir a vida, continuou Portella; tendo eu de representar no mundo o papel de um criminoso, de um homem máo e corrompido? Entretanto, juro-lhe, commendador, que o que acaba de succeder não foi consequencia da perversidade, nem da baixeza de sentimentos. Sei que procedi como um infame, mas sei egualmente que não poderia proceder de outro modo. Na situação em que me collocou a fatalidade d'esta desgraça, eu não tinha outro ca-

minho a seguir! Fui talvez máo e deshumano; juro-lhe porém que não o fui por calculo e premeditação. Para cumprir o meu destino, precisei abafar todas as vozes que me arguiam de dentro, precisei de amargar todas as lagrimas envenenadas pela consciencia do crime. Quantas vezes não amaldiçoei este amor insensato, que me fazia esquecer tudo o que eu devia á sua generosidade e á sua philantropia? Oh! soffri! soffri muito! Para sua completa vingança bastava que o senhor pudesse avaliar a dôr, o remorso, a vergonha, a humilhação, que me pungiam constantemente, ao lembrar-me de quanto era eu ingrato e desconhecido! Uma terrivel mão de ferro empolgárame o coração e espremia de dentro d'elle todo o fêl das minhas negras dôres. Tudo me atormentava, tudo me perseguia! Dormindo ou acordado, tinha sempre defronte dos olhos o phantasma do meu cruel segredo. Nem uma hora de repouso! nem uma hora de felicidade! Não podia encarar para o senhor, sem soffrer todos os tormentos do inferno; a sua figura, austera e veneranda, produzia-me o effeito de punhaladas no coração; o seu calmo ar de bondade, a brandura do seu genio, a franqueza do seu character, eram para mim um supplicio constante! Pensei na morte; quiz por uma vez destruir esta vida inutil e miseravel, e só Deus sabe quanto me custou não poder consumir esse desejo!...

— Faltava-lhe coragem para suicidar-se, disse o commendador; mas não lhe faltava para matar-me...

— Juro-lhe que me custaria muito mais destruir a sua vida do que a minha propria!

— Nega então que tentou contra os meus dias?...

— Não, não nego. Afianço-lhe, porém, que o fazia,

não por mim, mas pelo seu proprio interesse e pelo interesse de sua mulher.

— Explique-se!

— Eu não podia fugir da fascinação que Thereza exercia sobre mim, mas egualmente não queria aviltal-a, fazendo d'ella a minha amante; como não queria que o senhor em qualquer tempo corasse de frente da adultera. Matando-o, ella passaria a ser minha esposa legitima, e a memoria do primeiro marido ficaria intacta e respeitada...

— De sorte que ainda lhe tenho de agradecer essa delicadeza?... observou o outro, com um ligeiro sorriso de ironia amarga.

— Não zombe, Sr. commendador. Juro-lhe que é sincero o que acabo de dizer : eu queria evitar a sua deshonra! Entretanto, está tudo perdido; está tudo acabado! Resta-me apenas propôr-lhe uma ultima cousa...

— Uma proposta?!...

— É verdade. Estou convencido de que o senhor não me perdoará. Pois bem! Tomarei outro expediente — mato-me no mesmo instante, e o commendador, depois de minha morte, releva minhas culpas e recolhe de novo Thereza á sua protecção. Aceita?!

E, dizendo isto, Portella engatilhou o revólver e approximou-o da bocca.

— Nunca! respondeu o commendador. Para Thereza não ha perdão possivel!

— Nem com a minha morte?! interrogou o rapaz, desviando a arma.

— O senhor não morrerá! exclamou o velho. Prefiro que viva e tenha de trazer aquella miseravel ás

costas. É essa a minha vingança! Mais tarde, ou o senhor a desprezará ou ella lhe dará a beber as mesmas amarguras que me entornou no coração! Em qualquer dos casos, eu me julgarei satisfeito. O amante será enganado muito mais facilmente do que foi o marido...

— Mas, disse Portella, se era esse o seu proposito, para que então me denunciou á policia?... para que me perseguiu desta fórma?...

— Descanse que não o quero punir judicialmente; quero obrigar-o a tomar conta da sua cumplice. Foi para isso que vim prevenido!

— Não era necessario tanto! respondeu Portella, com um gesto de orgulho. Eu sei cumprir com os meus deveres...

— Mas eu tenho pouca confiança em taes promessas, e prefiro assegurar melhor o negocio...

— Que diz o senhor?

— Digo-lhe que exijo uma obrigação por escripto, um termo de responsabilidade em que se comprometta o senhor a tomar conta de Thereza e manter-lhe os meios de vida emquanto ella existir. Eu tinha preparado tudo isso para mais tarde, o senhor porém precipitou os acontecimentos. É o mesmo! O que tinha de ser feito por intimação da autoridade policial, far-se-ha por minha simples intimação. Leia!

E o commendador tirou da algibeira um papel selado que passou ao rapaz.

— Mas para que toda esta formalidade?... perguntou Portella, depois de lêr.

— Caprichos de marido enganado... respondeu o commendador. Assigne!

— Eu não assigno semelhante cousa!

— Bem! n'esse caso o entregarei á justiça. Escolha!

— Prefiro isso! Este papel, assignado por mim, seria uma terrivel arma com que o senhor poderia perseguir-me em qualquer tempo!

— Bom, meu caro senhor, visto isso, deixemos seguirem as cousas o caminho que eu lhes havia traçado, e repito então o que disse no principio da conversa: « Nada tenho a ouvir do senhor ». Entenda-se com as auctoridades competentes!

— Espere! atalhou Portella, quando o viu disposto a sahir. Pense um instante! Que interesse tem o senhor em perseguir-me d'este modo?!... Para que exige a minha assignatura em um documento humilhante e vergonhoso para mim?!... Sei perfeitamente que o commendador não está seguindo os impulsos do seu coração... Não queira fazer-se máo! Não queira fingir o que não é! Lembre-se de que sou pobre e preciso conservar limpa a minha reputação para poder ganhar a vida...

— Oh! disse o commendador. E a sua bella resolução de suicidar-se?!

O outro abaixou a cabeça. E o commendador accrescentou:

— Quanto á sua reputação... se o senhor não se importou com ella, quanto mais eu!

— Mas do que lhe póde servir esse documento assignado por mim?...

— Isso é cá commigo! respondeu o marido de Thereza, e, fazendo nova menção de sahir, accrescentou resolutamente:

— Então, assigna ou não assigna?!



— Assigno, malvado, mas juro-te que te has de arrepender d'esta violencia!

— Póde ser! disse o commendador, perfeitamente calmo.

Portella assignou o documento.

— Ahi o tem! exclamou, empurrando o papel com arremesso.

— Bem! respondeu o commendador, dobrando o escripto e guardando-o na algibeira. Está o senhor livre! Deixo-o em plena liberdade!

E sahiu, depois de despedir os soldados.

Portella deixou-se cahir em uma cadeira.

— Não ha de ser como suppões, meu pedaço d'asno! monologou elle. Tu não sabes com quem te metteste!

## XXIV

TIA AGUEDA

Quando Thereza voltou a si, inutilmente chamou repetidas vezes pelo amante; afinal levantou-se, apoiando-se aos moveis, e foi até á sala proxima. Não havia viva alma em casa.

— Com effeito! disse ella.

Portella, antes de sahir, pensára-lhe a pequena ferida da cabeça com esparadrapo.

— Que teria succedido na ausencia da sua razão? considerava a infeliz, consultando a memoria; recordava-se vagamente de ter escutado, na somnolencia do desmaio, o som de passos repetidos no corredor e a voz do marido com as de outras pessoas que pareciam altercar. Mas tudo isso podia ser causado simplesmente pelo delirio...

De repente uma idéa lhe atravessou o espirito. Calculou que Portella, denunciado pelo commendador, estivesse áquella hora detido na policia.

— Com certeza não é outra cousa! pensou ella afflicta. a contemplar as suas roupas sujas de sangue. E como havia de sahir d'aquella situação?... No estado em que se achava, não tinha animo de

apparecer na rua... Portella não poderia vir naturalmente em seu auxilio... Ah! se chegasse ao menos o tal Antonio que fazia a limpeza da casa!...

E Thereza arrastava-se de um para o outro lado, cada vez mais anciada e opprimida. O sangue que derramára, produzia-lhe certa fraqueza, e os olhos enfumaçavam-se-lhe como por effeito de uma formidavel enxaqueca.

— Além de tudo, sinto vertigens! disse ella, deitando-se na cama.

E, d'ahi a pouco, dormia de novo.

Vejamos, entretanto, o que por esse tempo fazia Portella.

Logo que se retirou o commendador, o astucioso caixeiro, depois de curar a cabeça da amante, metteu o revólver na algibeira e ganhou a rua com direcção á casa do seu compadre Leão Vermelho, que então, como se deve lembrar o leitor, morava no Campo de Sant'Anna, em companhia d'aquella nossa conhecida Henriqueta, de cuja extincta casa de pensão, já outr'ora fizera parte o amante de Thereza.

Leão Vermelho soffria por essa época a implacavel perseguição de que fallámos, e partia no dia seguinte para Buenos-Aires.

— Compadre, exclamou Portella, assim que se achou defronte d'elle; venho disposto a seguir com você!

O commissario fez um gesto de espanto e pediu ao outro que se explicasse.

— Vae sempre amanhã? perguntou o padrinho de Clorinda.

— Definitivamente.

— Pois vamos juntos. Não me convem ficar mais

tempo no Rio de Janeiro. Tenho poucos recursos; irei como seu empregado, serve-lhe?

— Mas que resolução foi essa? interrogou Leão Vermelho.

— Questões de amor! explicou Portella, fazendo-se contrariado. Não posso ficar aqui...

— Mas veja lá se vae dar alguma cabeçada... Você está bem arranjado...

— Já deixei o emprego. Já liquidei todos os meus negocios. Só desejo saber se posso ou não contar com você...

— Pois não; eu até estimo. Nunca lhe propuz semelhante cousa, porque sempre me pareceu que ella lhe seria pouco vantajosa; mas uma vez que você o quer...

— Posso então preparar-me?

— De certo.

— Pois até amanhã.

E Portella sahiu da casa do compadre para se ir despedir do emprego, que lhe havia arranjado o commendador; recolheu as suas economias, pagou uma ou outra pequena divida, e seguiu afinal para Catumbý.

Encontrou Thereza dormindo.

— O que?! disse elle entrando assustado no quarto. Pois esta mulher ainda não voltou a si?!...

Ella acordou logo, fez um grande espanto quando o viu e desfez-se em perguntas; queria saber tudo o que havia succedido, os perigos a que o amante se expuzera.

— Tu deves estar cahindo de fome! observou elle. É quasi noite. Eu vou arranjar-te o que comer. Espera.

— Não, conta-me primeiro o que ha, o que se passou aqui. Estou louca por saber de tudo!

— Resume-se tudo em duas palavras, disse Portella : — Teu marido procedeu contra mim, tenho a justiça sobre a cabeça e fujo amanhã mesmo do Rio de Janeiro...

— Eu vou contigo! exclamou ella, abraçando-o.

— Impossivel! respondeu o rapaz. Para fazer semelhante viagem, precisei arranjar-me como secretario de um sujeito que sáe, amanhã ou talvez depois, para a Europa; elle consente em levar-me com a condição de que eu vá só...

— E eu?! perguntou a mulher do commendador, empallidecendo.

— Tu voltas para a companhia de teu marido. Elle está resolvido a perdoar-te tudo e a receber-te de novo.

— Isso é que é impossivel, nem tão pouco me convem!

— Mas, filha, olha que é o unico recurso que ha!

— Pois então mato-me!

— Deixa-te de tolices!

— Duvidas?!

— Não duvido, mas reprovos.

E ficaram calados por algum tempo.

— Eu vou buscar-te a ceia, disse afinal Portella, erguendo-se da cama, onde se tinha assentado.

— Não quero nada! respondeu ella de máo humor.

— Deixa-te d'isso commigo! pediu o outro, ameaçando-a por condescendencia.

— Solta-me! resmungou ella, empurrando-o. Deixa-me! Deixa-me!

E poz-se a chorar.

— Agora temos choro! disse o rapaz, coçando a cabeça.

Thereza soluçava, a chamar-se desgraçada, a mal-dizer-se, a pedir que a matassem.

— Tu me fazes perder a paciencia! exclamou Portella, zangando-se afinal. Estou a dizer-te os apuros em que me vejo; e tu a te fazeres desentendida! Ora cebo!

E depois de passeiar pelo quarto, com as mãos nas algibeiras, parou defronte da amante e disse-lhe em voz aspera :

— Pois, filha, se não queres ir para a casa de teu marido, vae para o inferno! Eu não posso tomar conta de ti! Ahi tens!

— Tu és um villão! respondeu ella, quasi sem alento.

— É mellhor não puxarmos pela lingua! replicou Portella, porque te sahirias muito mal!

— Quem sabe se tenho medo de ti?!

— Peior!

— Se te parece dá-me agora bordoadas! Tambem e só o que falta!

— Ó mulher! cala-te com todos os diabos!

— Foi bem feito! Quem me mandou acreditar em um canalha de semelhante especie!?

— Não! Isso agora tenha paciencia... Foi a senhora quem me provocou... Eu estava perfeitamente socegado!

— Heim?! Como?! Você não me provocou?! É a quanto póde chegar o cynismo!...

E, ambos, de facto convencidos que o seductor era o outro e não elle proprio, discutiram, a palavrões,

ainda por algum tempo. Thereza afinal declarou que não sahia d'aquella casa, e que, ou Portella não faria a tal viagem, ou ella o havia de acompanhar!

— Esta casa está paga sómente até amanhã. Tu has de ir hoje mesmo para a companhia do commendador!

— Eu não hei de apresentar-me lá n'este estado! Você não vê que estou toda suja de sangue?!

Ficou resolvido que Thereza iria primeiramente para a casa da madrastra, que morava n'esse tempo no Cattete, e d'ahi então escreveria ao marido. Com muita repugnancia acceitava ella esse alvitre, porque entre as duas senhoras houvera antes do casamento constantes desavenças, e depois deste poucas vezes se visitaram.

A madrastra de Thereza era mulher de máo genio, muito inculta; não sabia estar em sociedade e dizia asneiras na conversa. O commendador a recebeu sempre com uma indifferença repulsiva; ás vezes dava festas e nunca se lembrava de convidal-a. Quando havia visitas então, era uma desgraça! Conhecia-se na cara do homem toda a sua má vontade para com a sogra.

N'essas condições, Thereza tinha sérios receios de pedir soccorros á madrastra. Parecia-lhe já estar a vêr a terrivel matrona a olhal-a por sobre os oculos, indignada, com as mãos nas cadeiras, a bocca muito aberta e um grande espanto na physionomia.

— Definitivamente não serei bem recebida!... observou Thereza ao entrar no carro, que Portella fôra buscar. Assentaram-se ao lado um do outro. Elle a acompanharia até á porta.

Á proporção que caminhavam, Thereza parecia

cada vez mais sobressaltada. — Que não diria a velha?! Que não supportoria?! E d'ahi, se a madраста entendesse de não a receber?! Sim! porque aquella vibora era capaz de tudo! Não gostava de incommodar-se por ninguem e, quando a cousa então lhe cheirava a responsabilidade, não havia meio de obter d'ella o menor serviço!

— Ha de arranjar-se tudo! disse Portella impaciente. O suor cahia-lhe em bagas pela testa.

Mas Thereza, ao passar em certa travessa do Cottete, teve uma idéa — recolher-se de preferencia á casa da preta que a criára, tia Agueda. Era uma boa mulher, fôra escrava de seu pae e sempre a conservára na mesma estima respeitosa. Essa tambem ficaria espantada com a sua visita, mas ao menos havia de prestar-se a soccorrel-a com muita boa vontade...

O diabo era que a pobre mulher morava em uma especie de cortiço, onde vendia angú. Thereza talvez não encontrasse lá um lugar decente para esconder-se.

— Tudo se arranjará! repetiu Portella.

E, com effeito, ficou tudo arranjado. Thereza recolheu-se ao domicilio da boa preta, e Portella voltou á casa para tratar das malas.

Tia Agueda, ao lobrigar a sua querida filha de criação, que ella ha tanto tempo não via, duvidou dos proprios olhos e ficou perplexa, a fital-a com grande enlevo; afinal abriu os braços e exclamou sinceramente commovida :

— Gentes! Olha Nenen!...

Thereza quiz pedir-lhe que não fizesse espalhafato; quiz fallar, mas não pôde; ao ouvir o doce tratamento familiar que lhe davam em pequenina, as



lagrimas saltaram-lhe logo dos olhos e os soluços tomaram-lhe a garganta.

Ah! nesse bom tempo seu pae ainda era vivo e seu coração ainda era feliz! Que de transformações se não tinham produzido entre esse passado de innocencia e aquelle presente de dissabores?... Que de mudanças não soffrêra sua alma! que de novas enformações não padecêra seu corpo! Quantas decepções em tão pouco tempo!... Quantos desgostos em tão pequena existencia!... D'antes não conhecia Thereza as frias responsabilidades da vida, não supportava as duras necessidades do sangue, não comprehendia outro amor que não fosse o da familia e o dos folguedos da infancia. Mas tudo se transformára em torno e dentro d'ella; as suas mais gratas affeições, as suas mais sympathicas illusões se foram pouco a pouco dissolvendo como as nuvens transparentes em dias de estio.

Foi tudo isso o que a presença da pobre negra disse de relance ao coração opprimido de Thereza. As saudades do passado e as apprehensões do presente chocaram-se no espirito da infeliz, produzindo-lhe uma grande crise nervosa, que parecia preparada durante o dia e só á espera daquelle signal para rebentar.

Não havia meio de suster-lhe as lagrimas e os soluços; embalde Tia Agueda procurava tranquilisala. Thereza não podia dar uma palavra.

— Mas, Nenen, que é isto?! Que lhe succedeu?!...

E a negra, vendo que Thereza não respondia, carregou-a para o quarto, fel-a deitar-se na cama e ajoe-

lhou-se aos seus pés, beijando-lhe as mãos e afagando-lhe os cabellos.

— Socega, Nenen! socega! dizia ella com a mesma ternura dos outros tempos em que a acalentava no berço.

Só meia hora depois Thereza socegou um pouco. Suas primeiras palavras foram para pedir o que comer.

Tia Agueda improvisou logo uma ceia.

Descobria-se n'ella, na sua presteza, nos seus movimentos, a boa vontade com que fazia tudo aquillo. Em breve, de um quarto proximo ao em que estava a mulher do commendador, vinha um cheiro picante de peixe que se frigia e chilrava ao fogo. A segurança do lugar, a boa hospitalidade e a expectativa da ceia principiaram a reanimar totalmente as forças de Thereza. Quando a negra accendeu mais um candieiro, cobriu a mesa com uma branca toalha de algodão e trouxe o primeiro prato, já não havia signal de lagrimas.

— Você está se incomodando muito, ti' Agueda! balbuciou a senhora.

— Hè, Nenen! Não diga tolice! respondeu a preta, a saracotear pela sala.

E declarou que só o que sentia era não ter uma casa melhor para receber a sua querida filha de leite.

— Está tudo muito bom, emendou Thereza, procurando já tentar um sorriso.

Agueda era uma preta muito assejada. As paredes da sua pobre casa estavam limpas, o chão cuidadosamente varrido e os raros trastes escovados. Havia uma commoda, já velha, com puxadores de vidro verde, sobre a qual se estendia uma classica toalha

de rendas e se perfilavam varias imagens de santos. Pelas paredes viam-se lithographias de assumptos religiosos emmolduradas em madeira. A um canto destacava-se um pequeno oratorio, forrado de papel de côr e guarnecido de galões amarellos; duas vélas o illuminavam e faziam sobresahir de dentro a figura mal talhada de um Santo Antonio, vivamente colorido e cercado de alecrim secco e de flôres viçosas.

Uma mesa forrada de lençôes e um tableiro cheio de camisas engommadas, denunciavam o trabalho d'esse dia; e, ao lado, um grande cesto, pejado de roupa lavada, promettia o serviço do dia seguinte. Ti' Agueda vestia saia e camisa. Viam-se-lhe as grandes espaduas gordas, o pescoço forte, enfeitado de coraes e contas redondas de ouro. Os braços sahiam nús das rendas do cabeção em toda a sua negra exuberancia; os quadris jogavam rijamente quando ella apressava o passo nos arranjos da ceia.

Thereza parecia já consolada e gosava intimamente da novidade d'aquella situação. O estomago reclamava alimento e o corpo pedia repouso. Foi com prazer que ella se deixou conduzir para a mesa pela carinhosa mulher. Os pratos escaldados, as facas de ferro reluzente, os copos nitidamente areiados, faziam appetite. Uma travessa de peixe frito enchia o ar com o seu aroma apimentado e quente.

Ti' Agueda foi ao armario buscar mais o que havia, e convidou Thereza a principiar.

— Sente-se então aqui, ao pé de mim, reclamou a amante do Portella.

— Já vae, Nenen; deixa primeiro ver uma garrafa de vinho aqui dentro...

Ella ha muito tempo que possuia e guardava com

cuidado essa garrafa. Dera-lhe o seu ex-senhor por occasião de uma festa.

— Ainda é lá de casa, declarou a preta, mostrando á Thereza a preciosa garrafa. Presente de sinhô velho!...

— E mal sabia você, ti' Agueda, que o seu presente ainda havia de servir para mim...

— Então?! É para uma occasião d'estas que se guardam as cousas!

Aberta a garrafa de vinho, Agueda encheu o copo da querida hospede, e foi assentâr-se ao lado d'ella.

— Ah, ti' Agueda! disse Thereza, comendo com muita vontade; se você soubesse o que me tem succedido ultimamente!...

— Está bom, come primeiro, que depois se conversa...

Mas a rapariga, quando acabou de saciar a sua fome, declarou que se sentia incommodada; tinha o corpo molle e aborrecido — a comida cahira-lhe na fraqueza.

— Descansa, Nenem, aconselhou a negra.

Thereza deitou-se; pediu á amiga que a despisse e descalçasse, e recommendou-lhe depois que fosse á casa do commendador e se entendesse com a criada Rosa para lhe trazer roupa limpa. — Seu Ferreira não precisa saber que você foi lá buscar roupa... ouviu?... disse ella bocejando, com os olhos fechados.

— Não durma sem tomar café! objectou ti' Agueda, apresentando-lhe a chicara. Thereza tomou o café, quasi dormindo.

— Bem, vá, recommendou ella; não se demore, ouviu?

E, voltando-se na cama, adormeceu.

No dia seguinte, quando accordou, o sol entrava já pela janella e projectava no chão grandes manchas luminosas. Thereza dormira um somno completo e accordára bem disposta. Agueda preparou-lhe o banho, e, como desjeua, café com leite e pão com manteiga.

— Veiu a roupa? perguntou aquella.

— Está tudo ahi, Nenen; mas ha o diabo em casa de Seu Ferreira...

— Conta! conta o que ha!

— Elle cahiu doente esta noite...

— Doente? de que?

— Ataque. Jacob é quem sabe da historia; diz que estava despindo Seu Ferreira, quando o homem cambaleou, cambaleou, e cahiu como morto.

— Uma congestão! exclamou Thereza em sobresalto. E depois, como ficou elle?!

— Dr. Roberto está lá...

— Dá-me a capa, ti' Agueda; vou já para casa!

E Thereza agradecia interiormente ao marido aquella molestia, que vinha de qualquer fórma desviar as atenções assustadas sobre ella.

Mas tambem, ter de apresentar-se assim em casa, sem mais nem menos, era o diabo! considerava a leviana, enquanto ajustava o chapéu e endireitava a roupa. Olympia sem duvida estaria lá! Que não ficariam julgando de tudo aquillo?!...

— Ora! concluiu ella, completamente resolvida; é preciso tomar uma deliberação! Luiz affiançou-me que Ferreira está disposto a receber-me — vou! Não tenho outro recurso; além d'isso, já estou arrependida!... Agora é ter coragem!

E depois de abraçar a ama e lhe agradecer os obse-

quios recebidos, metteu-se no carro, que se fôra buscar, e mandou tocar para casa.

À proporção porém que se approximava, contrahia-se-lhe o coração e a sua coragem ia minguando. Thereza tinha já defronte dos olhos a physionomia reprehensiva de Olympia, o riso sarcástico de Jacob e a recriminadora figura do commendador; mas contava com o auxilio da Rosa, a criada que lhe remettera a roupa, que lhe protegêra sempre os amores com Portella e que, n'aquella occasião, já estaria seguramente á sua espera no portão trazeiro da chacara.

Rosa era muito discreta e muito fina; falcatruas arranjadas por ella produziam sempre bom resultado. Thereza dava-lhe roupas, vestidos pouco usados, sapatos ainda novos, leques á moda; mandára ornar-lhe a cama com um cortinado e cedera-lhe até um dos tapetes de seu quarto. Sabia que a criada usava dos seus perfumes, dos seus sabonetes e dos seus cosmeticos, mas fechava os olhos a tudo isso e ainda intercedia por ella sempre que o commendador a accusava.

O carro afinal parou defronte do portão, e Thereza apeiou-se, ligeiramente tremula.

Seriam oito horas da manhã e o dia estava magnifico.

Ficou por um instante á porta, sem querer entrar.

A chacara apresentava-lhe uma physionomia reprehensiva e severa; a casa, as arvores, o repuxo do tanque, tudo tinha então para ella um duro aspecto de censura e de queixa.

A luz penetrante do sol, derramando-se por toda parte, parecia ralhar, arguir, fazer reprovações.

Toda a natureza a intimidava com a sua mudez austera e com a sua inalteravel tranquillidade.

Thereza sentia-se envergonhada, corrida; não tinha animo de levantar a cabeça. Os empregados publicos desciam para os seus empregos, devagar, no passo methodico dos homens que regulam a vida pelo ordenado, a caminharem na imperturbabilidade de funcionarios pagos por mez. Passavam os bondes, cheios, pesados; singravam os caixeiros de cobrança, os pretos de carga, os vendedores de jornal, as carroças de pão, os estudantes, os meninos de collegio e as costureiras. E todo esse mundo da actividade e do trabalho esfervilhava ao sol, como um exemplo humilhante.

Thereza fechou os olhos para não ver esse doloroso espectaculo. A vida real entrava-lhe na imaginação como un jacto de agua fria. Ainda na vespera, ella se persuadira que ia por uma vez desprezar tudo aquillo; que nunca mais veria tal vizinho passar a horas certas para a sua repartição; que não ouviria tal piano de tal casa proxima tocar certa e determinada musica; que não supportaria mais a voz da preta que de manhã passava impreterivelmente na rua a apregoar fructas; julgára que nunca mais daria com os olhos no vizinho da frente, um taverneiro barrigudo, de perninhas curtas e barbas debaixo do queixo; persuadira-se emfim que se havia por uma vez libertado de todas aquellas miserias positivas, que a constrangiam, que a matavam de vergonha e de tedio.

As proprias casas da vizinhança, a má pintura das taboletas, o desenho de um boi impossivel na parede de um açougue que ficava defronte, as desgraçadas allegorias da taverna da esquina, o pharmaceutico

pequenino, magro, amarello, que vinha todas as tardes assentar-se debaixo de um *flamboyant* fronteiro á pharmacia; tudo isso a enjoava, tudo isso lhe produzia effeitos insupportaveis.

A mallograda fuga com o Portella havia sorrído ao espirito de Thereza mais pelo lado do imprevisto, do desconhecido, do aventureoso, do que mesmo pelo amor que ella lhe pudesse ter. Desejára aquella fuga' como um doente deseja mudar de logar para obter novos ares; outro qualquer moço, egualmente vigoroso e bem disposto, é natural que produzisse n'ella eguaes effeitos. A sua imaginação precisava de actividade dramatica, como seu corpo precisava de actividade sexual.

Mas, as decepções da vespera faziam-na por um instante esquecer tudo isso, para só pensar na possibilidade de restituir-se de novo ao lar domestico.

— Ah! se Deus me tivesse deixado uma de minhas filhas!... dizia ella comsigo, a subir muito apresada a pequena escada de pedra que conduzia da chacara para o jardim; não estaria eu agora com certeza a soffrer deste modo : haveria de sentir-me escudada por ella e pelo meu amor de mãe!...

Rosa veiu ao seu encontro e, sem lhe dar uma palavra, sem fazer um gesto de espanto, abriu com pressa a porta da cozinha que dava para o jardim, e fel-a passar, empurrando-a familiarmente pelas costas.

— Entreahi para o meu quarto, ordenou a criada. Eu já lhe venho dizer quando deve subir. Espere um pouco!

E Rosa, apanhando as saias, ganhou a primeira escada e desapareceu.



Thereza ficou só, á espera, com o chapéu na cabeça, a capa nas costas, immovel, como se estivesse muito empenhada em observar os objectos que tinha defronte dos olhos. E, sem querer, começou a calcular o effeito da sua apparição ao lado do marido : via-se toda confusa a fazer-lhe festinhas, a consolal-o do que havia succedido, a adulal-o. E, ainda sem querer, começou a considerar como devia entrar, se depressa ou vagarosamente ; se devia deixar em baixo o chapéu e apresentar-se inalteravel, como se não houvesse a menor novidade ; ou se deveria entrar com espalhafato, fingindo indignação por qualquer cousa ; se devia não dar palavra ao marido e esperar que tudo voltasse por si mesmo aos seus eixos, ou se devia lançar-se-lhe aos pés e pedir-lhe perdão com palavras ardentes, com soluços e gestos theatraes.

Mas antes de chegar a qualquer conclusão, já a criada voltava a dizer-lhe apressadamente da porta :

— Agora! Agora! Passe agora. Ande! Não ha ninguém na varanda! Suba e vá para o seu quarto!

Thereza cumpriu aquella ordem, como se a recebesse de um superior.

— Ligeiro! gritou-lhe Rosa, assim que ella atravessou a cozinha e ganhou a escada. E logo que a viu desaparecer, espocou uma risada surda e soltou entre dentes uma exclamação injuriosa.

Depois, muito satisfeita com aquelle episodio que humilhava a senhora, entrou no seu quarto, d'onde acabava de sahir Thereza, e principiou por desfazio a arrumar os objectos sobre os moveis e a cantar em voz alta, com desembaraço, uma chula sua favorita.

Quando sahiu do quarto, disse « Ai! ai! » e subiu a escada lentamente, com maneiras de dona de casa.

Thereza não appareceu á mesa, almoçou nos seus aposentos, esperando que Olympia deixasse a cabeceira do pae, para então apresentar-se ella.

Mal, porém, havia feito a refeição, soaram duas pancadinhas á porta. A leviana retrahiu-se.

— Sou eu, abra, disse de fóra uma voz amiga. Era Olympia.

Thereza corou; a outra, porém, passando-lhe um braço na cintura, beijou-a na face.

A madраста estranhou muito aquella inesperada amabilidade. A enteada fóra sempre muito secca para com ella; e a sua surpresa cresceu, quando a filha do marido começou a declarar que estava muito afflicta, receiando que Mãesinha não voltasse, e que desejava ser a primeira a dar ao pae a boa noticia da sua chegada.

— Não! disse Thereza; elle deve estar muito zangado connigo... o melhor é esperarmos que...

— Qual! eu obtenho de papae o que bem quero... Hei de fallar-lhe por tal modo a seu respeito, Mãesinha, que elle nem só a receberá de braços abertos, como ainda me ficará reconhecido.

— Não; é melhor esperar. Talvez que a minha presença agora lhe faça mal...

— N'esse caso vou consultar primeiro o Dr. Roberto! lembrou a outra com um repente de menina esperta.

— Estás doida! Metter nisto um estranho?!...

Mas Olympia afiançava -que havia de arranjar tudo. E, com crescente surpresa da outra, mostrava-se cada vez mais interessada pela madраста. Não parecia a mesma; aquella falta ridicula e censuravel de Thereza, longe de lhe produzir indignação, como

era de esperar, despertava nella estranhas sympathias e inexplicaveis condolencias.

Entretanto, Olympia fazia tudo isso sem comprehender bem porque. Thereza ganhava a seus olhos certa aureola de poesia e soffrimento; a sua penosa situação dava-lhe, aos olhos da romantica menina, uns tons seductores de heroina de romance; sem prevér a pobre criança que, toda essa desordem moral e toda essa desorganisação domestica, haviam fatalmente de influir na sua propria educação e determinar, mais tarde, os lamentaveis successos de que já o leitor tem noticia desde as primeiras scenas da Avenida Estrella.

Nenhuma lição é tão poderosa como a do exemplo. Filtra-se ella pelo nosso espirito sem que o sintamos; e ella nos invade, nos conquista, nos possui totalmente, sem que possamos determinar ao certo qual foi o facto, o acontecimento que em nós estabeleceu este ou aquelle symptoma, esta ou aquella inclinação, sem que possamos dizer o que foi que nos trouxe tal vicio, tal idiosyncrasia, tal propensão boa ou má. Tudo mais, que aprendemos de ouvido ou que aprendemos nos livros, se evapora com o tempo e desaparece; só essas lições, que nos entraram pelos olhos e nos espalharam n'alma as suas raizes, só essas conservaremos por toda a vida e levaremos conosco para a sepultura.

Thereza, sem que ella fosse responsavel por isso, não por maldade, mas unicamente em consequencia das circumstancias especiaes do seu temperamento, da sua má educação e da desproporção de sua idade com a do marido, havia fatalmente de ser um elemento de corrupção ao lado de Olympia.

A filha do commendador beijou ainda uma vez a madrasta, e sahiu, com destino ao quarte do pae. Ia sondar em que disposição de espirito se achava elle para receber a mulher.

O pobre homem permanecia estendido na cama. Tinha os olhos cerrados, mas não dormia, porque os abriu logo que a filha pisou na alcova com o seu andar subtil de ave impubere.

## XXV

### O MARIDO DE OLYMPIA

O commendador levantou-se da molestia pelos braços da filha e da esposa. Olympia havia triumphado : o pobre doente consentira em receber de novo a leviana. Mas, ah ! nunca mais lhe dispensou a mesma ternura dos outros tempos ; tratava-a agora com cerimoniosa indifferença, quasi com desprezo ; apenas a supportava por condescendencia á filha que, desde logo, se convertera na sua unica preocupação e no seu unico affecto. Não gostava até que lhe fallassem da mulher, poucas vezes a via e, quando se encontravam juntos á mesa, não trocavam entre si sequer um olhar.

Ella, entretanto, muito se transformára depois da partida do cumplice. Já não ostentava os mesmos gostos e as mesmas inclinações ; parecia indifferente ás festas e aos passeios ; não caprichava na escolha das roupas e sahia poucas vezes de casa. Vivia triste, concentrada ; estava muito mais magra, porém aparentemente resignada. Ninguem lhe ouvia uma queixa contra o marido ; agora, ao contrario, parecia procurar descobrir-lhe as intenções, as mais peque-

ninas vontades, para correr a satisfazel-as; adivinhava-lhe os desejos, armava-lhe boas surpresas e mostrava-se para com elle de uma solitudine e de uma amabilidade de que nunca déra exemplo em outras épocas.

Mas o commendador affectava não attentar para isso; recebia os obsequios que vinham da mulher com a mesma indifferença com que ouviria fallar de qualquer assumpto que absolutamente lhe não dissesse respeito. Não a contrariava, não a desdizia, não a aconselhava — se ella quizesse sahir, que sahisse; se quizesse ficar em casa, que ficasse; se quizesse morrer, que morresse! Para elle era tudo a mesma cousa; comtanto que lhe deixassem a sua querida, a sua adorada Olympia.

Para esta, sim, tinha o commendador bons sorrisos, palavras affectuosas e rasgos de amizade. Sempre que entrava em casa perguntava logo por ella e nunca sahia sem receber um beijo dos seus labios finos e perfumados.

Assim se passaram seis mezes.

Um dia Olympia communicou-lhe que a madrastra estava doente.

— Sim? resmungou o pae. E continuou a fallar do assumpto de que tratava.

— Oh! disse a menina. Ha dois dias!... Pois papae não vê que ella não tem vindo á mesa?...

— Não reparei, affirmou o velho seccamente.

— E porque não lhe vae fazer uma visita?... perguntou Olympia, ameigando-o. Ella havia de estimar tanto, coitada!...

— Sim, sim, eu hei de lá ir, prometteu elle para contentar á filha.

Mas tres dias se passaram depois da promessa, sem que o commendador apparecesse no quarto da mulher.

— Antes me castigasse de outro modo! disse esta á enteada em continuação a uma conversa. Nunca pensei que teu pae fosse tão pacificamente máo! Estou arrependida de ter aqui voltado, cré!

Olympia não se animou a objectar uma palavra em defesa do commendador.

— Sei que mereço censura, accrescentou a enferma, com a voz fraca e infeliz; sei que commetti uma grande falta, mas a minha conducta de então para cá devia obter o meu perdão. Elle vê perfeitamente que estou bem arrependida, porque então n'esse caso não me trata de outro modo?... Oh! eu mesinto tão triste com a idéa da sua vingança, e, todavia, precisava agora, mais que nunca, de desvellos e de amparo... Estou doente, sinto que estou muito mal, porque pois elle me não vem vêr?... porque não me vem dar duas palavras de piedade?... Isso não seria tambem tão grande sacrificio... seria uma simples obra de misericordia...

E, depois de fitar por algum tempo um mesmo ponto, com as mãos entre as de Olympia, disse-lhe sem transicção: — Nunca te cases se não com um homem de idade proporcionada á tua... Não commettas nunca semelhante leviandade! Por melhor que seja o teu character, por mais perfeito que seja o teu coração, por mais senhora que fôres do teu temperamento, dos teus desejos e das tuas aspirações, nunca darás uma esposa perfeita, se ao teu casamento não presidirem, o amor em primeiro lugar, depois a harmonia completa de edades, de espirito, de bens e de educa-

ção. Não calculas o inferno em que vive uma mulher moça casada com um velho! Não é simplesmente o facto de lhe não dar o marido o amor de que ella precisa para viver, mas tambem a desgraçada circumstancia de que esse casamento a inutilisa de todo para o amor de qualquer outro homem!

Olympia ouvia as palavras da madrasta com os olhos muito abertos e a physionomia transbordante de curiosidade. Era a primeira vez que Thereza se queixava do commendador e deixava transparecer francamente o azedume dos seus desgostos.

— O amante, proseguiu a madrasta, tambem não satisfaz, porque não nos póde dar o que constitue a nossa melhor felicidade em questões de amor. O marido velho está em uma extremidade, o amante está na outra; não podem attingir ao meio termo, o centro calmo de um amor legitimo, digno e completo, que é onde encontramos a verdadeira ventura, o gozo placido e duradouro da existencia. Só um marido moço, amigo, com o seu destino ligado ao nosso, a sua dignidade entrelaçada com a nossa dignidade, póde collocar-se n esse meio termo ideal. É preciso que os dois caminhem de mãos dadas para a velhice, unidos, seguros; o seu amor deve ir custodiado, como um perfume subtil e precioso que se póde derramar pelo caminho. E isso só se consegue com o casamento proporcionado. Ao contrario, no melhor da viagem, um deixará o outro no meio da estrada. O amante não póde sequer comprehender o valor d'essa affeição solidaria, util e sem transportes; elle nada arrisca, nada compromette no seu amor, para desejar conserval-o puro e digno. A idéa de que o marido consiga agradar á mulher com as suas ter-



nuras, é o bastante para leval-o a imaginar meios e modos de supplantar o rival e, como o jogador que arrisca sobre a mesa os capitaes alheios, commette o que o marido nunca teria animo de fazer. O que vier é lucro! Por outro lado, as circumstancias que o trazem afastado da amante, lhe facultam accumular por um mez, dois, e, ás vezes por mais tempo, a porção de ternura que o marido vae diaalmente dispensando á mulher em dozes pequenas; de sorte que, na occasião de se apresentar, gasta brilhantemente, em uma só entrevista, tudo o que o outro consome durante um prazo longo. As mulheres, em geral, deixam-se illudir com isso e suppõem o amante muito mais amoroso que o marido; não se lembram, as desmioladas, que só o fogo lento é susceptivel de duração. O amante têm chamma periodica como os vulcões; o marido conserva constantemente acceso o modesto braseiro do lar, o lume da sua casa.

E Thereza accrescentou depois :

— Não te cases com um velho, minha querida Olympiã; mas, se por ventura vier a succeder-te tamanha desgraça, nunca procures remediar esse mal com o mal muito maior de adoptares um amante. O homem, que é capaz de acceitar semelhante papel, não é digno da nossa menor estima, porque o facto de ser amante de uma mulher casada já é prova irrecusavel de deslealdade e de falta de caracter...

N'isto foi interrompida pelo Dr. Roberto que vinha visital-a.

O medico achou-a mais abatida e gravemente peor, segundo o que disse depois a Olympiã.

O commendador recebeu essa noticia sem lhe dar a menor importancia. E quando, á noite, Olympiã

insistiu com elle para que fosse fazer uma visita á Thereza, o velho respondeu asperamente que não, esquecendo-se por um instante do modo carinhoso por que costumava tratar á filha.

Dois dias depois o Dr. Roberto declarou que Thereza precisava mudar de ares ; e a enferma mudou-se para um hotel que se acabava de abrir no morro da santa de seu nome. Foi só ; o marido não a quiz acompanhar.

Olympia iria ter com ella de vez em quando.

O commendador mostrava-se cada vez mais indifferente ; todavia não poude esconder o abalo que lhe causou a figura transformada da mulher, quando a viu apparecer, pelo braço de Olympia e de uma escrava, para tomar o carro.

Elle não a teria reconhecido em outro lugar. Estava completamente desfeita ; os olhos mortos, a pelle de uma pallidez cadaverica, o ar cansado e afflicto, os cabellos embaraçados e resequidos pela febre. Não podia quasi andar, arrastava os pés inchados, e gemia, a tomar respiração com muita difficuldade.

Ao passar perto do marido, ella o cumprimentou, procurando difficilmente transformar a expressão agoniada do rosto em um sorriso de amabilidade, mas teve logo de cortar o sorriso com um gemido doloroso.

O commendador avançou automaticamente dois passos e procurou ajudal-a.

— Não se incommode ! murmurou ella. Eu vou bem !...

E continuou a manquejar, gemendo offegante.

N'essa occasião chegava um caixeiro da casa do

Figueiredo, que o commendador mandára pedir para acompanhar Thereza ao hotel.

Era o João Rosa ; teria n'esse tempo uns quatorze ou quinze annos. Já denunciava porêm o que havia de ser para o futuro ; scintillava-lhe nos olhos de criança a cubiça adquirida em contacto com os companheiros de trabalho. Era amarello, secco, com a cabeça grande de mais para o corpo, a bocca apertada, o nariz grosso, o cabello cortado á escovinha, unhas e dentes sujos. Passava por muito esperto e aproveitavel : os patrões gostavam d'elle.

— Acompanhe essa senhora ao logar ahi indicado, disse-lhe o commendador, passando-lhe um cartão com o numero e o nome do hotel.

E accrescentou-lhe em voz baixa, de modo que a mulher o não ouvisse : — Demore-se um pouco ás ordens d'ella ; pergunte-lhe se precisa de alguma cousa e, dado este caso, communique-me o que fôr. Não despeça o carro ; se houver qualquer novidade, metta-se n'elle e venha logo fallar commigo. Tome lá para alguma despeza imprevista.

Entregou-lhe uma nota de cincoenta mil reis.

João Rosa guardou o dinheiro e despediu-se do commendador com uma mesura humilde.

— Viva ! respondeu este ; e recolheu-se ao quarto, inalteravelmente, como sempre, teso, limpo, bem penteado.

Mas, depois de fechar a porta por dentro, assentou-se á secretaria, fincou os cotovellos na mesa, segurou a cabeça com ambas as mãos, e começou a chorar.

Jacob passeiava de um para o outro lado na sala de espera. Estava preocupado. Ouvia-se sobre o

tapete o som discreto dos seus grandes sapatos de beserro, muito engraxados e quasi sem salto.

Um gemido mais forte de Thereza fizera-o correr para junto d'ella.

Jacob era o unico que havia comprehendido bem a perturbação do commendador. Para elle o amo não podia dissimular a mais passageira impressão, o velho criado adivinhava-lhe os pensamentos, lia-lhe no rosto tudo o que se passava n'aquelle coração amargurado e cheio de rugas.

Thereza chegou muito fatigada ao hotel, uma enfermeira de contracto trouxe-lhe um caldo e fel-a recolher-se á cama.

— Que horas são?... perguntou a doente, com ar de fastio.

— Deram duas agora mesmo.

— Bem. Dê-me aquelle livro de capa encarnada. Esse que tem uma cruz em cima. Justamente!

— A senhora precisa ainda de mim para alguma cousa?... perguntou o João Rosa, de quem Thereza já se havia esquecido.

— Ah! disse ella. Se voltar lá em casa, diga a Olympia que appareça o mais depressa possivel.

— Sim, senhora.

— Adeus. Obrigada.

O commendador não apparecêra á mesa de jantar, e á noite pouco conversou com a filha.

O pobre velho soffria.

Crearam-se então duas existencias bem diversas, mas igualmente duras e desconfortadas; a do commendador ao lado da filha, e a de Thereza á mercê dos cuidados mercenarios de um hoteleiro.

A esposa faz muita falta ao homem em qualquer

situação da vida, mas essa falta só toma um character verdadeiramente perigoso e lamentavel, quando o homem tem uma filha. E principalmente se a filha for da idade de Olympia e, como está, tiver um character impressionavel e romanesco.

Os pequeninos serviços domesticos, os cuidados do lar, os desvellos para com o dono da casa, os quaes exercidos por uma esposa, feitos de mulher a marido, são destinados a prendel-os de parte a parte; a identifi-cal-os cada vez mais e a tornal-os indispensaveis um para o outro ; tudo isso que, entre um casal, significa virtude e garantia de felicidade, uma vez arrancado das mãos da esposa, para ser confiado ás de uma filha, se converte em elemento de effeitos diametralmente oppostos.

O que servia para chamar a consciencia da mulher aos seus deveres, só serve, no outro caso, para desencaminhar a delicada ingenuidade da filha, chegando até a lhe disvirtuar o pudor.

O commendador Ferreira, á semelhança de muitos paes, viuvos ou separados da mulher, entregou á filha a direcção da sua casa.

Foi então que ella viu pela primeira vez o homem a quem veiu a esposar: o caixa da casa Paulo Cordeiro, o tal Gonçalves, victima de Pedro Ruivo no roubo dos vinte contos ; homem forte, trabalhador, economico, senhor de boas economias e apenas com trinta e tantos annos de idade.

Olympia o encontrou em casa de um velho amigo do pae, um conselheiro d'essa época. O Gonçalves ficou logo muito impressionado por ella ; Olympia tocou e cantou. No dia seguinte elle fez uma visita ao commendador. No primeiro domingo voltou e

aceitou o convite para jantar. D'ali a quinze dias pediu a moça em casamento.

A filha do commendador consentia, sem repugnancia, mas tambem sem o menor enthusiasmo. O commendador estava no mesmo caso — permittia por não ter outro remedio: o Dr. Roberto havia declarado que Olympia, se não tratasse logo de casar, podia vir a padecer muito dos nervos, e então seria mais difficil combater a molestia.

Todavia esse casamento estava destinado a transformar a casa do commendador e o caracter de Olympia.

Gonçalves iria morar com o sogro, fazendo assim a vontade ao commendador, que não queria separar-se da filha por cousa alguma d'este mundo.

Maior que fosse a familia — havia logar de sobra no preventivo casarão de Botafogo.

O velho, sobre estar muito agarrado ao seu canto, vivia ultimamente aborrecido e enfermigo. A propria filha, de algum tempo áquella parte, não parecia tomar pelo pae o mesmo affectuoso interesse com que d'antes lhe arrimava os dissabores e as desillusões. Andava distrahida; não tinha as alegrias da sua idade, fugia das amigas, poucas vezes sahia de casa, e mesmo assim quasi sempre para visitar Thereza. Só os romances francezes e, ás vezes, o piano, conseguiam prendel-a por mais algum tempo. Não lhe fallassem em festas, passeios e ajuntamentos.

O commendador chamou sobre ella a attenção do Dr. Roberto. Este declarou que tudo aquillo desapareceria com o casamento.

Foi essa, como já vimos, a unica razão que moveu aquelle a consentir na união de Olympia com o Gon-

çalves. Não é que desdenhasse das qualidades do pretendente, mas o Gonçalves estava longe de ser o ideal que o commendador sonhava para genro. Preferia um homem mais fino, mais distincto, mais cultivado no trato e nas cousas do espirito; mais brilhante, em summa. E Gonçalves sera ao contrario um sujeito modesto e chão; homem de bom senso, mas de ambições estreitas. O que o puxára mais insistentemente para Olympia, não foi a belleza da rapariga, que ella n'essa occasião até estava quasi feia; nem tambem o dote, porque Gonçalves não seria capaz de casar por especulação, mas foi justamente aquella indifferença pela vida exterior, aquelle desquerer das cousas ruidosas que elle, á primeira vista, descobriu logo na filha do commendador.

Pobre homem! como se havia enganado! O que suppunha congenito e natural em Olympia, não passava de uma crise, de um estado morbido, que desapareceria promptamente com o matrimonio.

Para qualquer outro seria isso um motivo de felicidade, para elle era um trastorno.

Com effeito, pouco depois do casamento, a menina insociavel e bisonha foi desaparecendo, e Olympia, a verdadeira Olympia, a mulher formosa, de hombros torneados e peito colombino, surgia entre os braços do marido.

Nella tudo se transformou, como por encanto: a pelle fez-se branca e macia; encheu-se-lhe o collo e encorparam-se-lhe os braços; as linhas dos quadris serpentearam com mais arrojo; os olhos esgarçaram-se, rociados de ternura, e a bocca desabrochou em bellos sorrisos ao toque dos primeiros beijos sensuaes.

E, se por um lado o corpo se aformoseava, por outro o espirito se desapertava e distendia. Quatro mezes depois de casada, Olympia principiou a sentir-se attrahir para as salas; seus encantos pediam a admiração e o applauso dos homens de bom gosto; precisava de apparecer, precisava de luzir.

Reclamou jornaes de moda, frequentou as modistas do tom, exigiu um cabellereiro, comprou jóias, tomou carruagem, escolheu cavallos, e dentro em pouco foi ella a ordem do dia na rua do Ouvidor e nos salões de Botafogo.

Os folhetins do Octaviano Rosa no *Correio Mercantil* fallavam de Olympia; descreviam-lhe a *toilette*, endeosavam-lhe as graças. Suas phrases foram repetidas, seus gostos imitados.

O commendador não se podia furtar á influencia de todas as transformações e como que essas reflectiam. Era com orgulho que agora acompanhava elle a filha ao Casino, ao Lyrico e á Campeзина.

Já ninguem o via triste e apoquentado. Os alegres habitos do outro tempo foram resurgindo simultaneamente. A casa retomou o ar feliz que havia perdido. Bastou que Olympia se casasse, se fizesse verdadeira dona de casa, para encontrar facilidade em governar os criados, em dirigir tudo o que estava sujeito á sua vontade. Os forneedores deixaram de roubar, os famulos já não esbanjavam como d'antes, a chacara voltou ao que era primitivamente. Tudo endireitou, tudo entrou nos eixos. Reappareceram as visitas, illuminaram-se as salas, distribuiram-se chavenas de chá, desarrolharam-se garrafas de vinho caro.

O unico descontente era o Gonçalves : aquella mu-



lher, que a todos deslumbrava com os seus encantos pessoaes, aquella adoravel Olympia de que se fallava com tanto enthusiasmo por toda a parte, não lhe convinha, a elle, para esposa.

Não era essa a mulher que havia sonhado.

Imaginára ter descoberto na singela filha do commendador uma companheira socegada e amiga do lar; quando de repente lhe surgiu aquella doidejanas, a reclamar sedas, carruagens, bailes, e o diabo a quatro!

— Fui lesado! dizia elle consigo, plenamente arrependido do casamento. Se adivinhasse semelhante cousa, nunca a teria tomado para mulher!... Mas tambem quem poderia desconfiar que em tal songamonga estivesse escondida a Olympia de hoje?...

E o peor é que o pobre Gonçalves não tinha animo de contrariar a esposa. Esta o arrastava para Petropolis, para Nova Friburgo; obrigava-o a perder noites, a bocejar, assentado em uma cadeira na sala de jogo, enquanto ella dansava pelo braço dos melhores valsistas do tempo.

— Isto não póde continuar assim!... resmungava o pobre homem, entre bocejos. Pois eu tenho lá geito para estas cousas!...

Além d'isso era um gastar sem conta. Ora, elle que se casára justamente para methodisar a vida e vêr se conseguia assegurar o futuro com algum peculio, não podia supportar de cara alegre semelhantes imposições de Olympia. Para deixal-a sósinha, tambem era o diabo; habia tantos olhos assestados sobre ella; havia tanta cubiça a lhe farejar aquelles hombros nús, que o marido não se animava a arredar pé.

— Antes me ficasse ella feiasita e magra como

era d'antes... suspirava o infeliz; ao menos não gostaria tanto de apparecer!...

E, apesar de ninguem até ahi ter ousado arriscar a menor palavra contra o procedimento de Olympia, o triste marido sentia zelos crueis apertarem-lhe silenciosamente o coração.

Um dia, não mais se pôde ter, e procurou o commendador para desabafar.

— Não é possível, *seu* Ferreira! dizia elle muito desgostoso; não é possível continuarem as cousas como vão!... Eu não me casei para perder as noites em pagodes e andar por ahi em correrias altas!... Não sou nenhum nababo! não posso com semelhante vida!

E passeiava agitado pelo gabinete do sogro.

— Mas que quer você, homem de Deus?!...

— Quero endireitar a minha vida! está o que eu quero! Pois meu sogro acha que não tenho razão para estar aborrecido?!...

— Mas que é que lhe falta?!

— Falta-me a paciencia para andar todas as noites de casaca, a fazer medidas pelas salas e a aturar massadas consecutivas. Sua filha, ao que parece, não desejava um marido; desejava ter um pagem, um criado ás ordens dos seus caprichos!... Ora, eu estou lá disposto a semelhante cousa!

— Você falla de bocca cheia, meu genro, respondeu o commendador, a sacudir a cabeça. Sabe lá você a mulher que tem!... Renda graças a Deus, meu amigo, porque principio a acreditar que você nunca a mereceu.

— Antes mesmo nunca a tivesse merecido! Dou-lhe a minha palavra de honra que prefiria isso!

O outro mordeu os beijos e conteve a impaciencia. — É melhor pararmos aqui, disse elle; nada lucramos em estar a trocar palavras. O senhor, meu genro, me fallará quando estiver mais tranquillo!...

— Já não tenho momentos de tranquillidade! exclamou desabridamente o Gonçalves. Apre! preciso desabafar! Ha cinco mezes que estou cheio até aqui! (E mostrava a garganta com a mão aberta.) Ou entramos em um accordo ou vae cada um para seu lado! Safa! Não posso mais!

— Pois então vá plantar batatas! gritou o commendador, perdendo de todo a paciencia. Quer fazer reclamações, faça-as á sua mulher. Que diabo!

— Ella faz mesmo muito caso do que lhe digo!...

— Pois então queixe-se de si proprio, meu caro senhor! Quando o marido não se sente com forças para governar a mulher, não póde exigir que o sogro a governe! O que lhe affianço é haver por ahi muito homem casado que não se queixa como o senhor, tendo muita mais razão para isso! Você ao menos não póde dizer que sua mulher o illude!...

— Sei cá! respondeu o marido de Olympia, sacudindo os hombros.

— Heim?! exclamou o commendador, furioso. Não sabe?! Pois o senhor se atreve a duvidar da conducta de minha filha?... Insolente! bradou o velho, tremulo de colera. Não sei onde estou que...

E, com medo de se não poder conter, deu as costas ao genro e recolheu-se ao quarto.

Olympia estava n'essa occasião a passeio. Quando voltou, soube logo da contenda entre o pae e o marido.

— O senhor foi então queixar-se de mim a meu

pae?... perguntou ella a Gonçalves quando o viu.

— Não ! é que a senhora...

— Não seja idiota ! bradou-lhe a mulher, franzindo o nariz. Quando quizer póde-se ir embora !

— E sou muito capaz de o fazer !... Não sei ó que parece andar agora uma creatura a correr séca e méca, para vér dansar e ouvir tocar piano !...

— Eu é que não estou para atural-o ! Tenhá a bondade de me não aborrecer ! disse Olympia friamente e recolheu-se ao quarto, sem querer ouvir a replica do marido.

Jacob assistia a toda esta scena, encostado ao aparador com uma toalha no braço.

— Não te parece que eu tenho razão, Jacob?... perguntou-lhe Gonçalves, approximando-se d'elle.

— Não me envolva n'essas historias... respondeu o velho domestico, fugindo por sua vez para outro lado.

Gonçalves cruzou os braços e sacudiu a cabeça sósinho, no meio da sala.

— Então?! que me dizem a isto?! exclamou elle.

## XXVI

### CAÇA AOS DOCUMENTOS

E, desde então, não se passava um dia em que não houvesse alguma nova resinga entre o casal ; mas o marido, por muito que protestasse contra os costumes da mulher, nada conseguia. O commendader tomou abertamente o partido da filha e principiou a tratar o genro com frieza.

— Logo vi que este homem não poderia convir a Olympia, dizia e repetia elle consigo. Grande parvo ! em vez de agradecer a Deus o presente que lhe fez, ainda tem o desplante de lamentar-se ! Idiota !

E, quando se achava a sós com a filha e vinha a pello fallarem de Gonçalves, repisava o commendador com o seu ar apumado : — Não faças caso, minha flôr ! diverte-te, brinca, dansa á vontade, que és moça ! Brilha, minha Olympia ; brilha, que és bonita, espirituosa e rica ! Deixa fallar o tolo de teu marido ; elle o que tem é ciumes ! Não faças caso ! Préza o teu nome, defende a tua reputação, cumpre com os teus deveres de senhora honesta, mas continua a offuscar ! Mata de inveja essas presumidas que estão todos os dias a descobrir defeitos em ti !

E o velho sentia-se cada vez mais satisfeito com ella. Para elle não havia em todo o mundo outro ente tão completo, tão bello, tão adoravel como a filha. Olympia, depois que mudára de genio e que se alindára de corpo, era o seu enlevo e a sua vaidade. Quando a via, decotada no rico vestido de seda, a chamar a attenção de todos, a jogar com muita graça o leque, a responder sorrindo ás palavras que choviam da direita e da esquerda, o feliz pae ficava embevecido, a acompanhar-lhe com a physionomia os menores gestos e os mais ligeiros movimentos.

— E queria o senhor meu genro que este mimo de graças não apparecesse nas salas e ficasse em casa, talvez a jogar a bisca! Tinha que vêr!...

Por essa época soffreu o commendador um novo desgosto — a morte de seu filho, que estava já nos estudos em S. Paulo.

Este facto alterou de alguma fórma, e por algum tempo, a vida da familia, servindo de palliativo aos desgostos de Gonçalves. Mas, acabado o luto, Olympia cingiu de novo o seu diadema e reapareceu nas salas.

O pobre homem já não podia supportar semelhante existencia. Era preciso que a esposa se decidisse por uma vez a mudar de vida, ou elle pederia a sua demissão de marido.

Olympia declarou que não estava disposta a alterar de fórma alguma os seus habitos. — Se ella, com as suas phantasias, obrigasse o marido a sacrificios e privações, muito bem! seria a primeira a fugir da sociedade exigente e a submeter-se a uma vida proporcionada á estreiteza dos seus recursos; mas não! o marido nem precisava tocar nos bens que

trouxera : Olympia era rica, tinha muito com que sustentar o seu luxo e os seus caprichos ; Gonçalves, por conseguinte, que deixasse de ser egoísta e não a estivesse contrariando daquelle modo, porque isso podia ter lamentaveis consequencias...

Gonçalves oppunha carradas de razão : dizia que se casára para viver com a mulher e não para proporcionar mais um bom par aos dansadores de valsa ; que era homem socegado, amigo dos seus commodos, gostando de passar os domingos na sua chacara, e que não se achava disposto, por conseguinte, a andar por ahi, num torniquete, de casaca, a cochilar, que nem o Imperador ; que estava já muito farto de bailes, de jantares e de theatros lyricos ; que as taes ceias fóra d'horas, os sorvetes, os ponches, que o obrigavam a ingerir todas as noites, lhe punham o estomago em petições de miseria e lhe haviam de dar com os ossos no Cajú, se elle não mudasse quanto antes de regimen ; e, afinal, quando por mais nada fosse, era porque elle não podia admittir que uma senhora casada tivesse adoradores, e ouvisse galanteios, e se deixasse, nas taes dansas, abraçar por uns pelintras que elle nem sequer conhecia ; como tambem não podia tolerar que o nome de sua mulher andasse por ahi, de bocca em bocca, de jornal em jornal, tratado por tu, como se ella fosse alguma dansarina ou alguma comica ! Não ! Gonçalves não estava por nenhuma dessas cousas, e, se a mulher não pretendesse mudar de systema de vida, que lhe fallasse então com toda a franqueza, porque n'esse caso quem disparava era elle !

Olympia não respondeu uma só palavra e deixou que o marido ainda accrescentasse muitas outras

queixas. À noite encarregou o pae de tratar da separação, se é que Gonçalves estava com effeito a isso disposto; mas, caso estivesse, ficasse elle desde logo prevenido de uma cousa, e era que, em nenhuma hypothese, voltaria ella a fazer pazes com o marido. Gonçalves, portanto, que meditasse antes de dar o grande passo. Quanto a ella não alteraria, de fôrma alguma, o seu modo de viver!

D'ahi a tres dias estavam separados.

Sabe já o leitor o que se seguiu ao rompimento: Olympia principiou a emmagrecer, foi ficando triste e perdendo, pouco a pouco, o gosto pelas festas ruidosas e pelos prazeres opulentos. Ficou nervosa, doente, aborrecida, e dentro de seis mezes desertou totalmente da sociedade.

O commendador embalde procurou persuadil-a de voltar aos seus habitos primitivos; embalde lhe fallou do triumpho que outras obtinham já na ausencia della; embalde a cercou de objectos da moda, jornaes de figurinos, programmas de concertos, camarotes de theatro e provocações de todo o genero.

Olympia não se moveu, e em menos de dois annos ninguem mais lhe citava o nome.

Todavia, os seus incommodos recrudesciam; o nervoso tomava proporções muito sérias; o monstro hysterico escancarava as fauces.

O Dr. Roberto, como tambem já sabe o leitor, aconselhou viagens, fallou em banhos do mar, lembrou passeios ao campo, mas disse positivamente que o verdadeiro remedio para Olympia seria fazer, quanto antes, as pazes com o marido.

Não fez. E mais dois annos decorreram, até ao



dia em que a vimos subir, pelo braço do pae, a escadaria do Papá Falconnet.

Pela confrontação das scenas da Avenida Estrella, com as scenas egualmente mal esboçadas d'este capitulo, póde o leitor sem difficuldade calcular os progressos que fez n'esses dois annos a molestia de Olympia.

Mas saltemos por sobre isso e vamos rehavê-la no momento em que a deixámos ao lado de Gregorio.

Antes, porém, cumpre explicar o que foi feito de Thereza. O Dr. Roberto fazia-lhe de vez em quando uma visita. Achou-a sempre peor; propensa a soffrer das faculdades mentaes. Thereza déra-se ultimamente á devoção e estava muito amiga de rezas e de egrejas. Olympia já não encontrava n'ella a mesma amiga e mesma conselheira; a pobre doente parecia agora estúpida e mostrava-se desconfiada, de máo humor, ás vezes impertinente e grosseira.

Rosa, aquella criada que na época dos amores de Portella, lhe protegia as escapulas, fôra substituida ao lado della por ti'Agueda.

A infeliz pouco se demorou no hotel; queria um logar mais obscuro e mais modesto: transferiu-se para Cascadura. O marido mandava-lhe lá, todos os mezes, uma pensão de cem mil réis. Estava feia, summamente feia; a febre crestára-lhe a pelle, empobrecera-lhe o cabello e desfeiára-lhe as feições. Não dava já idéa do que fôra; magra, encanecida, meio calva, com os olhos sem expressão, a bocca desadornada de sorrisos, o pescoço bambo, as costas arqueadas, parecia mais uma freira velha, comida pelos rigores da vida monastica, do que uma simples devota de trinta e oito annos.

Não sahia de casa, senão para ir á egreja. Ninguem a via á janella ; apenas, em algumas noites de luar, a custo lobrigavam o seu vulto magro, vestido de chita preta, a passeiar como um espectro por entre as pobres arvores do seu quintal. Duas vezes fôra accommettida por crises nervosas, que a deixaram prostrada durante muito tempo com todos os symptomas da loucura.

E o commendador recommendava sempre ao Dr. Roberto que a não deixasse de vêr de quando em quando, e pedia-lhe constantemente noticias d'ella.

— Vae n'aquillo mesmo... dizia o medico. D'alli para peor... coitada!

— Mas póde viver?... perguntava o velho, com os olhos illuminados por um sinistro brilho de vingança.

— Ah! lá viver póde, e até muito; mas o que não conseguirá é restabelecer-se totalmente. Está perdida!

— Bem! dizia o velho comsigo; minha vingança será completa... Aquelle miseravel ha de casar-se com ella logo que eu feche os olhos!

Uma tarde, passeiava a misera, como sempre triste, por entre as solitarias plantas do seu quintal, quando um vulto de homem parou ás grades do portão.

— Saberá dizer-me onde mora por aqui uma senhora chamada Thereza?... perguntou o sujeito, apoiando-se aos varaes da grade.

Pelo seu todo fatigado via-se logo que elle vinha de longe, a fazer até alli a mesma pergunta pelas outras casas d'aquella rua.

Thereza approximou-se lentamente sem responder;

mas, ao chegar perto da grade, soltou um grito e exclamou :

— Luiz !

— Meu nome ? !... disse o outro, muito surpreso.

E, sem ter tempo de procurar reconhecer a lastimosa figura que tinha defronte dos olhos, transpoz o portão, para amparar Thereza, prestes a cair desfallecida.

— Já me não conheces ?... perguntou ella com um tom de profunda tristeza, logo que poudes fallar. É natural ! Eu já não sou a mesma...

— Esta voz !... Será possível ? ! balbuciou Portella, sem querer acreditar no que via. E ficou a olhar, muito afflicto, para a pobre mulher.

— Está aqui o que resta d'aquella tua Thereza dos outros tempos, tão fresca e tão bonita ! explicou ella. E accrescentou com os olhos cheios d'agua e a voz muito alterada pela commoção : — Comtigo, meu Luiz, tudo fugiu ! já nada resta do que fui... Estes olhos já não fallam de amor ; estes labios esqueceram o riso ; este collo não provoca em mais ninguém desejos ardentes e desenfreados... Depois que te partiste, nunca mais tive um momento de ventura ; tudo se converteu em martyrio e remorso. Cheguei a amaldiçoar o nosso amor ; cheguei a duvidar se a memoria delle me causava saudade ou me causava tedio... Principiei a tomar aborrecimento por tudo ; meu marido apunhalava-me todos os dias com a sua indiferença e com o seu desprezo... E o meu soffrimento foi crescendo, crescendo, até me reduzir a isto que aqui vês !...

Portella escutava, sem desviar os olhos. Tudo aquillo produzia nelle uma grande tristeza e um

grande constrangimento. — Como era possível conceber semelhante transformação?... Como, em doze annos, se podiam extinguir tanta formosura e tanta graça?... Oh! é terrivel, pensava elle, vêrmos assim de perto os destroços de uma felicidade que, um dia, passou por nós e nos encheu a vida com todos os brilhos da paixão e do amor. Amor? Não! instincto. Um pouco de carne palpitante, cabellos, sangue, dentes, olhos, tudo isso disposto de certo modo, ordenado com certo encanto, eis quanto basta para nos enlouquecer, para nos arrastar a todas ás loucuras e a todas ás degradações! Entretanto, alli estava aquella mesma mulher que o fizera delirar um dia!... Como a nossa materia é fraca ou como a natureza é habil! Como esta sabia impôr as suas leis de reproducção e de vida! E queriam os homens do rigor e da austeridade que se pudesse fugir despoticamente a todas essas armadilhas tão finamente preparadas, tão sabiamente urdidas de baixo de nossos pés!...

E, depois destas considerações, uma tristeza profunda, um aborrecimento doloroso, negro, humido, entrou-lhe no coração e começou a inchar lá dentro como um sapo entalado num cano de esgoto.

O coração d'aquelle homem era com effeito um cano de esgoto, por onde lhe desfilavam todas as immundicies da alma. Não se teria demorado elle um instante ao lado de Thereza, se não precisasse d'ella para alguma cousa que directamente o interessava. O triste espectaculo daquella ruina revoltava o seu egoismo; Portella sentia-se impaciente por conseguir o que desejava da mulher do commendador e pôr-se a caminho para longe, para bem longe,

onde não chegasse o inquietante cheiro d'aquella desgraça e d'aquella miseria. Sentia-se tão apressado que não esperou pelo fim das divagações de Thereza; interrompeu-a, declarando francamente que ia alli levado pela necessidade de alcançar das mãos do commendador um papel assignado por elle.

— Que papel? perguntou a misera.

— Pois não te lembras que deixei um documento em poder de teu marido, declarando os obsequios que recebi d'elle, as relações que tive contigo, aquelle projecto de envenenal-o e ainda outras cousas de que já não me recordo?!...

Essas taes cousas de que elle já se não recordava, não lhe fazia conta declarar quaes fossem, porque implicavam directamente com o futuro de Thereza.

— Mas afinal, perguntou ella, que desejas de mim?...

— Desejo em primeiro lugar saber se esse papel não está em teu poder, respondeu elle.

— Pois se eu até ignorava da existencia de semelhante cousa....

— Bem, pois então o que eu desejo é que o obtinhas de teu marido, que o subtraias a todo o transe do lugar em que está. Preciso apoderar-me d'esse documento! Não poderei dar um passo aqui no Rio de Janeiro, emquanto elle existir nas mãos do commendador...

— Mas eu não vou á casa do Ferreira. Além d'isso...

— Bom. N'esse caso, adeus.

— Já te queres ir?... perguntou Thereza.

— Desculpa; tenho alguma pressa. Eu te apparecerei mais vezes.

— Espera ao menos que venha ti'Agueda para fazer café...

— Não! não! Tenho de estar cedo na cidade. Adeus!

— Visto isso, adeus. Olha, espera! vou dar-te uma flôr; leva-a para te lembrares de mim...

E foi buscar ao oratorio uma rosa, que murchara aos pés de um santo.

— Está benta! disse ella.

Portella sentia-se cada vez mais impaciente. Na occasião de sahir, já no corredor, voltou-se e deu com Thereza a fazer-lhe momices por detraz d'elle. Só então desconfiou que a desgraçada soffria de qualquer desarranjo cerebral.

Poz-se a caminho com vontade. Iria d'alli á casa de um seu conhecido; talvez lhe dêsse esta informação a respeito do commendador e lhe fizesse encontrar alguém capaz de subtrahir os documentos de que elle tanto precisava.

Portella, nas suas viagens, arranjára algumas economias e vinha estabelecer-se na Côrte com um socio bastante endinheirado. Tinha em vista um casamento; o futuro sorria-lhe como nunca auspicioso: fôra com Leão Vermelho mais feliz do que contava. O compadre facilitou-lhe os meios pecuniarios para especular em compras de vinho no Porto, e recolheu-se, sequioso de descanso, á sua provincia natal, onde tencionava acabar a existencia.

Com este, pouco mais temos que ver. Quanto ao Portella, podemos afiançar que andou com lisura nas suas especulações e que se despediu limpamente do protector, retirando-se com um forte carregamento de vinhos para o Brasil, em cuja capital pretendia

agora estabelecer uma casa especial d'aquelle genero.

O bom desempenho de suas transacções grangearam-lhe credito na península, de sorte que, com muita facilidade e pouco capital, poderia sortir o seu estabelecimento, sem encontrar competidor no Rio de Janeiro.

Por esse tempo contava elle uns trinta e tantos annos, e sentia-se vigorosamente disposto a fazer carreira. Estava moço e fortalecido de esperanças. Com os elementos materiaes de que dispunha, podia ir muito longe; sonhava já com a commenda. O diabo era aquelle documento em poder do marido de The-reza!... Se o demonio do velho soubesse dos seus cuidados e mandasse publical-o no *Jornal do Comercio*, Portella estaria perdido. O commendador, apesar de retirado da vida activa, gazava de muito credito na praça e era summamente considerado pelos negociantes de mais peso; qualquer accusação que viesse d'elle teria, fatalmente, um curso vertiginoso entre os seus collegas.

Convinha, por conseguinte, que Portella, antes de assentar os alicerces das suas especulações no Rio de Janeiro, tratasse promptamente de desarmar o inimigo, sob pena de mais tarde ser precipitado ao chão no melhor do vôo. Mas de que modo havia elle de alcançar semelhante cousa?... A questão era tão delicada que, sem duvida, daria volta ao espirito mais audacioso e mais fino.

Principiou a sondar, de longe, o commendador. — O homem, pensou elle, talvez já se não lembrasse do passado, nem dos seus planos de vingança. Mas qual! Portella conhecia perfeitamente o genio rancoroso do seu antigo patrão, para se não illudir por

esse lado. O unico expediente a tomar era apoderar-se do tal documento, fosse como fosse, custasse o o que custasse!

Em todo caso, nada d'isso o incommodaria tanto, se Portella não tivesse em vista mudar de estado, casando-se com uma rapariga de bons recursos, que encontrou em casa de D. Januaria, quando ahi foi visitar a afilhada, pela primeira vez, depois da sua volta.

Para esse projecto de casamento é que o commendador se tornava verdadeiramente perigoso, porque Portella, na obrigação que assignou, se comprometia, sob palavra de honra, a tomar conta de Thereza e a casar-se com ella, logo que o marido fallecesse.

Ora, incontestavelmente, havia em tudo isto uma grande dóse de tolice. Não se poderia obrigar um homem a casar, assim sem mais nem mais, só porque, em certa época, declarou por escripto que o faria. Mas o facto é que a sua assignatura lá estava, naturalmente reconhecida já pelo tabellião, e, se o maldito papel apparecesse pela morte do commendador, ligado ao importante testamento d'este, podia, pelo menos, cobril-o de ridiculo, e difficuldar-lhe a carreira, chamando sobre elle as suspeitas e a desconfiança de pessoas, para as quaes lhe convinha passar por homem de vida immaculada.

— Maldito fosse o momento em que se lembrou elle de requestar a mulher do commendador! Antes tivesse quebrado uma perna na occasião em que se approximou d'ella pela primeira vez!

Em taes circumstancias, visitava uma occasião D. Januaria, quando um rapaz magrinho, feio, de



vinte e tantos annos, se approximou d'elle tratando-o pelo nome.

Portella recordava-se de ter visto já aquella cara, mas não conseguia determinar onde e quando.

— Não se lembra do João Rosa?... perguntou-lhe o rapaz. Aquelle que o senhor, quando estava em casa do commendador, só chamava o « João Cabeça?!... »

E riu.

— Ah! exclamou Portella. É isso mesmo! Ora senhores! como você mudou! está um homem. Barbado!...

E depois de medir por algum tempo a pequena estatura de João Rosa, perguntou-lhe com amigavel interesse: — Então, que se faz agora?...

— Continúo lá! disse o outro, armando uma careta.

— Ainda está lá?... insistiu Portella, admirado, mas possuido já da idéa de applicar o João Rosa aos seus projectos.

— Ainda, resmungou o outro.

— Interessado na casa?...

— Qual. Já perdi as esperanças d'isso. O Figueiredo não me tem querido proteger. Um moço, que entrou muito depois de eu lá estar, faz parte ha um anno da sociedade e eu ainda continúo como empregado...

— Você casou-se?...

— Não. Estou ainda solteiro.

— Ah! quem sabe se você tem as suas pretensões cá por casa de D. Januaría!...

— Não. Dou-me com ella ha muito tempo, mas não passa disso.

— Pois, seu João Rosa, eu vou estabelecer-me aqui

no Rio com uma casa de vinhos. Tome o cartão. Se você quizer, appareça por lá, talvez tenhamos o que conversar. Olhe, amanhã á noite, você está occupado?

— Não.

— N'esse caso vá amanhã...

— Pois bem.

No dia seguinte os dois encontraram-se de novo. Fallaram muito sobre o passado. João Rosa fez referencias aos escandalos de Thereza.

O Portella, sacudiu os hombros com desdem.

— Não! replicou o outro; o senhor andava n'esse tempo muito mordido por ella...

— Tolices!

— Coitada! Está feia, magra ao ultimo ponto, descabellada, meio idiota...

— Sim?... disse Portella, fingindo ignorar essas cousas.

— Se o senhor a visse não a reconheceria!...

— Coitada. Era muito doida aquella rapariga!...

— Era da pelle do diabo, accrescentou o João Rosa, com o ar de quem tem uma opinião segura sobre o facto.

Desde então principiaram a encontrar-se com mais frequencia. João Rosa passeiava alguns domingos com o Portella e patenteava-lhe, nessas occasiões, uma como submissão de dependencia e amizade. Tinha muito em conta o que lhe dizia o amigo e seguia á risca os conselhos que d'elle recebia.

João Rosa deu a Portella noticias completas a respeito da casa do commendador: fallou do casamento de Olympia com o Gonçalves; disse a vida desordenada que os dois levaram durante quatro annos; contou os pormenores da separação dos conjugues;

circunstanciou as mudanças de genio que fizera Olympia depois do rompimento, os desgostos do velho, a proposta de reconciliação apresentada por Gonçalves, a recusa da mulher, e enfim as tristezas e o recolhimento em que esta por ultimo vivia.

— E o Jacob?... que fim levou? quiz saber o Portella.

— Lá está! no mesmo! Não faz a menor mudança!

— O Jacob!... reconsiderou aquelle, com um ar cheio de recordações. E disse depois: Deve estar bem velho!

— Mas forte... Parece muito, mais moço que o commendador!

— E este? Sempre o mesmo, heim?

— Sempre. Eu vou lá duas vezes por semana fazer-lhe a escripta. Pouca cousa!

— Ah! você é quem faz agora a escripta do commendador?!...

— Sim, porque?

— Por nada...

E Portella ficou a pensar.

Na primeira occasião em que esteve de novo com o João Rosa, abriu-se francamente com este a respeito do famoso documento que estava em poder do commendador.

— Você sabe o que são estas cousas!... disse em confidencia muito amigavel. Eu estou no commercio... Aquelle velho é muito capaz de cortar-me a carreira... Elle é rancoroso!...

— Oh!... fez o outro, estalando os dedos.

— Por conseguinte, se você me conseguisse arranjar esses papeis... eu saberia recompensar o seu trabalho...

— Não sei, homem! Elles devem estar muito bem guardados! em todo o caso...

— Ora, na sua posição ser-lhe-ha muito facil de os descobrir; e o commendador, quando der pela falta delles, não acreditará que você os tenha subtraído, porque aquillo não representa nenhum valor. Para que diabo podia você precisar de papeis velhos?... Não são documentos de divida; não representam dinheiro, nem objecto de preço!... O mais que o velhote poderia suppôr, é que alguém os tivesse inutilisado sem saber do que se tratava.

— Isso é verdade...

— E eu lhe daria um conto de réis, se você me arranjasse o que lhe digo. É preciso notar : com o documento assignado por mim, deve estar uma carta, tambem minha, dirigida a Thereza, e um frasquinho de vidro com um liquido transparente. Arranje-me isso e dou-lhe um conto de réis. Depois, como para ambos convem guardar o segredo, a cousa ficará só entre nós. Hein? Serve-lhe?...

— Eu vou vêr se encontro...

— Você, querendo, acha...

— Póde ser.

E, quando os dois se separaram, já estavam perfeitamente combinados.

## XXVII

### O BEIJO

Coíncidiram com a chegada do Portella ao Rio de Janeiro os primeiros symptomas nervosos que se apoderaram de Olympia, pouco depois do rompimento dos laços conjugaes. O commendador, preoccupado com os incommodos da filha, não pensava em outra cousa. Passeios, distracções, romances, tudo lembrava elle para distrahir a enferma. Ora em Petropolis, ora em Theresopolis, ora em Barbacena, andaram os dois, perto de dois annos, em inutil e constante peregrinar.

Isso explica a razão por que Portella não foi logo, desde a sua chegada, perseguido pelo commendador. Não havia tempo para cuidar da vingança; o velho andava arredado de casa, esquecido de si e só cuidadoso da sua adorada Olympia.

Entretanto, Portella, que comprehendera perfectamente a situação, tratou de não perder tempo e firmar na Côte os seus alicerces, de modo a poder mais tarde resistir aos golpes do marido de Thereza, quando este porventura o quizesse derrocar. Uma vez firmado em terreno solido, não tinha que receiar do

inimigo, e quasi que podia de antemão contar com a victoria.

N'esta convicção se estabeleceu e abriu a trabalhar com a furia de quem foge de um grande perigo. Todo o seu empenho era grangear sympathias, ganhar posição e ajuntar dinheiro. Tudo isso conseguiu elle em muito pouco tempo. Portella não esperdiçava um segundo, accumulava quasi todo o trabalho do seu armazem, fazia a correspondencia, a escripta e a venda ao balcão. Dentro de um anno estava a sua casa já perfeitamente acreditada; o commercio dos vinhos desenvolvea-se com um impulso prodigioso. Portella augmentou então o pessoal, alargou o armazem, e de novo foi a Portugal. Quatro mezes depois era de volta, com um novo carregamento e novas especulações. Antes de chegar o terceiro anno de seu commercio no Rio de Janeiro, já lhe havia pingado da patria sobre a golla do casaco a vermelha tetéia por que elle tanto suspirava.

Portella definitivamente era um homem feliz. O documento em poder do outro, longe de o prejudicar, servira, como vemos, para lhe inculcar no animo resolução e coragem. Dois annos depois o Sr. commendador Portella gosava das melhores sympathias, estava já arranjadinho de fortuna, e olhava de frente para um futuro de causar inveja.

Não tardariam a abrir-se em torno d'elle as boas relações, os bons sorrisos, as boas rodas fluminenses. No Rio de Janeiro, com uma casa de negocio, uma casaca e uma commenda, vae-se a toda parte e percorre-se familiarmente toda a escala social, desde os bailes da Princeza, até ás bacchanaes das irmandades carnavalescas.

E o certo é que o demonio do Portella tinha um typo que se prestava maravilhosamente ás suas aspirações. Ninguém daria melhor um commendador. Desde que lhe chegou o titulo, principiou a transformar-se. Caminhava agora mais teso, empinava a cabeça, esticava as pernas e dilatava os labios n'esse risinho discreto e malicioso dos ricos condecorados. Uma vcz raspado o bigode, talhada a suissa e desfalcados pela calva os cabellos da cabeça, terá logo o leitor defronte dos olhos aquelle legitimo commendador, com quem tão boas relações travou no primeiro capitulo deste romance.

Mas, como já temos o commendador Ferreira, sejam permittido continuar a tratar o segundo simplesmente pelo nome. Continuará a ser « O Portella. »

Quando o Portella chegou ao Rio, justamente ao tempo em que se via o commendador atrapalhado com a molestia da filha, João Rosa ficou exclusivamente encarregado dos negocios do pae de Olympia. Não podia pois desejar melhor occasião para cumprir o que promettêra ao amigo : a casa estava toda em suas mãos; ninguem o surprehenderia emquanto dêsse a busca.

João Rosa por conseguinte começou a procurar os taes documentos com toda a calma e toda a segurança; e, com tanto geito e minuciosidade mexeu e remexeu nas gavetas e nos segredos do patrão, que, em vez de achar o objecto procurado, achou cousa muito melhor; achou um pequeno cofre de ferro, que jazia cuidadosamente occulto num esconderijo, feito de proposito para isso na parede, por detraz da burra.

O cofre pesava e tinha um segredo na fechadura.

João Rosa não descansou em quanto o não abriu.

Estava cheio de libras esterlinas. Ninguém sabia a procedencia d'esse dinheiro, nem o destino que o commendador lhe tencionava dar. Não constava d'elle em nenhum dos livros de sua escripturação e em nenhuma das notas esparsas.

João Rosa teve uma tentação diabolica. O commendador só mais tarde poderia dar por falta do cofre, e aquelle dinheiro representava perfeitamente a independencia do caixeiro. Lembrou-se de tomar passagem no primeiro vapor e fugir do Brasil com o seu thesouro, mas reconsiderou : Para que fugir?... Aquelle dinheiro estava por tal fórma bem escondido, que o commendador não poderia imaginar que alguém dêsse com elle... e d'ahi, quem sabia lá se o proprio commendador tinha sciencia de semelhante cousa?... se aquelle bello segredo não existia alli antes d'elle tomar conta da casa?... De qualquer fórma, concluiu o velhaco — não era preciso fugir; tudo se poderia arranjar limpamente, sem espalhafatos de viagens.

E, adoptadas estas reflexões, João Rosa procurou o Figueiredo, pediu a sua conta e deu-se por despedido. Só lhe faltava pôr em dia o exíguo trabalho que estava a seu cargo e esperar pelo commendador, para se despedir d'este tambem por sua vez.

Portella, sempre que o via, lhe perguntava logo pelo resultado daquillo que os dois haviam combinado entre si. O outro se desculpava; não descobria os taes documentos, mas que Portella podia ficar descansado, que, se estivessem elles em casa do commendador, lhe haviam de chegar ás mãos.

Dias depois os encontrou por acaso. Esteve quasi



a fazer que os não via, tão pouca importancia ligava elle agora a semelhante bagatella. Mas uma subita idéa de especulação, fel-o apoderar-se dos documentos e guardal-os cuidadosamente comsigo.

O commendador chegou n'esse dia, sem ser esperado. Vinha afflicto; a filha estava peor, o Dr. Roberto acompanhava-os, prevendo qualquer capricho da molestia. Receiava a paralyisia, o idiotismo e até á morte.

João Rosa declarou que não podia continuar ao serviço do commendador, disse que já não estava em casa do Figueiredo e precisava tratar-se dos pulmões em Barbacena. O velho aborreceu-se muito com isso. Pois o caixeiro queria abandonal-o n'aquella situação? O Dr. Roberto entendia que João Rosa não tinha necessidade de partir com tanta pressa. Mas o rapaz insistiu, queixou-se de que estava muito mal, tossiu, disse que já espectorava sangue, e dois dias depois recebeu o saldo que lhe tocava e entregou em dia o trabalho ao seu substituto.

Constou-lhe no dia seguinte que o commendador ia chamal-o ainda para pedir algumas explicações sobre o trabalho; João Rosa, a quem não convinha entrar em mais esclarecimentos, apressou a viagem e partiu na primeira madrugada, sem ter entregue os papéis a Portella, a quem escreveu um bilhete com as seguintes palavras : « Póde ficar tranquillo; acha-se tudo em meu poder. Em breve estarão com o senhor. »

Portella não se satisfez com isso e foi ao encontro de João Rosa. Já não o alcançou e retrocedeu para a Côte, porque tinha de fazer a viagem de que fallámos.

Decorreu um anno, Olympia não tinha melhoras, o commendador continuava sobresaltado.

João Rosa voltou cautelosamente á capital, hospedeou-se no Hotel do Caboclo e tratou logo de procurar Portella.

Encontraram-se na rua e seguiram juntos para o Passeio Publico, porque ahi conversariam mais á vontade.

O que se segue já o leitor sabe. Pedro Ruivo, que fingia dormir em um banco do Passeio, ouviu a conversa dos dois e empregou meios e modos de furtar os documentos do Portella; depois foi dar comsigo na Avenida Estrella, donde afinal sahiu, ameaçado e perseguido, para se esconder na gruta com o fructo do seu roubo.

Pois bem; acompanhemos o gatuno e vejamos o que fez elle dos papeis. Pedro Ruivo, logo que retomou o cofre na gruta, ganhou o matto e desapareceu por entre as folhas, como a ligeira cotia, quando sente perto de si algum rumor estranho.

É preciso observar que a gruta do Rio Comprido se estende por todo o sopé do monte e abre varias gargantas, offerecendo diversos caminhos, uns mais curtos e ás vezes mais difficeis, outros longos e naturalmente mais pittorescos e agradaveis.

Olympia, Gregorio e Augusto, n'aquelle passeio que descrevemos, foram pelo caminho mais comprido e pittoresco, e penetravam na gruta justamente pelo lugar onde esta principia. Pedro Ruivo, ao contrario, chegou lá pelo caminho mais curto e entrou por uma das gargantas lateraes, que abrem obscuramente para as bordas da floresta.

O gatuno, uma vez senhor do seu cofre, atravessou obliquamente a gruta e embrenhou-se no matto pelo lado opposto áquelle por onde havia entrado. Fazia

um bello luar, mas a vegetação enredava-se por tal forma, que os raios da lua muito a espaço se coavam por entre a mole balsamica da folhagem. Entreteciam-se os cipós e as parasitas, formando cortinas de verdura e como fechando aos forasteiros a passagem da matta. Se a viagem era difficil, tambem era perigosa, porque as cobras descem á noite dos seus covis, arrastando-se pelo morro á procura do que comer e beber.

Mas Pedro Ruivo, aguilhoado pelo medo, varava o matto que nem uma anta assustada.

Atravessou o morro e, depois de caminhar tres horas seguidas, achou-se em um pantano sombreado de arvores. Palhoças esparsas branquejavam aqui e alli por entre o silencio melancolico da noite. Percebia-se a vizinhança de algum arrabalde pelo longinquo barulhar de cães, que ladravam á lua.

Pedro Ruivo continuou a andar. Estava em Catumbi. Em breve o paredão comprido do cemiterio começou a estender-se deante de seus olhos como uma mortalha que se desdobra. O bairro modorrava deserto. Ouvia-se ao longe a cançada musica de uma festa, e um burro invalido passeava silenciosamente pela estrada, a manquejar da perna.

O gatuno continuou a andar na direcção do campo de Sant'Anna. Não se arreceiava da policia, porque já a conhecia de perto. Em certa altura da Cidade Nova parou defronte de uma casa, em cuja porta brilhava um miseravel pharol de folha com a seguinte inscripção « Hospedaria do Gato. »

Pedro Ruivo tirou do bolso um pouco de dinheiro, que escamoteára do quarto de Gregorio, e poz-se a contal-o.

— Chega, disse elle comsigo. E bateu á porta da hospedaria.

Veiu abrir um homem magro e macilento, com a camisa por fóra das ceroulas e uma lanterna na mão.

— Ó Estica! Como vac essa força?

— Vae-se rolando, e você?

— Mais morto que vivo! Ainda ha logar por ahi?

— Sim, mas você já deve duas dormidas e sabe que...

— Ó seu vinagre! Eu não lhe disse que queria fiado!

— Tambem não é preciso zangar-se... Suba!

Pedro Ruivo caminhou na frente, enquanto o Estica fechava a porta, e estendia depois a lanterna para illuminar a escada.

— Isto por cá está preto como o padre! gritou Pedro Ruivo, já em cima, dando um encontrão.

— Espere lá, creatura! Não faça barulho que póde accordar os hospedes!

D'ahi a pouco se introduziam os dois por um estreito corredor formado de tapumes de madeira. E depois de uns trinta passos, chegaram ao quarto que o estalajadeiro destinava ao Ruivo.

— Prompto! disse o homem, pousando a lanterna no chão e procurando matar uma pulga que sentiu na perna.

Pedro Ruivo tirou do bolso uma nota de dez tostões e p. ssou-a ao outro, dizendo-lhe que pagasse as tres dormidas e lhe trouxesse paraty. Em seguida assentou-se na especie de cama que havia no quarto e collocou ao lado de si o cofre.

O Estica, que se tinha afastado, voltou com um pequeno copo de aguardente e entregou-o ao Ruivo.

— O troco? reclamou este.

— Que troco?...

— Seis tostões do que eu devia, trezentos réis de hoje, tres vintens de paraty; ainda tenho quarenta réis. Venha!

— Você sabe que depois da meia noite o paraty é um tostão!...

— Ladrões como ratos! resmungou Pedro Ruivo, tirando do bolso um pedaço de véla, que accendeu na lanterna do hospedeiro.

— Boa noite! disse este, afastando-se.

Pedro Ruivo fechou a porta, accendeu o cachimbo e grudou a véla no chão com alguns pingos da mesma.

O quarto teria doze palmos sobre seis de largura. A cama, unico objecto que lá se achava, além de um moringue esborcinado, era de ferro e sem lençoes.

Ruivo assentou-se no chão, abriu o cofre e, depois de beber um gole de aguardente, começou a examinar-lhe minuciosamente o conteúdo. Encontrou a declaração assignada pelo Portella, a carta em que este remetia o veneno á amante, e mais uma photographia de cada um dos criminosos, competentemente emolduradas.

— Ora! disse o gatuno quando se convenceu de que mais nada havia. Para tão pouca cousa não era preciso uma caixa d'este tamanho! (E passou a lér com difficuldade os papeis, tendo examinado minuciosamente os retratos.)

— Este deve ser d'aquelle sujeito gordo do Passio Publico, considerou elle, procurando mentalmente comparar a photographia do Portella com o original. E accrescentou, passando a examinar a de The-

reza: — Esta outra não conheço, mas deve ser gente graúda, a julgar pelo luxo com que está vestida! Emfim, havemos de vêr quanto tudo isto poderá dar!...

Em seguida, tirou um cordão do bolso e com elle fez um só pacote dos papeis e dos retratos.

— Amanhã temos tempo para tratar d'isso!...

E metteu o pacote na algibeira do paletot, do qual fez uma rodilha e improvisou um travesseiro; em seguida deitou-se e adormeceu logo, porque estava muito cansado.

Só d'ahi a tres dias conseguiu encontrar-se com o Portella. Este, que já vivia desesperado com o sumisso dos documentos, e suppunha que João Rosa pretendia especular com elles, ficou muito satisfeito com as primeiras palavras do Ruivo.

— Está tudo aqui! disse o gatuno, mostrando o pacote. Se quizer fazer negocio, é questão decidida!...

— Eu dou-lhe uma boa gorgeta...

— De quanto? perguntou o gatuno.

— Deixe estar que por isso não havemos de brigar...

E apresentou uma nota de cem mil reis.

— O que é lá isso!... Um conto dava o senhor ao outro!

— Pois você imaginou que eu seria capaz de lhe dar um conto de reis?

— Foi o senhor mesmo quem marcou o preço, lá no Passeio Publico.

— Sim, mas isso era para descontar no que me deve aquelle sujeito. Com você o caso muda de figura. Tenho de pagar em dinheiro!

— Pois eu só entrego os papeis por um conto de réis.

— Não! d'essa fórmula não quero.

— Bom, n'esse caso farei d'elles o que bem entender. Já sei quem m'os ha de comprar...

— Não seja tolo, porque esses papeis não têm valor para mais ninguem.

— Paciencia! Ficarão commigo. Eu tambem gosto de photographias...

— Quer duzentos mil réis?

— Nem quatrocentos.

— Pois então faça o que entender!

— Adeus, disse o Ruivo, afastando-se.

— Olhe! voltou o outro. Dou-lhe quinhentos...

— Não vae nada! respondeu o Ruivo. Quer dar o conto ou não quer?

— Ora, vá pentear monos! exclamou Portella, certo de que o gatuno havia de voltar, quando se convencesse de que não alcançaria maicr pagamento.

Mas Pedro Ruivo não voltou, e Portella, que por essa época havia tomado a seu serviço o Talha-certo, encarregou a este tratante de alcançar os papeis das mãos do sucio.

— Nem é preciso dar-lhe nada! afirmou o capangá, com o ar de quem confia muito em si. Póde ficar descansado, patrão, que os papeis hão de aqui chegar, quer aquelle bisborria queira, quer não queira!

A coisa, porém, não era assim tão facil. Talha-certo não conseguiu, como suppunha, alcançar immediatamente os papeis do poder de Pedro Ruivo. E Portella, poucos dias depois, ao passar pela rua dos

Ourives, teve que esconder-se no primeiro corredor, porque o gatuño, logo que o viu, principiou a gritar-lhe com as mãos nas cadeiras: « Então, commendador, seu capanga está encarregado de arrancar-me os seus documentos, hein?! Quer vér se pillha a cousa sem puxar pela bolsa! Está enganado, meu amigo, ou o senhor cae com o cobre, ou tudo aquillo vae publicadinho no jornal. É escolher! »

E, desde então, o Pedro Ruivo se converteu para o negociante de vinhos em uma sombra perseguidora. Portella já estava resolvido a dar-lhe o conto de réis, ou mais, com tanto que se visse livre d'elle por uma vez; porém, temia agora entrar em qualquer ajuste, porque o maldito se punha ali a gritar e a fazer escandalos.

Talha-certo offereceu-se ainda para o despachar com uma boa navalhada.

— Isso é peor! respondeu o Portella; você não lhe dava cabo da pelle e o homem afinal ficava mais assanhado! Além de que não me convem assassinar pessoa alguma... O melhor é dar-lhe o dinheiro e ficarmos livres por uma vez dessa massada.

E assim resolveram. Talha-certo começou a procurar Pedro Ruivo; mas este não apparecia. Ninguem sabia dar noticias d'elle.

Pedro Ruivo não era encontrado na capital pelo simples facto de haver partido poucos dias antes para S. Paulo, á-sombra de um fazendeiro de boa fé; que se deixou commover pelas labias do velhaco. O aventureiro ainda possuia o talento de impressionar, quando estava de maré para jogar com a physionomia. O Portella é que não podia ficar tranquillo, emquanto não estivesse senhor dos documentos, e



recommendava sem cessar ao seu capanga<sup>a</sup> que se não descuidasse nas pesquisas.

Mas deixemos tudo isso de parte. Tenha a bondade o leitor de unir os pés, encolher os braços, dobrar ligeiramente as pernas e dar ao corpo o impulso necessario para um novo salto. Vamos pular por cima dos episodios, que medeiam desde as scenas da Avenida Estrella até áquella critica situação em que deixámos Gregorio ao lado de Olympia no pequenino chalet da Tijuca.

Não precisa empregar o leitor toda a sua força de musculos, porque o salto, se comporta muitas scenas, não abrange todavia muito tempo.

Prompto! Estamos novamente em casa do commendador Ferreira. O Dr. Roberto segue viagem para o norte. Olympia parece já consoladada morte de Scott, e o velho Jacob acompaña fielmente aos amos.

São sete horas da tarde. O sol mergulhou no horizonte, ensanguentando o céu. A natureza envolve-se no crepusculo da noite para adormecer. O canto da cigarra vae amortecente, á proporção que recrudesce no fundo dos valles o coaxar das rãs.

Na rua accendem-se os lampeões; os bonds passam de um quarto em um quarto de hora, e um piano da vizinhança soluça o *Spirito gentil* da *Favorita*.

Penetremos no gabinete, onde deixámos Gregorio, assentado aos pés de Olympia. Ella acaba de erguer-se e de afastar-se, abandonando o pobre rapaz estarecido de pasmo sob a impressão daquella terrivel phrase: « Você é um idiota! » O album, que os dois folheavam, jaz-estatelado no chão. Gregorio permanece estatico no seu tamborete, e olha com espanto

para a cortina da porta, que ainda treme com o repellido que lhe deu Olympia ao sahir.

O commendador, que acabava de fazer a sua sêsta, appareia então na sala de jantar. A filha correra para elle, alvoroçada, passára-lhe os braços em volta do pescoço, e déra-lhe um beijo na face.

O velho, meio perturbado pela effusão d'aquella carieia brusea, ia pedir a explicação d'ella, quando a rapariga lhe eortou a palavra, perguntando em que dia sahia o primeiro paquete para a Europa.

— Hein?! o primeiro paquete?! Queres viajar?!

— Quero; quando sáe o primeiro vapor?

— Não sei ao certo; talvez só no principio do mez que vem...

— Não me serve! Quero antes. Que viagem ha por estes dias?

— Mas que resolução é essa?...

— O meu Deus! Sempre os mesmos espantos! Pois o medico, e o senhor mesmo, não me têm aconselhado constantemente que faça viagens?!...

— Sim, mas tu mostravas uma tal repugnancia!...

— Mas já não mostro, ora essa!

— Bem. Vamos tratar d'isso...

— Então seguimos no primeiro vapor que sahir!

— Para onde?! perguntou o pae, assustado.

— Seja lá para onde fór... O destino do primeiro que sahir!

— Isso é loucura!

— Pois então seja! Não viajo! Acabou-se!

E Olympia afastou-se para seu quarto, de máo humor.

O velho foi enencontrar-se com Gregorio na sala de visitas. Jacob acabava de accender o gaz.

Depois dos cumprimentos, o commendador, que vinha ainda impressionado pelas palavras da filha, principiou logo a fallar sobre o projecto de viagem.

— Ah! D. Olympia quer viajar?... perguntou Gregorio.

— Quer, e é sangria desatada; quer metter-se no primeiro vapor que sahir!...

— E a causa d'essa resolução?

— Ora! a causa! nervos! Tudo aquillo são os nervos que estão trabalhando. Eu só peço a Deus que me dé paciencia, ao menos até vê-la completamente restabelecida.

E o paciente velho, depois de dar uma volta pela sala, accrescentou com um gesto de contrariedade:

— E logo agora é que não está ali o Dr. Roberto. Ao menos se o Dermeval apparecese!...

— O commendador o que resolveu?

— Eu, já se sabe, faça-lhe a vontade. O doutor disse que a não contrariasse!...

— Então sempre seguem no primeiro vapor?...

— Não sei se no primeiro, mas se Olympia não mudar de resolução, iremos quanto antes. É o diabo, porque eu até precisava estar aqui por este tempo á testa de umas tantas cousas; além de que muito me custa deixar a casa assim ao desamparo, como aliás ella se acha desde que Olympia cahiu doente.

E, depois de uma pausa em que ambos ficaram a pensar, o commendador accrescentou:

— Homem, o senhor é que podia vir conosco!...

— Eu, exclamou o rapaz. É impossivel! Posso lá viajar!...

— Não! isso até lhe seria muito util... O senhor está em excellente idade de conhecer a Europa. Olhe,

para não ir com as mãos abanando, eu o encarregaria da minha correspondencia, pagando-lhe o trabalho. Então? Que tal lhe parece a idéa?...

— Não, não é possível, respondeu Gregorio, perturbado. Tenho muito desejo de visitar a Europa, mas não nessas condições...

— É que o senhor nunca encontrará ocasião melhor.

— Sim, mas...

— O senhor não tem aqui familia que o prenda; seu emprego não depende do governo; que, pois, o poderia impedir de fazer-nos companhia?...

— Não ha duvida, balbuciava Gregorio, sem animo de resistir; mas é que não sei se farei bem em aceitar o seu convite...

— Ora, deixe-se de historias, Gregorio! Eu conto com o senhor! Não me diga que não!

— Mas...

— Não admitto razões! Sei que será para seu bem!

— Ora esta!... disse consigo Gregorio, logo que se afastou o commendador. Isto não é o demonio? Pois eu a fugir do perigo, e o proprio pae a empurrar-me cada vez mais para o lado da filha!...

E, tendo reflectido por alguns instantes, resolveu aceitar a situação.

— Vou! concluiu elle; aconteça o que acontecer! Aquella mulher não me tornará a chamar idiota!

Mas d'ahi a pouco, quando se servia o chá, o commendador disse á filha. — Sabes, sinhásinha? O Gregorio vae connosco.

— Heim?! perguntou ella, apertando os olhos. Connosco para onde?

— Ora essa! Já te não lembras? replicou o velho, rindo. Pois não estamos com uma viagem projectada?

— Ah! já não pensava em semelhante cousa. E, se fossemos, eu não consentiria que esse senhor se incomodasse em acompanhar-nos...

— Oh! minha senhora, disse Gregorio levantando-se; eu teria o maior prazer em...

— Sim, mas eu, repito, é que não consentiria!

E, quando ella ficou só com o pae, lhe perguntou logo que idéa extravagante era aquella de convidar um estranho para a viagem.

— Estranho é o que estás dizendo, menina! É a primeira vez que te vejo fallar assim desse pobre moço. Tu te mostravas tão amiga d'elle; ficavas tão satisfeita quando elle te apparecia; sempre achavas bem escolhidos os livros, os jornaes e as gravuras que elle te offertava, e agora chamas extravagancia convidal-o para nos fazer companhia! Pensei até que, convidando-o, te fosse eu muito agradável; além de que, eu e o Jacob nem sempre poderíamos em viagem estar ao teu lado, conversar contigo, e o Gregorio coitado, parecia-me excellentē para isso; mas, uma vez que já não pensas em viajar, nem precisamos estar aqui a fallar ainda em semelhante cousa!...

— Não. Eu estou disposta a fazer a viagem; ainda ha pouco disse aquillo para não ter de declarar francamente que não accitava a companhia do Gregorio.

— Isso agora é que é o diabo! resmungou o commendador; já convidei o rapaz, elle não queria ir; insisti, afinal accitou. Ora, com que cara vou eu dizer-lhe agora que fica o dito por não dito?! que diabo de desculpa lhe posso eu dar?!

— Pois então não dê desculpa nenhuma! não se fará a viagem!

— Mas tu tens alguma razão de queixa do Gregorio?...

— Eu não tenho razão de queixa de ninguém!

— Mas então porque não queres que elle vá, minha filha? Se a tua viagem é um pretexto de distracção, que mal faz mais um companheiro?...

— Temos outra! disse ella. Póde o senhor provar quantas vezes quizer que será melhor levarmos o Gregorio em nossa companhia; eu entendo que não e declaro que não estou disposta a ser contrariada!

— Está bom, não te zangues, minha filha; Gregorio não irá connosco! Eu retirarei o convite que fiz.

No dia seguinte, com effeito, o commendador remetteu ao moço uma carta muito attenciosa, dizendo que havia pensado bem no sacrificio que exigira d'elle e estava agora resolvido a não o acceitar.

Gregorio comprehendeu tudo, mas dissimulou. À noite appareceu em casa do commendador e Olympia o recebeu friamente. Durante o serão não lhe dirigiu a caprichosa uma só vez a palavra.

O rapaz voltou dessa visita muito contrariado e triste.

Não poudo dormir; a imagem de Olympia não lhe sahia da cabeça.

— Sou mesmo um idiota! repetia elle, a voltar-se de um para o outro lado da cama. Sou um idiota! ella tem toda a razão! Pois se a desejo, se a adoro e se me não posso fazer seu marido, porque a repelli tão asnaticamente?...

No dia immediato apresentou-se de novo em casa do commendador, ás mesmas horas do celebre epi-

sodio do album. O velho, como então, fazia a sua séssta; Olympia passava os olhos por um livro, assentada no jardim, debaixo de um caramanchão.

Gregorio entrou sem ser sentido, encaminhou-se para ella, pé ante pé, e, quando a teve ao seu alcance, deu um salto para a frente e surpreendeu-a com um beijo na bocca.

Pela noite d'esse mesmo dia, quando Gregorio se retirou da casa do commendador, Olympia disse ao pae que já estava resolvida a consentir na viagem em companhia do rapaz.

— Então para que me obrigaste a destruir o meu convite?... Ora ahí está uma d'essas cousas com que devéras me aborreço!

— Mudei de resolução! respondeu Olympia, sem erguer os olhos.

— Tanto peor para ti, replicou o pae, porque agora o passo está dado! Eu não hei de voltar atraz ainda uma vez! Havia de parecer caçoada; além do que, elle com certeza não acceitaria!...

— Encarrego-me eu do convite, disse Olympia, sem se perturbar.

— Estou presentindo é que acabarás por me fazeres ridiculo aos olhos d'aquelle moço.

No dia seguinte estavam de mudança para Botafogo. A viagem ficára resolvida para a primeira quarta-feira. Iriam para Lisboa em um paquete francez que havia de sahir n'esse dia.

Não fizeram itinerario. Demorar-se-hiam em cada logar o tempo que lhes appetecesse. Se Olympia aproveitasse com a viagem, elles seguiriam adeante, iriam a Paris, talvez chegassem á Inglaterra. Não sabiam ainda se se teriam de demorar mezes ou annos.

A casa de Botafogo ficára em uma grande desordem. Durante os poucos dias que precediam á viagem, o commendador não podia descansar um instante. Era preciso ordenar seus negocios, escrever cartas para a direita e para a esquerda, passar procurações, fechar o testamento e deixal-o em poder do Figueiredo.

Quatro dias era muito pouco tempo para tanta cousa. Mas o velho não descansava.

Olympia parecia reanimada com os sobresaltos d'aquella viagem. Vivia alegre, esperta, fallava com vivacidade, preparava-se com muito interesse, consultava os guias de viajantes, estudava mappas da Europa, discutia sobre as roupas que mais convinha levar. Á mesa não se tratava d'outra cousa; imaginavam-se peripecias, calculavam-se os episodios que haveriam de surgir quando se afastassem do Brasil.

Dois dias antes da sahida do vapor, o commendador passára a manhã todo occupado no seu gabinete. Interrompeu o trabalho para almoçar, porém mal sorveu o ultimo gole de chá, recolheu-se de novo, fechando a porta sobre si, depois de recommendar que o não interrompessem.

Gregorio ficou á mesa com Olympia. Não disseram palavra por alguns segundos, mas quedaram-se a olhar um para o outro, embevecidos, enamorados.

— Tu gostas muito de mim?... murmurou elle afinal, segurando-lhe uma das mãos.

— Se gosto!... respondeu ella, ameigando os olhos.

Mas tiveram logo de mudar de attitude, porque o copeiro appareceu para levantar a mesa.

Olympia propoz que se passassem para a sala de trabalho. Gregorio acompanhou-a.



— Sabes de uma cousa? segredou-lhe a filha do commendador, assim que se viu a sós com elle. Tu ainda és muito tolo!...

— Porque? perguntou Gregorio, tomando-a pela cintura.

— Por muitas cousas... respondeu ella, com a voz alterada... Às vezes tenho receio do futuro! Tu és muito creança!...

— Que tem isso, se te adoro, minha Olympia?

— Tenho medo das consequencias! Quando me lembro do modo austero pelo qual eu propria accusava as mulheres levianas... fico envergonhada, acredita!

— Não penses n'isso!...

— Não posso deixar de pensar. É tão bonito uma mulher conservar-se honesta!...

— Não penses n'isso, repetiu Gregorio, procurando chamal-a ao amor.

Olympia ia abandonar-se, quando um barulho surdo, de corpo que cae no soalho, a sobresaltou.

— Que é isto?! exclamou ella, correndo para a porta, tremula.

Jacob e os outros servos haviam já accudido ao estranho ruido. O choque partira do quarto do commendador. Jacob começou a bater na porta do gabinete. Ninguem respondia.

— Que succedeu a meu pae?! gritou Olym pia, já muito pallida, sem poder dar mais um passo, porque o corpo lhe tremia todo.

Ouviram-se então uns roncões gutturaes dentro do gabinete.

— Ai! gritou Olympia, perdendo os sentidos e estrebuxando.

Gregorio apoderou-se d'ella, enquanto os criados arrombavam a porta do quarto do commendador.

Encontraram-no estendido no chão, rôxo, com os olhos no branco, a bocca aberta, a lingua inchada, e os membros contrahidos. A burra estava afastada do seu logar, via-se o segredo da parede aberto e vazio. Sobre a mesa papeis revoltos. O quarto em desordem, denunciava que pouco antes houvera alli a busca desesperada de qualquer objecto.

## XXVIII

### PERPETUAS, VIOLETAS E CAMELIAS

A casa ficou logo numa grande atrapalhação. Olympia foi conduzida em gritos para o seu quarto. Dois criados correram a chamar o primeiro medico que encontrassem, e Jacob ajoelhou-se soluçando ao lado do amo.

Ninguem mais se entendia. Figueiredo, que fôra prevenido da catastrophe, apresentou-se esbaforido, a perguntar o que succedera n'aquella casa. Ninguem sabia explicar o que era.

Chegou afinal o medico. O commendador passou carregado para a alcova, e o seu ex-socio, com o bom senso pratico de que dispunha, tratou logo, inalteravelmente, de vedar a quem quer que fosse a entrada no gabinete.

Mais tarde appareceram outros facultativos e começaram logo a chegar visitas de amizade.

Olympia ficou prostrada de febre; as crises repetiam-se-lhe quasi sen inttermittencia. O Dr. Dermeval não lhe abandonava a cabeceira.

O commendador expirára á meia noite, depois de esgottados todos os recursos da medicina; e, como

não pudessem contar com a filha, que continuava sem dar accordo de si, o subdelegado da freguezia, acompanhado do competente escrivão, mandou proceder á apposição dos sellos nas portas do gabinete em que se achava o incompleto testamento do morto.

Só dois dias depois, quando alcançaram cinco testemunhas, a mesma auctoridade tornou a abrir as portas, para se formar o testamento nuncupativo.

Olympia por esse tempo havia sido conduzida já para a casa do Figueiredo. Não lhe disseram que o pae deixára de existir.

O enterro sahiu ás cinco horas da tarde do dia immediato ao fallecimento do commendador. Foi muito concorrido. O commercio abalou-se; os carros formaram uma serpente negra, que se estendia por toda a praia de Botafogo. Um poeta da época, amigo de algum dos caixeiros do Figueiredo, recitou uma poesia, de que se fallou depois, entre negociantes, com muito agrado, e o *Jornal do Commercio* publicou, na sua parte ineditorial, um artigo sério a respeito do fallecido, pondo-lhe em relevo as qualidades praticas, as suas virtudes de pae de familia e os serviços que elle em vida prestára ao Brasil, como socio benemerito de varias instituições philantropicas.

O testamento do commendador Ferreira causou muita impressão; era um testamento original. O pobre homem fôra surpreendido pela morte, justamente na occasião em que reunia os seus papeis e formulava as suas disposições. Encontraram um agglomerado de notas e declarações.

Havia varias referencias. O fallecido desherdava a mulher, porque se casára com escriptura de sepa-

ração perpetua de bens. Referia-se o testador a uma declaração de Luiz Portella, a qual não appareceu no logar indicado; havia tambem uma referencia ácerca de certo cofre de ferro, contendo cinco mil libras esterlinas, que o fallecido legava á sua filha Olympia. O cofre não appareceu egualmente.

Deram-se logo as providencias para se proceder a inquerito no empregado que se encarregára da escripta do commendador e no pessoal da casa. João Rosa estava ausente.

Constava ainda, nas disposições do morto, de um legado de vinte contos destinados ao advogado que se quizesse encarregar de procedêr contra Portella. E, no caso que esse dinheiro não pudesse ter semelhante applicação, deveria reverter, no fim de dez annos, em beneficio do Gabinete Portuguez de Leitura. Isso mesmo dizia o fallecido em uma carta dirigida á redacção do *Jornal do Commercio*.

O mais eram disposições sobre bens moveis e immoveis.

Portella achou muito prudente ir á Europa buscar um novo sortimento de vinhos. Mas um amigo seu, entendido em tricas do fóro, affiançou-lhe que as declarações do commendador não faziam fé perante a lei. — Portella que estivesse descançado : não lhe poderia succeder por ahi violencia alguma.

O homem, porém, não se tranquillizou com isso, e deu de vélas para Portugal. O que elle temia não era precisamente ter de cumprir com as determinações do defunto, mas era cair no ridiculo e desmoralisar-se aos olhos da mulher a quem pretendia para esposa : aquella aggregada da casa de D. Januária, de quem vamos agora tornar a fallar.

Chamava-se Mathilde.

Não conhecêra os paes. O tutor havia tres annos, quando ella tinha quinze, retirou-a do collegio para a confiar aos cuidados da velha Januaria.

Esse tutor era um velho pharmaceutico, que enriquecêra a curar feridas de máo character a cinco mil réis por cabeça. Homem de inalteravel economia e de uma saúde inquebrantavel. Poucas pessoas, rarrissimas, o conheceram mais moço. Ha vinte annos era aquillo mesmo que se via agora.

Cabellos curtos, grisalhos, cara toda raspada, bocca secca, dentes magnificos, hombros largos, pouca barriga e pouca estatura. Enviuvára aos quarenta annos para nunca mais casar. Agora tinha setenta. A esposa não lhe deixára filhos, mas elle arrangára dois naturaes, um dos quaes trabalhava em sua companhia na pharmacia; o outro nunca tomára caminho, cahira na vagabundagem e era de vez em quando recolhido á estação de policia, bebedo.

O velho chegára-lhe ao pello por varias vezes uma bengala de canna da India, que trazia sempre consigo. Mas da ultima o peralta ganhára a rua, gritando ao pae que, em vez de lhe abrir feridas nas costellas, melhor seria que as fosse fechar aos fre-guczes! E nunca mais appareceu.

O pharmaceutico tambem não queria ouvir fallar em semelhante biltre; « Que o leve o diabo! » resmungava elle, quando algum lhe levava noticias do filho. « O governo é que ha muito tempo lhe devia ter pregado o covado e meio de canno ás costas. Para não ser ruim! Peste de um vadio! »

O pharmaceutico era muito excentrico, era um typão : não tirava da cabeça o seu grande chapé u

de pello de seda, cuidadosamente alisado. Às seis horas da manhã já estava de pé ao balcão da botica, a curar feridas, a despachar receitas, a misturar unguentos e embolar pilulas; ás nove horas subia para almoçar, e, mal terminado o almoço, voltava ao trabalho, sem nunca descobrir a cabeça. O jantar era justamente a mesma cousa que o almoço, com a differença das horas. De resto não ia a theatros, não visitava ninguem que estivesse de saúde, e o tiro das nove da noite já o encontrava dormindo, não de chapéu, mas de barrete de algodão; o outro, o seu companheiro de todo o dia, o chapéu, esse descansava então ao lado da cama, dentro de uma caixa de couro.

Era muito popular, muito conhecido, se bem que pouco estimado. Contavam delle algumas aneddotas engraçadas e pequeninos factos de grande miseria.

As circumstancias que fizeram d'elle tutor de Mathilde, não pôdem interessar a ninguem. A rapariga era filha de um sujeito, outr'ora seu caixeiro, e que lhe pedira na hora da morte tomasse conta da pequenita. Como o agonisante deixava para ahi fortuna superior a quatrocentos contos, o pharmaceutico encarregou-se da tutoria, chegando-se mais tarde a dizer até, pela bocca pequena, que elle especulava com os bens da orphã.

Contos largos! O certo é que Moreira, tal se chamava o pharmaceutico, por mais de uma vez déra aos demonios semelhante massada, e jurára, sem tirar o chapéu da cabeça, que nunca mais cahiria na esparrella de se fazer tutor de ninguem! « Nem de meu proprio pae, que se apresentasse! » bradava elle cheio de indignação.

Entretanto Mathilde bem pouco lhe poderia dar que fazer, porque era de seu natural não exigente e summamente docil.

Nada tinha ella de bonita, nem de espirituosa, mas dispunha de um todo sympathico e bondoso. Não attrahia pelos encantos, mas encantava pela simplicidade dos seus gostos, pela doçura da sua voz e pela docilidade do seu genio.

O aureo cheiro do dote dava-lhe a muitos olhos certo prestigio, e puxava sobre ella as vistas cubiçosas de uma matilha de galfarros. Mas de todos os pretendentes era Portella o que até ahi parecia preferido, tanto pela abastada rapariga, como por D. Januaria, cuja opinião não devia ser para desprezar em semelhante assumpto.

D. Januaria gosava para o Moreira, e para muita gente, immaculada reputação de honesta. Em sua longa e pobre viuvez ninguem achára jamais com que lhe ennodar a pureza dos costumes e a austeridade da conducta.

Ser honesta ao lado de um marido moço, forte, e de cujas mãos caíam nas da mulher os recursos necessarios para manter confortavel e decentemente a vida, muito pouco será; mas ser honesta, quando é preciso tirar da agulha e do ferro de engommar os meios de subsistencia; ser honesta aos vinte annos, quando temos a bolsa pobre e o sangue rico; quando o armario está vazio, mas a imaginação cheia; quando a cozinha está gelada, mas o coração encandecido; ser honesta com os cabellos pretos, a tez limpa e fresca, os olhos brilhantes e formosos; ser honesta quando se tem todos os dentes e não se tem o que comer; quando se tem um collo branco e macio e



não se tem com que o resguardar — isso é muito, isso é extraordinario!

Januaria foi assim. Enviuvou pouco depois de casar e, aos vinte annos, em plena mocidade, na primavera dos seus encantos, quando lhe verdejavam e floresciaam as esperanças no coração, ella resistiu a todas as vozes seductoras, que lhe suspiravam e gemiam em torno dos ouvidos, como se a alma apaixonada de Tenorio andasse errante pelo espaço, a cañar eternamente os seus amores egoistas.

Offereceram-lhe sedas, joias; fallaram-lhe em caruagens; mostraram-lhe, da miseravel janella da sua mansarda, o mundo feliz que lá embaixo se embriagava de prazer. E o marulhar d'aquelle oceano de gosos, e o crepitar dos risos e dos beijos, e o ruido quente dos almoços no campo, pelas manhãs de verão, á sombra das mangueiras ou ao sussurrar das cascatãs da Tijuca; nada venceu conquistal-a.

Embalde o champagne transbordou das taças o seu aljofar inebriante; embalde Offenbach atirou aos ares as notas endemoninhadas das suas partituras; embalde os carnavaes, os vaudevilles, os hoteis, os circos e as corridas estridularam por toda a parte, chamando á loucura, ao prazer, ao riso! A pobre viuva fechou-se a tudo isso e continuou a aviar êncommendas de costura, ao lado de uma velha patativa, que possuia ainda do tempo do marido.

Foi n'esse tempo que a conheceu o pharmaceutico. Januaria, quando lhe escassearam as encommendas de costura, desfiava linho usado, para vender o fio nos hospitaes e nas casas de caridade. Moreira era um dos seus bons freguezes. Já por essa época explorava elle, com muito successo, as feridas do proximo.

Era moço então — teria trinta e cinco annos; não sabemos se já gozava da singular mania do chapéu, mas podemos affirmar que foi elle um dos primeiros demonios dos que tentaram desviar a formosa e rispida viuva da perfumada e santa obscuridade em que vivia.

A principio, o pharmaceutico, cujos negocios da botica iam já perfeitamente encaminhados, suppoz a cousa muito facil de resolver e declarou francamente a Januaria as intenções que mantinha a seu respeito.

— A senhora deve ter uma casita mclhor e mais guarnecida do que esta, disse elle, com o aspecto desinteressado e superior de quem gosta de fazer o bem pelo bem; deve egualmente passar melhor de bocca e poder contar com certas commodidades e certos arranjos domesticos. Roupa, por exemplo: a senhora quasi que não tem o que vestir! O kerozene estragallhe a vista; e este trabalho, tão puxado, póde vir a dar-lhe com os ossos no cemiterio! Deve a gente trabalhar para viver e não para matar-se! A senhora puxa demais pelas forças, abusa do trabalho; é impossivel que isso não lhe venha a fazer mal!...

— Que remedio!... respondeu ella, com um gesto de resignação; as costuras dão agora tão pouca cousa!...

— Mas para que só conta com as costuras?... A senhora precisava de alguém que a ajudasse; algum rapaz decente e de bons costumes que a protegesse...

— De que modo? perguntou ella, talvez comprehendendo já a intenção do pharmaceutico.

— Ora, de que modo! Ha tantos modos de proteger uma pessoa!...

— E' por isso mesmo que eu pergunto qual d'elles é...

— Que modo ha de ser?... ligando-se á senhora... Diga-me uma cousa : se lhe apparecesse um rapaz nessas condições e que estivesse disposto a fazer o que eu disse, a senhora não o aecceitaria?...

— Ah! se elle fosse boa creatura e se se agradasse de mim... não digo que não... mas qual! interrompeu ella com um sorriso triste e ao mesmo tempo graciososo ; quem hoje escolhe uma viuva pobre como eu?...

— Quem?! exclamou o Moreira esquentando-se. Um rapaz que eu cá sei!...

— O senhor está graeejando!... observou ella.

— Por Deus que fallo a serio!

— E esse rapaz quem é?

— A senhora o conhece...

— Póde ser, mas eu conheço tanta gente!...

— Elle não está longe d'aqui...

— Não entendo...

— É um pobre pharmaceutico, chamado Moreira; não é rico, nem tem dotes physicos, mas passa por boa pessoa...

— O senhor?! perguntou ella, franzindo as sobrancelhas.

— Sim, minha querida Januarina, respondeu elle, procurando segurar-lhe uma das mãos. Ha muito tempo que estou doido por dizer-te isto, mas...

— Mas como, se o senhor é casado?!

— E que tem isso? .. Acaso, por ser casado, não posso tomar conta de uma mulher a quem ame?...

A viuva afastou-se tranquillamente, sem um gesto

de indignação, e, quando chegou á entrada do seu quarto, voltou-se e disse ao Moreira com toda a calma : — O senhor póde retirar-se e tenha a bondade de não voltar aqui, porque não o receberei. Diga a sua mulher que o vestido de fustão está prompto, e que me desculpe não lhe apparecer mais em casa para ir buscar as outras encommendas.

E fechou-se no quarto.

O pharmaceutico ficou a olhar um instante para a porta fechada. — Ora esta ! disse elle afinal e ganhou a rua, aborrecido com aquella decepção, mas instinctivamente penetrado de respeito pelo character da viuva ; o que aliás não impediu que, d'ahi por deante, nem só não lhe dêsse mais trabalho e não lhe comprasse o fio, como tambem ainda se empenhasse com alguns seus conhecidos para que fizessem outro tanto.

O resultado foi que a viuva, ao fim de pouco tempo, se achava a braços com um milhão de difficuldades e via, afflicta, chegar o momento terrivel em que fosse preciso um pedaço de pão para matar a fome, e não houvesse.

Então resolveu alugar-se como criada em casa de alguma respeitavel familia. Appareceu-lhe arranjo. Era uma gente que morava para além do campo de Sant'Anna, n'esse tempo ainda muito pouco corrido.

A principio custou-lhe bastante afazer-se ao seu novo estado, mas o desejo de viver honestamente, a necessidade ingenita de conservar-se virtuosa, triumpharam de todos os obstaculos, e Januaria conseguiu passar alguns annos a servir, sem nunca relaxar os seus principios de peregrina austeridade.

Quando lhe principiaram a seccar as faces, e os labios começaram a empobrecer de frescura e rubor, foi solicitada por D. Henriqueta dos Santos (aquella com que se casou Leão Vermelho) para ajudal-a no serviço da sua casa de pensão.

Só a morte da mãe de Clorinda conseguiu separal-as. As duas, como já sabe o leitor, se tinham feito muito amigas. Januaria possuia o segredo de viver bem com uma pessão do seu sexo, o que aliás é muito raro entre mulheres. Era muito condescendente, assejada, activa, amiga de servir e agradar. Ninguem lhe ouvia uma phrase de colera, ninguem lhe surprehendia um momento de máo humor. O sorriso parecia fazer parte intrinseca de seus labios; seus olhos eram doces e transparentes como os olhos de uma criança. N'aquella physionomia, calma e cheia de bondade, não havia resaiibo de resentimento ou de odio; n'ella tudo respirava resignação e paciencia. As neçessidades mortificadoras da sua triste vida não lograram azedar-lhe o sangue e derramar-lhe bilis no coração.

Como não seria bom o homem que nascesse d'essa mulher! Como não seria feliz a creatura que fosse em pequenina aquecida nas azas d'aquelle anjo! E ella, que possuia todas as subtilezas da ternura, todos os mysterios do amor legitimo e fecundo; ella, que parecia ter vindo á terra só para cumprir um destino de sacrificios e de abnegação; ella, como não saberia ser mãe! como não saberia dar-se toda ao entesinho querido que lhe sahisse das entra-nhas!

Entretanto Januaria nunca desfructu essa ventura; e quando nasceu Clorinda, ella deu á filha da amiga,

à sua afilhadinha, todo o farto thesouro de ternura maternal que lhe enchia o coração.

Não precisa o leitor de que lhe lembremos os successos determinados pelo casamento de Leão Vermelho, e sabe de certo, tão bem como nós, que, depois da morte de Henriqueta, a pequenita Clorinda ficou entregue aos cuidados da madrinha, enquanto o desventurado pae fugia para a patria, desesperado e perseguido.

Foi pouco depois d'isso que o pharmaceutico, já então viuvo e adeantado em annos, vendo-se na contingencia de retirar Mathilde do collegio e confial-a a alguma senhora verdadeiramente honesta, se lembrou de procurar a velha Januararia e lhe pedir que tomasse conta da abastada orphã.

D. Januararia accitou; e que mais tarde abriu logar ao namorõ de Portella com Mathilde.

Mas, deixemos por ora tudo isso de mão, para darmos conta final dos outros personagens que foram ficando abandonados pelos caminho, e irmos encontrar-nos de novo com Olympia e espreitar a posição que, ao lado d'ella, toma o nosso Gregorio.

A' filha do commendador muito custou consolar-se da perda do pae. O Dr. Dermeval viu-se em serias difficuldades para a erguer do estado de abatimento em que ficára.

Olympia transformou-se durante os quinze dias que succederam á morte do commendador; fez-se muito abatida, muito mais magra e mais nervosa. Eram precisos mil cuidados para evitar-lhe as crises. Em algumas rodas dizia-se até que a mulher do Gonçalves não estava muito boa da cabeça. Isso, porém, não tinha fundamento algum; e que ella estava era

summamente hypocondriaca, profundamente aborrecida e desconsolada.

Gregorio ficou desapontado com semelhantes transformações; suppunha elle que, depois da morte do commendador, Olympia lhe pertenceria mais exclusivamente; que desappareceriam os sobresaltos, os riscos, as torturas de todo o instante. E não se lembrava o inexperto de que é precisamente desses pequeninos e sos, excitantes e provocativos, d'essas galantes contrariedades, d'esses passageiros obstáculos, que se alimentam os amores, cujas raizes grassam mais pela phantasia do que pelo coração.

Olympia, logo que se sentiu independente, logo que pode estar á vontade com o amante todas as vezes que lhe appetecia, começou a enfraquecer de interesse por elle, a possuir-se de fastio por aquelle amor que ia amornecendo e cahindo a pouco e pouco na vulgaridade das cousas faceis e obscuras.

E, quanto mais Olympia se retrahia, mais se empenhava Gregorio em chamal-a ao seu affecto; já procurando lembrar-lhe os sonhos venturosos da passado, já provocando, com artificio, novas situações armadas ao sabor do espirito romanesco do amante. Tudo, porém, era de balde — Olympia não se mostrava menos enfastiada e parecia supportar o rapaz apenas por condescendencia.

Um bello dia Gregorio appareceu pouco antes do que era de costume.

— Ah! é você?... disse ella com o ar fatigado.

— Sei que não devia vir, respondeu elle, da porta, sem largar o chapéu; já não sou desejado...

E depois de observar o effeito que produziu a sua

phrase em Olympia, accrescentou, pondo uma expressão de queixa nas palavras :

— Agora chego sempre cedo de mais!... Reconheço que só posso ser agradável pela ausencia!...

A caprichosa não respondeu, e ficou a olhar demoradamente para as unhas da mão direita. Houve um silencio de alguns segundos.

Gregorio afinal aproximou-se della e passou-lhe um braço na cintura.

— Para que me tratas d'este modo? perguntou elle. Que fiz eu para merecer tamanha indifferença?... Porque me fazes padecer tanto, Olympia?... Sabes perfeitamente que és a unica consolação que me resta na vida! a minha unica ventura, minha unica...

Ella o interrompeu para lhe perguntar onde se encontraria um jardineiro que se quizesse encarregar da chacara, porque o preto velho que lhe fazia esse serviço, déra ultimamente para beber e estava insupportavel; ainda na vespera se apresentára tão embriagado que, na occasião de entrar no jardim, fôra de encontro a um bello jarro de louça vidrada e lançára-o por terra.

Olympia não se podia conformar com semelhante perda! O seu querido jarro fazia immensa falta na chácara! ella o estimava muito! Fôra um presente do Porto, de um amigo de seu pae. Aquelles jarros alli estavam havia vinte annos; era preciso que viesse a lesma do jardineiro para reduzir um d'elles a cacos! — Bruto! resumiu ella, empenhada na sua indignação! Quebrar um objecto que eu prezava tanto!...

As palavras da filha do commendador cahiram sobre Gregorio como um jacto de agua fria dentro de uma caldeira a ferver. Elle empallideceu de raiva,



ou talvez de vergonha, e fez um movimento brusco para sahir.

— Já vae? perguntou a rapariga, com um ar entre delicado e indifferente.

— De certo! respondeu Gregorio; que fico eu fazendo aqui?...

— Então não se esqueça do que lhe disse; e, se puder descobrir um jarro parecido com o que ficou na chacara, tenha a bondade de compral-o. Olhe, o melhor é ir lá abaixo vê-lo antes de sahir. Venha commigo; faço muito empenho n'isto! Venha!

E largou da sala, a encaminhar-se para a chacara.

Gregorio prometeu ir em outra occasião; n'aquelle momento estava com pressa.

Olympia dispunha-se a insistir no seu pedido, quando a criada appareceu, muito esbaforida, dizendo que o Guterres acabava de expirar.

— Coitado! Já!? perguntou a senhora, com o ar de quem esperava por aquella noticia. E voltando-se para Gregorio :

— É um vizinho ahi defronte. Estava muito mal. Ha quinze dias que penava!...

— Ah! balbuciou Gregorio.

— Bom homem. Muito socegado, muito agarrado á mulher. Elle esteve aqui, dizem, por occasião da morte de papae, e offereceu-se para ajudar no que fosse necessario.

E depois de uma pausa, accrescentou : — A Julia, coitada! deve estar muito afflicta... É a mulher, explicou ella, em resposta a um gesto de Gregorio, Bella moça, muito dada, muito amiga de obsequiar. Já esteve aqui duas vezes. Eu vou fazer-lhe companhia esta noite...

— Talvez isso não lhe faça bem!... observou Gregorio.

— Ora! desdenhou Olympia. Já não estou doente; além de que, tenho obrigação de ir. Ella se mostrou sempre tão minha amiga!... Está a mandar-me constantemente lembranças de amizade. Vou mostrar-lhe um açafate de papel, com o retrato d'ella. Deu-m'o na semana passada. Quer vêr?...

Gregorio disse que sim por eomprazer.

Olympia foi busear o açafate. O retrato, em photographia, estava no fundo, entre uma eereadura de papel bordado.

— Eu eonheço esta mulher! disse Gregorio logo que olhou para o retrato. Esta é a Julia Guterres!

— Ah! já a conhecia?

— Já. Uma aetriz...

— É exaeto, ella foi do theatro; mas o marido não quiz que continuasse. Voeê algum dia a viu representar?

— Não.

Gregorio sahiu afinal, resolvido a não tornar ao lado de Olympia.

Uma semana depois, reeebeu d'ella uma earta. Pedia-lhe que apparecesse. « Elle estava um ingrato; tambem isso não admirava, porque, segundo o que Olympia ouvira dizer, Gregorio não perdia uma noite do Aleazar, e andava apaixonado por uma franeeza. Ella sabia de bonitas eousas a seu respeito! » Fallou em certa orgia no Hotel Pariz. A carta terminava pedindo ao rapaz que fosse domingo jantar com Olympia. A viuva Guterres estaria presente e desejava conheeel-o.

Gregorio leu cinco ou seis vezes aquellas palavras.

— Devia ou não devia ir?... Não foi. Mandou um bilhete, pedindo desculpas, e não appareceu.

Um mez depois, nova carta. Era mais extensa e mais recriminatoria; Olympia queixava-se amargamente do proceder de Gregorio e pedia-lhe ternamente que a fosse vêr.

Elle ainda desta vez não foi.

Entretanto Gregorio principiava a ganhar reputação de estroina. Um dos seus companheiros de pandega era o padre Belleza; padre ainda moço e levado da breca. À noite mettia-se em roupas seculares, escondia a corôa e atirava-se para o Alcazar, onde florescia n'esse bello tempo as pernas da Aimé. O Belleza era quasi sempre cabeça de motim e jogava capoeira como os mais entendidos na materia. Contavam d'elle façanhas terriveis. O bispo não conseguia corrigil-o.

Olympia escreveu ainda duas cartas a Gregorio, sem ter melhor exito que das primeiras. Na ultima jurára que, se elle não lhe apparecesse nesses dias, nunca mais lhe daria ella uma palavra.

Foi então, isto é, seis mezes depois do rompimento de Gregorio com Olympia, que o padre Belleza o convidou para uma festa.

Era o baptisado da filhinha de uma das suas comadres.

O rapaz accitou e foi, sem prevêr que esse passo tinha de representar um importante papel na sua vida.

Só depois de lá estar, soube que a madrinha da criança se chamava Julia Gutterres.

## XXIX

### O BAPTISADO

A casa da festança era em Catumby, pouco adiante do logar até onde mais tarde havia de chegar a linha de bonds.

Um casarão antigo e abafadiço, com janellas de peito e dois degrãos de cantaria á porta da rua.

Para se chegar lá, subia-se uma pequena ladeira á esquerda, enquanto se deixava á direita um correr de casas, que lá se iam estendendo, até confinarem com o pardacento e melancolico muro do cemiterio de S. Francisco de Paula.

Seriam quatro horas da tarde quando os dois se apearam do carro que os conduzia. O padre Belleza deu o braço a Gregorio e seguiram.

— É alli! disse elle, apontando para o casarão. O outro olhou indifferentemente na direcção indicada pelo compauheiro.

O tempo estava duvidoso ; parecia vir chuva. O céu, côr de perola, apenas em alguns pontos mais vizinhos do horizonte abria rasgões de uma claridade desbotada e brancacenta.

Os montes de Santa Thereza, atufados na verdura felpuda e tremula, enchiam-se de sombra. Palmeiras,

destacadas e solitarias, abriam para o céu, aqui e alli, as suas estrellas irrequietas e murmurosas. Toda a natureza se resentia de um triste aspecto de recolhimento; só os carrapateiros quebravam a uniformidade melancolica da verdura com o seu verde Pariz, crú e alegre. Em varios logares, por entre o relvejar do capim, apparecia a custo uma nesga de terra avermelhada, côr de carne em conserva. Mais para o sopé dos montes, casinhas, pintadas de claro, branquejavam pittorescamente, espetando o fundo sombrio das mattas com os angulos das suas fachadas de madeira.

Não havia raios de sol vivo, nem sombras projectadas no chão. As montanhas desenhavam minuciosamente no fundo plumbeo do céu o seu contorno accidentado e guarnecido de arvores.

Gregorio e o companheiro acabavam de entrar na casa do baptisado.

Veiu recebê-los á porta um sujeito gordo e muito alto, cheio de vermelhidão, olhos claros, azulissimos, cara raspada, pouco cabello na cabeça e o pouco que havia quasi todo branco. Esse sujeito tocava trompa nas orchestras dos theatros e, pelo entrudo, trabalhava de enderecistá para as sociedades carnavalescas. Era homem popular, prezava-se da estima de algumas pessoas de gravata lavada, mas não desdenhava a amizade dos collegas.

— Olá! olá! Viva o nosso reverendo padre Beleza! exclamou elle. E puxou familiarmente o padre para o corredor, enquanto este lhe apresentava Gregorio. Vão subindo! vão subindo! Aqui não se faz cerimonia! Estejam em sua casa! A troça está toda na dansa lá em cima... Vão entrando!

Ouvia-se com effeito barullho de musica.

Gregorio, ao chegar á sala, sentiu-se constrangido. Não conhecia aquelle meio. Nunca havia penetrado em casa de uma familia de artistas brasileiros; ignorava da existencia d'esse genero de pessoas, incontestavelmente dignas, mas entre as quaes a pilheria decotada tem bom curso, a danza toma um character assombroso de cancan, e as mulheres discutem simultaneamente sobre tudo, desde os assumptos mais familiares e mais castos até ás ultimas extravagancias da meretriz que estiver na moda.

Ninguem todavia falla tanto em conveniencias, e ninguem se esforça tanto para cumprir com os rigores da hospitalidade. As pequenas obrigações da cortezia, n'essas casas, tomam ás vezes as proporções de verdadeiros supplicios — obrigam-nos a comer e a beber sobre posse. Não nos consentem rejeitar nada do que nos offerecem. Ha uma febre terrivel de obsequiar.

Gregorio todavia passára quasi despercebido, porque um acontecimento prendia a attenção dos que não dansavam. Era a chegada do pequenito, que acabavam de baptisar, e mais a dos padrinhos e dos convidados que os acompanharam á igreja. Havia reboliço por toda a casa.

Em torno do bebê formava-se um grupo enorme de homens e mulheres, sofregos por fazerem festinhas ao pequenito heróe da festa. Este toscanejava babando-se, a resmungar, fatigado pela cerimonia do baptisado.

D'ahi a pouco chamaram em gritos para a mesa.

Houve então um rumor ainda mais alegre, e as pilherias da occasião choveram de todos os lados.

Entretanto, Gregorio era n'esse momento apresentado á dona da casa pelo padre, com exaggerados rasgos de cortezia.

Sobre a mesa enorme, que se havia arranjado especialmente para aquella occasião e que parecia entalada na estreiteza da sala, destacavam-se as grandes peças de fôrno. Via-se o leitão inteiro, com os dentes á mostra e os olhos substitudos por azeitonas, ao lado o Perú empertigava o peito recheiado; tortas, do tamanho da aba do chapéu do padre Balleza, recamavam a branca toalha de fustão. As garrafas scintillavam alegremente; liam-se vistosos rotulos de Bordeaux, Porto, e descobriam-se garrafas de vidro branco, cheias de Collares e vinho virgem. As compoteiras de doce de cajú, abacaxi e laranja, jaziam meio escondidas nos tinhorões dos grandes jarros de porcellana. Os quartos de carneiro, as gallinhas assadas e os pastelões esperavam resignadamente a hora do ataque. Um cheiro farto e gorduroso de comida enchia o ambiente.

A dona da casa disse em voz alta a Gregorio que se fosse assentando á mesa. Alli não havia cerimonia! Ella, como quasi todos os actores antigos, tinha o costume de fallar sempre em voz alta.

Gregorio assentou-se.

As mulheres olharam logo para elle com interesse. O seu pequeno rosto branco, embellezado de frescura e de mocidade, sobresahia alli, como uma cousa rara e bem trabalhada. O rapaz fazia esforços supremos para se não destacar dos outros; estava como que envergonhado da natural distincção das suas maneiras.

Os convidados não cabiam todos á mesa; Gregorio ergueu-se duas vezes para offerecer o seu logar, mas de ambas o obrigaram a ficar assentado, empurrando-o pelos hombros. Sentia-se elle cada vez mais constrangido no meio d'aquella gente mesclada e ruidosa; fusão de familia e bohemia, argamassa de sorrisos discretos, olhares pundonorosos, gestos cheios de escrupulo e amplos movimentos de caixa de theatro misturados com phrases de botequim e pilherias de sociedade carnavalesca.

Luzia Pereira, a dona da casa, apesar de edosa, ainda mostrava ter sido bonita na sua época.

Fôra actriz por muitos annos, enviuvára de um actor do tempo do João Caetano e vivera sempre entre gente de theatro. Era em geral estimada como mulher honesta e querida por muitas familias do Rio de Janeiro.

A gordura desformára-lhe um pouco os membros e a fazia parecer mais baixa e menos elegante; mas os olhos brilhavam ainda com o fulgor dos outros tempos, e os labios conservavam o fino sorriso espiritual, com que ella arrebatára as platéas de 1840.

Luzia Pereira era tia legitima da nossa bem conhecida Julia Guterres, que representava uma das principaes figuras do baptisado.

A atmospherá tornava-se mais e mais abafada. O calor, annunciativo da tempestade que se formava lá fóra, quasi que não consentia no agrupamento dos comensaes n'aquella sala estreita e coagida pelo tecto. Das janellas, abertas sobre o quintal, não entrava o menor sopro de ar novo; as luzes do petroleo aggravavam a situação.

Gregorio desfazia-se em finezas com Julia Gu-



terres, que lhe ficára ao lado direito, mas impacientava-se pôr sahir d'aquelle fôrno.

Principiaram a comer. Não havia methodo no jantar; algumas pessoas iam logo se servindo dos assados antes de tudo; outras tomavam á sopa os vinhos da sobremesa. Mas todos os copos se esvaziavam alegremente. Foi preciso fechar as janellas porque começavam a cahir as primeiras gottas do aguaceiro, que lá fóra trovejava já sobre as montanhas.

Redobrou então o calor. Um sujeito gordo erguerase, pedindo que o acompanhassem em um brinde á uma pessoa, que se achava presente, muita distincta e digna de todas as considerações.

Fez-se logo um respeitoso silencio, e o orador declarou que se referia a D. Luzia Pereira. Seguiu-se uma enfiada de elogios, e os hurrahs rebentaram de todos os lados.

Desde então os brindes appareciam sem intervallo. Os comensaes erguiam-se a dar vivas, e estendiam os braços, offerecendo os copos aos vizinhos, para tocar.

Ainda não estava terminando o jantar, quando Gregorio pediu licença e se retirou offegante para a sala de visitas.

A chuva percutia com força nas vidraças e no telhado. O rapaz assentou-se no canapé e ficou a olhar para as photographias suspensas da parede.

Lá estava o João Caetano, o Martinho, o Costa, e outros contemporaneos. Por um album, que Gregorio se poz a folhear, via-se que era enorme a familia da Luzia Pereira. Algumas filhas e netos estavam presentes á festa.

Terminada a primeira mesa, assentaram-se os que ainda não haviam jantado, e a sala, onde estava Gregorio, encheu-se logo de pessoas a palitarem os dentes.

Em uma alcova contigua, dez rapazes preparavam estantes de musica e accendiam vélas. Pouco depois, cada um d'esses dez tocava o seu instrumento de sopro, e um grande barulho metallico, ensurdecedor, encheu totalmente a sala, impedindo qualquer conversa.

Era uma polka, composta por um dos musicos e offerecida ao pequeno que se baptisava n'aquelle dia.

Gregorio foi obrigado a dansar, escolheu Julia Gutierrez. Ella deixára-se conduzir com certo despreendimento gracioso. Era louca pela dansa.

Quando parou a musica, houve uma carga de vivas ao auctor, vivas ao baptisado, vivas á dona da casa. Abriram-se garrafas de cerveja nacional, e os copos espalharam-se por todos os convidados.

Gregorio sentia-se ir agitando pouco a pouco : tudo aquillo começava a perturbal-o ; a musica, o ar quente, os perfumes de Julia, produziam-lhe vertigens e chamavam-lhe o sangue á cabeça. O padre Belleza não tinha um momento de descanso, ria, saltava, gritava, fazendo troças, pregando caçoadas ás velhas, abraçando as mulheres, pisando de proposito os homens e rebolando na dansa. Todos lhe achavam graça.

Entretanto Julia, depois que dansou a segunda vez com Gregorio, lhe pediu que não reparasse n'aquelle desordem : as festas em casa da tia eram sempre assim... Não havia meio de obter certa seriedade ! Ellai ia allí, porque a tia era o unico parente a que

estimava devéras no mundo, mas fazia com isso um verdadeiro sacrificio; aquillo era uma gente levada do diabo! Em seguida começaram a fallar a respeito de Olympia, a principio por meias palavras, depois abertamente. A viuva sabia muita cousa que lhe contára a vizinha. — Gregorio não havia procedido bem...

— A culpada foi só ella, justificou-se o rapaz; Olympia se quizesse teria feito de mim um escravo! Eu não pensava em mais nada que não fosse n'ella...

— E ainda hoje, observou a outra, pelo entusiasmo com que diz isso, percebe-se que...

— Qual! respondeu elle, sacudindo os hombros. Está tudo acabado!

— Ella, porém, ainda o estima muito!...

— Não sei! É verdade que a mulher só ama quando o homem amado a despreza...

— Isso são historias! contradisse Julia. O senhor, se não gosta mais d'ella, é porque gosta de outra!...

— Juro-lhe que não! affirmou vivamente Gregorio, lançando sobre a viuva um olhar que era já um programma.

Ella havia comprehendido perfeitamente o effeito que produzia no rapaz, e não procurou destruil-o. As mulheres têm sempre um gostinho muito particular em possuir um homem amado pelas outras.

Quando, ás seis horas da manhã, dissolvía-se a festa, e cada um procurava ás tontas o seu chapéu e a sua bengala, Julia e Gregorio invadiram um pequeno quarto que ficava ao lado da varanda e, na febre de achar os chapéus, seguraram duas vezes por engano as mãos um do outro e, por estar o quarto

ainda escuro, cremos que os seus labios tambem se esbarraram.

Gregorio sahi palpitante de esperanças.

— O diabo era a vizinhança de Olympia e o facto de frequentar esta a casa da viuva. Oh! mas tudo se haveria de arranjar. Gregorio estava muito satisfeito com a sua nova conquista : notava em Julia certa graça desdenhosa e satanica, um modo petulante de dizer liberdades, uma sem cerimonia peculiar ás actrizes, uma especie de encantadora malignidade, que a filha do commendador nunca possuiria.

E já no dia seguinte principiou elle a formar o seu plano de batalha. Fez-lhe uma visita, mas a viuva, muito ao contrario do que esperava o assaltante, recebeu-o friamente e não insistiu para que se demorasse.

Foi a primeira esporada. Gregorio saltou. Depois da faisca, a explosão seria fatal.

Principiou a perseguil-a por toda a parte, a escrever-lhe cartas apaixonadas, a pedir-lhe ternura por amor de Deus.

N'esse tempo morava elle em Santa Thereza.

Uma noite, mal havia chegado á casa, quando sentiu parar á porta uma carruagem e logo em seguida alguem que subia apressadamente a escada.

Era Olympia. Gregorio a reconheceu immediatamente e fel-a entrar.

Vinha offegante, pallida de raiva, com a physionomia endurecida por qualquer grande contrariedade,

Era a primeira vez que se animava a tanto; nunca havia penetrado em casa de um rapaz. De sorte que, logo depois dos primeiros passos, toda a energia que

Ella trazia engatilhada para fulminar o perfido amante, rebentou em soluços.

Gregorio correu a soccorrel a; foi repellido com um murro.

— Deixe-me! exclamou ella. E tirou da algibeira uma das ultimas cartas dirigidas por elle á viuva.

— Você é um infame!

Gregorio estava perplexo e achava tudo aquillo muito estranho. Havia já seis mezes que elle se não entendia com Olympiã. Ella, da ultima vez em que estiveram juntos, tratára-o mal... Que diabo queria então tudo aquillo dizer?... Porventura era elle casado para ter de dar contas dos seus actos!? Se escrevia cartas era porque assim o entendia! Ora essa!

Olympia não teve uma palavra para lhe oppôr. Gregorio nunca a tratará d'aquelle modo. Até ahi sempre lhe dispensára delicadeza e consideração.

— A senhora é que fez muito mal em vir cá! disse elle, passeiando agitado pelo quarto. Não sei o que a auctorisa a suppôr que ainda existe alguma cousa entre nós dois!

— Tem razão! respondeu Olympia, afastando-se, na esperança de que elle a chamasse.

Mas Gregorio contentou-se em fazer um gesto de despedida.

Ella, assim que se convenceu de que o amante não a ia buscar, voltou sorrindo humildemente.

Já não chorava, nem parecia contrariada.

Quando chegou junto de Gregorio, atirou-se-lhe nos braços, e principiou a soluçar com a cabeça poucada no collo do rapaz.

Elle, commovido, beijou-a na face.

As pazes estavam feitas.

## XXX

### ULTIMO CAPITULO

Eis ahi como decorreu a inutil mocidade de Gregorio até aos vinte e dois annos. Mais um passo e chegaremos ao ponto em que principia este pobre romance e onde justamente ha de elle acabar; quer dizer, refluiremos á scena do mallogrado casamento de Clorinda.

Durante esse rapido anno, que liga o primeiro capitulo ao ultimo, succederam-se poucos mas palpitantes acontecimentos, que justificam muitas outras scenas.

N'esse pequeno espaço de tempo, Olympia soffreu, por amor de Gregorio, todos os martyrios que nos podem infligir os ciumes. Quanto mais elle se esquivava, tanto mais attrahida ella se sentia.

Olympia estava na idade em que o amor toma o character de molestia; na idade em que a mulher é capaz de todas as loucuras pelo objecto amado; em que ella é capaz de todos os sacrificios, de todas as abnegações, menos a de consentir que o heróe dê seus sonhos a despreze por outra. E foi isso justamente o que fez Gregorio, desde áquella scena das

coegas no pittoresco chaletinho de Julia Guterres.

Como já sabe o leitor, a viuvá, logo que perdeu o marido, tratou de recolher os bens que lhe ficaram, e retirou-se para a Tijuca, onde nós e a policia, a encontrámos, quando se tratava de descobrir esclarecimentos a respeito de Gregorio; da mesma fórma, não ignora o leitor qual foi a direcção que tomaram os novos amores do inconstante rapaz, e como chegou elle a armar casamento com Clorinda.

Pois bem; tratemos de esclarecer o que falta e apressemos o passo, para chegarmos, quanto antes, aos resultados das scenas dos primeiros capitulos.

Olympia não poudo disfarçar por muito tempo o seu martyrio, e a dôr dos ciumes transformou-se para ella em cruel enfermidade, accelerando o embranquecer do cabello, o enrugar da tez e o desbotamento das faces. Quando o Dr. Roberto voltou do norte, o que proporcionou a Gregorio o seu primeiro encontro com a bella Clorinda, quasi que não a reconheceu e declarou que muito pouco lhe daria de vida.

Gregorio correu então para junto d'ella, mas a sua presença não conseguiu espancar a morte, que estendia já sobre a infeliz a sombra negra de suas azas.

Elle, por sua parte, não levava o coração ainda captivo dos amores da viuva, mas já suavemente impregnado pela nova affeição que lhe inspirára a filha de Leão Vermelho.

Estava outro : não era o mesmo folgazão das correrias com o padre Belleza; ao contrario, convertido e virilizado, forcejava agora por vencer as ultimas ondas da mocidade, e abrigar-se emfim no casamento, cujas praias via branquejarem além, illumi-

nadas por um doce luar de tranquilla ventura.

Olympia falleceu uma noite de inverno, depois de grande agonia. O Dr. Roberto não lhe abandonava durante muitos dias a cabeceira, e o Figueiredo mandára dois de seus empregados para ajudarem nos trabalhos do enterro.

Gregorio chorava ao lado do cadaver. Nunca se persuadiu que sentisse tanto aquella morte. Olympia entrára na sua vida como um incidente phantastico e romanesco no meio de um livro de apontamentos banaes; arrependia-se agora de não ter sido com ella melhor, mais generoso, mais grato; sentia remorsos de não a ter amado um pouco mais!

E, para fugir a essas idéas aborrecidas, chamava egoisticamente em seu soccorro a imagem adorada de Clorinda. Ah! esta era o futuro, a esperança de felicidade, era a aurora do dia seguinte.

E só a lembrança d'estas novas claridades lhe seccavam os ultimos orvalhos d'aquella noite que fugia, perdendo-se nas sombras inalteraveis do passado.

De todos, emfim, quem parecia mais sentido com tudo aquillo era o velho Jacob. O pobre homem viu, em torno de si, cahirem, a pouco e pouco, as arvores queridas, à cuja sombra abrigava a fraqueza da sua velhice.

Gregorio offereceu-lhe a casa e insistiu com elle para que fosse fazer-lhe companhia. Jacob aceitou, e por isso o vimos figurar no interrogatorio policial logo no começo do romance.

Em breve, Gregorio não tinha outra idéa que não fosse a da sua querida noiva, e Julia Guterres principiava a curtir os mesmos tormentos por que passára Olympia.



Se as mulheres, e principalmente aquellas que já se despiram das primeiras illusões, soubessém quanto é perigoso amar devéras um rapaz que ainda não pagou todos os tributos da mocidade, não se deixariam tão facilmente prender aos ephemeros transportes de um namorado de vinte annos.

O coração n'essa idade está ainda muito verde para arder. É preciso que o tempo e as lentas decepções da vida o resequem, sem o que não pegará fogo.

E dizem os irreflectidos que o coração dos velhos é que é frio. Que injustiça! ninguém ama com tanto ardor, ninguém se apaixona com tanto enthusiasmo! Parece até que o homem, á proporção que envelhece, vae refugiando no coração todo o calor que lhe foge do resto do corpo. Á proporção que lhe cáem os dentes, que lhe deserta o cabello, que se lhe entorpecem as pernas e se lhe tornam mais e mais tremulas as mãos, tanto mais o coração se enrija e fortifica, para conservar inalteravel e firme o seu derradeiro amor. Desapparece o olfato, apagam-se os olhos, somem-se o tacto e o paladar, e o coração cada vez mais sente, mais deseja e mais vê!

Porque estranho odio teria a natureza formado assim o coração do homem? Se lhe rouba do corpõ as forças, os sentidos, as faculdades, se lhe toma os dentes, o sangue dos labios e a frescura dos cabellos; se o torna feio, velho, insupportavel — para que lhe deixa então o coração a pulsar cada vez com mais vehemencia e a pedir um amor que ninguém lhe dá?!

Julia Guterres não se lembrára de fazer considerações destas, ao abrir os braços a Gregorio, e depois teve com sacrificio de impôr ao seu coração que se

calasse, quando soube pela primeira vez que o desleal amante estava de casamento justo com Clorinda.

Corriam as cousas n'este ponto, quando se realisou aquella conversa entre o Portella e o seu capanga Talha-certo, ao saberem da reaparição de Pedro Ruivo.

O gatuno havia-se arranjado lá por S. Paulo com o tal fazendeiro de boa fé, a quem se agarrára com tamanho afinco, que a pobre victima, para se ver livre d'elle, tratou de empregar-o na casa Paulo Cordeiro, na qualidade de pregador de rotulos.

Mas o Portella é que não ficou muito tranquillo desde que o viu, e recommendou ao seu Talha-certo que lhe não perdesse a pista.

Talha-certo tratou immediatamente de procurar Tubarão e pedir o seu auxilio, porque Pedro Ruivo da primeira vez conseguira escapar-lhe das unhas. E o leitor já sabe o ajuste que houve entre aquelles dois no café da Menina do Banbolim, onde ficaram de encontrar-se no dia seguinte para realisarem a terrivel incumbencia de Portella.

Tubarão acompanhára o famulo deste, pelo simples factó de tratar-se do Ruivo; elle não era homem que se prestasse a fazer mal a quem quer que fosse, se o coração não se envolvesse n'isso. Talha-certo sabia perfeitamente da velha rixa que havia entre os dois e, desde o seu mallogrado bote contra o Ruivo, tratára de preparar o animo do outro para a primeira vez que viesse a precisar do seu auxilio.

Chegára afinal o momento, e Tubarão cedera.

Vejamós agora como se sahiram elles d'essa empreza, cujos corpos de delicto já conhecemos.

Pedro Ruivo parecia regenerado depois que se

arranjára na fabrica. Trabalhava pontualmente e recolhia-se para dormir a hora certa. Morava com um companheiro num cortiço perto do campo de Santa Anna. E, nos primeiros tempos, tão enfro-nhado viveu no serviço, que Portella ignorava completamente a sua presença no Rio de Janeiro.

O velhaco, entretanto, meditava novos planos de ladroeira; queria angariar a sympathia e a confiança dos superiores, para fazer com mais certeza a sua pontaria, quando por ventura se apresentasse uma boa\*ocasião.

Essa ocasião appareceu. O caixa da casa, aquelle Gonçalves, viuvo de Olympia, teve uma vez de demorar comsigo uma quantia superior, vinte contos de reis. Pedro Ruivo não o perdeu mais de vista, e preparou-se.

Se fosse necessario, o caixa seria assassinado. Mas assim não succedeu, porque o gatuno encontrou ensejo de achar-se a sós com o dinheiro. Entrou pelos fundos da casa e penetrou engenhosamente no gabinete do caixa, tendo para isso preparado de antemão os fechos de uma das janellas que davam para esse lado.

Uma vez senhor do dinheiro, tratou de ganhar a rua e de encaminhar-se para o seu cortiço.

Mal porém teria feito alguns cincoenta passos, quando um homem lhe sahiu ao encontro e lhe arremessou uma formidavel cabeçada contra o ventre. Era Talha-certo.

Pedro Ruivo perdeu o equilibrio e cahiu de costas.

O outro, trepando nelle, lhe perguntou pelos documentos do Portella. O aggreddido, em vez de responder, soltou um grito e segurou com ambas as

mãos o peito, como se quizesse defender alguma cousa que alli trouxesse escondida.

Talha-certo, conduzido por esse movimento espontaneo, imaginou que alli estivessem os papeis que procurava, e intimidou o Ruivo a que se deixasse revistar. O Ruivo resistiu.

Talha-certo chamou então o marinheiro em seu auxilio e, depois de vendaram a bocca ao Ruivo, dispuzeram-se a revistar-lhe o peito.

O Ruivo debatia-se furiosamente.

— Tratante! gritou-lhe Tubarão; dá-me por bem esses papeis, se não quizeres ficar aqui mesmo reduzido a postas!

Ruivo, em vez de responder, arrancou-se das mãos de Talha-certo e sacou do bolso uma navalha.

Talha-certo, porém, havia de um salto avançado para elle, e cortára-lhe a garganta com uma navalhada. O Ruivo rosnou por debaixo da venda que tinha na bocca e, depois de tentar em vão segurar-se nas pernas, cahiu de borco sobre a calçada.

O assassino revistou-lhe o peito; mas, em vez dos documentos do commendador Portella, encontrou os contós de réis, que a sua victima havia pouco antes roubado.

— Como vinha o ladrão carregado! disse o Talha-certo, sacudido de alegria pela descoberta que acabava de fazer.

— E os documentos?... perguntou Tubarão.

— Não estão naturalmente com elle, mas temos aqui cousa melhor : Um dinheirão! O maroto havia feito hoje uma linda colheita!

— Então tudo isso é dinheiro? perguntou o Tubarão, admirado por sua vez.

— Em magnificas notas do thesouro! respondeu o Talha-certo.

— Então foi algum roubo... não te parece?...

— Sei cá; o que te affianço é que isto não nos fará peso nas algibeiras...

— Não sou d'essa opinião! resmungou o seu cumplice. Dinheiro roubado pesa sempre, quando menos na consciencia!

— Ora! replicou o Talha-certo, depois de acabar a revista das algibeiras do Ruivo, e tratando de afastar-se com o dinheiro para longe. Quem rouba a ladrão tem cem annos de perdão!

— Estás enganado! gritou-lhe o outro. Quem rouba a ladrão, fica ladrão como elle! Esse dinheiro será entregue ao dono, quer queiras, quer não queiras!

— Essa agora tinha graça!... considerou o outro. Era melhor que fossemos nós d'aqui direitinhos entregar-nos á policia.

— Podemos fazel-o chegar ás mãos do dono, sem que se saiba d'onde elle procede...

— N'esse caso, restituirás tu a tua parte. Vamos dividil-o; cada um dará o destino que quizer áquillo que lhe tocar.

— Não! contradisse o Tubarão. Havemos de entregal-o todo ao dono!

— Isso agora já passa á birra! replicou Talha-certo, impacientando-se. Que você faça furias com o que é seu, vá lá, mas com o que é dos outros!...

— Aqui não ha meu, nem teu! nós não temos direito a ficar com aquillo que não ganhámos, nem tão pouco nos deram!

— Mas que achámos! replicou ainda Talha-certo.

Em todo o caso, vamos á casa dividir o cobre; e você de sua parte fará o que quizer... A minha per-tence-me!

— Não! Tu me vaes passar todo o dinheiro. Eu me encarreguei de restituil-o ao dono.

— Ora veja se tenho algum T na testa!

— Eu é que te affianço que o dinheiro se ha de restituir! Vamos! em teu poder não ficará elle!

Talha-certo, vendo que não conseguiria nada pela arrogancia, resolveu commover o companheiro.

— Então, que é isso, Tubarão?... Que mania de escrupulo é essa de tua parte com um velhaco d'aquella ordem? Olha! quem o máo poupa nas mãos lhe morre...

— Não se trata agora d'isso! replicou Tubarão; não se trata de dar cabo de nenhum máo; [trata-se é de entregar um valor que nos não pertence. Emquanto querias uma ajuda para despachar aquelle maroto, prompto! e não me arrependo d'isso; mas lá para roubar é que não me presto! Ou tu me entregas o dinheiro, ou eu te denuncio á policia. Escolhe!

— Ora, deixa-te d'isso, pediu ainda o outro, procurando torcer o character do marinheiro.

— Já te disse o que tinha a dizer! volveu este. Ou entregas o cobre, ou vae tudo ao ouvido do Dr. Luíf-gero. Eu cá não sirvo de capa a ladroeiras! Não sou santo, mas nunca estas mãos se sujaram com o alheio!

E Tubarão, com ar firme de homem resolutto, ia forçar o companheiro a que lhe entregasse o roubo, quando este, recuando na acção dextra da capoei-

ragem, acommetteu contra elle, procurando abri-lhe o pescoço com a navalha.

Mas Tubarão desviou-se promptamente, e a lamina, mudando de direcção, entranhou-se-lhe pelo pequeno peitoral do lado direito.

Talha-certo recuou com um novo salto e de novo investiu contra o companheiro, ferindo-o então no braço, porque o rijo marujo, apezar do sangue que lhe saltava da ferida, ainda se aguentava bem nas pernas e ainda se defendia, tentando apoderar-se do facinora.

Este deitou a correr, Tubarão tentou perseguil-o, mas a vista principiou a escurecer-lhe, as pernas a lhe fraquejarem, e com muito custo conseguiu elle chegar onde morava pobrementemente com um seu velho companheiro do mar.

O companheiro não estava em casa, Tubarão recolheu-se á cama e perdeu de todo os sentidos. Só os recuperou muito depois, quando a febre principiou a ceder. O medico, que o companheiro de casa fôra buscar, recommendára que o não obrigassem a fallar e não lhe dessem a beber senão os medicamentos receitados.

Entretanto, sabe já o leitor o caminho que, durante esse tempo, tomaram as cousas concernentes ao assassinio de Pedro Ruivo e ao roubo perpetrado na casa Paulo Cordeiro. A policia continuava a trabalhar, mas trabalhava muito reservadamente e quasi sem resultado algum.

De Gregocio ninguem dava noticias.

Nestas circumstancias, chegaram as cousas ao ponto em que as deixámos, quando a desventurosa Clorinda se recolheu á casa de Julia Guterres, onde

a pobre velha Januaria conseguia escapar ao peso dos seus soffrimentos.

Como vimos, a penetrante viuva foi a unica que suspeitou das intenções de João Rosa e principiou a estudar a attitude que o antipathico rapaz tomava ao lado da sua hospede.

Por então, um paquete europeu ancorava na Guanabara e uma familia saltava no caás Pharoux.

Nada menos que o conde de S. Francisco, a esposa, a filha e um moço de uns vinte e cinco annos, no qual o leitor, se o visse, reconheceria logo o nosso Gregorio.

Ao lado d'este caminhava o Dr. Ludgero, com o ar satisfeito de quem alcança uma victoria.

Seguiu-se então o mais estranho e enovelado processo de que se póde gabar a justiça brasileira. N'esse tempo não se fallava n'outra cousa : o escandalo agitou por muitos dias a curiosidade do publico e fechou todos os personagens d'este romance no mesmo circulo de interesse.

O conde de S. Francisco trazia comsigo, felizmente, os documentos justificativos da herança que Gregorio acabava de receber no Minho. Entretanto, era necessario descobrir os verdadeiros auctores do roubo e do assassinio. O processo continuava.

Apresentaram a Gregorio a photographia de Pedro Ruivo. Gregorio disse francamente o que sabia da vida d'aquelle homem, contou as aventuras da Avenida Estrella; o delegado fez vir á sua presença o papá Falconnet, o padre Almeida, o Augusto e o Affonso, mas nenhum d'estes adeantou o menor esclarecimento.

Estava reservado a Tubarão destruir as trevas



accumuladas em torno do crime. Foi elle quem chamou a attenção da justiça sobre o commendador Portella, quem fallou nos documentos d'este, quem contou a intervenção de João Rosa, o motivo do ataque que soffreu Pedro Ruivo e, finalmente, o roubo commettido pelo Talha-certo, que Tubarão affirmou se achar n'aquelle momento escondido em casa do Portella.

Talha-certo, com effeito, foi encontrado ahi e conduzido immediatamente para a casa de correcção. O Gonçalves reembolsou parte do dinheiro roubado; o ladrão e assassino foi condemnado a galés perpetuas, e o Portella gramou quatro mezes de prisão e multa correspondente, além de perder de todo a esperança de casar com Matilde, a rica pupilla do boticário Moreira, a qual havia cousa de um anno deixára a casa de D. Januaria, para acompanhar uma familia conhecida da sua, que seguia para S. Paulo.

Bem previa Portella que os taes documentos ainda lhe haviam de dar agua pela barba!

O que causou grande impressão nos tribunaes, foi a vida do marinheiro, contada por elle proprio, com toda a eloquente singeleza da sua linguagem expressiva e grosseira.

Tubarão disse tudo o que sabia a respeito do seu saudoso commandante e fallou em Clorinda, em Henriqueta e D. Januaria. Esta circumstanciou o que havia a respeito de sua filha adoptiva e relatou as particularidades da mezada, cuja suspensão coincidia com a morte de Leão Vermelho.

O conde pediu perdão a Clorinda por lhe haver tão violentamente arrancado o noivo dos braços, e disse que, d'aquelle dia em deante, ella devia olhar

para Gregorio como para um irmão, pois que eram filhos do mesmo pae. Mas o marinheiro, com uma simples carta de Cecilia, dirigida no Porto a Pedro Ruivo, provou que os dois moços nenhum parentesco tinham entre si e, na sua rude franqueza, patenteou a verdadeira procedencia de Gregorio.

Este comprehendeu tudo, comprehendeu que era filho do ladrão assassinado, e afastou-se do jury summamente triste.

No dia seguinte, quando o velho Jacob, que acompanhava Gregorio no palacio do conde de S. Francisco na Tijuca, entrou de manhã no aposento do amo, encontrou-o morto e coberto de sangue. Ao lado, sobre o velador, havia uma carta dirigida ao dono da casa.

A carta explicava minuciosamente que Clorinda era a unica pessoa que tinha direito a herdar os bens de Leão Vermelho.

Esta inesperada e nobre morte abalou o Rio de Janeiro. O processo havia já attrahido sobre Gregorio a attenção do publico e ligado aos factos romanticos de sua vida a curiosidade dos homens e o voluptuoso interesse das mulheres.

Não se fallou n'outra cousa durante muitos dias.

Alguns mezes depois do enterro, que foi deslumbrante, encontrámos Thereza. Estava muito acabada, muito desfeita. Com a morte de Olympia, que era o seu unico soccorro, ficou completamente ao desamparo. Andava tirando esmolos e reŝava na porta das egrejas ajoelhada sobre as pedras da rua.

Às vezes viam-na dormindo nos degráus do convento da Ajuda.

Ninguem mais soube dar noticias do João Rosa,

e consta que o Dr. Roberto continúa a viver muito bem com a sua inalteravel e moleirona esposa, que ultimamente o presenteou de uma só vez com dois pequenitos.

Julia Guterres vendeu a Clorinda o seu chaletzinho da Tijuca, e retirou-se para Nitherohy. Jacob acompanha a familia do conde de S. Francisco, e, ao que parece, ainda hoje vive.

FIM



# INDICE

---

	I	
O rapto . . . . .		1
	II	
Confidencias . . . . .		13
	III	
Policia e cocegas . . . . .		22
	IV	
Coração de mulher. . . . .		32
	V	
Depoimentos . . . . .		42
	VI	
Primeiro encontro . . . . .		52
	VII	
Apalpadelas . . . . .		63
	VIII	
Aqui anda cousa! . . . . .		79

	IX	
O commendador pelo avesso . . . . .		89
	X	
Algas . . . . .		99
	XI	
Pedro Ruivo . . . . .		109
	XII	
A victima de Pedro Ruivo . . . . .		125
	XIII	
As mães de Gregorio . . . . .		142
	XIV	
Os paes de Gregorio . . . . .		159
	XV	
Avenida Estrella . . . . .		170
	XVI	
Olympia . . . . .		186
	XVII	
A pedreira . . . . .		200
	XVIII	
A gruta . . . . .		212
	XIX	
O acrobata . . . . .		225
	XX	
D. Therezinha . . . . .		239

	INDICE	417
	XXI	
Á beira do precipicio. . . . .		256
	XXII	
Tempestade solta. . . . .		271
	XXIII	
Portella em apuros. . . . .		287
	XXIV	
Tia Agueda. . . . .		300
	XXV	
O marido de Olympia . . . . .		319
	XXVI	
Caça aos documentos. . . . .		335
	XXVII	
O beijo . . . . .		351
	XXVIII	
Perpetuas, violetas e camelias. . . . .		373
	XXIX	
O baptisado . . . . .		390
	XXX	
Ultimo capitulo . . . . .		400





EXTRACTO DO CATALOGO

DA

LIVRARIA H. GARNIER

109, rua do Ouvidor, 109  
RIO DE JANEIRO

6, rue des Saints-Pères, 6  
PARIS

§ 6º ALBUNS E LIVROS PARA PREMIOS

1º — BIBLIOTHECA ILLUSTRADA

- Saberei ler.** Alfabeto Methodico e divertido por UM PAI, obra ornada de numerosas gravuras coloridas por LIX. 1 vol. in-folio cart. . . . . 4\$000  
 — — — — — dourado. 6\$000
- Eu sei ler.** Leituras e scenas infantis por, UM PAI, obra ornada de numerosas gravuras por LIX, impressas em côres, 1 vol. in-folio, cart. 5\$000, dourado. . . . . 6\$000
- Ultimas Maravilhas da Sciencia.** Com gravuras em chromolithographia por DANIEL-BELLET, trad. livre de XAVIER DE CARVALHO, 1 vol. in-folio, dourado 7\$000, cartonado . . . . . 4\$000
- Escutem!** Album illustrado para creanças por BENJAMIN RABIER. 1 vol. in-folio, com uma capa artisticamente cartonado . . . . . 3\$000
- Fundo do Sacco,** Album illustrado para creanças por BENJAMIN RABIER. 1 vol. in-folio, artisticamente cartonado . . . . . 3\$000
- Aventuras de Robinson Crusoe.** Album para creanças. *Illustrações de J.-J. Grandville e Chromolithographies de L. Nehlig.* 1 vol. in-folio, cart. . . . . 6\$000
- Os Amores do Sr. Jacaranda.** Album illustrado para creanças. 1 vol. oblongo, ricamente enc. . . . . 5\$000

2º — BIBLIOTHECA INFANTIL

- Noites brasileiras,** por IGNEZ SABINO. 1 vol. . . . . 1\$500
- Contos do tio Alberto,** colleccionados por FIGUEIREDO PIMENTEL. 1 vol. . . . . 1\$500
- Contos das fadas,** com estampas. 1 v. in-12 enc. . . . . 2\$000
- Paulo e Virginia,** por BERNARDIN DE SAINT-PIERRE, obra ornada de estampas. 1 vol. in-8º enc. . . . . 2\$000
- Contos de Schmid :**  
*Rosa de Tannenburgo,* 1 vol. — *O cestinho de flores,* 1 vol. — *Henrique d'Eichenfels,* 1 vol. — *Genoveva de Brabant,* 1 vol. — *A cruz de madeira,* 1 vol. — *Os ossos da Paschoa,* 1 vol. — *A Rola.* 1 vol. — *O Carneirinho,*

1 vol. — *Capella da Floresta*, 1 vol. — Preço de cada volume 1\$500

### 3.º BIBLIOTHECA DA JUVENTUDE

*Edição in-18º, illustrada e com encadernação de luxo.*

<b>Contos dos irmãos Grimm</b> , desenhos de YAN D'ARGENT.	
1 vol. . . . .	4\$000
<b>Patria Selvagem</b> , pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. com muitas gravuras originaes, 1 vol. . . . .	4\$000
<b>O amigo das crianças</b> , por BERQUIN. Desenhos de Staal.	
1 vol. . . . .	4\$000
<b>Robinson Crusoe</b> , por DANIEL DE FOE, 2 vs. . . . .	8\$000
<b>Contos e Scenas da vida da familia</b> , por M <sup>me</sup> DESBORDES-VALMORE, com muitas gravuras. 1 vol. . . . .	4\$000
<b>A Virgem dos Geleiros</b> , etc., por ANDERSEN, desenhos de Yan d'Argent. 1 vol. . . . .	4\$000
<b>Contos das Fadas</b> , por PERRAULT e M <sup>me</sup> D'AULNOY, traduzidos por J.-J.-A. BURGAIN, desenhos de Staal, etc., 1 vol. . . . .	4\$000
<b>A Novena da Candelaria</b> , etc., por CHARLES NODIER, traduzido pelo Dr. B.-F. RAMIZ GALVÃO, desenhos de Yan d'Argent. 1 vol. . . . .	4\$000
<b>Fabulas de La Fontaine</b> , Traducções modernas, com estudos criticos de PINHEIRO CHACAS e THEOPHILO BRAGA, illustrações de <i>Grandville</i> . 1 vol. . . . .	4\$000
<b>Os noivos de Manzoni</b> , traducção brasileira, 2 vs. . . . .	8\$000
<b>Novellas infantis</b> , por LUIZ RUIZ CONTRERAS 1 v. . . . .	6\$000
<b>As mil e uma noites</b> . Contos arabes cuidadosamente escolhidos, illustrados por FRANÇAIS, H. BAROZ, e ED. WATIER. 1 vol. . . . .	6\$000
<b>Contos de Dr. Sam</b> , por H. BERTHOUD, illustrações de G. STAAL, PIZETTA, 1 vol. . . . .	6\$000
<b>Aventuras de João Paulo Choppart</b> , por L. DESNOYERS. Illustrações de H. GIACOMELLI, gravuras de CHAM. 1 vol. . . . .	8\$000
<b>Historia de um bocadinho de pão</b> , por JOAO MACÉ. Obra illustrada por H. GIACOMELLI, 1 v. . . . .	8\$000
<b>Aventuras de Roberto</b> , por L. DESNOYERS. . . . .	8\$000

### § 9º — ESTUDO DA LINGUA PORTUGUEZA

<b>Grammatica da Infancia</b> , pelo Dr. J. M. DE LACERDA. 1 v. in-18 cart. . . . .	\$500
<b>Grammatica da Infancia</b> pelo conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. Edição correcta e melhorada. 1 v. in-18 cart. . . . .	1\$000
<b>Grammatica elemental</b> , por HILARIO RIBEIRO, nova edição revista por OLAVO BILAC, 1 v. in-18 cart. . . . .	2\$000

- Grammatica Portugueza elementar**, por EPIPHANIO DIAS, 1 v. in-18 cart. . . . . 1\$500
- Grammatica portugueza**, por OLYMPIO RODRIGUES DA COSTA, 5.<sup>a</sup> edição, 1 v. in-18 enc. . . . . 2\$000
- Grammatica theorica e pratica**, por FERNANDES PINHEIRO, nova edição revista, por FABIO LUZ, 1 v. . . . .
- Arte da Grammatica da Lingua Brazilleza**, de LUIZ FIGUEIRA, 1 v. in-18 br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Grammatica analytica**, por MAXIMINO DE ARAUJO MACIEL, 1 vol. in-18 cart. . . . . 4\$000
- Grammatica descriptiva**, por MAXIMINO DE ARAUJO MACIEL, 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. . . . . 5\$000
- Grammatica Portugueza**, de J. G. LAGE, coordenada em harmonia com o programma official dos lyceus, 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. . . . . 4\$000
- Exercicio de Analyse lexicographa ou grammatical e de analyse syntaxica ou logica**, por CYRILLO DILERMANDO DA SILVEIRA, 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. . . . . 4\$000
- Ensaio sobre alguns synonymos da lingua portugueza**, por FRANCISCO DE S. LUIZ, 1 vol. enc. . . . . 3\$000
- Galicismos, palavras e phrases da lingua franceza** introduzidas por descuido, ignorancia ou necessidade na lingua portugueza, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. Estudos e reflexões de varios autores. 1 grosso v. in-18 enc. . . . . 4\$000
- Grammaire portugaise (abrégé)**, por PAULINO DE SOUZA, 1 v. in-18 cart. . . . . 2\$500
- Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée**, por PAULINO DE SOUZA, 1 v. in-18 cart. . . . . 4\$000
- Grammaire portugaise**, suivie d'un cours de thèmes et d'un traité de versification, par G. HAMONIERE, nouvelle édition, revue, corrigée et considérablement augmentée par P. DE SOUZA, professeur de langue et de littérature portugaise à Paris, 1 v. in-18 . . . . . 4\$000
- Nuovo Metodo pratico-theorico ad uso degl'italiani per imperare in poco tempo la lingua portoghese**, di A. M. LAGE e CARLO BRESCIANI, 1 v. in-18 cartonado . . . . . 2\$000
- Novo vocabulario universal da lingua portugueza**, 1 v. in-12.<sup>o</sup> com cerca de 1,200 paginas enc. . . . . 5\$000
- Diccionario abreviado da fabula**, por CHOMPRE, para intelligencia dos autores antigos, dos paineis e das estatuas, cujos argumentos são tirados da historia poetica. 1 v. in-18 enc. . . . . 2\$500

### § 8º — ESTUDO DAS LINGUAS ESTRANGEIRAS

- Guia de Conversação e do estylo epistolar em quatro linguas** : *Francez Inglez Allemão e Italiano*, 1 vol. in-16, enc. . . . . 2\$500
- Guia de Conversação e do estylo epistolar em seis lin-**

**guas : Francez, Inglez, Allemão, Italiano, Hespanol e Portuguez, 1 vol, in-16, enc. 4\$000**

## 1.º — ALLEMÃO

- Allemão (O) sem mestre, em 52 lições, por J. C. PEREIRA.**  
1 v. de mais de 400 pags. encadernado 12\$000, broch. 10\$000
- Noções Praticas e Theoricas da Lingua Allemã, por BERTHOLD GOLDSCHMIDT. 2 vs. in-8.º enc . . . . . 8\$000**
- Guias de Conversação e do estylo epistolar, com a pronuncia figurada em ambas as linguas : — I. Portuguez-Allemão. 1 vol. in-16 enc. 2\$500. — II. Allemão-Portuguez. 1 vol. in-16 enc. . . . . 2\$500**
- Diccionario Portuguez-Allemão e Allemão Portuguez, Por ENENKEL e SOUZA PINTO. Com a pronuncia figurada das duas linguas : 1 grosso e nitido vol. in-12.º enc . . . . . 5\$000**

## 2.º — FRANCEZ

- Cartas e descripções, redigidas em lingua franceza. De accordo com as disposições do actual programma de exames da Instrucção Publica Coordenadas por EDUARDO BENET, Bacharel em letras. 1 v. in-8.º cart . . . . . 1\$500**
- Collecção de Trochos em prosa extrahidos dos melhores autores francezes e portuguezes, como Fénelon, Lesage, Florian, Berquin, João de Barros, Freire de Andrada, etc., etc., precedida de uma escolha de anecdotas, bons ditos, pensamentos diversos. Em francez e em portuguez, por G. HAMONNIÈRE. 1 v. in-8º . . . . . 2\$000**
- Couronne littéraire, por J. J. A. BURGAIN, 1 v. in-18 cart. . . . . 1\$500**
- Methodo de Anh ensino pratico para aprender com rapidez e facilidade a lingua franceza. Offerecido á mocidade brasileira e portugueza por H. A. GRUBER 13.º edição melhorada e mais correcta. 1.º e 2.º curso. 1 v. cartonado. . . . . 1\$500**
- Curso de lingua franceza pelo methodo de Ahn adoptado ao uso dos portuguezes, por BRUNSWICK, 1 v. in-8º br. 2\$000, cart . . . . . 2\$500**
- Francez (O) sem mestre, por J. G. PEREIRA. 1 bello vol. de mais de 400 pags. enc. 14\$000, br . . . . . 12\$000**
- Lectures choisics de Chateauhriand por RENÉ NOLLET**  
*Livro approvado para os exames de preparatorios*  
1 vol. in-18 enc. em percalina . . . . . 4\$000
- Novo Methodo pratico e theorico da lingua Franceza, por L. A. BURGAIN e J. J. A. BURGAIN, 6.ª edição cuidadosamente revista e augmentada, 2 v. in-18 . . . . . 5\$000**
- Manual dos Verbos irregulares da lingua franceza, contendo a pronuncia e outros esclarecimentos necessarios á boa intelligencia d'esta materia, por ASCANIO FERRAZ DA MOTTA. 1. v. in-18 enc. 2\$000, br. . . . . 1\$500**

- Diccionario dos verbos irregulares da lingua franceza,**  
por GURFFIER, 1 v. enc . . . . . 2\$000
- O Traductor Francez** introdução à lingua franceza COM  
DICIONARIO DE TODAS AS PALAVRAS CONTIDAS NO LIVRO 1 vol.  
in-12 enc. . . . . 2\$500
- Petit Cours de littérature française.** Selecta dos princi-  
paes escriptores francezes, prosa e verso, por CHARLES  
ANDRÉ, 1 vol. enc. . . . . 3\$000
- Resumo da Grammatica Franceza,** por J. L. HARTT  
MILNER. 1 v. in-18 enc. (ch) . . . . . 2\$000
- Nova Grammatica Franceza,** por E. SEVÈNE. Nova edição  
correcta e augmentada com analyse logica, pelo professor  
E. DOUX. 2 v. in-18 cart. . . . . 2\$000
- Methodo pratico de Grammatica franceza para uso  
dos portuguezes,** por M. DO NASCIMENTO E NOBREGA. 1 v.  
in-8.° (ch) . . . . . 4\$000
- Nova Grammatica Portugueza e Franceza,** óu methodo  
pratico para aprender a lingua franceza, seguido de um  
tratado dos verbos irregulares e de exercicios progressivos  
para as differentes forças dos discipulos, por EDUARDO  
MONTAIGU. 2 nitidos vs. in-18 . . . . . 4\$000
- Grammatica Analytica da Lingua Franceza,** por J.  
RUFFIER. 1 v. in-18 . . . . . 3\$000
- Grammatica Franceza** dividida em quatro partes; das  
quaes a primeira trata da pronunção; a segunda, das  
varias partes da oração; a terceira, da syntaxe; e a quarta,  
da orthographia, pontuação e prosodia, etc.; por G. HAMA-  
NIÈRE. 1 v. in-18 enc. . . . . 3\$000
- Guia de Conversação Portuguez-Francez,** por CAROLINO  
DUARTE. 1 vol. in-16, enc. 1\$500 — O MESMO com a pronun-  
cia figurada das palavras francezas. 1 vol. enc. . . . . 2\$500
- Guia de Conversação Francez-Portuguez,** por CAROLINO  
DUARTE. 1 vol. in-16, enc. 1\$500. — O MESMO com a pronun-  
cia figurada das palavras portuguezas. 1 vol. enc. . . . . 2\$500
- Novissimo Guia de Conversação Franceza** com pronun-  
cia figurada seguido de uma colleção de proverbios e  
annexins com a traducção em portuguez e exercicios prati-  
cos sobre os verbos irregulares francezes e portuguezes,  
nova edição aperfeçoadissima, por J. J. A. BURGAIN, 1 v.  
in-18 enc. . . . . 4\$000
- Novo Vocabulario Portatil Francez-Portuguez e Por-  
tuguez-Francez.** Com a pronuncia figurada em ambas as  
linguas, contendo todas as palavras usuas das quaes neces-  
sitamos a cada instante para as differentes circumstancias  
da vida pratica, por SIMÕES DA FONSECA (autor do popular  
*Diccionario Encyclopedico da Lingua portugueza*) 2 vols.  
formato *Elzevir* (para bolso), capa de percalina . . . . . 3\$000  
Vendem-se tambem separadamente cada vol. . . . . 1\$500
- Novo Diccionario Francez-Portuguez e Portuguez-  
Francez.** Com a pronuncia figurada em ambas as linguas,  
composto segundo os melhores dictionarios, por SOUZA  
PINTO. 1 v. in-12 enc. . . . . 5\$000

**Novissimo Diccionario Francez-Portuguez e Portuguez-Francez** Contendo a pronuncia figurada a conjugação de todos os verbos irregulares nos tempos, simples, as phrases cuja traducção pôde offerecer alguma difficuldade, as locuções e proverbios usados em ambas as linguas, e augmentado com mais de 25.000 termos de medicina, cirurgia-veterinaria, physica, chimica, pharmacia, mineralogia, botanica, zoologia, astronomia, bellas-artes, nautica e das demais sciencias e artes bem como os principaes nomes geographicos antigos e modernos, e seguido de uma lista de nomes proprios, alguns dos quaes historicos e outros mythologicos; composto com o auxilio dos dictionarios portuguezes de Moraes e Vieira, dos melhores dictionarios francezes e do grande dictionario universal do XIX seculo, de PIERRE LAROUSSE, por JOÃO FERNANDES VALDEZ. 5.ª edição revista e augmentada por J. J. A. BURGAIN. 2 v. in-8.ª grande; percalina 15\$000  
1/2 chagrin . 18\$000

### 3º. — HESPANHOL

**Curso de lingua hespanhola pelo methodo de Ahn**, por H. BRUNSWICK. 1 v. in-8.ª br. 2\$000, cart . 2\$500  
**Guia de Conversação e do estylo epistolar. Portuguez Hespanhol**, por WILDIK e BUSTAMENTE. 1 vol. in-16, enc. . . . . 1\$500  
 — O MESMO com a pronuncia figurada das palavras hespanholas. 1 vol. in-16 enc. . . . . 2\$500  
**Guia de Conversação Hespanhol-Portuguez**, por DUARTE e BUSTAMENTE. 1 v. . . . . 1\$500  
 — O MESMO com a pronuncia figurada das palavras portuguezas. 1 vol. grande in-16, enc. . . . . 2\$500  
**Novo Vocabulario Portatil Portuguez-Hespanhol e Hespanhol-Portuguez**, pelo visconde de Wildik com a pronuncia figurada em ambas as linguas, contendo todas as palavras usuas das quaes necessitamos a cada instante, para as differentes circumstancias da vida pratica. 2 vols. formato *Elsevir*, (para bolso), com a percalina. 3\$000  
 Vendem-se tambem separadamente cada vol. a. . . . . 1\$500  
**Diccionario Portuguez-Hespanhol e Hespanhol-Portuguez**. Com a pronuncia figurada em ambas as linguas, pelo VISCONDE de WILDIK. 2 nitidos vs. in-12.ª a duas columnas, enc. . . . . 6\$000

### 4º. — INGLEZ.

**Methodo de Ahn. Ensino pratico para aprender com rapidez e facilidade a Lingua Ingleza** offerecido a mocidade Brasileira e Portugueza por H. A. GRUBER. 8ª edição, cart. . . 1\$500  
**Novo methodo pratico e facil para o ensino da lingua Ingleza pelo systema de Ahn**, por M. H. D'ESPINNEY. 1 v. in-8.ª enc. (ch.). . . . . 4\$000

- Inglez, (O) sem mestre, em 52 lições, por J. G. PEREIRA,**  
1 bello v. de mais de 400 pag. enc. 12\$00, br. . . . . 10\$000
- Postillas da Grammatica Ingleza, por JASPER HARBEN,**  
1 v. in-18 cart. . . . . 2\$000
- Selection (A) of choise passages from LONGFELLOW'S**  
poetical works and LORDS MACAULAY'S critical and historical  
essays, adopted by the Board, of Public Instruction of  
Brazil for the examinations in English, organized by Co-  
rinne Coaracy. 1 v. nitidamente impresso. . . . . 1\$500
- Novo curso de lingua ingleza, pratico, analytic,**  
theoretico e synthetico, adaptado ao ensino da mocidade  
brasileira por CYRO CARDOZO DE MENEZES, professor da  
lingua ingleza. 1 v. in-8.º enc. . . . . 4\$000
- The anglo-brazilian Garland, of short letters and des-**  
criptions on a varlety on useful and instructive  
subjects de accordo com o novo programma da instrucção  
publica, por JASPER L. HARBEN. 1 v. in-18 cart. . . . . 2\$000
- Grammatica theoretica e pratica da lingua Ingleza, em**  
methodo facil para aprender a lingua ingleza, desenvolvida  
com a maior concisão e clareza; por P. SADLER. Accommo-  
dada ao uso dos que fallam a lingua portugueza, por JACIN-  
THO CARDOSO DA SILVA. 1 v. in-18 enc. . . . . 3\$000
- Grammatica ingleza, theoretica e pratica, redigida sob um**  
plano inteiramente novo e comprehendo um curso completo de  
exercicios sobre a etymologia e syntaxe, por JACOB BENS-  
BAT, ultima edição, revista e corrigida pelo autor. 1 vol.  
in-8.º cart. . . . . 4\$000
- Guia de Conversação Inglez-Portuguez, por DUARTE e**  
CLIFTON. 1 v. in-12.º enc. . . . . 1\$500
- O MESMO com a pronuncia figurada das palavras portugue-  
zas. 1 v. . . . . 2\$500
- Guia de Conversação Portuguez-Inglez, por DUARTE e**  
CLIFTON, 1 v. enc. . . . . 1\$500
- O MESMO com a pronuncia figurada das palavras inglezas.  
1 vol. . . . . 2\$500
- Novo vocabulario Portatil Portuguez-Inglez e Inglez**  
Portuguez, de ROBERTO DE MESQUITA, contendo a pro-  
nuncia figurada em ambas as linguas e todas as palavras  
as mais usuas das quaes necessitamos a cada instante para  
as differentes circumstancias da vida pratica. 2 vols. for-  
mato *Elzevir* (para bolso), capa de percalina. . . . . 3\$000
- Vendem-se tambem separadamente cada vol. a. . . . . 1\$500
- Novo diccionario Inglez-Portuguez, e Portuguez-In-**  
glez, por LEVINDO CASTRO DE LAFAYETTE, contendo todo  
o vocabulario da lingua usual dando a pronunciação figu-  
rada de todas as palavras inglezas e das palavras portugue-  
zas nos casos incertos e dificeis, compilado dos melhores  
autores. 1 vol. in-12. . . . . 5\$000
- Novo diccionario Inglez-Portuguez e Portuguez-In-**  
glez, por JOAO FERNANDES VALDEZ. 9.ª edição. 2 grossos v.  
n-18, de cerca de duas mil paginas. . . . . 12\$000

## 5º. — ITALIANO

- Curso de Lingua Italiana pelo methodo de Ahn**, por H. BRUNSWICK, 1 v. in-8.º (ch) br. 2\$000 cart. . . . . 2\$500
- Italiano (O)** sem mestre, em 52 lições, por J. G. PEREIRA, 1 v. mais de 400 pag. enc. 12\$000 br. . . . . 10\$000
- Compendio geral da Lingua Italiana com todos os verbos anónimos comparado com o Portuguez**, por ALBERTO DE GERVAIS. 1 v. in-8.º enc. . . . . 4\$000
- Instituições grammaticaes da lingua Italiana**, approvadas pelo Conselho director da Instrução publica por Monsenhor G. LIPPARONI. 1 v. in-18. . . . . 4\$000
- Manuale della conversazione e dello stilo epistolare Italiano-Portoghese** ad uso dei viaggiatori e dei Giovanni Allievi de GIOVANNI VITALI e SOUZA PINTO. 1 v. in-12 enc. . . . . 1\$500
- O MESMO com a pronuncia figurada das palavras portuguezas. 1 vol. . . . . 2\$500
- Guia de Conversação Portuguez-Italiano**, com a pronuncia figurada das palavras italianas. 1 vol. . . . . 1\$500
- Novo vocabulario portatil Portuguez-Italiano e Italiano-Portuguez**, por ARTURO ANGELI. Contendo a pronuncia figurada em ambas as linguas e todas as palavras usuas das quaes necessitamos em todas as circumstancias da vida diaria. 2 vols. formato *Elzevir* (para bolso), capa de percalina. Vendem-se separadamente cada vol. a . . . . . 1\$500
- Novo dictionario Portuguez-Italiano e Italiano-Portuguez** com a pronuncia figurada em ambas as linguas, composto segundo os melhores dictionarios, por ARTURO DE ROZZOL. 1 v. in-12 enc. . . . . 5\$000

## § 11º — ESTUDO DA LINGUA LATINA

- Vita Agricolaë. TACITUS.** Edição annotada e destinada ás escolas, por J. GAUTRELLE. 1 v. in-18 cart. . . . . \$600
- Epitome Historiæ Sacræ**, auctore C. F. LOMOND, notis selectis illustravit A. Mottes, ad usum scholarum brazilien-sium, correxit et accommodavit Dr. A. Castro Lopes, com um dictionario latino-portuguez de todas as palavras contidas n'esta obra. Nova edição, 1 v. in-12 cart. . . . . 1\$000
- Explicação da Syntaxe latina**, dividida em duas partes, na primeira trata do que pertence á syntaxe de concordancia e regencia, na segunda dá noticia da syntaxe geral, etc., etc. pelo padre Antonio Rodrigues Dantas. 1 vol. in-18 cart. . . . . 2\$000
- Novo systema para estudar a lingua latina**, por A. DE CASTRO LOPES, 3.ª edição correcta e augmentada, 1 vol. in-8.º. . . . . 4\$000
- Novo Methodo de Grammatica Latina**, por A. PEREIRA



- DE FIGUEIREDO**, reduzido a compendio, e acompanhado de um supprimento dos exemplos da syntaxe, pelo Conego Francisco Bernardino de Souza. 1 v. in-18 cart. 1\$000
- Novo Methodo da Grammatica Latina**, por A. PEREIRA DE FIGUEIREDO; novissima edição melhorada e consideravelmente augmentada pelo Presbytero F. R. dos Santos Saraiva. 1 grosso v. in-18. cart. . . . . 2\$000
- Grammatica Latina** para uso dos alumnos do Seminario Episcopal de S. Paulo. Extrahida dos melhores autores, por um professor do mesmo Seminario, 3.<sup>a</sup> edição correcta e melhorada: 1 v. in-18 enc. . . . . 2\$000
- Novissimo dictionario latino-portuguez**. Etymologico, prosodico, historico, geographico, mytologico, biographico, etc., no qual são aproveitados os trabalhos de philologia e lexicographia mais recentes, redigido segundo o plano de dictionario Latino-Francez de Quichera e precedido de uma lista dos autores de monumentos latinos citados no volume e das principaes siglas usadas na lingua latina, por F. R. dos Santos Saraiva, 1 nitido v. in-4.<sup>o</sup> grande com 1.325 paginas de tres columnas, elegante e solidamente encadernado. . . . . 15\$000

## § 12. — GEOGRAPHIA

- Geographia da Infancia**, para uso das escolas primarias pelo Dr. J. M. de LACERDA. Ultima edição muito melhorada pelo Dr. EUGENIO DE BARROS RAJA GABAGLIA, 1 v. cart. com 7 mappas coloridos . . . . . 1\$000
- Novo Atlas Universal da Infancia**, contendo 18 cartas e numerosas plantas de cidades com o texto explicativo sobre cada carta pelo Dr. J. M. DE LACERDA. Nova edição muito melhorada 1 v. oblongo nitidamente impresso e cart. 1\$500
- Lições elementares de Geographia**, segundo o methodo Gaultier, por ESTACIO DE SA E MENEZES, 4.<sup>a</sup> edição consideravelmente augmentada e melhorada 1 v. in-18 enc. 2\$000
- Lições de geographia elementar**, por L. A. e J. J. A. BURGAIN, 1 v. in-18 cart. . . . . 2\$500
- Elementos de Geographia**, physica, politica e astronomica para as classes inferiores da instrução secundaria, pelo Dr. JOAQUIM M. DE LACERDA, 5.<sup>a</sup> edição muito melhorada pelo Dr. EUGENIO DE BARROS RAJA GABAGLIA. 1 v. cart. com 11 mappas coloridos . . . . . 3\$000
- Geographia physica**, para uso da juventude, escripta na lingua ingleza, por MAURY, e vertida no idioma patrio por L. A. DA COSTA JUNIOR. 1 v. in-18 enc. com mappa. 3\$000
- Curso methodico de Geographia**, pelo Dr. J. M. DE LACERDA, physica, politica, historica, commercial e astronomica, e seguido de um tratado de cosmographia, illustrado com muitas finissimas gravuras instructivas e explicativas contendo 15 mappas coloridos. Nova edição muito melhorada. 1 v. cart. . . . . 4\$000

- Terra Illustrada (A).** Geographia universal physica, ethnographica, politica e economica das cinco partes do mundo por F. I. C. Augmentada e refundida na parte referente ao Brazil, pelo Dr. EUGENIO DE BARROS RAJA GABAGLIA. 1 grosso volume in-8.º com muitas gravuras, cart. . . . . 8\$000
- Mappa dos Estados Unidos do Brazil,** escala 1 por 1.165.000. Em folha . . . . . 3\$000  
Apparelhado em tela de linho e em madeira, para parede. . . . . 6\$000
- Planispherio Terrestre** indicando as novas descobertas colonias europeas e as linhas maritimas dos navios a vapor que fazem escafa nos principaes portos de commercio Traçado por E. VUILLEMIN. Revisto e corrigido por E. ZERROLO. 1 Folha de 1<sup>m</sup>,30 de comprimento sobre 90 cent. de largo . . . . . 5\$000  
O mesmo apparelhado em tela de linho e em madeira, para parede. . . . . 10\$000
- Atlas Universal de Geographia Physica e Politica.** Publicado sob a direcção de DOMICIO DA GAMA, comprehende 37 mappas, nova edição. 1 vol. in-fº, cartonado. . . . 8\$000
- Atlas de Historia Antiga e Moderna.** Publicado sob a direcção de DOMICIO DA GAMA. *Comprehende 38 mappas: Historia antiga, medieval e moderna.* 1 vol. in-fº cartonado . . . . . 8\$000
- Atlas Geral de Historia e Géographia, Antiga e Moderna,** Publicado sob a direcção de DOMICIO DA GAMA, 1 vol. comprehendendo 75 cartes in-fº, cartonado . . . . 15\$000  
enc. . . . . 19\$000
- Globo Géographico.** Lavrado por J. FOREST. *Escala 1/40.000.000.* Montado em pé de Madeira e aro de metal. com 1 metro de circumferencia . . . . . 30\$000

## § 15º — HISTORIA

### 2.º — HISTORIA DO BRAZIL

- Pequena Historia do Brazil.** Por perguntas e respostas para uso da infancia brasileira, pelo Dr. J. M. DE LACERDA, Nova edição illustrada com os retratos dos maiores vultos da historia brasileira e muito melhorada até 1905, por OLAVO BILAC, Director do Pedagogium. 1 v. cart. . . . . 1\$000
- A MESMA OBRA** sem perguntas, e respostas, pelo mesmo autor, 1 v. cart. . . . . 1\$000
- Historia Brasileiras,** por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-18.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Episodios da Historia Patria contados á infancia,** pelo conego Dr J.—C. FERNANDES PINHEIRO, 13.ª edição melhorada. 1 v. in-18.º cart. . . . . 2\$000
- Historia do Brazil, contada aos meninos,** por ESTACIO DE SA E MENEZES. Nova edição revista e augmentada. 1 v. in-18.º . . . . . 2\$000

- Lições de historia do Brazil.** Para uso das escolas de instrucção primaria, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACESO. Obra adoptada pelo conselho superior da Instrucção Publica, *Nova edição* ampliada até 1906, por OLAVO BILAC, director do Pedagogium, 1 vol. in-4.º cart. 3\$000
- Brazil,** por FERNANDO DENIS. *Colombia e Guyanas,* por M. C. JAMIN: traducção portugueza, 2 vol. in-4.º enc.
- Historia da America Portugueza,** por SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA, nova edição, revista, 1 v. in-4.º enc.

## § 23.º — RELIGIÃO E MORAL

### 1.º — OBRAS RELIGIOSAS

- Alma (A) religiosa;** pelo Rev. P. JOÃO PEDRO PINAMONTI, da companhia de Jesus. 1 v. enc. 3\$000
- Anthologia dos Predadores Brasileiros,** pelo Rev. Mons. VICENTE LUSTOSA, 2 vol. br. 6\$000, enc. 8\$000, amador. 10\$000
- Apologia do Christianismo,** por FRANCISCO HETTIGER, doutor em theologia, traduzida da lingua allemã por FRANCISCO DE AZEVEDO TEIXEIRA DE AGUILAR, conde DE SAMOBAES, 5 vs. in-4.º (ch.) enc. 5\$
- Assumpção (A),** poema composto em honra da Santa Virgem, por Fr. Francisco DE SÃO CARLOS. Nova edição correcta precedida da biographia do autor e do juizo critico ácerca do poema, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Balsame espirital,** por BLOSSIO. 1 v. in-12 enc. 2\$500
- Encadernação dourada.* 3\$500
- Biblia e a Natureza (A).** Lições sobre a historia biblica da creação em suas relações com as sciencias naturaes. por HEINRICH REUSCH, traduzida em portuguez por JOÃO MANOEL CORRÉA, 2 vs, in-4.º enc. 10\$000
- Biblia da Infancia (A),** pelo Padre A. SACHET; traducção do Padre CLEMENTINO CONTENTE, Doutor em theologia, Bacharel em direito canonico, obra illustrada e approvada pelos Ex<sup>mas</sup> e Rev<sup>mas</sup> Arcebispos e Bispos de Lyão, Sozopolis, Aix, Lebasté, Friburgo, Genebra, Soissons, Laon, Nimes, Saint-Claude, Roséa, Dijon, Bahia, Pará, Espirito Santo e Cuyabá. 1 v. in-8.º, cart. 2\$000
- percalina. 3\$000
- Biblia Sacrada,** traduzida em portuguez segundo a vulgata latina, illustrada com prefações por ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO, seguida de notas pelo Rev. Conego DELAUNAY, Cura de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris; de um dictionario explicativo dos nomes hebraicos, chaldaicos, syriacos e gregos, e de um dictionario geographico e historico; e approvada por mandado de S. Ex. Revma o Arcebispo da Bahia 2.ª edição illustrada com 40 esplendidas gravuras sobre

- aoçabertas por Ed. Wilmann, segundo Raphael, Leonardo de Vinci, Ticiano, Poussin, Horacio Vernet, Murillo, Vanloo, etc. : 2vs. in-folio, ricamente encadernados. . . . . 40\$000
- Breves e familiares Instruções sobre o Symbolo**, por JOSÉ LAMBERT. Traduzidas do francez, com autorização do Exm. Cardeal Bispo do Porto, pelo Padre J. M. VALENTE. 2 grossos vols. in-4.º br. . . . . 10\$000
- Caminho do Céu**. Considerações sobre as maximas eternas, e sobre os sagrados mysterios da Paixão de Christo Nosso Senhor, para cada dia do mez, com estampas. 1 v. in-12.º . . . . . 2\$500
- Collecção de 275 meditações** sobre os mysterios do Nascimento, da Paixão, da Resurreição e do altar de Nosso Senhor Jesus Christo, offerecidos á Mocidade Brasileira por um padre da Congregação da Missão fundada por S. VICENTE DE PAULA. 1 nitido vol. ornado de muitas gravuras, enc. . . . . 3\$000
- *Encadernação dourada* 4\$000. ch. dourado . . . . . 5\$000
- Compendio abreviado da Missa e da Confissão**, contende a Missa, as Vesperas e outras devoções, o Officio da Immaculada Conceição, da Virgem N. Senhora, approved pelos Exms. Srs. D. AMERICO, Cardeal Bispo do Porto e D. LUIZ. Arcebispo da Bahia, com muitas gravuras no texto. 1 vol. in-32 enc. em percalina . . . . . 1\$000
- Compendio de Orações para os devotos do Sagrado Coração de Jesus**; pelo Revm. HENRIQUE RAMIÈRE. 1 v. enc. 2\$000, br. . . . . 1\$500
- Compendio de Theologia Moral**, por SANTO AFFONSO M. DE LIGUORI, redigido pelo padre J. FRASSINETTI, e traduzido da 5.ª edição por ordem do Exm. e Revm. Sr. D. Antonio Ferreira Viçoso, Conde da Conceição, bispo de MARIANNA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 4\$000
- Confissões do grande doutor da Igreja Santo Agostinho**, traduzidas na lingua portugueza por um devoto 1 grosso vol. in-18 com 468 pags., br. 3\$000, enc. 4\$000
- Conflictos da sciencia com a religião**, por J. W. Draper, professor da Universidade de New-York. Trad. de J. C. de MIRANDA, 1 v. enc. 10\$000, br. . . . . 8\$000
- Consolação dos enfermos**, pelo Padre HENRIQUE PERREYRE; introdução do Padre PÉTÉTOT. Tradução de Padre CLEMENTINO CONTENTE. Doutor em théologia e Bacharel em direito canonico. 1 vol. in-12, enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Curso abreviado de religião**, ou verdade e belleza da religião christã, por SCHOUPE (Padre F. X.), da Companhia de Jesus, traduzido pelo padre M. J. DE MESQUITA PIMENTEL, 1 v. in-4.º enc. (ch.) . . . . . \$000
- Devoção do Rosario**, Thesouro de Elegancia e de Piedade. 1 v. in-12 br. . . . . 1\$000
- Diario de Margarida (O)**, ou dous annos preparatorios para a primeira communhão de meninas; por M<sup>lle</sup> V. MONNIOT. 2 vols., enc., proprios para presente . . . . . 8\$000
- Directorio do Joven Sacerdote** no que toco á sua vida e

- em suas relações com a sociedade; pelo P. REAUME. Trad. pelo CONEGO FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA, e approvado pelo Exm. Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro. 1 v. in-8.º enc. dourada 5\$000, br . . . . . 4\$000
- Do amor proprio ao amor de Deus** (philosophia e historia), por LUIZ FRANCISCO DA VEIGA. 1 vol. in-4.º br. 3\$000
- Dôr (A)** por Mons. BOUGAUD 1 vol. amador 5\$000, enc. 3\$000.
- Epistolas e Evangelhos**, dos domingos e das principaes festas do anno acompanhados das orações durante o sants sacrificio da missa, das vesperas e completas do domingo. para uso das escolas christãs. 1 v. in-12 enc . . . . . 2\$000
- Espirito (O) de Pio IX**, bellissimos traços da vida d'esse grande Papa, pelo Rev. Padre HUOURT. Traducção da 2.ª edição pelo conego F. BERNARDINO DE SOUZA, com a approvação do Exm. e Revm. Arcebispo do Rio de Janeiro. 1 v. nitidamente impresso. . . . . 3\$000
- Exercicio** (Novissimo) **quotidiano** para a manhã e a noite, e para a confissão e communhão. 1 v. in-32. . . . . 1\$000
- Exercicios da vida christã**, colligidos de autores classicos e coordenados por um dos Missionarios do Caraca; approvados pelos Exms. Srs. Bispos de Marianna, Diamantina, Rio de Janeiro, Pará e Olinda. 1 lindo vol. nitidamente impresso e enc . . . . . 2\$000
- *Encadernação dourada* . . . . . 3\$500
- Exercicios E pirituaes de Santo Ignacio**, propostos ás pessoas seculares pelo Rev.º padre JOAO PEDRO PINAMONTI, da Companhia de Jesus. Traduzido da lingua italiana para a portugueza pelo Rev.º padre MIGUEL DE AMARAL. 3.ª edição feita sobre a primeira de Coimbra de 1726. 1 vol. nitidamente impresso, enc . . . . . 3\$000
- Fabioia**, ou a Igreja das Catacumbas. Romance religioso, pelo CARDEAL WISEMANN. Arcebispo de Westminster. 1 v. gr. in-4.º (ch.) enc. . . . . 5\$000
- Flór dos prégadores (A)** ou collecção selecta de sermões dos mais celebres oradores contemporaneos para todos os domingos e principaes festas do anno pelo Padre FRANCISCO LUIZ DE SEABRA, 9 v. enc. in-4.º . . . . . 40\$000
- Glorias de Maria Santissima**, por SANTO AFFONSO LIGUORI, 2 vol.
- Guia de Peccadores e Exhortações à Virtude**, por Fr. LUIZ DE GRANADA. 2 grossos volumes in-8.º br. 6\$000, enc. 8\$000
- Historia Ecclesiastica** reduzida a compendio, com muitas noticias do Brazil e da America, e appendices contendo a taboa chronologica dos Papas, e catalogo dos Concilios Ecu- menicos, a Jerarchia Catholica, os Arcebispados e Bispados da America, e noticias dos Exms. Srs Bispos de S. Sebastião do Riot de Janeiro, por GOUD (Padre Anthelmo), 1 v. grosso in-4.º enc . . . . . 8\$000
- Historia Universal da Igreja**, pelo Dr. JOAO ALZOG, traducção de JOSÉ ANTONIO DE FREITAS, obra publicada com a approvação e sob os auspicios do episcopado lusitano e brasileiro. 4 v. in-4.º enc. . . . . \$

- Importancia da Primeira Communhão**, demonstrada por exemplos : obra de grande utilidade aos prégadore catechistas, às mães christãs, e aos que têm de fazer a primeira communhão; pelo Rev. Padre HUGUET. Traduzida pelo conego FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA. 1 v. in-8.º . . . . . 2\$500
- Instruções para tranquillizar as almas timoratas em suas duvidas e viver christãmente no mundo**, pelo R. P. CARLOS JOSÉ QUADRUPANI, barnabita. 1 v. in-12 . . . . . 1\$000
- Introdução á Vida Devota**, por SÃO FRANCISCO DE SALES, 1 v. in-8.º enc. . . . . 2\$500
- *Rica encadernação dourada*. . . . . 3\$000
- Leituras populares sobre a Sagrada paixão de Nosso Senhor Jesus-Christo e as dôres do Maria Santissima**, illustradas com exemplos extrahidos dos melhores autores, por um padre da Congregação da Missão. Adornadas Com 7 gravuras finas. 2.ª edição, 1 elegante v. in-18.º encadernado. 3\$000
- *Rica encadernação dourada* 4\$000. ch. dourado. 6\$000
- Lições espirituaes**, pelo Padre ANTONIO ROSMINI SERVATI, traduzidas do original italiano. 1 v. in-8º br. 1\$000, enc. . . . . 2\$000
- Livro de Devoções**, contendo o methodo de assistir ao Santo Sacrificio da Missa, approvedo pelo Exm. Snr. D. AMERICO, Cardeal Bispo do Porto, com muitas gravuras intercaladas no texto 1 vol. in-32 enc. am percalina. \$800
- Livro da Oração (O)**, ornado de 30 gravuras intercaladas no texto, de um frontispicio em chromolithographia pelo padre CLEMENTINO CONTENTE. 1 vol. in-32. chagrin dourado 4\$000, dourado 2\$5000, simples. . . . . 2\$000
- Manual da Missa (O)**. Contendo : os deveres do christão, as principaes festas do anno e as devoções universaes pelo padre CLEMENTINO CONTENTE. 1 vol. in-18 com oito gravuras em chromo e um frontispicio, chag. dourado 6\$000, dourado 5\$000, simples. . . . . 4\$000
- Manual do Parocho**, pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 v. in-8.º. . . . . 2\$000
- Medalha ou Cruz de S. Bento**. Ensaio sobre sua origem, significação e privilegios; pelo Rev. Padre D. PROSPERO GUERANGER. 1. v. in-8.º com 2 estampas. . . . . 2\$000
- Meditações dos attributos divinos** pelo PADRE DIOGO MONTEIRO (obra posthuma). Edição approveda pelo Exm. Sr. D. PEDRO MARIA DE LACERDA, Arcebispo do Rio de Janeiro. Nova edição. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000
- Meditações para todos os dias do anno**, por M. HAMON, traduzidas da 13.ª edição franceza por FRANCISCO LUIZ DE SEABRA, 6 vol. enc. . . . . 16\$000
- Meditações**. Que compoz o glorioso doutor da igreja S. AGOSTINHO. . . . . 3\$000
- Meditações Sacerdotaes** ou o padre santificado pela oração, pelo Rev. P. CHAIGNON, traduzidas pelo parocho FRANCISCO LUIZ DE SEABRA, 5 v. in-8.º enc. (ch.). . . . . 20\$900
- Mez (O) de S. José** para uso dos seminaristas e dos sacer-

- dotes, pelo Revm. Padre XAVIER DIDIER, com approvação do Exm. Bispo de Marselha. Traducção portugueza approvada pelo Exm. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro. 1 v. in-12 enc. . . . . 2\$000
- Mez do Sagrado Coração de Jesus**, traduzidos por D. Frei VITAL MARIA GONÇALVES DE OLIVEIRA, bispo de Olin-da, seguido do methodo de ouvir a missa; 2.ª edição muito melhorada e augmentada com a *Novena do Espirito-Santo*, primor do classico Portuguez PADRE MANOEL CONSCIENCIA. 1 v. in-12 enc. 2\$500, dourado. . . . . 3\$000
- Missal da Familia Christã** (O) Ornado de seis gravuras reprduzindo os quadros dos mestres da pintura, e de um frantispicio em chromo, pelo padre CLEMENTINO CONTENTE. 1 bonito volume in-18, chagrin dourado 7\$8000, dourado 6\$000, simples. . . . . 5\$000
- Missal do Christão**, contendo a benção do S. S. Sacramento, o caminho da cruz e os mysterios do Rosario, pelo Presby-tero J. LONG, vigario de Paris. 1 vol. artisticamente impres-so, e bem encadernado. . . . . 3\$000
- Mulher (A) forte. Conferencia destinadas ás senhoras**, por Mgr. LANDRIOT, arcebispo de Reims. Traducção do Dr. NUNO ALVARES, 1 v. in-8. br. . . . . 2\$000  
enc . . . . . 3\$000
- No Presbyterio e no Templo**, por SENNA FREITAS, littera-tura christã, sermões, praticas e allocuções, 2 vs in-8. br. 5\$000, enc. (ch). . . . . 7\$000
- Noites (As) de Santa Maria Magdalena**, enriquecidas com o sepulchro de Jesus Christo; pelo Rev. P. M. J. DE GE-RAMB; trad. do Padre J. P. PINHEIRO, 1 v. in-8. enc. 1\$600, br . . . . . 1\$000
- Nossa Senhora de Lourdes**, por MONSENHOR DE SÉGUR, 1 v. br. 1\$000, enc. . . . . 1\$600
- Nossas Crenças**, pelo P. CLEMENTINO CONTENTE. 1 vol. enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Novena Efficacissima a N. S. do Perpetuo Soccorro**, pelo rev. SAINT-OMER, traducção portugueza, 1 v. . . . .
- Obras Oratorias de FREI FRANCISCO DE MONT'ALAVERNE**. Panegirico dos santos, discursos e orações funebres, 2 vol.
- Ordem da Santa Missa**, em latim e portuguez. 1 v. in-18. . . . . 1\$000
- Os que soffrem**, por MONSENHOR DE SÉGUR. 1 v. br. 1\$000, enc . . . . . 1\$600
- O padre ao altar ou Santo sacrificio da missa digna-mente celebrado**, seguido d'algumas reflexões sobre a importante materia das indulgencias e d'uma collecção de praticas pias para lucrar uma pleneria todos os dias do mez; com orações para antes e depois da celebração da missa Rev.º pelo P.º CHAIGNON, traduzidos por FRANCISCO LUIZ SEABRA, 1 v. in-8.º (ch.) enc. . . . . \$
- Parochiano Abrevladiſſimo**, contendo o methodo de assis-tir ao Santo Sacrificio da Missa, livro dedicados ás mães extremosas, approved pelo Exmo. Sr. D. AMERICO Car-

- deal Bispo do Porto, 5ª edição 1 vol. in-32 enc. em percalina. . . . . \$500
- Porque somos nós Catholicos e não Protestantes!** Discussão sobre a escriptura, bom senso e factos. Trad. da 3ª edição franceza por EMILIA AUGUSTA GOMIDE PENIDO. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000
- Pratica da confissão** ou instrucção, completa de quanto é necessario ao christão saber para se confessar bem, por Monsenheor SILVERIO GOMES PIMENTA. Obra approvada pelo Exmº Sr. Bispo de Marianna, o qual concede aos seus diocesanos quarenta dias de indulgencia cada vez que lerem por ella. 1 vol. in-12, chagrin dourado 6\$000, dourado 4\$000, simples . . . . . 3\$000
- Pratica do Amor a Jesus-Christo**, extrahida das palavras de S. Paulo : *Charitas patiens est, benigna est*, etc., por SANTO AFFONSO DE LIGUORI, traduzido do italiano por uma senhora. 1 v. in-12 enc. . . . . 2\$000
- Preparação para a morte.** por Santo Affonso de Ligorio 1 vol. in-12, br. 2\$500; enc. . . . . 3\$500
- Prisca.** Narracão historica do Reinado de Claudio, primeira seculo da era christã. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Ritual do Arcebispaço da Bahia** pelo padre LOURENÇO BORGES DE LEMOS, 1 v. in-8.º enc. . . . . 6\$000
- Sermões** do P.º Antonio VIEIRA. Collecção dos Sermões do grande orador sagrado, 2 vol. . . . . \$
- Sermões selectos** do fallecido P.º MARTINHO ANTONIO PEREIRA DA SILVA, coordenados e enriquecidos com uma noticia biographica e illustrado com o retrato do autor, 3 vs. in-4.º enc . . . . . \$
- Soliloquios e Manual de Santo Agostinho** 1 vol. br. 2\$000, enc. . . . . 3\$000
- Theologia moral em quadros** ou estudo ordenado e methodico de todas as questões e doutrinas theologico-moraes pelo ABBADE MARTIN, traduzido por FRANCISCO LUIZ DE SEABRA, 2 v. br. . . . . \$
- Thesourinho do christão**, por um sacerdote da Congregação da missão, enriquecido com o officio pequeno de Nossa Senhora. v. in-32 nitidamente impresso com lindas gravuras enc. . . . . 2\$000
- *Rica encadernação.* . . . . 2\$500
- *Em chag. dourado.* . . . . 4\$000
- Thesouro do Christão** — Dedicado aos alumnos dos seminarios do Brazil, por um padre da congregação do missão. 7.ª edição correcta e augmentada com a devoção do Apostolado da oração. 1 v. in-12 nitidamente impresso e illustrado com lindas estampas, encadernado. . . . . 3\$000-
- *Rica encadernação, 4\$000 Em chab. dourado.* . . . . 6\$000
- Tratado da verdadeira devoção á Santissima Virgem**, Pelo rev. L.-M.-G. DE MONFORT, 1 vol. . . . . \$
- Tratado dos dous preceitos da caridade** e dos dez mandamentos da Lei de Deus, por SAO THOMAZ D'AQUINO,



- traduzido pelo Dr. BRAZ FLORENTINO HENRIQUES DE SOUZA, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Triplíce devoção de Jesus, Maria, José.**  
Com a approvação dos Exms. Srs. Arcebispos da Bahia, do Rio de Janeiro, do Bispo de Marianna e do Superior Geral da Congregação da Missão.
- *Um elegante volume nitidamente impresso, encadernado, e illustrado com lindas gravuras.* . . . . . 3\$000
- *Rica encadernação em chag. 4\$000 dourado.* . . . . . 6\$000
- Vademecum sacerdotis** opusculum ex Missali necnon Rituali Romano et aliis libris excerptum ab Aureliano Deodato Brasiliensi Sacerdote diocesis mariannensis in Brasillo 1 v. in-12.º enc. . . . . 2\$000.
- Vida de Nossa Senhora**, representada em quinze meditações de seus principaes mysterios, para nos dispormos a celebrar com devoção e fructo, nos quinze primeiros dias de agosto, sua triumphante Assumpção aos Céos. 1 vol. in-12.º . . . . . 1\$000
- Vida e pensamentos de Santa Thereza de Jesus** reformadora da ordem carmelitana seguida d'uma novena e da missa da mesma santa segundo o rito carmelitano por FILIPPE MARIA DA MOTTA D'AZEVEDO CORREA, Irmão Terceiro da mesma ordem, 1 nitido vol. com muitas gravuras enc. . . . . 2\$500

## 2.º — MORAL

- Arte de ser feliz.** Maximas religiosas e moraes para nos conduzirmos sabiamente no mundo. 1 v. in-18. . . . . 1\$000
- Bondade (A)** Pelo rev. J. GUIBERT (Traducção brasileira), 1 vol. . . . .
- Caracter (O)** Pelo rev. J. GUIBERT (Traducção brasileira), 1 vol. . . . .
- Maximas, pensamentos e reflexões**, do MARQUEZ DE MARRICA. 1 vol. in-18 br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Compendio de civilidade christã**, por D. ANTONIO MACEDO COSTA. 1 v. . . . .
- Obras do Padre V. Marchal : A Consciência como deve ser**, traducção approvada pelo autor, 1 vol. enc. 3\$500, br. . . . . 2\$500
- Esperança aos que choram**, unica traducção approvada e corrigida pelo autor. 1 vol. enc. 3\$500, brochado. . . . . 2\$500
- O Homem como deveria sel-o**, traducção approvada e corrigida pelo autor 1 vol. enc. 3\$500, brochado. . . . . 2\$500
- Memorias d'um prodigo**, 1 vol. . . . .
- A Mulher como deve ser**, unica traducção approvada e corrigida pelo autor. 1 vol. enc. 3\$500, brochado. . . . . 2\$500
- O Ramalhete das jovens Christãs**, 1 vol. enc. 3\$500, br. . . . . 2\$500
- Tudo na Caridade**, 1 vol. . . . .
- Obras do Padre F. Maucourant**, Secretario particular do Ex.º e Rev.º Bispo de Nevers Traduzidas pelo Rev.º

Mons. VICENTE LUSTOSA uncias traducções approvadas e corrigidas pelo autor.

- I. — *Provação religiosa sobre a humildade.* 1 vol. in-12, enc. 3\$500, br. . . . . 2\$500
- II. — *Provação religiosa sobre a pobreza.* 1 vol. in-12, enc. 3\$500, br. . . . . 2\$500
- III. — *Provação religiosa sobre a obediencia.* 1. vol. in-12, enc. 3\$500, br. . . . . 2\$500
- IV. — *Vida de Intimidade com o Divino Salvador,* edição dedicada ás *almas piedosas.* 1 vol. in-12, enc. 3\$500, br. . . . . 2\$500
- V. — *Vida de Intimidade com o divino Salvador,* edição dedicada ás *peçoas do seculo.* 1 vol. in-12, enc. 3\$500, br. . . . . 2\$500

### OBRAS DE SAMUEL SMILES

- Ajuda-te,** ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de \*\*\*, 1.ª edição. 1 v. in-8.ª enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Caracter** (O), traduzido por D. ADELAIDE PEREIRA. 1 grosso v. in-8.ª enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Dever** (O), com exemplos de coragem, paciencia e resignação. 1 v. in-8.ª enc. 4\$000. br. . . . . 3\$000  
 É um livro digno de ser lido, se e não superior, ao menos igual ás obras conhecidas do mesmo autor.
- Economia Domestica Moral** ou a felicidade e independencia pelo trabalho e pela economia. 1 v. in-8.ª enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Poder da Vontade,** ou caracter comportamento e perseverança. Trad. de A. J. FERNANDES DOS REIS, 2.ª edição. 1 vol. in-8.ª enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Vida** (A) e o Trabalho, traducção de CORRINNA COARACY. 1 vol. in-8.ª enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000

## § 27º — LITTERATURA

### 1.º — PROSA

- Alcorão** (O), escripto por MAHOMET e traduzido cuidadosamente para o portuguez. 1 v. in-4.ª grande enc. 25\$000, enc. de luxo . . . . . 30\$000
- Alfarrabios.** Chronica dos tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR; contendo :  
 I. **O Garatuja.** 1 v. in-18.ª enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000  
 II. **O Ermitão da Gloria e a Alma de Lazaro.** 1. v. in-18.ª enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Alma Dorida,** pelo DR. CYRO DE AZEVEDO, (Ministro do Brazil na Republica Argentina), 1 vol. in-18, enc., 4\$000; br. . . . . 3\$000
- Alma** (A) e o cerebro, estudos de psychologia e de physio-

- logia. Obras do Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.º 8\$000, in-18.º . . . . . 6\$000
- America Latina (A)**, o parasitismo social e a evolução, males de origem, por MANOEL BOMPIM. 1 vol. in-18 br. 4\$000, enc. . . . . 5\$000
- America (A) do Norte em Trabalho**, por J. FRASER, traducção brasileira de J. de CASTILHO, 1 v. in-8, br
- Ania Eterna**, por JULIA LOPES DE ALMEIDA. 1 v. nitidamente impresso, in-8.º, enc. em percalina 4\$000. br. 3\$000
- Arte (A) de furta**r, pelo P.º ANTONIO VIEIRA. Nova edição acompanhada de estudo critico e bibliographico, de notas historicas e philologicas e cuidadosa revisão, por JOÃO RIBEIRO (da Academia Brasileira), 1 v. in-4 enc. . . . .
- Artistas do meu tempo**, por MELLO MORAES FILHO, 1 vol. in-18.º, com retratos, br. 3\$000, enc . . . . . 4\$000
- Atala. Renato. Aventuras do derradeiro abencerrage**, por CHATEAUBRIAND, traducção de K. DE AVELLAR 1 vol. in-18 enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Através da Vida**, por D. AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA da Academia Pernambucana. 1 vol. nitidamente impresso, br . . . . . 2\$000
- Aventuras do Sr. Pickwick**, por CHARLES DICKENS, traducção portugueza de K. D'AVELLAR. 2 grossos volumes nitidamente impressos, br. 6\$000, enc . . . . . 8\$000
- Aventuras de Robinson Crusoe** por DANIEL DE FOÉ traduzidas do original inglez. Dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras. . . . . 10\$000
- Baroneza (A) de amor**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-18.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Ben-Hur**. Romance dos tempos de Jesus-Christo, por LEWIS WALLACE, traducção do Conego FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA, 1 v. in-18º enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Brazileiras celebres**, por J. NORBERTO DE SOUZA e SILVA. 1 v. in-8.º enc . . . . . 3\$000
- Cabelleira (O)**, por FRANKLIN TAVORA, 1 v. in-8º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- A cabana do tio Thomaz ou A vida dos negros na America do Norte** por BEECHER-STOWE. 1 vol. in-18, br. 4\$000, enc. . . . . 5\$000
- Caça (A) de um baronato**. A herança esperada e inesperada, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br . . . . . 1\$000
- Carteira (A) de meu tio**. 4.ª edição, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Casa de pensão**, por ALUIZIO AZEVEDO, 2.ª edição, 1 v. in-8º enc. 4\$000. br. . . . . 3\$000
- Casamento de tirar o chapéo**. O Diabo não é tão feio como se pinta. Charadas da Campanha. Uma viagem ao sul do Brazil, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br . . . . . 1\$000
- Cego (O) da fonte de Santa Catharina**, romance, por DUCRAY-DUMINIL, traducção portugueza, 2 v. in-8 enc.
- Chanaan**, romance de GRAÇA ARANHA (da Academia Bra-

- zileira*). 2.<sup>a</sup> edição. 1 v. in-8, amador 6\$000, perc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Chancellor de Ferro (O)** do Antigo Egypto Pelo CONDE DE ROCHESTER 1 bello vol. in-8.<sup>o</sup> enc. 5\$000. br. . . . . 4\$000
- Ciganos no Brazil (Os)**. contribuição ethnographica, pelo Dr. A. J. MELLO MORAES FILHO, 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Cinco Minutos. A Viuviuha.** Romances, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Commentarios e Pensamentos**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Contos ephemeross**, por ARTHUR AZEVEDO. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Contos escollidos**, por MEDEIROS E ALBUQUERQUE. 1 v. in-8 enc
- Contos Fluminenses**, contendo Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto. O segredo de Augusta, Confissão de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Contos fóra da moda**, por ARTHUR AZEVEDO (*da Academia Brasileira*). 1 v. in-8.<sup>o</sup>, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Contos possiveis**, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Contos sem pretenção.** A alma do outro mundo. O ultimo concerto. O homem e o Cão, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000. br. . . . . 2\$000
- Correr (Ao) da Penna.** (Folhetins.) Revista hebdomadaria das paginas menores do "Correio Mercantil", por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.<sup>o</sup>, br. 2\$000, enc. . . . . 3\$000
- Cortiço (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO, 3.<sup>a</sup> edição, 1 vol. in-8.<sup>o</sup>, enc. 4\$000 br. . . . . 3\$000
- Cornuja (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 vol. in-8.<sup>o</sup> enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Culto (O) do Dever.** Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Curiosidades**, Noticias e variedades historicas brasileiras, por MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000, br. 2\$000
- Curso de Litteratura Brasileira.** Ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos, seguido dos *Cantos do Padre Anchieta*, pelo Dr. A. J. DE MELLO MORAES FILHO, 3.<sup>a</sup> edição consideravelmente melhorada. 1 grosso v. in-8.<sup>o</sup> cart . . . . . 5\$000
- Curvas e Zig-Zags.** Contos humoristicos, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Diva.** Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR, 5.<sup>a</sup> edição. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000. br. . . . . 2\$000.
- Dom Casmurro**, por MACHADO DE ASSIS (*da Academia Brasileira*). 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Donaciana**, de RENÉ BAZIN, (*da Academia Francessa*), traducção brasileira autorisada pelo autor. 1 vol. in-18 br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000

- Dôr.** Livro de contos de ESCRAGNOLE DORIA 1 vol. in-8°, br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Dous (Os) Amores,** Romance brasileiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Dous dias de felicidade no campo,** seguido de : Curso de experiencia repentina, Pensamentos de pequena superficie, superficie, mas de grande profundidade. O relógio de Gertrudes, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Dous metros e cinco,** por J.-M. CARDOSO DE OLIVEIRA. 1 v. bem impresso, br. 4\$000, enc. . . . . 5\$000
- Doutor (O) Benignus,** por EMILIO AUGUSTO ZALUAR, 2 vs. in-8° br. 2\$000, enc. . . . . 3\$000
- Ensaio e estudos,** por J.-C. DE SOUZA BANDEIRA, 1 vol. in-8° br. 3\$000 enc. . . . . 4\$000
- Ensaio de sociologia e litteratura,** por SYLVIO ROMÉRO (da Academia Brasileira). 1 v. in-8° enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Entardecer (Ao),** pelo WISCONDE DE TAUNAY, 1 v. in-8 enc. 3\$500 br. . . . . 2\$500
- Epochas e Individualidades.** Estudos litterarios sobre Aluizio Azevedo, Sylvio Roméro, o romantismo no Brazil, Julio Soury, o naturalismo russo, etc., por CLOVIS BEVILANCA (da Academia Brasileira). 1 v. in-8° enc. 4\$000 br. . . . . 3\$000
- Ermittão (O) de Muquem,** ou a historia da romaria de Muquem da provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° br. 2\$000 enc. . . . . 3\$000
- Essaú e Jacob,** por MACHADO DE ASSIS (da Academia Brasileira), 1 vol. 1 vol. in-8°, br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Esboços Litterarios,** por ADHERBAL DE CARVALHO. Contem este bello livro de critica litteraria, trabalhos notaveis como *O naturalismo no Brazil. A lei da razão no theatro. O theatro brasileiro de relance. O norte litterario em 1895. Genesis do sentimento conjugal aryano, etc.* 1 v. in-8.°, amador, 5\$000, enc. perc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Escriptos e Discursos Litterarios,** por J. NABUCO (da Academia Brasileira). 1 v. in-8.° enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Estudos de Litteratura Brasileira,** por JOSE VERISSIMO (da Academia Brasileira), 6 vols. in-8° enc. amador 30\$000, enc. perc. 24\$000, br. . . . . 21\$000
- Vendem-se tambem, separadamente, cada tomo.
- Escrava (A) Isaura,** por BERNARDO GUIMARÃES, 1 v. in-8.° enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Eurico o Presbitero,** por ALEXANDRE HERCULANO. 1 v. br. 2\$000, enc. . . . . 3\$000
- Factos do Espirito Humano,** pelo Dr. J.-G. DE MALGALHAES, visconde de ARAGUAYA, 2.ª edição. 1 v. in-4.° enc 8\$000, in-8.° . . . . . 6\$000
- Factos e Memorias,** pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 vol. in-8° br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Familia Agulha (A),** historia para gente alegre, romance

- humorístico, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 2 vs. in-8.  
enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Fantina**, scenas da escravidão, por F. C. DUARTE BADARO.  
1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Fatalidades (As) de dous jovens**. Recordações dos tempos  
coloniaes, por TEIXEIRA E SOUZA. 1 vol. in-8.º enc. 5\$000.  
br. . . . . 4\$000
- Favos e Travos**, por ROZENDO MUNIZ. Romance. 1 v. in-8.º  
enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Festas e tradições populares do Brazil**, pelo Dr. A. J.  
MELLO MORAES FILHO, com um prefacio de SYLVIO ROMÉRO  
e desenhos de FLUMEN JUNIOR. Nova edição correcta e aug-  
mentada. 1 vol. in-4.º gr. enc. perc. 8\$000, br. . . . . 6\$000
- Foragido (O)**, por PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO, com uma  
noticia biographica por J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA. 1 vol.  
in-8.º, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Forasteiro (O)**, pelo Dr. JOAQUIN MANOEL DE MACEDO. 3 vs.  
in-8.º enc. 9\$000, br. . . . . 5\$000
- Francezes (Os) no Rio de Janeiro** Romance historico, pelo  
Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Garinpeiro (O)** romance, per BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º  
enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Gaúcho (O)**, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 2 v. in-8.º enc.  
6\$000, br. . . . . 4\$000
- Gil Braz de Santilhana**, por LE SAGE. 1 vol. de perto de  
700 pags. in-8.º. br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Girandola de Amores** (já publicada com o titulo : Myste-  
rios da Tijuca), litteratura dos vinte annos, por ALUIZIO  
AZEVEDO. 1 vol. in-8.º, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Guarany (O)**. Episodios da Historia do Brazil nos primeiros  
tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR. Nova edição. 2 v.  
in-8.º enc. 6\$000. br. . . . . 4\$000
- Guerra (A.) dos Mundos**, por H. G. WELLS, traducção bra-  
sileira, por CARLOS DE SOUZA FERREIRA. 1 vol. in-8.º enc.  
4\$000, br. . . . . 3\$000
- Guerra da Triplice Alliança**, por SCHNEIDER. 2 vs. in-8.º  
br. 30\$000, enc. . . . . 36\$000
- Guerra dos Mascates**, chronica dos tempos coloniaes, por  
SENIO (J. M. ALENCAR), 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Helena**, romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc.  
4\$000, br. . . . . 3\$000
- Historia e Costumes**, por MELLO MORAES FILHO, 1 v. in-8.º,  
br. . . . .
- Historia de Napoleão**, por DÉSIRÉ LACROIX, 1 vol. in-18.º  
br. 4\$000, enc. 5\$000 e enc. de amator. . . . . 6\$000  
A Mesmo obra in-8.º br. 7\$0000, enc. 8\$000, e enc. de  
amador . . . . . 10\$000
- Historia da Litteratura Brasileira**, pelo Dr. SYLVIO  
ROMÉRO, da Academia Brasileira obra adoptada no gymasio  
nacional, escola normal e em todos os estabelecimentos de  
educação.
- Tomo I, enc. em percalina 8\$000; enc. em chagrin 10\$000.**

- Tomo II, enc. em percalina 8\$000; enc. em chagrin 10\$000.
- Historia de Manon Lescaut e do Cavalleiro des Grioux**, pelo PADRE PRÉVOST, traducção de R. d'AVELLAR. 1 vol. in-18.° br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Historias da Meia Noite**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Historias sem data**, por MACHADO DE ASSIS 1 elegante volume in-8.°, nitidamente impresso, enc. 3\$000, br. 2\$000
- Historia da Vida**, por JOÃO LUZO. 1 v. in-8.° . . . . .
- Historia da Vida e da morte**, por THOMAZ LOPES. 1 v in-8.° . . . . .
- Holocausto**, romance por XAVIER MARQUES, 1 vol. in-8.°, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Homem (O)** por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.°, enc. 4\$000 br. . . . . 3\$000
- Homem primitivo (O)**, por LUIZ FIGUIER, obra illustrada com 40 scenas da vida do homem primitivo, desenhadas, por EMILIO BAYARD e com 256 figuras representado os objectos usuaes das primeiras épocas da humanidade. Traduzida por MANOEL JOSÉ FELGUEIRAS. 1 v. in-4.° enc. . . . . 12\$000
- Homens e Cousas estrangeiras**, por JOSÉ VERISSIMO (*da Academia Brasileira*). 2 v. in-18.° enc. 10\$000, br. 8\$000
- Homens e livros**, por MAGALHÃES DE AZEVEDO. 1 vol in-8.° enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Hora (A)**, por NESTOR VICTOR. 1 v. in-8.° enc. 4\$000 br. . . . . 3\$000
- Ohá (A) maldita. — O pão de Ouro**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Indio (O) Affonso**, seguido de : **A Morte de Gonçalves Dias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Instrucção (A) publica no Brazil**, pelo Conselheiro Dr. JOSÉ LIBERATO BARROSO, 1 v. in-4.° enc. . . . . 7\$000
- Iracema**, lenda do Ceará. por J. M. DE ALENCAR, 4.ª edição. 1 v. in-8° enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Judassohn (O Dr.)**. Estudo sobre o character allemão, por A. ASSOLANT, vertido do francez por A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Lendas e Narrativas**, por ALEXANDRE HERCULANO, 2 v. br. . . . .
- Lendas e Romances : Uma Historia de Quilombolas. A Garganta do Inferno. A Dansa dos Ossos**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 vol. in-8.° enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Litteratura de Norte**, por FRANKLIN TAVORA : 1.° *O Cabelleira*. — 2.° *O Matuto*. 3.° *Lourenço*. 3 vs. in-8.° enc. 12\$000, br. . . . . 9\$000
- Livro (O) de uma ségra**, por ALUIZIO AZEVEDO, 3.ª edição. 1 v. in-8.°, enc. 4\$000, br. . . . . 2\$000
- Livro Truncado**, por OSCAR LOPES, 1 v . . . . .
- Lourenço**, por FRANKLIN TAVORA. 1 vol. enc. 4\$000, br. 3\$000
- Lourenço de Mendonça**. Episodio dos tempos coloniaes, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 3\$000, br. 2\$000

- Luciola.** Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 4.<sup>a</sup> edição. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Luneta (A) magica,** pelo D.<sup>r</sup> JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.<sup>o</sup> enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Mãe Tapuia,** contos, por MEDEIROS e ALBUQUERQUE (*da Academia Brasileira*). 1 vol. in-8.<sup>o</sup> enc. 4\$000, brochado. 3\$000
- Mandarim (O),** por EÇA DE QUEIROZ, 1 v. in-8.<sup>o</sup> br. . . . . 2\$500
- Manuscripto de uma mulher,** pelo visconde DE TAUNAY. 1 v. in-8.<sup>o</sup>, enc. 4\$000, brochado . . . . . 3\$000
- Mares e Campos,** por VIRGILIO VARZEA, (2.<sup>a</sup> edição). 1 vol., in-18 br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Mariposas,** romance brasileiro, por EDMUNDO FRANK. 2 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 6\$000, br . . . . . 4\$000
- Martyres da vida intima,** por PIRES DE ALMEIDA. Photographias. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br . . . . . 1\$000
- Martyrio (O), do Tiradentes,** ou Frei José do Desterro, lenda brasileira, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-12, enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Matuto (O),** por FRANKLIN TAVORA. 1 vol. in-8.<sup>o</sup> enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Mauricio** ou os Paulitas em S. João d'El-Rei, por BERNARDO GUIMARÃES. 2 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 6\$000, br . . . . . 4\$000
- Memorias de Judas,** romance, por F. DELLA GATINA, traducção portugueza, 2 v. in-8 . . . . .
- Memorias posthumas de Braz Cubas,** por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Memorias da rua Ouvidor.** por D.<sup>r</sup> JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-4.<sup>o</sup> enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Memorias de um condemnado** (vide Condessa Vesper) por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.<sup>o</sup>, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Memorias de um Sargento de Milicias** (romance de costumes brasileiros), por M. A. DE ALMEIDA, precedido de uma Introducção litteraria, por JOSÉ VERISSIMO (*da Academia Brasileira*). 1 vol. in-8.<sup>o</sup>, enc. 3\$000, brochado. . . . . 2\$000
- Memorias do Sobrinho de meu Tio,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.<sup>o</sup> enc. 6\$000, br . . . . . 4\$000
- Minas (As) de Prata.** Complemento do « Guarany » Episodio da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes. Romance historico; por J. M. DE ALENCAR. 3 vs. in-8.<sup>o</sup> enc. 12\$000, br. . . . . 9\$000
- Minha Formação,** por JOAQUIM NABUCO (*da Academia Brasileira e do Instituto historico e geographico*). 1 v. in-8.<sup>o</sup> amador 5\$000, enc. perc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Mocidade de Trajano,** por SYLVIO DINARTE. 2 vs. in-8.<sup>o</sup> enc. 6\$000. br. . . . . 4\$000
- Moço (O) Loiro,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.<sup>o</sup> enc. 6\$000 br . . . . . 4\$000
- Modernas (As) Correntes estheticas da litteratura brasileira,** por ELYSIO DE CARVALHO, 1 v. in-8 . . . . .
- Monje (O) de Cister,** por ALEXANDRE HERCULANO 2 v. br . . . . . 4\$000



- Moreninha (A)**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Mortalha de Alzira (A)**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Morte dos Deuses (A)**, por DMITRY DE MEREJKOWSKY. Traducção brazileira, autorizada pelo autor, por J. da COSTA FERREIRA e C. de SOUZA FERREIRA. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Morte moral (A)**, Novella por A. D. DE PASCUAL. 4 vs. in-8.º, enc. 16\$000 brochados . . . . . 12\$000
- Mulato (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Mulheres (As) de Mauilha**, romance historico, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Mysterios da Tijuca**. Vide *Girandola de Amores*, por ALUIZIO AZEVEDO.
- Mythologia grega e romana**, por P. COMMELIN, traducção brazileira, 1 v. . . . .
- Mythos e Poemas**. Nacionalismo, pelo Dr. A. J. MELLO MORAES FILHO. 1 v. enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Namoradoira (A)** Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br. . . . . 6\$000
- Narrativas militares** (scenas e typos), por SYLVIO DINARTE. 1 vol. in-8.º br. 2\$000. enc. . . . . 3\$000
- Nina**. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- No declinio**, romance contemporaneo por SYLVIO DINARTE (Visconde de Taunay). 2.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- No Hospicio**, romance de ROCHA POMBO. 1 vol. in-18.º br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Noivos (Os) de MANZONI**, 2 v. in-8.º ricamente encadernados. . . . . 10\$009
- Neivo (Um) a Duas Noivas**. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br. . . . 6\$000
- Nocturnos**. Prosa, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, com uma introdução do Conselheiro JOSÉ DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Novellas**, por FABIO LUZ. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Novelas extraordinarias**, de Edgar POË 1 vol. in-8.º brochado 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Novena da Candelaria (A)**: « O genio boa-alma », « João Francisco (O Meia Azul) », « Os cégos de Chaumouny », « Baptista Montauban », « O Trilby ou o Duende d'Argail », por CARLOS NODIER. 1 nitido volume enc. dourada 5\$000
- Novos estudos de Litteratura contemporanea**, por SYLVIO ROMÉRO 1 vol. in-8.º enc. . . . 5\$000. br., 4\$000
- Obras de H. de Balzac**. Traduzidas :  
*Eugénia Grandet*. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000. — *O Lyrio do Valle*. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000. — *O Tio Gorio*. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000. — *Physiologia do*

*Casamento*. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. — *Esplendor e Misérias das Cortezãs*. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br 2\$000. —

**Obras de Walter Scott :**

- Ivanhoé*, 1 v. br . . . . .
- Kenilworth*, 2 v . . . . .
- Quentin Durward*, 2 v . . . . .
- O Misanthropo*, 2 v . . . . .
- Prisão de Edimburgo*, 2 v . . . . .
- Puritãos da Escocia*, 2 v . . . . .
- Talisman*, 1 v. br. . . . .
- Waverley*, 2 v. . . . .
- Obras do Dr. ANTONIO FERREIRA**. 4.ª edição annotada e precedida d'um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 vs. enc. 8\$000, rica enc. . . . . 12\$000
- Opusculos historicos e litterarios**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 2.ª edição. 1 v. in-4.º enc. 8\$000, in-8.º . . . . . 6\$000
- Opusculos recreativos e populares**, pelo Dr. HAMVULTANDO. 1 v. in-4.º enc. 7\$000, br . . . . . 4\$000
- Ouro sobre azul**, pelo Visconde DE TAUNAY, 3.º ed., 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Paginas escolhidas (do Academia Brasileira)**, por JOÃO RIBEIRO. . . . .
- 2 v. cart. 6\$000, perc . . . . . 8\$000
- Paginas recolhidas**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Papéis avulsos**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Para lêr na cama**, contos humoristicos, por OCTAVIO DE TEFFÉ. 1 vol. br. . . . . 3\$000
- — — — — enc 4\$000
- Passeio (Um) pela cidade do Rio de Janeiro**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-4.º enc. e com numerosas estampas . . . . . 8\$000
- Pata (A) da Gazella**, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Pégadas**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Philocritica**, por ARTHUR ORLANDO, com uma introdução de MARTINS JUNIOR. 1 v. in-12 enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Prosadores contemporaneos brasileiros**. por MELLO MORAES Filho. 1 v. in-8.º cartonado . . . . . 3\$000
- Provinciano (Um) ladino**. Onde se encontra a verdadeira felicidade, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600. br . . . . . 1\$000
- Quadros e chronicas**, por A. J. MELLO MORAES FILHO, com um estudo por SYLVIO RAÉRO, 1 vol. in-8.º, enc. 6\$000, brochada. . . . . 5\$000
- Quatro (Os) Pontos Cardeaes. A Mysteriosa**. Romances, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 gr. v. in-8.º enc. 3\$000, br . . . . . 2\$000

- Quincas Borba**, por MACHADO DE ASSIS, 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Quo vadis** grande romance historico dos tempos de Néro, por HENRYCK SIENKIEWICZ, traducção brazileira. 1 v. in-8.º ornado com linda gravura, encad, amator 5\$000, perc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- A mesma obra. 1 v. in-4.º com innumeradas gravuras no texto, enc. amator 10\$000, perc. 8\$000, br . . . . . 7\$000
- Raças humanas (As)**, por LUIZ FIGUIER, versão de ABILIO LOBO. 1 v. in-4.º enc . . . . . 14\$000
- Regeneração**. romance social, de M. CURVELLO DE MENDONÇA, 1 vol. in-8.º enc, 3\$000, br . . . . . 4\$000
- Religiões no Rio**, nova edição por JOÃO DO RIO (PAULO BARRETO), 1 v. in-18, enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Relíquias de casa velha**, romance, por MACHADO DE ASSIS, 1 vol. in-18 enc. 4\$000. br . . . . . 3\$000
- Resurreição dos deuses (A)**. *Romance de Léornado de Vins*. DEMITRY DE MEREJKOWTKY. Traducção brazileira autorizada pelo autor, por J. da COSTA FERREIRA e C. de SOUZA FERREIRA. 1 grosso vol. in-8.º com 674 pag. e nitidamente impresso, enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Resurreição**. Romance por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br . . . . . 2\$000
- Retirada da Laguna (A)** episodio da guerra do Paraguay, por A. n'ESCRAGNOLLE TAUNAY (Visconde de TAUNAY), traduzido da 3.ª edição franceza. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br 4\$000
- Rio (O) do Quarto**, pele Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Romances da Semana**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.º br. 2\$900 enc . . . . . 3\$000
- Rosa**, Romance. pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br . . . . . 4\$000
- Rosaura. A Engeitada**, romance brazileiro, por BERNARDO GUIMARÃES, 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Sabedoria (A) e o Destino**, por M. MÆTERLINCK, traducção e prefacio de NESTOR VICTOR. 1 v. in-8.º br. 3\$000, enc. 4\$000
- Sabios illustres (Os)** (Christovão Colombo), por LUIZ FIGUIER. traducção de A. E. ZALUAR. 1 v. in-4.º br . . . . . 2\$500
- Scenas da vida republicana**, reminiscencias do felix tempo escolar, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600 br. . . . . 1\$000
- Seminarista (O)** romance brazileiro por BERNARDO GUIMARÃES 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Senhora**. Perfil de Mulher, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Sertanejo (O)**, romance brazileiro, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br . . . . . 4\$000
- Sonhos d'Oiro**, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000. br . . . . . 4\$000
- Supremacia intellectual da Raça Latina**, resposta ás allegações germanicas; por EMM. LIAIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

<b>Treva</b> , novellas, por COELHO NETTO. 1 vol. in-18 enc. 0\$000, br. . . . .	0\$000
<b>Tronco (O) do Ipê</b> , por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.º enc. 4\$000. br. . . . .	3\$000
<b>Til</b> . Romance por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . .	4\$000
<b>Ubirajara</b> . lenda tupy, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc 3\$000, br. . . . .	2\$080
<b>Uma lagrima de Mulher</b> , por ALUIZIO AZEVEDO. 2.ª edição, enc. 4\$000, br. . . . .	3\$000
<b>Um Casamento no Arrabalde</b> . historia do tempo em estylo de casa, 4.º livro da litteratura do norte., por FRANKLIN TAVORA. 1 vol. in-8.º br. 1\$500, enc. . . . .	2\$500
<b>Varias Historias</b> , por MACHADO DE ASSIS ( <i>da Academia Brazileira</i> ). 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . .	3\$000
<b>Vingança de Judeu (A)</b> , romance social, ditado pelo Espirio do conde de ROCHESTER. 1 v. in-8.º br. 4\$000; enc. . . . .	5\$000
<b>Vicentina</b> , romance, por JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v, in-8.º enc. 6\$000, br. . . . .	4\$000
<b>Victimas Algozes (As)</b> , Quadros da Escravidão pelo D.ª JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . .	4\$000
<b>Virgilo Brazileiro</b> ou traducção do poeta latino, por MANUEL ADORICO MENDES. Nova edição cuidadosamente revista	
<b>Yayá Garcia</b> , por MACHADO DE ASSIS. 2.ª edição, 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . .	3\$000

## 2.º — POESIA

<b>Album da Trovador Brazileiro</b> , escolha de lindas modinhas, recitativos, lundús, romances, arias, canções, melodias. etc., etc. 1 v. in-8.º br. . . . .	\$000
<b>Aleyones</b> , poesias por CARLOS FERREIRA 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . .	3\$000
<b>Alvoradas</b> , versos de LUCIO DE MENDONÇA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . .	2\$000
<b>Americanas</b> , poesias, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . .	2\$000
<b>Amor (De)</b> por JAYME GUIMARÃES, com um retrato do autor e um prefacio do eminente poeta LUIZ DELFINO. 1 v. in-8.º br. . . . .	2\$000
<b>Brazilianas</b> , poesias por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE 1 v. in-8.º enc. . . . .	6\$000
<b>Cachocira (A) de Paulo Afonso</b> . Poema original brazileiro. Fragmento dos escravos, sob o titulo de <i>Manuscriptos de Stenio</i> , por CASTRO ALVES. 1 v. in-4.º enc. 3\$000, br. . . . .	1\$000
<b>Cancioneiro dos Ciganos</b> . Poesia popular dos Ciganos da Cidade-Nova, precedida de um estudo sobre a genealogia de seu caracter poetico, contendo fórmulas magicas, velorias e supersições d'esse povo, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . .	2\$000
<b>Canticos Funebres</b> , pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000, in-8.º . . . . .	6\$000

- Cantora brasileira** (A.) Nova collecção de poesias tanto amorosas como sentimentaes, precedida de algumas reflexões sobre a musica no Brazil.
- Modinhas brasileiras.** 1 v. in-12 enc. 2\$000 br. . . . . 1\$500
- Hymnos, Canções e Lundus.** 1 v. in-12 enc. 2\$000, br. . . . . 1\$500
- Cantos do Equador,** por MELLO MORAES Filho. Edição definitiva com estudos litterarios de SYLVIO ROMÉRO e XAVIER MARQUES. 1 v. in-8.º enc. amador 6\$000, perc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Caramuru.** Poema epico do descobrimento da Bahia, por Fr. JOSÉ DE SANTA-RITA DURÃO, da ordem dos Eremitos de Santo Agostinho, natural de Minas Graes. Nova edição brasileira, cedida da biographia do autor pelo VISCONDE DE PORTO SEGURO, 1 vol. in-8.º enc. . . . . 3\$000
- Chrysalidas,** poesias por MACHADO DE ASSIS, com um prefacio do Dr. CAETANO FILGUEIRAS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Colombo,** poema por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 2 vs. in-4.º enc. . . . . 8\$000
- Corymbos.** Poesias por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-4.º br. . . . . 3\$000
- Diccionario das rimas portuguezas,** por MARIO DE ALENCAR (*da Academia Brasileira*), 1 v. . . . .
- Divina Comedia (A),** por DANTE ALIGHIERI, 1 v. . . . .
- Espumas fluctuantes,** por CASTRO ALVES. Nova edição. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Flagranas,** por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Flora de Maio,** livro de versos, de GSORIO DUQUE-ESTRADA. 1 vol. in-8.º br. 3\$000; enc. . . . . 4\$000
- Flôres e Fructos,** poesias por BRUNO SEABRA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, nr. . . . . 2\$000
- Flôres entre espinhos,** contos poeticos, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000
- Flôres Silvestre.** Poesias, por F. L. BITTENCOURT SAMPAIO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Folhas do Outono,** collecção de primorosas poesias, por BERNARDO GUIMARÃES. 1-v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Horas Sagradas,** formoso livro de poesias, por CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO. (*da Academia Brasileira*) 1 v. nitidamente impresso, br. 3\$000; enc. . . . . 4\$000
- Hugonianas,** poesias de VICTOR HUGO, traduzidas por poetas brasileiros, collegidas por MUCIO TEIXEIRA. 1 v. in-4.º enc. 7\$000, br. . . . . 5\$000
- Iliada de Homero.** Traducção em verso portuguez por MANOEL ODORICO MENDES. 1 v. in-4.º enc. . . . . 6\$000
- Lusiadas (Os),** por LUIZ DE CAMÕES, poema epico, edição classica com uma noticia sobre a vida e obras de autor pelo Conego D. J. C. FERNANDES PINHEIRO e com um estudo sobre *Camões e os Lusiadas* por JOSÉ VERISSIMO. (da Aca-

- demia Brasileira). 1 v. in-12, dourado 5\$000, enc. perc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Lyra do trovador.** Collecção de modinhas, lundús, serenatas, etc., 1 v. in-8.º br. . . . . 1\$000
- Marilia de Dirceu,** por THOMAZ ANTONIO GONZAGA, nova edição revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.º enc. . . . . 6\$000
- Moniz Barreto, o repentista,** estudo, por ROZENDO MONIZ. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Murmurios e Clamores,** poesias completas, por LUCIO DE MENDONÇA, (*da Academia Brasileira*) edição definitiva, 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Nebulosa (A).** Poema, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-4.º enc. . . . . 4\$000
- Novas Poesias,** por BERNARDO GUIMARÃES. 1 vol. in-8.º 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Obras completas** de J. M. CASIMIRO DE ABREU, colligidas, annotadas e precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e seus escriptos por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, nova edição. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Obras completas** de MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Souza e Silva. 5.ª edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 vs. in-8.º, br. 6\$000, enc. . . . . 9\$000
- Obras poeticas** de CLAUDIO MANOEL DA COSTA (*Glauceste Saturnio*), noya edição, com um estudo critico de João Ribeiro (*da Academia Brasileira*). 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Obras poeticas,** de IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO, colligidas e precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, com documentos historicos, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000
- Parnaso Juvenil** ou **poesias moraes,** colleccionadas, adaptadas e offerecidas á mocidade, por ANTONIO MARIA BARKER. 8.ª edição. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000
- Phaeuas,** por MACHADO DE ASSIS. Poesias: Varia, Lyra chineza. Uma ode de Anarchre, Pallida Elvira. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Poesias:** Cantos da Solidão, Inspirações da tarde, Poesias diversas, Evocações, seguidas de notas, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Poesias avulsas,** pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000, in-8.º . . . . . 6\$000
- Poesias,** de A. GONÇALVES DIAS, 8.ª edição augmentada co muita poesias, inclusive os Tymbiras, e cuidadosamente revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, precedida da biographia do autor, pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br. . . . . 4\$000
- Obras poeticas** de LAURINDO RABELLO, colligidas, annotadas,

- precedidas do juizo critico de escriptores, e uma noticia sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º nitidamente impresso, enc. 3\$000, br. . . . 2\$000
- Obras poeticas**, de MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, colligidas, annotadas, e precedidas do juizo dos autores nacionaes estrangeiros, e de uma noticia biographica sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.º enc. . . . . 6\$000
- O outomno**, collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 v. in-4.º enc. 6\$000, br. . . . . 6\$000
- Opalas**, poesias por FOUTOURA XAVIER. 1 v. in-8. br 2\$000
- Paraiso Perdido (O)** epopéa de João Milton, vertida do original inglez para verso portuguez, por ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO. 2 vs. in-4.º enc. . . . . 12\$000
- Parnaso Brasileiro**, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556, época em que foi representado o Auto de S. Lourenço, do padre Anchieta, até 1880, pelo Dr. A. J. MELLO MORAES FILHO. 2 grossos vs. in-8.º enc. 10\$000 brochado . . . . . 8\$000
- Poesias** de FRANCISCO DE PAULA BRITO, precedidas de uma noticia sobre o autor pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-4.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Poesias**, por ANTONIO SALLES. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Poesias**, por GOULART DE ANDRADE, 1 v. . . . .
- Poesias**, por OLAVO BILAC (*da Academia Brasileira*). Edição definitiva. *Panoplias, Via Lactea, Sarças de Fogo, Alma Inquieta, As Virgens e o Caçador de Esmeraldas*. 1 v. in-8º brochado 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Poesias**, por ALBERTO DE OLIVEIRA (*da Academia Brasileira*). Meridionaes, Sonetos e poemas. Versos e Rimas, por amor de uma lagrima e Livro de Emma, edição definitiva, com juizos criticos de Machado de Assis, Araripe Junior e Affonso Celso, todos (*da Academia Brasileira*) com o retrato do autor. 1 v. nitidamente impresso br. 5\$000, enc. percalina 6\$000, amator. . . . . 7\$000
- Poesias** (1898-1903), Alma Livre, Terra Natal, Flores da Serra, Versos de Saudade. 1 vol. in-8.º, nitidamente impresso, enc. 5\$000, br. . . . 4\$000
- Poesias completas**, por MACHADO DE ASSIS (*da Academia Brasileira*), com o retrato do autor. 1 v. in-8.º nitidamente impresso, enc. amator 6\$000, enc. perc. 5\$000, br. . . . 4\$000
- Poesias edição definitiva**, canções da decadencia, peccados, poesias ineditas 1899-1903, por MEDEIROS e ALBUQUERQUE (*da Academia Brasileira*). 1 vol. enc., br. . . . .
- Poesias completas**, por LUCIO DE MENDONÇA (*Vide Murmúrios e Clamores*). . . . .
- Poesias Escolhidas**, por AFFONSO CELSO (*da Academia Brasileira*). 1 v. in-8.º enc. 4\$000 br . . . . . 3\$000
- Poesias Escolhidas**, por MUCIO TEIXEIRA. 2 vs. in-8.º enc. 8\$000, br . . . . . 6\$000
- Poesias posthumas** de FAUSTINO XAVIER DE NOVAES. 1 v. in-4.º enc. 6\$000, br . . . . . 5\$000

- Poetas Brasileiros Contemporaneos**, por MELLO MORAES FILHO. 1 v. nitidamente impresso, cartonado. 3\$000
- Primeiros versos**, por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8°. enc. 3\$000, br. 2\$000
- Quadros, Poesias**, de JOAQUIM SERRA. 1 v. in-8°. enc. 3\$000, br. 2\$000
- Revelações**, poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que têm apparecido entre nós. 1 v. in-4°. enc. 5\$000
- Serenatas e Sarás**, pelo Dr. A. J. MELLO MORAES FILHO.  
I. *Tradicionaes*. — II. *Actualidades*. — III. *Hymnos*. 3 vs. in-8° que se vendem separadamente. Cada v. enc. 3\$500, br. 2\$500
- Solans**, livro de versos, por D. FERNANDES, 1 v. br. 1\$000
- Suspiros Poeticos e Saudades**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHAES, visconde de ARAGUAYA. 1 vol. in-8° enc. 8\$000
- Transfigurações**, poesias de NESTOR VICTOR. 1 vol. in-8°. br. 3\$000
- Urania**. Collecção de 100 poesias ineditas, pelo Dr. J. G. DE MAGALHAES, visconde de ARAGUAYA. 1 vol. in-4°. encadernado, 8\$000. in-8°. 6\$000
- Vesperas**, poesias dispersas, por THOMAZ RIBEIRO. 1 v. in-4°. br. 5\$000

## § 28° — ASTRONOMIA — ESPIRITISMO — MAGNETISMO

- Alma é Immortal (A)**, por GABRIEL DELANNE. Unica traducção autorisada pelo autor e approvada pela Federação Espirita Brasileira. 1 v. in-8°. enc. 5\$000, br. 4\$000
- Animismo e Espiritismo**, por ALEXANDER AKSAKOF, traducção do Dr C. S., sob os auspicios da Federação Espirita Brasileira. Um volume in-8°, brochada, 4\$; encadernado. 5\$000
- Bases scientificas do espiritismo**, por EPES SARGENT. Traduzido da 6ª edição ingleza pelo MARECHAL F.-R. EWERTON QUADROS, conforme os direitos concedidos à *Federação Espirita Brasileira*. — — — enc. 0\$000
- Caso (Um) de Desmaterialização parcial do corpo d'um medium, inquerito e commentarios**, por ALEXANDER AKSAKOF, conselheiro do Czar da Russia e redactor chefe da revista *Psychische Studien*, de Leipzig. 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br. 2\$000
- Depois da Morte**, por LÉON DENIS. Unica traducção autorisada pelo autor e approvada pela Federação Espirita Brasileira. 1 v. in-8°. enc. 5\$000, br. 4\$000
- Depois da morte ou a vida futura**, segundo a sciencia



- por LUIZ FIGUIER, versão do Dr. FERREIRA DE ARAUJO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Deus na Natureza**, por CAMILLO FLAMMARION. Traduzido da 14.ª edição. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Ensaio de revista geral e da interpretação synthetica do Espiritismo**, pelo Dr. E. GYEL, traducção do Dr. ARISTIDES SPINOLA, autorizada pelo autor e publicada sob os auspícios da *Federação Espirita Brasileira*. 1 vol. in-8.º brochado 2\$000, encadernado . . . . . 3\$000
- Espiritismo (O)**, ante a sciencia, seguido de um estudo sobre as vidas successivas, memoria apresentada pelo mesmo auctor ao Congresso espiritalista de Londres em Junho 1893, por GABRIEL DELANNE, Traduzido para o portuguez sob os auspícios da Federação Espirita Brasileira, por ALBERTO DURÃO COELHO; 1.º tenente da Armada Brasileira. 1 vol. in-8.º, br. 4\$000, enc. . . . . 5\$000
- Evolução Animica (A)**, por GABRIEL DELANNE. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO ESPIRITA BRAZILEIRA. 1 vol. in-8.º, enc. 5\$000, br . . . . . 4\$000
- Levitação (A)**, por ALBERTO ROCHAS. 1 v. in-8.º com o retrato do auctor, brochado, 3\$000, enc . . . . . 4\$000
- Magnetismo curador**, por A. BUÉ. Manual technico, vade mecum do estudante magnetizador, traduzido com authorização do auctor e sob os auspícios da *Federação Espirita Brasileira*. Curioso repositório de factos que attestam soberbamente a influencia do magnetismo na cura de qualquer molestia. 2 vols. in-18.º br. 6\$000, enc . . . . . 8\$000
- Mundos imaginarios e os mundos reaes (Os)**. Viagem pittoresca pelo céu, por CAMILLO FLAMMARION. Revista critica das theorias humanas, scientificas e romanticas, antigas e modernas, sobre os habitantes dos astros. Ornados de uma bonita gravura. 1 grosso v. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Narrações do infinito, Lumen, Historia de uma Alma, historia de um cometa, A Vida universal e eterna**, por CAMILLO FLAMMARION. 1 grosso vol. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Paiz (No) das Sombras**, por M.ª D'ESPÉRANCE. Unica traducção autorizada pela autora e approvada pela Federação Espirita Brasileira. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Phenomeno Espirita (O)**. Testemunhos dos Sabtos, com 20 gravuras. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO ESPIRITA BRAZILEIRA, por GABRIEL DELANNE. 1 vol. in-8.º, enc. 5\$000, br . . . . . 4\$000
- Phenomenos psychicos occultos**, por ALBERT COSTE, traduzido e prefaciado por MEDEIROS e ALBUQUERQUE (*da Academia Brasileira*), 1 vol. in-8.º brochado 4\$000, enc . . . . . 5\$000
- Pluralidade dos mundos habitados**, estudo em que se expõe as condições de habitabilidade das terras celestes discutidas sob o ponto de vista da astronomia, da physiologia e da philosophia natural por CAMILLO FLAMMARION-

- Traduzida da 23.<sup>a</sup> edição por M. VAZ Pinto Coelho e ornada de gravuras. 2 vs. in-8.<sup>o</sup> enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Porque da Vida (O)**, por LÉON DENIS. Única traducção autorizada pelo autor e approvada pela Federação Espirita Brasileira. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Sugestão Mental (A)**, pelo Dr. J. OCHOROWICZ, lente da Universidade de Lemberg, com prefacio do eminente Dr. CHARLES RICHET, lente da Faculdade de Medicina de Paris, traducção de JOÃO LOURENÇO DE SOUSA. 1 grosso vol. in-8.<sup>o</sup> broch. 4\$000, enc. . . . . 5\$000
- Sanctuario (No)**, por VANDER NAILEN. Única traducção autorizada pelo autor e approvada pela Federação Espirita Brasileira. 4 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 58000, br. . . . . 4\$000
- Templos de Himalaya (Nos)**, por VAN DER NAILEN. Única traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO ESPIRITA BRAZILEIRA. 1 vol. enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000

### § 29º — ARTES E OFFICIOS

- Arte (A) do Alfaiate**, por E. COMPAING, 1 v. in-folio com gravuras explicativas, enc. . . . . 4\$000
- Cosinheiro nacional** ou collecção das melhores receitas das cozinhas brasileira e europeas, 1 gr. v. in-8.<sup>o</sup> ornado com numerosas estampas. . . . . 3\$000
- Cultura das abelhas**, tratado completo e pratico de apicultura. por A. PAULO SALLES. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. . . . . 2\$500
- Doceiro Nacional** ou Arte de fazer toda a qualidade de doces. Ornada com numerosas estampas, 1 v. . . . . 3\$000
- Grandes (As) Aplicações da Electricidade**, por ALFREDO SOULIER traducção brasileira de COSTA FERREIRA, engenheiro civil. 1 vol. in-8.<sup>o</sup>, br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Grandes Invenções (As)** antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes : a Imprensa, a Gravura, a Lithographia, a Polvora, a Bussola, o Papel, os Relogios, a Porcellana e Louçaria, o Vidro, os Oculos de alcance, o Telescopio, o Barometro, o Thermometro, o Vapor, a Electricidade, as Aplicações da electricidade estatistica, Aplicações da electricidade, dinamica, os diversos systemas de illuminação, os Aerostatos, Poços Artesianos, Pontes pensis, o Tear, o Jacquard, a Photographia, o Estereoscopio, a Drenagem. por LUIZ FIGUIER. 1 v. in-4.<sup>o</sup> ornado de 238 gravuras enc. 16\$000
- Guia Pratico Do Distillador** por E. ROBINET, 1 v. in-4.<sup>o</sup> enc. . . . . 6\$000
- Jardineiro brasileiro**, por A. PAULO SALLES. 4.<sup>a</sup> edição. 1 v. in-8.<sup>o</sup> com numerosas gravuras . . . . . 4\$000
- Licorista moderno (O)**, por A. BEDEL, 1 vol. in-8.<sup>o</sup> enc. 4\$000; br . . . . . 3\$000
- Manual do Gallinheiro**. Arte de melhorar e tratar as galinhas e mais aves domesticas, contendo regras e conselhos sobre o cruzamento e descripção das raças, criação e producção, construcção e hygiene do gallinheiro, molestias e

- seu tratamento, etc.; por A. PAULO SALLES. 1 titido vol. in-8°. com gravuras, enc. . . . . 3\$000
- Manual pratico de Viticultura**, por GUSTAVE FOËX. 1 v. in-8°. enc . . . . . 4\$000
- Manual do Sapateiro** ou Arte de fazer calçados commodos e elegantes. 1 vol. in-18 br. . . . . 2\$000,
- Memoria sobre a sericultura no Brazil**, por JOSE PERRIRA TAVARES. 1 v. in-4°. com 5 grandes estampas explicativas, br. . . . . 4\$000
- Novo Cozinheiro universal**. Contendo as melhores receitas das cozinhas francezas e estrangeiras e *numerosas receitas brasileiras*, por JULIO BRETEUIL. 1 gr. v. in-4°, illustrado com muitas gravuras e 4 chromo-lithographies, enc. . . . . 8\$000
- Novo manual de cozinheiro**, ou Arte da cozinha posta ao alcance de todos, por CONSTANTINO CARNEIRO, chefe de cozinha, 1 v. in-18 com estampas, enc. . . . . 2\$500
- Novo Tratado Usual da Pintura de Edificios e Decorações** por PAULO FLEURY, 1 vol. in-8°, broch. 3\$; enc. . . . . 4\$000
- Renda (A), Historia da renda em diversas epochas e diferentes paizes**, por M<sup>me</sup> MARGUERITE DU BERRI, modelos e desenhos de M<sup>me</sup> Songy, Traducção portugueza, 1 v. in-8 br . . . . .
- Tratado completo sobre o porco**, sua origem e utilidades, raças, criação e engorda pelos systemas modernos, *moestias e seu tratamento*, seguida da *criação do coelho* e dos differentes modos de accommodar a carne aos paladares mais delicados, e de noticias sobre a *anta*, a *capivara*, a *paca*, a *cultia* e o *porquinho da India*, acompanhado do **Charcuteiro nacional** ou arte de fazer numerosos preparados e conservas de carne de porco, taes como : presuntos, salames, salsichas, murcellas, linguas, queijo de porco, salames, geléas, etc. por A. PAULO SALLES. 1 v. in-8°. ornado de numerosas gravuras, enc. . . . . 3\$000
- Tratado de marcenaria e de marchetaria**, por PAULO FOURNIER, illustrado com 317 figuras no texto, traducção brasileira, 1 v. in-8, br. . . . .
- Tratado de photographia**, por NIEWEENGLOWSKI; traducção portugueza, 1 v. in-8. . . . .
- Tratado de pintura**, por CAMILLO BELLANGER, traducção portugueza 1 v, in-8. . . . .
- Tratado pratico de electricidade**, por ALFREDO SOULIER, engenheira civil. Traducção de EVARISTO DE VASCONCELLOS e ALMEIDA. 1 vol. in-8°, br. 3\$000, enc. . . . . 4\$000
- Tratado de cultura da Canna de assucar**, trad. do hespanhol de REYNOSO, e impresso por ordem do Ministro da Agricultura. 1 v. in-4°. enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Tratado pratico da Fabricação do Queijo e da Manteiga**. Contendo todos os esclarecimentos e regras precisas para o aproveitamento do leite e sua applicação, modo pratico de preparar todas as qualidades de queijos; acompanhado de um tratado sobre as vaccas, cabras e carneiros,

meios praticos sobre a criação, reprodução e aproveitamento, por PAULO SALLES. 1 v. com gravuras enc. 3\$000

**Tratado pratico de medicina veterinaria**, Arte de prevenir e curar as enfermidades que atacam geralmente o cavallo, o asno, os muares, o boi, o carneiro, o porco e o cão. Contendo a Anatomia e a Physiologia, Hygiene, os Symptomas, Tratamento das doenças, Therapeutica, Modo de administrar os remedios, e a Inoculação preventiva das enfermidades virulentas, por H. VILLIERS, medico-veterinario, e A. LARBALÉTRIER, professor de Agricultura. Obra traduzida da ultima edição franceza, ornada de 35 gravuras: 1 v. in-8°, enc. . . . . 4\$000

**Util Cultivador (O)** instruido em todo o manejo rural e accommodado a qualquer clima, pelo Dr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO. 1 v. in-4.° enc. . . . . 5\$000

**Vinhateiros do Brasil**, por ULTIMO COURBASSIER, Vinhateiro e Proprietario da Fazenda Bourgogne. 1 v. in-8° brochado. : 1\$000

## DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO

ILLUSTRADO

DA

# LINGUA PORTUGUEZA

CONTENDO

### I. — VOCABULARIO PORTUGUEZ

com muitos terminos novos, recentemente introduzidos na lingua.

### II. — HISTORIA

dos povos antigos e modernos e dos factos mais memoraveis, especialmente os concernentes ao Brazil.

### III. — BIOGRAPHIA

das personagens mais notaveis de todos os paizes e de todos os tempos

### IV. — GEOGRAPHIA

com os dados mais recentes sobre a população commercio e industria dos paizes mais importantes do globo e principalmente do Brazil e Portugal.

### V. — MYTHOLOGIA

resumida dos tempos fabulosos da antiguidade.

POR

## SIMÕES DA FONSECA

Antigo professor de Litteratura portugueza em Pariz : Membro e antigo Secretario da Associação litteraria e artistica international.

5ª edição melhorada.

Um grosso volume in-8° encadernado. 8\$000

Paris. — Tip. H. GARNIER, 6, rue des Saints-Pères.

304.1.1910



BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Collocção in-8º a 2\$000, 3\$000 e 4\$000 broch. Encadernado, 1\$000  
a mais por volume.

**Alencar** (Conselheiro J.M. de).

Alfarrabios :

O Garatuja. 1 vol.

O Ermitão da gloria. 1 vol.

Cinco Minutos. A viuvinha.  
1 vol.

Ao correr da penna (folhetins).  
1 vol.

Diva. 1 vol.

O Garatuja. 1 vol.

O Guarany. 2 vol.

Iracema. 1 vol.

Luciola. 1 vol

As minas de prata. 3 vol.

A pata da gazella. 1 vol.

Senhora. 1 vol.

O Sertanejo. 2 vol.

Sonhos d'Oiro. 2 vol.

Til. 2 vol.

Ubirajara. 1 vol.

**Alencar** (Senic).

O Gaúcho. 2 vol.

Guerra dos Mascates. 2 vol.

O tronco do Ipé. 1 vol.

**Aluizio Azevedo.**

Casa de Pensão. 1 vol.

Livro de uma sogra. 1 vol.

Pegadas. 1 vol.

O Cortiço. 1 vol.

O Coruja. 1 vol.

O Homen. 1 vol.

O Mulato. 1 vol.

Memorias de um condem-  
nado. 1 vol.

Girandola de Amores. 1 vol.

Philomena Borges. 1 vol.

Uma lagrima de mulher. 1 v.

**Alvarenga** (Manoel Ignacio  
da Silva).

Obras completas. 2 vol.

**Alvarenga Peixoto** (Ignacio  
José da).

Obras completas. 1 vol.

**Americo de Figueiredo** (P.)

O Foragido. 1 vol.

**Arthur Azevedo.**

Contos possiveis. 1 vol.

Contos ephemeros. 1 vol.

**Alvares de Azevedo.**

Obras completas. 3 vol.

**Carlos Ferreira.**

Alcyones. 1 vol.

**Casimiro de Abreu** (J.M.).

Obras completas. 1 vol.

**Castro Alves.**

Espumas fluctuantes. 1 vol

A Cachoeira de Paulo Affonso.  
1 vol.

**Clovis Bevilacqua.**

Epochas e Individualidades.  
1 vol.

**Fagundes Varella** (L.N.).

Obras completas. 3 vol.

**Ferreira** (Antonio).

Excerptos. 3 vol.

**Flammarion** (Camillo).

Deus na natureza. 2 vol.

Narrações do infinito. 1 vol.

Os mundos imaginarios. 1 v.

Pluralidade dos mundos. 2 v.











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).